



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁXIS PEDAGÓGICA**

**RAMON MISSIAS-MOREIRA**

**REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DE PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO FACEBOOK**

**SALVADOR**  
**2017**

**RAMON MISSIAS-MOREIRA**

**REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DE PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO FACEBOOK**

**ORIENTADOR:** Edvaldo Souza Couto

**LINHA DE PESQUISA:** Currículo e (In)formação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, com área de concentração em Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica, para obtenção do título de Doutor em Educação.

**SALVADOR  
2017**

M678r Missias-Moreira, Ramon

Representações corporais de professores universitários de Educação Física no Facebook / Ramon Missias-Moreira. – Salvador, 2017.

251 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto.

Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

Inclui referências.

1. Representações corporais. 2. Representações sociais. 3. Professores universitários. 4. Facebook – Educação. 5. Subjetividades contemporâneas. I. Universidade Federal da Bahia. II. Couto, Edvaldo Souza. III. Título.

CDD: 370

## FOLHA DE APROVAÇÃO

MISSIAS-MOREIRA, Ramon. **Representações corporais de professores universitários de Educação Física no Facebook**. 251f. Tese (Doutorado em Educação). Salvador: UFBA, 2017.

Tese aprovada como requisito final para obtenção do título de Doutor em Educação, com área de concentração em Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica, na linha de pesquisa em Currículo e (In)formação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia. Tendo sido julgada pela Banca Examinadora formada pelas/os seguintes professoras/es:

---

Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto - Presidente da Banca (UFBA).

---

Prof. Dr. Víctor Arufe Giráldez – Avaliador (UDC-Espanha).

---

Profa. Dra. Henriette Ferreira Gomes – Avaliadora (UFBA).

---

Profa. Dra. Zenilda Nogueira Sales – Avaliadora (UESB).

---

Prof. Dr. José Carlos Ribeiro – Avaliador (UFBA).

Salvador - BA, 19 de julho de 2017.

**Ao meu corpo,  
Festeiro,  
Fruto de muitas andanças.  
Aos meus pais, que são minha  
Estrutura e Fonte de inspiração.**

O meu corpo é  
feito de cinzas  
invisíveis.

José Luis Fidalgo

 MUNDO  
MENSAGENS

## AGRADECIMENTOS

É inevitável que o primeiro agradecimento seja feito a Deus e aos meus Orixás pela força suprema, divina, que alimenta as minhas forças físicas, psicológicas e espirituais, foi pela fé que não desisti desse processo demasiadamente árduo, desafiador e ao mesmo tempo muito prazeroso, de descobertas e encantador.

A minha mainha Zenilda Missias Moreira, mulher de pulso firme e de muita garra, que sempre me motivou muito em toda a trajetória de minha vida. Dedicando o seu amor maternal, incondicional e indescritível, sendo o elo de união de toda minha família. Antes de mim é seguro que sempre existirá a presença dela e de meu pai.

Ao meu painho Rael Palma Moreira, que trabalhou arduamente para me sustentar desde pequeno, também na adolescência quando iniciei a graduação (base da formação acadêmica) e até os dias de hoje direciona o seu tempo, seu carinho, amor e atenção para comigo. Ao meu pinscher Chicão, que me adotou em setembro/2016 e me trouxe alegrias, risos e ânimo quando eu estava passando por um (dos) momento(s) delicado(s) durante essa trajetória do Doutorado.

Aos meus ancestrais que foram escravizados e são importantes símbolos de libertação. Só cheguei até aqui pela res(ex)istência de vocês.

À minha irmã Riane Missias, cunhado José Félix e principalmente aos meus sobrinhos Irla e Rael Neto por todos os momentos compartilhados até aqui, que de suas formas peculiares colaboraram para o meu crescimento nessas caminhadas.

Às minhas duas madrinhas, uma de batismo religioso e outra conquistada na vida. Sou um sortudo! Minha maravilhosa Dila Freitas que pelos gestos simples de amor e de carinho, desde a minha infância, significaram momentos importantes e de muito afeto em minha vida. E também, a minha madrinha Prof<sup>a</sup> Jussara Maria Camilo dos Santos, que me ajudou muito desde o final da graduação, sempre esteve junto comigo, dando o suporte necessário na vida acadêmica e pessoal. É uma mulher linda e que eu tenho muita gratidão, amor e apreço. Ao meu padrinho Deco.

Aos familiares, em especial a minha queridíssima tia Marilene, Rosália, Carminha e tias Noeme, Marluce, Nélia e Mide (*in memorian*). Ao meu tio Zé Carlos, minha avó a Prof<sup>a</sup> Joalce e minha amada Pureza Lima.

Aos amigos e amigas que sempre estiveram juntos e que contribuíram de muitas formas nas presenças e nas ausências, nas palavras e no silêncio. Sou uma pessoa com muitxs amigxs e por isso mesmo não citarei nomes específicos.

A todos os alunos que até aqui passaram por minha práxis pedagógica, da educação infantil ao ensino superior, e que me ensinaram a ser e se constituir docente com responsabilidade, compromisso, eficiência, e, sobretudo, com muito amor e esperança. Vocês foram os meus maiores Professores.

Ao Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto por ter acreditado em mim.

À professora, amiga e parceira acadêmica Prof<sup>a</sup> Dra. Zenilda Sales que contribuiu

potencialmente com meu amadurecimento científico, além de incentivar-me e ser uma grande referência em estudos ancorados na Teoria de Representações Sociais.

À todos os professores comprometidos, transformadores, incendiadores, provocadores, inquietadores, criativos, rígidos e flexíveis que eu tive acesso desde a creche até o presente momento eu só tenho que agradecê-los por tudo, por terem sido fonte de inspiração e de exemplos, ao ponto de me fazerem a escolha pela docência como carreira. Até aos professores que não possuíam esse perfil eu também sou grato, pois eu também aprendi o tipo de docente que eu não posso ser pelo bem da educação pública, gratuita e, principalmente, de qualidade.

Em especial ao Ilustre Professor Mário Moreira (*in memoriam*) do Colégio Taylor-Egídio que com certeza está vibrando de alegria e de felicidade ao lado do Pai Celestial. Todos os seus cuidados, carinho e dedicação valeram a pena, Mestre.

Aos colegas do Mestrado que se tornaram amigos da vida: Bárbara Cabral, Sâmia Teixeira, Henika Priscila e em especial Valéria Alves.

Aos colegas do Programa de Pós Graduação em Educação da UFBA que trocaram experiências, informações e conhecimentos a partir das interações sociais nas aulas e fora delas contribuindo incessantemente no meu processo de formação humana, em especial à Fernanda Almeida, Laureci Silva, Daiane Santil e Michele Cemim.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, Ana Elisa Drummond e Júlio Psi, que contribuíram com sugestões, apoio, afeto e reflexões desde o início dessa caminhada.

Aos professores que participaram da banca de qualificação e de defesa dessa tese: Cesar Leiro, Henriette Ferreira Gomes, José Carlos Ribeiro, Víctor Arufe Giráldez e Zenilda Sales, pois contribuíram com importantes e valiosas sugestões e reflexões.

Aos professores universitários de cursos de Educação Física que participaram dessa pesquisa, contribuindo para a produção de conhecimentos sob a égide de suas representações corporais no *facebook* possibilitando à construção de uma educação contemporânea.

E por último, mas não menos importante, gostaria de dedicar essa Vitória especialmente a todos aqueles que desejaram insucesso na caminhada, aos que não acreditaram em mim, aos que tentaram burocratizar a liberação da bolsa para suporte e desenvolvimento dessa tese: esse agradecimento de fato é exclusivo a vocês, pois com todas as dificuldades semeadas no meio do caminho eu me tornei mais forte, mais resiliente e com mais sede de continuar fazendo a diferença nos espaços inseridos, contribuindo de fato para a transformação social e emancipação dos sujeitos. Através de vocês eu aprendi - para sempre aprendente - o que eu não desejo ser, enquanto ser humano, pois sempre lutei com muita honestidade e dignidade para alcançar os objetivos na vida. Aqui não existe meritocracia, trata-se de constante superação.

A todos vocês, com os melhores pensamentos, o meu mais nobre agradecimento.



## RESUMO

Cada vez mais os professores universitários estão transitando pelas redes sociais, especialmente no *facebook*, produzindo representações corporais com imagens de seu cotidiano. Para a compreensão dessa realidade, numa perspectiva crítica e ampliada, surge como problema de pesquisa: como um grupo de professores universitários de cursos de Educação Física produz representações corporais no perfil do *Facebook*? Assim, esse estudo teve como objetivo geral apreender as representações corporais no *facebook* produzidas por professores universitários de cursos de Educação Física; e como objetivos específicos: analisar os fatores associados a construção das representações corporais no *facebook* dos professores universitários de Educação Física; identificar as subjetividades corporais compartilhadas no *facebook* de professores universitários através das fotografias do perfil; compreender a relação do *facebook* na reconstrução das subjetividades desses professores universitários de cursos de Educação Física; verificar as estratégias para gerenciamento das representações corporais no *facebook* desses professores universitários de cursos de Educação Física; descrever as características sociodemográficas e profissionais desses professores universitários de cursos de Educação Física. Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida na rede social *facebook*, ancorada nos pressupostos da Cibercultura e da Teoria das Representações Sociais, com abordagem descritiva, analítica e exploratória, sob o viés da netnografia. Foram 12 participantes, 8 professores universitários brasileiros e 4 espanhóis. Por se tratar de pesquisa em redes sociais, se escolheu estratégias complementares de coleta e produção de dados: legendas, comentários e as próprias fotografias do álbum fotos do perfil do *facebook*, diálogos no *Messenger*, além de questionário semiestruturado. Esses dados foram interpretados pela Técnica de Análise de Conteúdo e após a triangulação metodológica, se constatou que os corpos virtualizados na tela do *facebook* estão marcados pela necessidade de ver e se fazer ser visto e que nessa interação compartilhada com o outro constroem conhecimento e conteúdos de/sobre si, ensinam e aprendem mutuamente pelas Pedagogias corporais e conexões estabelecidas. As representações corporais são marcadas pelo forte sensação de pertença ao grupo social profissional que estão inseridos. Verificamos que os docentes criam estratégias de visibilidade intencionais que reverberam em um alegre festival de exibições dos corpos, considerados redes de signos sociais e sintomas da cultura, e que também se constituem verdadeiros territórios de aprendizagens-autoconhecimento e autoformação. As interações sociais efêmeras retroalimentam as idealizações de corpo dos professores universitários. A partir da aproximação estética e de conteúdo, foram estabelecidas 9 categorias temáticas flexíveis e provisórias: 1) Em viagem; 2) Autorretrato; 3) Relação com a família; 4) Atividade profissional e/ou intelectual; 5) Relação com animais; 6) Figuras abstratas; 7) Atividades físicas e/ou esportivas; 8) Felicidade; 9) Lazer. As experiências sociais, narrativas e linguagens evidenciaram os modos docentes de ser, estar e se construir em rede. Concluímos que as representações corporais são esses próprios protagonistas em sua interação e integração conectada ao mundo de forma livre e prazerosa. São essas outras maneiras de pensar, representar, construir, aparecer, determinar, agir, conhecer, reconstruir-se individualmente e coletivamente, aprender a/e ser na provisoriedade e na experimentação de resultados sempre inusitados.

**Palavras-chave:** Representações Corporais; Representações Sociais; Professores Universitários; Facebook; Subjetividades contemporâneas.

## ABSTRACT

More and more university professors are transiting through social networks, especially in facebook, producing corporal representations with images of their daily life. To understand this reality, in a critical and extended perspective, it emerges as a research problem: How does a group of university professors of Physical Education courses produce corporal representations in the Facebook profile? Thus, this study had as a general objective to apprehend the corporal representations in facebook produced by university professors of Physical Education courses; And as specific objectives: to analyze the factors associated with the construction of the corporal representations on facebook of the university professors of Physical Education; Identify the body subjectivities shared in the facebook of university professors through the photographs of the profile; Understand the relationship of facebook in the reconstruction of the subjectivities of these university professors of Physical Education courses; To verify the strategies for the management of the corporal representations in facebook of these university professors of courses of Physical Education; To describe the sociodemographic and professional characteristics of these university professors of Physical Education courses. This is a qualitative research developed in the facebook social network, anchored in the assumptions of Cyberculture and Social Representation Theory, with a descriptive, analytical and exploratory approach, under the netnography bias. There were 12 participants, 8 Brazilian university professors and 4 Spanish professors. Because it was research in social networks, we chose complementary strategies of data collection and production: subtitles, comments and the own photographs of the album photos of the facebook profile, dialogues in Messenger, and semi-structured questionnaire. These data were interpreted by the Content Analysis Technique and after the methodological triangulation, it was verified that the virtualized bodies on the facebook screen are marked by the need to see and make themselves seen and that in this interaction shared with the other they build knowledge and content of / On themselves, teach and learn each other by established bodily pedagogies and connections. The corporal representations are marked by the strong feeling of belonging to the professional social group that are inserted. It was found that teachers create intentional visibility strategies that reverberate in a joyful festival of exhibitions of bodies, considered networks of social signs and symptoms of culture, and which also constitute true territories of learning - self-knowledge and self-formation. Ephemeral social interactions feedback the body idealizations of university teachers. From the aesthetic and content approximation, 9 flexible and provisional thematic categories were established: 1) On the road; 2) Self-portrait; 3) Relationship with the family; 4) Professional and / or intellectual activity; 5) Relationship with animals; 6) Abstract figures; 7) Physical and / or sports activities; 8) Happiness; 9) Leisure. The social experiences, narratives and languages showed the teaching ways of being, being and building in a network. We conclude that bodily representations are these very protagonists in their interaction and integration connected to the world in a free and pleasurable way. It is these other ways of thinking, representing, constructing, appearing, determining, acting, knowing, rebuilding individually and collectively, learning to and being in the provisional and experimenting with ever-unusual results.

**Key-words:** Social Representations; Body Representations; University Professors; Facebook; Contemporary subjectivities.

## RESUMEN

Cada vez son más los académicos están en tránsito a través de las redes sociales, especialmente Facebook, la producción de representaciones corporales con imágenes de su vida cotidiana. Para la comprensión de esta realidad, una perspectiva crítica y ampliada, se trata como problema de investigación: Como un grupo de profesores universitarios de cursos de educación física produce representaciones corporales en el perfil de Facebook? Por lo tanto, este estudio tuvo como objetivo aprehender las representaciones del cuerpo en facebook producido por profesores universitarios de cursos de educación física; y los siguientes objetivos: analizar los factores asociados a la construcción de las representaciones del cuerpo en facebook de los profesores de educación física de la universidad; identificar las subjetividades cuerpo compartidos en lo académico Facebook a través de imágenes de perfil; facebook entender la relación de la reconstrucción de las subjetividades de los profesores de los cursos de educación física; comprobar las estrategias para la gestión de las representaciones del cuerpo en facebook estos profesores de cursos de educación física; Describir las características sociodemográficas y profesionales de estos profesores de cursos de educación física. Se trata de una investigación cualitativa desarrollada en la red social facebook, anclado en los supuestos de la cibercultura y la Teoría de las Representaciones Sociales, con enfoque descriptivo, analítico y exploratorio, bajo el empuje de netnografía. Hubo 12 participantes, 8 profesores universitarios brasileños y cuatro españoles. Debido a que es la investigación sobre redes sociales, fue elegido colección estrategias complementarias y datos de producción: subtítulos, comentarios y fotografías Álbum de fotos propias perfil de facebook, diálogos en el Messenger, y un cuestionario semi-estructurado. Estos datos fueron interpretados por la técnica de análisis de contenido y después de la triangulación metodológica, se encontró que los cuerpos virtuales en pantalla facebook están marcados por la necesidad de ver y ser visto y que esta relación compartida con otros a construir conocimientos y contenidos / sobre usted, que enseñan unos a otros y aprender las pedagogías del cuerpo y las conexiones establecidas. representaciones corporales están marcados por un fuerte sentido de pertenencia a grupo social profesional al que pertenecen. Se encontró que los maestros a crear estrategias intencionales de visibilidad que repercuten en un festival alegre de opiniones de los órganos, consideradas las redes sociales de los signos y síntomas de la cultura, y también áreas reales de auto-conocimiento y aprendizagens- autoformación. Las interacciones sociales efímeras retroalimentan el cuerpo de idealizaciones de los profesores universitarios. Desde el enfoque y contenido estético se establecieron nueve categorías temáticas flexibles y temporales: 1) viaje; 2) Auto-retrato; 3) Relación con la familia; 4) La práctica y / o intelectual profesional; 5) de un animal; 6) abstractas de personas; 7) Las actividades físicas y / o deportivas; 8) La felicidad; 9) Ocio. Las experiencias sociales, narrativas y lenguajes mostraron los profesores maneras ser, de vivir y construir una red. Llegamos a la conclusión de que las representaciones corporales son estos protagonistas de su interacción e integración relacionadas con el mundo de manera libre y placentera. Estas son otras formas de pensar, actuar, edificio, parecen determinar, actuar, aprender, reconstruirse, individual y colectivamente, para aprender / y estar en los resultados de pruebas de temporalidad y siempre inusuales.

**Palabras clave:** Representaciones corporales; Representaciones sociales; profesores universitarios; Facebook; subjetividades contemporáneas.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Redes sociais digitais e a produção de subjetividades.....	27
Figura 2: Entrelaçamento entre os referenciais teóricos da pesquisa .....	49
Figura 3: Fotografia preferida de Mauricio Ramos no facebook.....	80
Figura 4: Fotografia preferida de Sueyla Santos no <i>facebook</i> .....	81
Figura 5: Fotografia preferida de Víctor Arufe Giráldez no <i>facebook</i> .....	82
Figura 6: Fotografia preferida de Osni Oliveira no <i>facebook</i> .....	83
Figura 7: Fotografia preferida de Silvana Goellner no <i>facebook</i> .....	84
Figura 8: Fotografia escolhida por José Soidán para sua descrição inicial na tese...	85
Figura 9: Fotografia preferida de Dirceu Silva no <i>facebook</i> .....	86
Figura 10: Fotografia predileta de Doiara Santos no <i>facebook</i> .....	87
Figura 11: Fotografia preferida de Kristyan Abelairas Gómez no <i>facebook</i> .....	88
Figura 12: Fotografia do perfil do <i>facebook</i> de Jocimar Daolio.....	89
Figura 13: Fotografia predileta de Nuria Castro-Lemus no <i>facebook</i> .....	90
Figura 14: Fotografia preferida de Renato Sampaio no <i>facebook</i> .....	91
Figura 15: Fotografia do perfil do <i>facebook</i> de Dirceu Silva .....	96
Figura 16: Comentário realizado na fotografia (Figura 15) de Dirceu Silva .....	97
Figura 17: Comentários realizados na fotografia (Figura 15) de Dirceu Silva .....	97
Figura 18: Fotografia do perfil do <i>facebook</i> de Dirceu Silva .....	99
Figura 19: Comentários realizados na fotografia (Figura 18) de Dirceu Silva .....	100
Figura 20: Fotografia do perfil do <i>facebook</i> de Dirceu Silva .....	106
Figura 21: Comentários realizados na fotografia (Figura 20) de Dirceu Silva .....	107

Figura 22: Fotografias publicadas no perfil de Dirceu Silva no <i>facebook</i> .....	110
Figura 23: Fotografia do perfil de Silvana Goellner no <i>facebook</i> .....	111
Figura 24: Comentários realizados na fotografia (Figura 23) de Silvana Goellner ..	112
Figura 25: Fotografia do perfil de Silvana Goellner no <i>facebook</i> .....	113
Figura 26: Fotografia do perfil de Silvana Goellner no <i>facebook</i> .....	115
Figura 27: Comentários realizados na fotografia (Figura 26) de Silvana Goellner ..	116
Figura 28: Fotografias publicadas no perfil de Silvana Goellner no <i>facebook</i> .....	118
Figura 29: Fotografia do perfil de Jocimar Daolio no <i>facebook</i> .....	120
Figura 30: Fotografias publicadas nos perfis de Kristyan Gómez, Mauricio Ramos, Dirceu Silva, Osni Oliveira, Renato Sampaio, Sueyla Santos e Víctor Giráldez.....	124
Figura 31: Fotografia do perfil de Renato Sampaio no <i>facebook</i> .....	129
Figura 32: Comentários realizados na fotografia (Figura 31) de Renato Sampaio ..	130
Figura 33: Fotografias publicadas no perfil de Renato Sampaio no <i>facebook</i> .....	132
Figura 34: Fotografia do perfil de Renato Sampaio no <i>facebook</i> .....	134
Figura 35: <i>Print screen</i> de uma enunciação de Renato Sampaio no <i>facebook</i> .....	135
Figura 36: Fotografia do perfil de Doiara Santos no <i>facebook</i> .....	137
Figura 37: Comentário realizado na fotografia (Figura 36) de Doiara Santos.....	138
Figura 38: Fotografia do perfil de Kristyan Gómez no <i>facebook</i> .....	140
Figura 39: Fotografia do perfil de Renato Sampaio no <i>facebook</i> .....	142
Figura 40: Fotografia do perfil de Doiara Santos no <i>facebook</i> .....	143
Figura 41: Fotografia do perfil de José Soidán no <i>facebook</i> .....	144
Figura 42: Fotografia do perfil de José Soidán no <i>facebook</i> .....	146
Figura 43: Fotografia do perfil de José Soidán no <i>facebook</i> .....	147

Figura 44: Fotografias publicadas no perfil do <i>facebook</i> de José Soidán.....	149
Figura 45: Fotografias publicadas no perfil de Doiara Santos no <i>facebook</i> .....	151
Figura 46: Fotografia do perfil de Doiara Santos no <i>facebook</i> .....	154
Figura 47: Fotografia do perfil de Doiara Santos no <i>facebook</i> .....	155
Figura 48: Fotografia do <i>facebook</i> de Doiara Santos .....	157
Figura 49: Fotografia do <i>facebook</i> de Doiara Santos .....	157
Figura 50: Fotografias publicadas nos perfis de Doiara Santos, José Luis Garcia Soidán, Mauricio Ramos, Víctor Giráldez, Dirceu Silva, Renato Sampaio e Sueyla Santos .....	160
Figura 51: Fotografia do perfil de Víctor Arufe Giráldez no <i>facebook</i> .....	164
Figura 52: Comentário realizado na fotografia (Figura 51) de Víctor Giráldez .....	165
Figura 53: Fotografia do perfil de Víctor Arufe Giráldez no <i>facebook</i> .....	166
Figura 54: Fotografias publicadas no perfil de Víctor Arufe Giráldez no <i>facebook</i> ..	167
Figura 55: Fotografias publicadas no perfil de Sueyla Santos no <i>facebook</i> .....	168
Figura 56: Fotografia publicada no perfil de Sueyla Santos no <i>facebook</i> .....	172
Figura 57: Fotografia publicada no perfil de Sueyla Santos no <i>facebook</i> .....	173
Figura 58: Fotografia publicada no perfil de Sueyla Santos no <i>facebook</i> .....	173
Figura 59: Fotografias publicadas no perfil de Sueyla Santos no <i>facebook</i> .....	173
Figura 60: Fotografias duplicadas no perfil de Sueyla Santos no <i>facebook</i> .....	177
Figura 61: Fotografia duplicada no perfil de Doiara Santos no <i>facebook</i> .....	177
Figura 62: Fotografia duplicada no perfil de Kristyan Gómez no <i>facebook</i> .....	177
Figura 63: Fotografia duplicada no perfil de Mauricio Ramos no <i>facebook</i> .....	178
Figura 64: Fotografia duplicada no perfil de Renato Sampaio no <i>facebook</i> .....	178
Figura 65: Fotografias publicadas no perfil de Kristyán Gómez no <i>facebook</i> .....	180

Figura 66: Fotografias publicadas no perfil de Osni Oliveira no <i>facebook</i> .....	182
Figura 67: Fotografia publicada no perfil de Osni Oliveira no <i>facebook</i> .....	184
Figura 68: Fotografia publicada no perfil de Nuria Castro-Lemus no <i>facebook</i> .....	188
Figura 69: Comentário realizado na fotografia (Figura 68) de Nuria Castro-Lemos	189
Figura 70: Fotografia publicada no perfil de Nuria Castro-Lemus no <i>facebook</i> .....	190
Figura 71: Fotografias publicadas no perfil de Nuria Castro-Lemus no <i>facebook</i> ...	192
Figura 72: Fotografia publicada no perfil de Mauricio Ramos no <i>facebook</i> .....	195
Figura 73: Fotografias publicadas no perfil de Mauricio Ramos no <i>facebook</i> .....	197
Figura 74: Fotografia publicada no perfil de Mauricio Ramos no <i>facebook</i> .....	199
Figura 75: Comentários realizados na fotografia (Figura 74) de Mauricio Ramos...	201
Figura 76: Fotografias publicadas nos perfis de Dirceu, José, Doiara, Sueyla, Kristyan e Nuria no <i>facebook</i> .....	208
Figura 77: Fotografias publicadas nos perfis de Sueyla, Víctor, Dirceu, Renato, Osni e José no <i>facebook</i> .....	209
Figura 78: Fotografias publicadas nos perfis de Mauricio, Doiara e Jocimar Daolio no <i>facebook</i> .....	209
Figura 79: Fotografias publicadas nos perfis de José, Doiara, Silvana, Nuria, Mauricio e Kristyan .....	210
Figura 80: Fotografias publicadas nos perfis de Víctor, Renato e José no <i>facebook</i> .....	210
Figura 81: Fotografias publicadas nos perfis de Renato, José, Sueyla, Kristyan, Mauricio, Silvana e Osni no <i>facebook</i> .....	211
Figura 82: Fotografias publicadas nos perfis de Doiara, Dirceu, José e Sueyla no <i>facebook</i> .....	212
Figura 83: Fotografias publicadas nos perfis de Doiara, Renato, Mauricio, Sueyla,	

Osni, Silvana, Dirceu e Nuria no <i>facebook</i> .....	213
Figura 84: Fotografias publicadas nos perfis de Doiara, Dirceu, Víctor, José, Silvana e Sueyla no <i>facebook</i> .....	214
Figura 85: Imagem conectiva entre os elementos percebidos na construção dos Eus e das representações corporais em rede dos professores participantes.....	216



## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1.</b> Caracterização sociodemográfica e profissional dos professores participantes da pesquisa. Dez/2016.....	75
--	----

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Apresentação inicial dos professores universitários participantes da pesquisa. Dez/2016.....	44
<b>Quadro 2.</b> Mapeamento do número de fotografias do <i>facebook</i> dos professores participantes da pesquisa. Dez/2016.....	78

## LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Análise de Conteúdo
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GRECCO	Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TNC	Teoria do Núcleo Central
TRS	Teoria das Representações Sociais
UDC	Universidade da Coruña
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSJ	Universidade Federal São João Del Rei
UH	Universidade de Havard
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
US	Universidade de Sevilla
USC	Universidade de Santiago de Compostela
UVigo	Universidade de Vigo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DIGITAIS E EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES</b>	<b>21</b>
1.1	ESTRUTURA DA TESE	30
<b>2</b>	<b>NO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO? APORTES METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b>	<b>32</b>
2.1	TIPO DE ESTUDO	35
2.2	ABORDAGEM DA PESQUISA	38
2.3	CENÁRIO DA PESQUISA	39
2.4	INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS	41
2.5	PARTICIPANTES DA PESQUISA	42
2.6	ANÁLISES DOS DADOS	45
2.7	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	48
<b>3</b>	<b>TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE A CIBERCULTURA</b>	<b>50</b>
<b>4</b>	<b>AO LONGO DO TEMPO SE CONSTROEM CORPUS BASEADOS NA E PELA CULTURA</b>	<b>58</b>
4.1	TRAJETÓRIAS SOCIOCULTURAIS SOBRE OS CORPOS: REPRESENTAÇÕES, SIGNOS E OLHARES	61
<b>5</b>	<b>REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO FACEBOOK</b>	<b>74</b>
5.1	SUBJETIVIDADES PRODUZIDAS ATRAVÉS DAS IMAGENS	93
5.1.1	ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS DO PERFIL DO FACEBOOK DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS	95
5.2	PERSPECTIVAS TEMÁTICAS CORPORAIS REPRESENTATIVAS	206
<b>6</b>	<b>A IMAGEM CHECK-OUT: ALGUMAS CONCLUSÕES</b>	<b>219</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>235</b>
	<b>APÊNDICES</b>	

## 1 REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DIGITAIS E EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

O corpo é o que desperta a dor profunda e pode igualmente despertar o pensamento profundo. Ambos precisam de solidão. Quem alguma vez escalou sozinho uma montanha e chegou esgotado ao topo para em seguida descer com passos que abalam todo seu esqueleto sabe que, para ele, o tempo se desagrega, as paredes divisórias em seu interior desabam e, através dos cascalhos dos instantes, ele caminha trotando como num sonho. Por vezes tenta parar, mas não consegue. Quem sabe se são pensamentos que o abalam ou o áspero caminho? Seu corpo se tornou um caleidoscópio que, a cada passo, lhe apresenta figuras cambiantes da verdade. Walter Benjamin.

Viver em rede é um novo modo de ser na nossa sociedade. O tema central desta pesquisa é sobre as representações corporais construídas em *sites* de redes sociais, especificamente no *Facebook*, por um grupo de professores universitários de cursos de Educação Física do Brasil e da Espanha.

Refletir sobre a construção das representações corporais baseando-se na Teoria das Representações Sociais (TRS) (MOSCOVICI, 2006; 2012) e a partir do que vem sendo exposto no ciberespaço<sup>1</sup> (LÉVY, 2003) e nos estudos da Cibercultura (LÉVY, 1999; LEMOS; LÉVY, 2014; RUDIGER, 2016) é dialogar sobre a construção do próprio sujeito em si e de como ele se re(a)presenta a partir e para o Outro. A cibercultura é o novo nomadismo, não é o território geográfico nem o das instituições ou dos Estados, mas um espaço invisível dos conhecimentos, dos saberes, das forças de pensamento no seio da qual se manifestam e se alteram as qualidades do ser, os modos de fazer sociedade. Tornando-se uma necessidade nesses tempos ciberculturais, tratar sobre as subjetividades corporais construídas em rede, vez que é um tema complexo, devido às múltiplas questões que estão conectadas. Para além dos aspectos físicos e biológicos, o corpo é um arcabouço de existência material que compreende as maneiras de interagir e se relacionar com o mundo que o cerca, tendo seus limites dilatados em nossa sociedade pós-moderna.

As construções de ações subjetivas dos docentes se dá por meio do discurso através de técnicas, exercícios e procedimentos diferentes, produzindo

---

<sup>1</sup> Para Levy (2003) o espaço do novo nomadismo não é o território geográfico nem o das instituições ou dos Estados, mas um espaço invisível dos conhecimentos, dos saberes, das forças de pensamento no seio da qual se manifestam e se alteram as qualidades do ser, os modos de fazer sociedade.

determinados tipos de subjetividades. O discurso está sendo compreendido aqui como as “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2005, p. 55). Dessa forma, se produz verdades de si que são expostas no *facebook* a outrem, que constitui a interação simbólica e ajudam na constituição das representações corporais *on line* e modos de ser desses professores.

Para produzir estes conteúdos sobre si, esses sujeitos vivenciam uma sequência de exercícios, ou seja, de práticas/técnicas de si, as quais não são inventadas pelos professores, mas constituem esquemas que eles localizam em sua cultura e em suas representações sociais, sendo-lhes sugeridos, propostos e impostos pela sociedade e determinados pelos grupos sociais dos quais se faz parte. Vale salientar que tudo isso acontece em rede porque a existência do ser humano é corporal, tudo parte do corpo, são experiências sociais que permeiam as Pedagogias corporais.

É necessário pensar que a urgência em trabalhar nesta tese com professores a partir das redes sociais<sup>2</sup> não é somente pelo fato do professor ter um destaque central na sociedade ocidental, vez que a escola e a educação são defendidas como direitos de todos os cidadãos, mas também, para compreender os desafios e tensões que reconfiguram a contemporaneidade e questionam os paradigmas tradicionais de educação e que, portanto, afetam o cotidiano de todos os agentes envolvidos.

Nessa era da informação, passamos a constituir um momento histórico novo em que a mediação das relações e interações se estrutura a partir das informações em rede e da capacidade de geração de conhecimentos coletivos (LÉVY, 2003). A sociedade em rede também é discutida e contextualizada a partir das ideias de Pierre Lévy, sob algumas nomenclaturas e conceitos todos eles pertencentes ao quadro da cibercultura, que são lugares virtuais propícios para compartilhar aprendizados, experiências e acontecimentos, além de se basear em uma nova relação de espaço-tempo.

Pensar em rede significa refletir sobre a multiplicidade e a

---

<sup>2</sup> Vale salientar que temos o conhecimento e entendimento de que redes sociais são todos os espaços em que os sujeitos se relacionam, interagem e fazem suas interações simbólicas. No entanto, considerando as reconfigurações em nossa sociedade, nesta tese, quando citamos a expressão redes sociais, estamos nos referindo às redes sociais digitais, como no caso, o *Facebook*.

multidimensionalidade de valores, pontos e culturas. Nessa formatação da sociedade em rede, as mudanças das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) produzem uma reconfiguração e reestruturação das práticas, sendo essas tecnologias simultaneamente operadoras na reconfiguração das instituições e práticas sociais, e estimuladoras, catalisadoras e também produtos de transformações mais amplas. Não possuem um mero papel, função ou valor instrumental, vai além desse fator imediatista, pois reestrutura as relações.

Nas distintas etapas da história, se pode reconhecer que há um entrelaçamento complexo entre o próprio desenvolvimento e a construção dos sistemas sociais (GIDDENS, 2002), relações estas que se evidenciam desafiadoras com a crescente e acelerada massificação das tecnologias digitais em nível mundial. O entrelaçamento das modificações sociais, culturais, técnicas e relacionais do dia-a-dia pode ser focalizado nesse novo cenário de interações que são mediadas pelas redes sociais, essa realidade amplia as possibilidades de novos modos de produção, construção e apropriação de conhecimentos e sentidos sobre os atos, sobre as relações, sobre as ações e interações sociais.

A aproximação com essa temática se deu ainda durante a finalização do Mestrado, onde despertou o interesse de nos debruçarmos sobre as relações existentes entre a educação, as subjetividades corporais e as redes sociais, e para tanto recorreremos a muitas leituras nas diversas áreas que compõem esse novo e prazeroso objeto de estudo. Sobre redes digitais e informações em redes conectei-me desde os precursores do campo que discutem a sociedade em rede, passando pelas discussões das representações e subjetividades corporais e aprofundando-me nas conexões existentes entre as representações sociais, os estudos culturais, corpo, rede social *facebook*, tecnologias digitais e educação de modo específico.

A práxis pedagógica dos professores universitários de Educação Física é embasada na Cultura Corporal de Movimento e é desenvolvida com o/no corpo dos discentes que são submetidos a essa prática social e para que essas ações ocorram de modo a envolver esse corpo numa perspectiva subjetiva, devemos considerá-lo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, históricos, políticos, biológicos e suas relações afetivo-sociais. Fazendo-se necessário apreciar os processos que engendram as representações corporais digitais na sociedade contemporânea, para que deste modo, possam somar positivamente na formação profissional e humana de pessoas críticas e ativas socialmente.

Essas construções subjetivas também são temporárias, porque vamos nos (re)constituindo diariamente, moldando as identidades, onde Bauman (2013) utiliza o adjetivo “líquido” como definidor da contemporaneidade, focalizando a característica fluida das coisas e os movimentos com que os elos sociais e as subjetividades são constituídas. As fronteiras não são impermeáveis, os laços não são tão firmes, existe um culto a espetacularização e à exibição, o que talvez gere este contínuo fluxo do aparecer no *facebook*. Para entendimento desta tese, as subjetividades contemporâneas estão aqui sendo compreendidas como a atualização das possibilidades, a possibilidade de o ser poder acontecer e a possibilidade de devir.

As alterações que nos acontecem são formas vivas de subjetividades, onde o homem pode se converter em outros sem deixar de ser a si mesmo, em que carrega a perda de determinadas qualidades e, por outro lado, possui a aquisição de outras, constituindo novos modos de ser em rede e também fora dela. Seguindo esse mesmo pensamento, Lúcia Santaella (2007) nos descreve uma das definições do conceito de “devir” proposto por Deleuze, onde o devir se relaciona com um corpo livre, sob o prisma da liberdade, que flutua livremente para muito além de sua identidade física, desterritorializando os limites físicos e geográficos, constituindo-se de um desejo intenso e dinâmico.

Essa tese defende a ideia que os professores universitários de Educação Física conseguem se perceber, identificar e reconhecer os elementos dos espaços (*on/off line*) em que está inserido, através das interações e relações sociais na rede, perpassando pelo compartilhamento de suas subjetividades que são demonstradas das mais variadas formas, mas como foco deste estudo, observamos as fotografias digitais, as interações sociais nos comentários das imagens compartilhadas, e conversas no *Messenger*<sup>3</sup> do *Facebook*. Os sujeitos desenvolvem estratégias e recortes intencionais para projeção de sua imagem, narrando a realidade em que se encontra e conseqüente criação de sua representação corporal, ancorados na cultura da visibilidade. Estar visível nesta rede digital pode significar o desenvolvimento de um capital social e intelectual e, em se tratando de professores, possui um valor especial, no sentido de que as dinâmicas impressas por estes sujeitos no *Facebook* se constituem ações educativas.

---

<sup>3</sup> O *facebook* criou um aplicativo chamado *Messenger* que permite a comunicação dos usuários através deste bate papo.



Considerando os pressupostos descritos acima, o **argumento geral** da tese é de que estes professores universitários de Cursos de Educação Física ao produzirem narrativas pessoais no *Facebook*, através das fotografias e interações relacionais se constituem como produtores e consumidores de suas representações corporais, narrando suas experiências (acadêmicas), sentimentos, relações afetivas, familiares e sociais, viagens, aprendizagens, subjetividades, movimentos políticos e corporais, legado cultural, repertório esportivo, etc., a partir de um forte sentimento de identidade profissional, considerando aspectos éticos, estéticos, filosóficos e agnósticos representando modos docentes de ser, estar e se constituir em rede.

Para a compreensão dessa realidade, numa perspectiva mais crítica e ampliada, surge como **problema** desta pesquisa: como um grupo de professores universitários de cursos de Educação Física produz representações corporais no perfil do *Facebook*? Com a pretensão de contribuir na produção de conhecimentos acerca dessa temática e de encontrar respostas para o problema de pesquisa, as **questões norteadoras** que auxiliaram no desenvolvimento desta investigação foram: 1. Quais são as características sociodemográficas e profissionais desse grupo de professores universitários? 2. Quais fatores estão associados a construção das representações corporais no *facebook* dos professores universitários? 3. Quais estratégias são criadas e utilizadas por estes professores no gerenciamento de suas representações corporais no *facebook*? 4. Quais subjetividades corporais são produzidas através de fotografias compartilhadas no perfil do *facebook* por estes professores? 5. Quais as relações do *facebook* na reconstrução das subjetividades desses professores universitários de cursos de Educação Física? A partir da definição do problema desta pesquisa e das questões que nortearam essa investigação científica, definimos como objetivos desse estudo:

### **Objetivo geral**



Apreender as representações corporais no *facebook* produzidas por professores universitários de Cursos de Educação Física.

### **Objetivos específicos**



Descrever as características sociodemográficas e profissionais desses professores universitários de cursos de Educação Física.



Analisar os fatores associados a construção das representações corporais no *facebook* dos professores universitários de Cursos de Educação Física.



Verificar as estratégias para gerenciamento das representações corporais no *facebook* desses professores universitários de cursos de Educação Física;



Identificar as subjetividades corporais compartilhadas no *facebook* desses professores universitários através das fotografias do perfil;



Compreender a relação do *facebook* na reconstrução das subjetividades desses professores universitários de cursos de Educação Física.

Nesse contexto, a **metodologia** adotada para a realização deste estudo é de abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 2013), com abordagem de cunho descritivo (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2012), analítico (mas não reducionista), e exploratório (MARCONI; LAKATOS, 2010). O *facebook* se constitui como *lócus* da pesquisa. A escolha pela orientação qualitativa se dá pela singularidade do objeto de pesquisa e dos participantes deste estudo, visto que esses professores universitários fazem parte de um movimento dinâmico de transformação constante, que imprime nesses sujeitos as várias possibilidades do Eu, constituindo-se fluidos (BAUMAN, 2013), móveis e instáveis.

Dessa forma, a partir de uma triangulação metodológica, analisamos pela Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) as fotografias postadas no álbum “fotos do perfil” do *facebook*, as legendas dessas fotografias e as interações discursivas entre os professores pesquisados e seus interlocutores. Também levamos em consideração os dados coletados e produzidos por meio de um questionário semiestruturado e dos diálogos estabelecidos com os participantes através do *Messenger*. É importante salientar que este estudo possui inspirações da netnografia (MOSCOVICI, 2006; KOZINETS, 2015), com a intenção inclusive de contribuir com novas formas de produção de conhecimentos, de pesquisas e de

novos conceitos. As opções e estratégias metodológicas serão melhores detalhadas mais adiante no capítulo destinado a metodologia.

As fotografias cotidianas são emergentemente exibidas nesses espaços sociais, o que fortalece a ideia de que o envolvimento com essa rede social influencia veementemente nos modos de vida e nas visões de mundo dos sujeitos. Apesar da importância e relevância do tema a que se propõe esse estudo, não foram encontradas pesquisas que investigaram as subjetividades contemporâneas produzidas a partir das representações fotográficas corporais de professores universitários de cursos de Educação Física no contexto do *facebook* ancorada na TRS, o que aponta para a necessidade, originalidade e caráter inovador dessa pesquisa de doutorado.

Nesse ciberespaço, as pessoas se relacionam e trocam informações através de *e-mails*, redes sociais (*instagram, twitter, facebook, linkedin, myspace, skype, wathsapp, snapchat, etc*), fóruns, blogs e outros espaços de redes digitais de comunicação, sendo esse relacionamento executado e concretizado através de textos, mensagens, áudios, vídeos e cada vez mais através de fotografias.

Figura 1: Redes sociais digitais e a produção de subjetividades.



Fonte: <https://goo.gl/JU0pAj>

No decorrer do ano de 2016, vários países tiveram um crescimento significativo no volume de usuários no *Facebook*, configurando-se a rede social com maior número de pessoas com perfis ativos, sendo acessado diariamente por mais de um bilhão de usuários de todo o mundo. O número de usuários diários aumentou

16% com a adesão das pessoas aos aparelhos móveis (SAWADA, 2016). Acreditando nesse espaço como uma das possibilidades de se produzir conhecimento científico, por ser esse lugar propício para as performances interacionais sociais contemporâneas é que o delimitamos como campo empírico para desenvolvimento desta pesquisa.

Nesta tese, o *Facebook* é entendido como parte de uma Pedagogia Cultural (PARAÍSO, 2001) que, de modo mais ampliado, possui pedagogias estruturais para os indivíduos contemporâneos vez que nos ensina procedimentos, atitudes, comportamentos, valores considerados desejáveis, por meio de distintos artefatos, como a música, a televisão, o filme, a literatura, o cinema, a moda, a publicidade, a *internet*, as redes sociais, dentre outros, que possibilitam o desenvolvimento da criatividade e permitem processos de ensino e aprendizagem. É necessário ressaltar aqui que esse conceito demonstra a importância de se investigar outros currículos para além dos escolares, entretanto, sem desconsiderar, que o currículo da escola é um elemento cultural de significativa importância na produção e difusão de conhecimentos, significados e de sujeitos de determinados tipos.

Essa rede social assim como a escola são espaços sociais onde múltiplas personalidades se encontram. Os professores com suas singularidades construídas nas vivências em seus bairros, nos grupos sociais dos quais fazem parte, em seus grupos de pesquisa e em suas universidades, caminham nestes ambientes com variados modos de ser, estar, aparecer, se comportar e se relacionar. Observar esses professores na rede em suas diferentes experiências do cotidiano e, mais do que isso ouvi-los e dialogar com os mesmos, seguramente nos proporcionou seguir trilhas inusitadas e houve desvelamentos de significações e sentidos sobre as práticas socializadoras que são próprias e específicas de um fazer contemporâneo. Entendemos o cotidiano no sentido de fabricação e construção da realidade através das condições e interações sociais existentes em que muitas táticas, estratégias e recorte de si circulam e se entrecruzam na/em rede.

Devido à complexidade e a exigência necessária para a construção de uma tese de doutorado, se **justifica** a importância dessa pesquisa para a área da Educação, haja vista que a conjuntura do objeto permite a compreensão das revoluções científicas e tecnológicas da educação dos padrões tradicionais para o *modus operandi* contemporâneo, e para a formação de novos conceitos sobre as novas formas de fazer educação e de promover a aprendizagem. Na

contemporaneidade os processos de subjetivação não fogem a esse dinamismo que é empregado, vez que a globalização se demonstra como um fator preponderante e iniludível para se pensar esses fenômenos: vivemos na era das conexões, dos contatos mediatizados, dos nexos, que estão ativos nas redes, grupos e comunidades de interesse na esfera material, física e palpável, mas também, potencialmente desenvolvida na esfera virtual gerando conhecimentos.

Nessa mesma direção, a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) afirma que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. É complementado no art. 3, III que “a educação deve acontecer a partir de uma pluralidade de ideias e concepções pedagógicas” e no mesmo artigo no item XI que “a educação deve priorizar e valorizar a experiência extraescolar”. Desse modo, compreendemos que a educação faz parte do processo de formação humana, ou seja, ela é muito mais ampla do que a mera formação escolar, buscando uma constituição omnilateral dos sujeitos. No sentido desta pesquisa, se reconhece a importância de que as redes sociais possuem um papel principal e desenvolvem uma grande influência hoje no modo de viver, nas formas de se relacionar, regulando, administrando, aprisionando e/ou libertando festivamente esses corpos.

Conforme Macedo (2004, p. 86) a “educação ocorre nos mais diferentes espaços, cenários e situações sociais, sendo um complexo de experiências, relações e atividades que brotam no âmbito de uma estrutura material e simbólica da sociedade num certo tempo histórico”. Educação é, portanto, uma produção aberta e livre de conhecimentos. Essas mudanças culturais, no que diz respeito aos entendimentos da “ecologia midiática hipermóvel e ubíqua” (SANTAELLA, 2013, p. 18) afeta, de modo incisivo o conhecimento humano, logo, estas transformações, também estão repercutindo de modo crucial na educação. Desse modo, a partir da presença dessas tecnologias digitais muitas mudanças acontecem, principalmente quando se leva em consideração a multivocalidade, a colaboração e a interatividade, que são potencializadas nas redes sociais.

A partir do exposto, iremos apresentar no item 1.1 da tese o roteiro com a estrutura escolhida para a construção desta investigação, na intenção de alcançar os objetivos propostos e de responder as questões norteadoras.

## 1.1 ESTRUTURA DA TESE

Buscamos assim, organizar essa tese em bases que possam de uma forma consubstanciada referendar esse estudo. No entanto, para organização desta estrutura foi necessário analisar as possibilidades através do experimento, da reconstrução de etapas, da criação de saídas e da tomada de decisões a partir do amadurecimento científico, das sugestões do orientador e dos professores participantes no exame de qualificação, e das muitas leituras. Portanto, esse trabalho está organizado em cinco capítulos interdependentes.

A parte introdutória da tese descrita acima está intitulada: “Representações corporais digitais e educação: primeiras aproximações”. Sabemos que é essencial e de fundamental importância apresentar os motivos pelos quais surgiu o interesse em realizar esta pesquisa, a contextualização do objeto de estudo através de uma breve análise e reflexão sobre a inter-relação entre o corpo, as representações sociais, a educação e o *facebook*, além de compartilhar a originalidade, a relevância científica e social, o problema, as questões norteadoras, os objetivos, os primeiros indicativos dos procedimentos metodológicos e a justificativa da pesquisa em educação.

O primeiro capítulo “No que você está pensando? aportes metodológicos da pesquisa” está relacionado com a estrutura central para sustentação deste estudo, que é a metodologia. O *facebook* é o campo empírico, *lócus* de investigação. Ainda é apresentado o tipo de estudo, a abordagem da pesquisa, os participantes, os percursos e técnicas de produção de dados, as análises dos dados, todos os procedimentos desenvolvidos na pesquisa e também os aspectos éticos que envolvem uma pesquisa netnográfica.

O segundo capítulo, definido como “Teoria das Representações Sociais: um olhar sobre a Cibercultura” apresenta a TRS (MOSCOVICI, 2006; 2012), que fundamenta teoricamente esta pesquisa. Dentro do contexto contemporâneo, é compartilhado um pouco do contexto histórico da teoria, suas funcionalidades e como ela foi necessária e fundamental para a realização deste estudo.

O terceiro capítulo apresenta uma trajetória sociohistórica e cultural do corpo, demarcando inicialmente que nesta tese o corpo é entendido como sintoma da cultura e como uma rede de signos sociais. Após essa compreensão de que esse corpo autônomo é também um rascunho cultural a partir de suas interpelações

sociais, podemos perceber que ao longo da história da humanidade o corpo possui distintas concepções de acordo a organização social dos valores estéticos, econômicos, morais e culturais de cada época da nossa civilização. O corpo que foi visto como a simbiose entre o ser e a natureza, passando pela divisão do corpo e empoderamento ao acrescentar alma, sendo influenciado pelas ideias religiosas ou filosóficas que caracterizavam a relação corpo-sociedade. Com o Renascimento há um forte desenvolvimento da ciência, mas o corpo acentua-se subalterno e agora é observado como mercadoria para começar a atender o ritmo econômico que começa a se desenvolver na sociedade: o capitalismo. Na contemporaneidade, o corpo não é mais apenas físico ele se teletransporta para a realidade virtual e diferentemente de antigamente onde criaram a divisão binária corpo e alma, o corpo virtual é o próprio fragmento, passando a criar representações corporais nas redes sociais e desenvolver subjetividades contemporâneas.

No quarto capítulo são apresentados os resultados e discussão dos dados produzidos durante a imersão no campo da pesquisa. Esse capítulo possibilita a compreensão sobre as representações corporais e sociais que o grupo analisado produz sobre seus modos de ser e se constituir no contexto do *facebook*. Identificando também os fatores que se associam a essas representações corporais, na perspectiva de descrever como as interações sociais, as relações e dinâmicas estabelecidas na provisoriedade implicam na reconstrução das subjetividades desses professores universitários. Ainda, foi possível perceber que as representações corporais docentes se constroem a partir de muitas facetas, mas que possui um fio condutor dessas idealizações e representações: a identidade profissional docente. É a partir da sensação de pertencimento a esse grupo social de pertença que esses ciberprofessores aparecem, são, estão no *facebook* e fora dele produzindo Pedagogias Corporais.

Por fim, no quinto e último capítulo intitulado como “A Imagem check-out: algumas conclusões” é realizada uma importante triangulação dos dados indicando aspectos conclusivos, pontuando os aspectos chave da tese com sinalização dos pontos alcançados a partir da problemática produzida e proposta. Nessa direção, são apontados os limites da pesquisa, as potências, os aprendizados estéticos e as Pedagogias Corporais com o desenvolvimento desta investigação, além da necessidade de realização de novas pesquisas sobre esse objeto de estudo, principalmente no contexto da educação.

## 2 NO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO? APORTES METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O que torna incomparável e irrepetível a primeira visão de uma aldeia, de uma cidade no meio da paisagem, é o fato de nela o que está longe vibrar numa estreita ligação com o que está próximo. Ainda não se fizeram sentir os efeitos do hábito. Mal começamos a orientar-nos, logo a paisagem desaparece como a fachada de uma casa quando entramos nela. Ainda não ganhou preponderância através de constante exploração, transformada em hábito. Assim que começamos a orientar-nos no lugar, nunca mais aquela primeira imagem poderá ser reconstituída. Walter Benjamin

O conhecimento científico pleiteia incessantemente uma articulação entre a teoria e a realidade empírica. O método é o percurso, o fio condutor para alcançar esse encontro. A metodologia assume na ciência a função primordial que extrapola o seu papel instrumental; é ser a essência que dá vida ao estudo (MINAYO; DELANDES; GOMES, 2012).

Para isso se exigem definições e quando se fala em escolhas, sabemos que elas são entrelaçadas de renúncias e de novas aquisições. Logo, a escolha de um itinerário metodológico pode resultar em abrir mão de filiações antigas e matrizes conceituais que já se trabalha e ter aderência a novos universos teóricos e empíricos. Pensando em decisões nem sempre são fáceis, o que torna, por vezes, um exercício de conflito e de tensão. Esse trilhar foi feito por um caminho entre incertezas e desejos numa miscelânea de sensações. O movimento é instantâneo e é característico desse estudo, já que o conhecimento é dinâmico e flexível e as certezas absolutas estão em um constante labor de se (re)fazer. A nossa bibliografia e as estratégias metodológicas foram constantemente atualizadas e com isso, aprendemos novas estratégias, mais desafiadoras, instigadoras e que nos acentuaram a criatividade.

Esse capítulo direciona o foco para o delineamento do estudo e sua caracterização se propondo a apresentar e refletir sobre a trilha metodológica percorrida para a produção do quadro teórico-empírico da pesquisa, o tipo e a abordagem do estudo, o cenário da investigação, os participantes, a coleta e produção de dados, as questões éticas, as análises dos dados, enfim, as etapas da pesquisa e os recursos para sua elaboração.



A participação e presença nas reuniões no Grupo de Pesquisa desde 2013 geraram dúvidas, indagações, descobertas, angústias e possibilidades metodológicas, teóricas, procedimentais, atitudinais e conceituais que nutriram os pensamentos e ajudaram na construção do “corpo” desta pesquisa. Possibilitando, portanto, uma maior aproximação cultural com as temáticas da educação em sua interface com o corpo, as redes sociais e as tecnologias digitais.

É a partir desse entendimento, que se percebe o quanto uma metodologia bem pensada, estruturada e operacionalizada propõe a construção do conhecimento, com um processo de trabalho que tem eficácia, eficiência e, sobretudo uma organização lógica, metódica, não linear, mas sequencial e complementar, a fim de dar conta de responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos traçados, desvelando e tornando familiar àquilo que era estranho ao pesquisador. Por isso, se justifica a importância e necessidade deste capítulo para apresentar aos leitores os caminhos adotados para construção do pensamento científico nesta tese de doutorado em educação.

Observamos a partir da pesquisa e da construção teórica desse estudo e das vivências dentro do próprio *facebook*, que refletir sobre as representações corporais construídas por professores universitários de cursos de Educação Física a partir da publicação de suas fotografias no perfil é uma tarefa desafiadora e demasiadamente complexa em decorrência dos diversos fatores que constituem suas estruturas e organizações. Acreditamos que fatores de ordem cultural, social, econômico, comportamental, dentre outros estejam envolvidos nessa ampla discussão, no campo das representações. Mas, quais representações?

Representar corporalmente o corpo, perceber este corpo; ter dele uma experiência, uma ideia, uma vivência; ser o corpo e também ter o corpo, além de, por muitas vezes, ser outro corpo híbrido e digital, ciborgue. São distinções e características superficialmente simples, mas que na práxis se entranham, mesclam-se e acabam por confundir suas fronteiras. Não se pode ter a ingenuidade, a partir dessas diferenciações, de buscar criar normas didáticas nem mesmo regulamentos, como se fossem manuais, na intenção de que se deixe de representar este corpo para passar apenas a vivê-lo. Dessarte, representar faz parte da vida cotidiana contemporânea, mas existe desde os primeiros homens na terra. Um olhar ingênuo, pueril e “naturalizado” da crítica à vivência representada poderia incidir numa qualificação em termos de um ser “negativo e outro positivo”, ou “representar não é

bom e viver é bom”. Nada poderia estar mais distante de nossas intenções científicas.

Nessa pesquisa, não existe nenhum imaginário ideal ou perfeito a ser alcançado na experiência virtual que se procura compreender, mas de forma bem objetiva e simplificada o desejo de, precisamente, compreendê-la. Seria um ideal utópico, apresentando-se provavelmente impossível, pensar em um tempo vivido nessa sociedade contemporânea, que nunca se permite representar, numa experiência própria, peculiar, de si, que nunca olha para si, de dentro pra fora. É nessa direção que se acredita que a experiência não pode e nem deve excluir o pensar, nem mesmo o pensar excluir as possibilidades de vivências porque tudo acontece a partir do(s) corpo(s).

Moscovici (2012) aponta que mais necessário que saber a origem e como se constitui determinada representação é compreender qual a sua função dentro da sociedade. Buscando este entendimento, Camargo, Justo e Alves (2011) ao pesquisarem as funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo, numa comparação geracional, perceberam que este organismo natural se constitui através das representações individuais e sociais e podem ser modificadas sempre que os indivíduos sentem, percebem, utilizam e transformam o seu corpo.

Conseqüentemente, essa pesquisa está centralmente construída sobre o aspecto das fotografias, imagens, signos, conceitos, apresentações e múltiplas linguagens e narrativas. Essas construções se dão a partir de desenvolvimentos imagéticos daquilo que o sujeito envolvido numa relação subjetiva é direcionado a desvelar, apresentar e compartilhar somente aquilo que se deixa ver. Essa atitude revela um ato intencional que apresenta o sujeito dentro de uma trilogia onde o mesmo se caracteriza como sujeito central de sua história na medida em que uma só pessoa desenvolve três papéis (SIBILIA, 2008) nessa representação dramática: autor, pois produz a história e narrativa que se quer compartilhar; ator, porque torna-se o protagonista; e, narrador, pelo fato de narrar e relatar a imagem representativa que fora construída, mediados pela tecnologia abarcando suas intenções e saberes.

É o que se quer representar e essa escolha resulta de um ato pensado, imaginado e que é afirmado. A imagem é uma consciência que visa produzir seu objeto, portanto, é “constituída por um certo modo de julgar e de sentir do qual não tomamos consciência enquanto tal, mas que apreendemos sobre objeto intencional

como esta ou aquela qualidade. Imagem aqui é da ordem do simbólico” (TEIXEIRA, 2014, p. 74).

Essa investigação é originada das nossas inquietações em conhecer os variados conteúdos que aparecem nas representações projetadas pelos professores através das fotografias, que por vezes representam realidades e por outras a ilusão, a trama (GOFFMAN, 2014), os paradigmas e os paradoxos. Para compreensão dessa realidade, se levou em conta as questões que apareceram e se fizeram presentes nas imagens fotográficas e nas performances tecnológicas interacionais entre os sujeitos envolvidos.

Porém, essa investigação científica não abarcou todo o universo relativo a estas questões. Por isso, se direccionou a atenção para as reflexões produzidas junto aos professores universitários de cursos de Educação Física, analisando suas representações corporais no *facebook*, além de identificar os modos de ser conectados, de se relacionar, os fatores e estratégias que estão relacionados às escolhas das fotografias do álbum do perfil e que influenciam a constituição das subjetividades contemporâneas docentes em rede.

## **2.1 TIPO DE ESTUDO**

Trata-se de um estudo do tipo descritivo, exploratório e analítico, por entender que permitiu compreender o fenômeno em sua complexidade, vez que nas ciências humanas tem se apresentado como um objeto histórico de análise. Todas as formas coletivas e individuais em sua realidade social são constituídas de valores, crenças, experiências, vivências, ação, significados e senso comum (representações sociais).

Os estudos do tipo descritivo são valorizados e são amplamente utilizados na educação e em ciências comportamentais, pois estão baseados na premissa que as práticas podem ser melhoradas e os problemas e conflitos podem ser solucionados através da descrição e análise das observações objetivas, subjetivas e diretas (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2012). Então, se pode inferir que os estudos que se caracterizam nesse universo possuem como meta central a circunscrição dos atributos de determinado grupo de pertença ou fenômeno e nessa categoria se encontram as pesquisas que buscam alçar as representações, opiniões e atitudes de uma população específica, neste caso os professores universitários da área de Educação Física. Ainda, esse tipo de escolha metodológica, nos permitiu

compreender as representações sociais e as práticas presentes neste grupo pesquisado.

Esse estudo se caracteriza também como exploratório, que estabelece critérios e aumenta a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno (MARCONI; LAKATOS, 2010), sua natureza permite uma melhor compreensão do comportamento de fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno. Configura-se dessa maneira, na medida em que se debruça sobre um objeto de estudo nunca investigado antes sob os prismas e métodos adotados nessa pesquisa. Possibilitou descobertas sobre as representações corporais dos professores, instigando a clarificação dos fenômenos ou a elucidação daqueles que não eram convencionados e aceitos, embora sejam evidentes.

Este estudo está fundado com inspirações na netnografia, que possui sua origem embrionária ancorada na área do *marketing*, sendo considerada de acordo com Kozinets (2015, p. 279) como uma “prática *on line* da etnografia”. Dessa maneira, se faz necessário esclarecer que a pesquisa etnográfica (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 51):

estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos. Em etnografia, holisticamente, observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação. Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.

A partir desta compreensão, verificamos que a netnografia foi introduzida recentemente sendo um método concebido especificamente para investigar o comportamento do consumidor de culturas e comunidades presentes na internet (KOZINETS, 2015). Pode ser definida como um relato escrito resultante do trabalho de campo que estuda as culturas e comunidades que surgem na rede, de modo *on line*, mediada por computador ou comunicações baseadas na *internet*.

No entanto, a conceituação de netnografia tem sido modificada ao longo dos anos, e com o decorrer do tempo essa abordagem netnográfica têm sido utilizada sob diferentes modos e com os mais diversificados objetos de estudo na internet. A

netnografia possui seus requisitos e procedimentos (KOZINETS, 2015) para serem seguidos, assim como em outros métodos de pesquisa, são eles na sequência hierárquica de procedimentos: entré; coleta de dados; análise e interpretação; ética de pesquisa; e, validação com os membros pesquisados. O entré configura-se como a constituição da(s) pergunta(s) de pesquisa e a identificação do grupo de pertença *on line* de interesse para a pesquisa.

Nesse contexto, as autoras Fragoso, Recuero e Amaral (2011) apresentam também três principais abordagens de análise no campo de pesquisas nas relações que estão sob mediação da *internet* na realidade brasileira. A primeira abordagem percebe a internet como uma questão de cultura, onde ela é definida como distinta do mundo *off-line*. Na segunda concepção, os processos são entendidos como arquétipos culturais, a partir da observação diária da inserção tecnológica na vida cotidiana. Nesta perspectiva as redes são compreendidas como um componente da cultura através da fusão e complementação dos mundos *online* e *off-line* possuindo distintas representações em diferentes contextos. A terceira abordagem se apresenta filiada a uma noção de artefato cultural que está representada pela *internet*, e neste caso as redes sociais (subproduto), com a função de tecnologia midiática que produz práticas sociais. Nessa, os objetos de pesquisa são gerados a partir das práticas midiáticas que surgem. É nessa última abordagem que esse estudo se encaixa, onde o objeto de pesquisa foi construído e gerado a partir da observação das dinâmicas estabelecidas nas páginas pessoais do *facebook* dos professores participantes.

Por conseguinte, essas mesmas autoras (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011) complementam que esta transposição virtual do modo de fazer pesquisa rosto-a-rosto, é a netnografia. É uma janela onde os pesquisadores podem observar os comportamentos, os modos de viver, os hábitos naturais de um ou mais sujeitos, dentro da organização e funcionamento do seu grupo no contexto das redes sociais. Ainda, de acordo Moscovici (2006) a netnografia considera os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais, faz-se pertinente ressaltar que se encontra em transformação constante, “apresentando-se em formas constantemente provisórias, além de representarem um fenômeno embrionário” (p. 78).

## 2.2 ABORDAGEM DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2012) que é embasada pela visão e entendimento de que essa proposta de pesquisa trabalhou com dados descritivos, que foram produzidos a partir da relação entre o pesquisador, o objeto de estudo, os professores participantes e a realidade investigada, focalizando mais o processo do que puramente o produto. Baseando-se na TRS (MOSCOVICI, 2012), possibilitou a apreensão das subjetividades contemporâneas produzidas a partir das representações corporais expostas principalmente através das imagens fotográficas.

Lüdke e André (2013, p. 11-12), apresentam algumas características básicas desse tipo de pesquisa:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o “significado” que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Dessa maneira, para Minayo, Deslandes e Gomes (2012, p. 34) a pesquisa qualitativa “se aplica ao estudo das relações, das representações, das crenças, da história, da memória, das percepções que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. Podendo se constituir a partir de métodos variados de investigação para estudar o objeto situado no espaço em que ocorrem na tentativa de procurar tanto o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a ele. Implicando na partilha constante com pessoas, locais e fatos que constituem o objeto da pesquisa, para, conforme Silva e Couto (2012) retirar dessa convivência os significados visíveis, ditos e não ditos.

A escolha por esta orientação se dá pela dinamicidade do objeto de pesquisa e singularidade dos participantes, visto que esses professores fazem parte de um movimento dinâmico de transformação constante, que imprime nesses sujeitos as várias possibilidades de visibilidade, constituindo-se fluidos e instáveis.

## 2.3 CENÁRIO DA PESQUISA

A relação do ser humano com as TIC na sociedade contemporânea está constantemente intensificada, principalmente no que diz respeito às tecnologias digitais móveis, e fazem surgir reflexões das mais diversas ordens na intenção de compreender como essas relações estão estruturando a interação social *on* e *off line*, ao mesmo tempo em que as pessoas vivem conectadas durante todo o tempo, constituindo parte da cultura.

O lugar da cultura de é transformado pela mediação da tecnologia da comunicação e deixa de se configurar como algo puramente instrumental para expressar-se de maneira estrutural. A cultura é deslocada. Essa tecnologia possibilita hoje outros modos de percepção, de produção de si mesmo, de linguagens e de subjetividades. Constrói-se uma relação diferente com os saberes e as categorias desse saber, gerando outro modo de trama comunicativa, a revolução tecnológica.

Dessa maneira, quando se introduz novas “máquinas” no conjunto social, entram também as novas formas de relação a partir dos processos simbólicos. Nessa direção, novos códigos e signos são exigidos tanto da cognição quanto das instituições e, torna-se elemento central para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural da chamada sociedade da informação. São novas simbioses.

Nesse cenário, o *locus* empírico para desenvolvimento dessa pesquisa foi à rede social *facebook*, um espaço essencial de enunciação, espetacularização, interação, diálogos, comunicação, colaboração, partilha de conhecimento (GOMES, 2008), dentre outros. Nesta nossa sociedade, as redes sociais assumem uma grande força como espaços para celebração dos corpos seja através de narrativas escritas, videográficas, audiográficas ou fotográficas. Santaella (2013, p. 35) argumenta que não se pode “minimizar o papel que as redes digitais hoje desempenham na vida psíquica, social, cultural, política e econômica” dos seres humanos.

Ao compreender que esta rede social possui uma Pedagogia, que nos ensina diferentes formas de ser e estar neste mundo, que participa desse processo de construção dos modos de existir específicos, se pode considerá-la como um currículo cultural. O currículo cultural, de acordo com Morgado, Santos e Paraíso (2013), demonstra uma hibridação entre as fronteiras das diferentes instituições

sociais como a Educação e a Mídia, por exemplo, e mostra-se envolvido com a produção de subjetividades corporais.

Essa escolha possibilitou a criação de laços sociais e interacionais com os professores universitários participantes, tendo em vista que “já fez da cultura um lugar de produção de conteúdo, de conexão livre entre pessoas e grupos e de reconfiguração da vida social, política e cultural” (LEMOS; LÉVY, 2014, p. 29). Essa interação na rede social, de acordo Ribeiro e Ayres (2014), proporciona a construção de sentido e distintas formas de apropriação desses espaços virtuais que são abertos e livres.

Nesse sentido, percebemos a ideia de que o ciberespaço se configura com liberdade ampliada de uso aos usuários, possibilitando a comunicação em escala mundial pelas “possibilidades de escrita coletiva, de aprendizagem e de colaboração na e em rede. Exemplos estão em expansão hoje, como comprovam a popularidade de redes sociais como o *facebook*” (LEMOS; LÉVY, 2014, p. 53).

Contextualizando historicamente, essa importante rede social foi criada em 2004 pelo Mark Zuckerberg que na época era estudante da Universidade de *Havard* (UH) e possuía como objetivo inicial ser uma plataforma *online* integradora dos estudantes universitários para postagem de imagem, textos e distintas experiências ocorridas estritamente no dia-a-dia do *campus*. Após um mês de seu lançamento oficial, já existiam alunos que não estudavam em *Havard* e sim em outras universidades norte-americanas, como a Yale, Columbia e Stanford. Logo em 2005, já contava com 800 redes universitárias, totalizando cinco milhões de usuários ativos (RIBEIRO; AYRES, 2014). De lá até os dias de hoje, houve um salto exponencial muito grande, pois se popularizou e hoje atualmente tem usuários de todos os continentes, consagrando-se como a rede social mais popular do mundo.

Confirmando esse sucesso e crescimento avançado, *no* último trimestre de 2015 foi realizada a pesquisa *Digital in 2016* da *We Are Social*, onde constatou-se que 45% da população está ativa em todos os tipos de redes sociais. No entanto, conquistou o topo como a rede social mais acessada e populosa do mundo por volta de 2008, destacando-se que o Brasil acompanhou este crescimento e é o terceiro país com maior número de perfis ativos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América e da Índia. Constatou-se que existem 103 milhões de usuários no Brasil, sendo que 54% correspondem às mulheres (RIBEIRO, 2016). O ciberespaço tem se tornado um lugar fantástico de concretização de muitas experiências que o mundo



*off-line* não poderia ser capaz de realizar, além dessa rede social em questão se alicerçar em princípios universalizados, tais como: fluxo livre de informações, liberdade de compartilhar e conectar, e igualdade e liberdade entre os usuários (FACEBOOK, 2016).

Compreendido dessa maneira, se configura como um importante território de produção de conhecimento na atualidade, que precisa cada vez mais ser experienciado, vivenciado e analisado cientificamente sob as mais diversas dimensões, perspectivas e olhares. É justamente por isso que existe um grande aumento também no número de pesquisadores que se debruçam sobre os reflexos do uso e das apropriações dessa rede e seus impactos na vida, na corporeidade e na produção das subjetividades contemporâneas.

## 2.4 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Para a construção dos dados foi utilizada a combinação de alguns instrumentos de coleta e produção de dados, entendendo que eles se completam e complementam, ajudando a alcançar os objetivos que foram propostos, a partir da triangulação metodológica. É uma forma de validar as representações sociais e corporais destes professores a partir de uma pesquisa com múltiplas estratégias metodológicas.

O primeiro instrumento utilizado foi à observação e análise das fotografias do álbum intitulado “fotos de perfil” do *facebook* dos participantes dessa pesquisa, tendo em vista que existe uma forte publicização de suas vidas e conseqüentemente uma demonstração de suas representações corporais e sociais.

De acordo Macedo (2004, p. 182),

A dificuldade de caracterização das fotografias aponta para a primeira e maior especificidade do texto não-verbal, porque, por assim dizer, nele não encontramos um signo, mas signos aglomerados sem convenções: traços, tamanhos, cor, contraste, textura, sons, palavras, ao mesmo tempo juntos e difusos. O texto não-verbal não substitui o verbal, é importante que se diga, mas convive com ele, ou seja, as palavras ou frases que nele podem aglomerar-se perdem sua hegemonia logocêntrica para apoiar-se ou compor-se com o visual, sonoro, numa nivelção e transformação de todos os códigos. Essas fotografias se apresentam à observação através de uma operação mental específica que é a leitura e se demonstra de maneira plurissígnica. O texto não-verbal é enfaticamente contextual, sofre o impacto de um ritmo que não se deixa fixar e deve ser ele próprio considerado linguagem.

Todas as fotografias possuem uma natureza representativa e as que foram analisadas nesta pesquisa, a partir da observação *in loco* no *facebook* das legendas, comentários e experiências dos professores participantes, foram discutidas individualmente e coletivamente a partir dos elementos que nos eram apresentados. Em caráter complementar e igualmente importante utilizamos dois outros instrumentos: diálogos entre o autor da tese e os professores pesquisados por meio do *Messenger*; e, o questionário semiestruturado (Apêndice A) com três categorias: 1) Caracterização do perfil sociodemográfico e profissional (questões subjetivas e questões objetivas – sexo, cor, tipo de universidade, regime de trabalho e faixa salarial); 2) Uso e influência do *facebook* na construção do Eu (questões subjetivas); 3) Representações corporais em rede (questões subjetivas).

Esse último instrumento foi encaminhado pelo *Messenger* dos professores e apenas uma professora participante solicitou o questionário via *e-mail* alegando um maior controle de suas tarefas, e assume nessa pesquisa uma característica que ultrapassa a simples função de fornecimento de dados numa visão positivista do termo. Os sentidos produzidos pelos professores assumem uma característica da própria realidade, só que do ponto de vista de quem a descreve.

Seguindo esta lógica, Moscovici (2012) argumenta que um participante que responde a um questionário aberto ou fechado escolhe uma categoria ou perspectiva de respostas para emitir uma mensagem particular para acarretar uma ordem pessoal ou intelectual. Dessa forma, determinar categorias faz parte deste processo representacional, pois ajuda o sujeito a compreender sobre determinada realidade na intenção de torná-la compreensiva e familiar. No entanto, essas categorias não podem ser tomadas como rígidas, ao levar em consideração suas características dinâmicas e solúveis.

## **2.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA**

A escolha dos participantes da pesquisa se deu a partir de alguns critérios que foram previamente estabelecidos: ser graduado em Educação Física, Ciências da Atividade Física, Ciências do Esporte ou em áreas afins; estar professor do Curso de graduação em Educação Física de alguma Universidade ou Instituição de ensino superior; e, por necessidade da pesquisa, estar “amigo” do autor da tese no

*facebook*, sendo que esse último critério se estabeleceu para termos acesso às informações postadas pelos mesmos.







Atualmente existem 58 professores universitários de cursos de Educação Física ligados ao *facebook* do autor, desse modo, a produção dos dados foi iniciada com esse número de usuários tendo consciência que poderia diminuir ou aumentar a qualquer momento do desenvolvimento da investigação. Vale ressaltar que destes participantes, 39 são homens e apenas 19 são mulheres. No entanto, após o contato inicial através do *Messenger* do *facebook* e encaminhamento de carta-convite (Apêndice B) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C) 6 professoras e 23 professores aceitaram a participar do estudo. Desses, apenas 12 devolveram o questionário preenchido e foram, portanto, os participantes da pesquisa.

É importante salientar que neste estudo, no contexto nacional, existem professores que vivem em cidades que estão espalhadas pelas cinco regiões brasileiras: Norte (UFAM - Universidade Federal do Amazonas), Nordeste (UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana; UNEB - Universidade do Estado da Bahia), Centro Oeste (UFMS- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Sudeste (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora; UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei; UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas) e Sul (UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Com essa configuração delineada e com essa realidade apresentada percebemos que os professores possuem formações distintas, caminhadas diversas, percursos esportivos e culturais diversificados em decorrência, inclusive, das especificidades locais e regionais de nossa extensa terra.

Soma-se a este conjunto de professores já com tamanha diversidade regional, cultural e nacional de saberes, um grupo de 4 participantes professores universitários da Espanha, demarcando espaço para além das fronteiras geográficas de nosso país e que agregam com suas pluralidades, experiências e subjetividades multirreferenciais, sendo os mesmos docentes da Universidade da Corunha (UDC), Universidade de Santiago de Compostela (USC), Universidade de Sevilla (US) e Universidade de Vigo (UVigo). No Quadro 1, apresentamos os docentes pela fotografia atual, nome e *link* de seus perfis no *facebook*. Todos os participantes são melhores apresentados no quarto capítulo que trata dos resultados e discussão dos

dados empíricos, especificamente a partir da seção 5.1 que define o perfil sociodemográfico e profissional destes professores.

**Quadro 1.** Apresentação inicial dos professores universitários participantes da pesquisa. Dez/2016.

Imagem atual do Perfil do Facebook	Participantes	Link do perfil do Facebook
	Jocimar Daolio	<a href="https://goo.gl/bFuS0R">https://goo.gl/bFuS0R</a>
	Osni Oliveira	<a href="https://goo.gl/LWq6rm">https://goo.gl/LWq6rm</a>
	Doiara Santos	<a href="https://goo.gl/OuPO16">https://goo.gl/OuPO16</a>
	José Luis Garcia Soidán	<a href="https://goo.gl/B3GMfV">https://goo.gl/B3GMfV</a>
	Mauricio Ramos	<a href="https://goo.gl/nlKh1e">https://goo.gl/nlKh1e</a>
	Nuria Castro-Lemus	<a href="https://goo.gl/9GSIDM">https://goo.gl/9GSIDM</a>



Renato Sampaio

<https://goo.gl/Bs5MKA>

Víctor Arufe Giráldez

<https://goo.gl/T8UYDf>

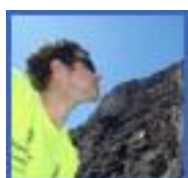
Silvana Goellner

<https://goo.gl/wxvRTy>

Dirceu Silva

<https://goo.gl/m9rheO>

Sueyla Santos

<https://goo.gl/UBMfQJ>

Kristyán Abelairas Gómez

<https://goo.gl/tLuYUi>

---

## 2.6 ANÁLISES DOS DADOS

Analisar uma imagem fotográfica não é tarefa simples e muito menos fácil, e é sempre mais do que perceber seus primeiros traços, é reconhecer a estética que se apresenta através da sua mensagem. Vale destacar o entendimento nesta tese que, antes de qualquer coisa, a fotografia em sua ontologia está carregada de intencionalidades.

Essa compreensão vem contribuir nesse sentido e essas fotografias devem ser percebidas dentro de nosso contexto sociohistórico, pois elas não documentam meramente pessoas ou objetos, mas são capazes de produzir sentidos, impressões, representações e também significações. Nos ajuda a compreender os multisignos das narrativas corporais que são determinadas culturalmente e requer códigos de leitura. Ainda, como são muitos os tipos de fotografias e imagens existe irremediavelmente vários tipos de interpretações.

Nenhum sentido ou mensagem produzida, seja ela qual for, pode atribuir-se como uma interpretação equivocada. Embora muitas vezes nós sejamos reféns de nosso próprio olhar, nosso referencial teórico, nossa experiência e nosso repertório cultural e isso se apresenta, por exemplo, ao criarmos um significado antes mesmo de interpretarmos as representações extraídas das imagens. Mas isso não significa dizer que ele se mantém imutável. É necessário se desvencilhar de alguns pressupostos de nossa trajetória (acadêmica) e olhar de/por fora, pois o reconhecimento destas representações corporais requer uma série de novos aprendizados e produção de sentidos. Essas análises dependem da produção de um sujeito.

Ler imagens na contemporaneidade não é tão natural o quanto parece ser. As categorias, os conceitos e as representações criadas, “determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das ideias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas” (MOSCOVICI, 2012, p. 51). Não obstante, é necessário reconhecer que a análise de uma imagem trás consigo uma Pedagogia, pois precisamos analisar imagens o tempo todo em muitos locais. O fato é que a imagem possui uma linguagem que está disponível para ser consumida.

Optamos por abordar a análise da imagem digital no plano do conteúdo (seu significado), no plano da representação (o que ela demonstra) e num plano do significante (referência feita à realidade exterior). Entendendo, também, de acordo Benjamim (1994) que o corpo compreendido como imagem é um corpo exposto como paisagem. Paisagem não no sentido primário de imagem da natureza, mas como espaço onde acontecem as coisas e neste contexto o corpo está inteiramente inserido sendo produzido e crescentemente publicizado, ao mesmo tempo em que é devorado e consumido.

Ainda, esses dados produzidos através das diversas linguagens e diferentes vozes (relatos docentes no *Messenger*, diálogos nas fotografias, referenciais teóricos, imagens do perfil e falas no questionário) foram tratados, organizados e analisados de acordo com a Técnica de Análise de Conteúdo (AC), segundo Bardin (2011), e obedecendo aos passos: 1ª FASE: pré-análise, 2ª FASE: exploração do material e 3ª FASE: tratamento dos dados, inferência e interpretação. Os resultados foram apresentados e discutidos tomando-se como princípio de análise a interpretação das unidades de análises que emergiram dos conteúdos dos professores pesquisados (BARDIN, 2011).

Os resultados dessa pesquisa que foram produzidos na prática (no sentido de ação) estão em constante reformulação e poderão ser apropriados pelos professores que constituem o campo subjetivo-objetivo sobre o qual formulamos estes resultados e por isso acreditamos que podem ser transformados nesse processo de apropriação. Tivemos a responsabilidade de descrever as observações e aparição dos corpos colaborativos, produtores e participantes. Ou seja, a forma como conduziremos a descrição dos fatos observados pode trazer julgamentos e avaliações dos próprios docentes, que compõem o grupo estudado, podendo se apropriar ao ler este estudo e seus resultados<sup>4</sup>. Tudo isso para que as nossas questões norteadoras encontrem rotas geradoras de mais questões, isto é, que ao analisarmos participando possamos adotar a ética e estética da interrogação, o que significa na compreensão de Mocovici (2011, p. 12) não cavar respostas agindo como investigadores meio-raposas<sup>5</sup>, mas compartilhar nossas dúvidas e inquietações com aqueles sujeitos que se inquietam diante dos problemas do mundo, aceitam e arriscam trabalhar por ideias dentro de um coletivo (de professores).

---

<sup>4</sup> Após a defesa, iremos entrar em contato novamente com os participantes da pesquisa mostrando os resultados e propondo a leitura da tese. Em caso de aceite dessa proposta, marcaremos uma data para um novo diálogo sobre as considerações, críticas, sugestões, discussões e ponderações sobre o estudo, pois os mesmos são protagonistas dessa produção colaborativa. Faremos o registro e apontamentos sobre o diálogo que será considerado junto às análises dos conteúdos produzidos por eles em um próximo manuscrito. Se tornando uma “paisagem” sempre em curso.

<sup>5</sup> Para Moscovici (2011), pesquisador “meio-raposa” é aquele que é um observador, explorador agressivo e manipulador dos métodos sem pudor.

## 2.7 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Muitos dilemas são gerados sobre o conceito e definição do que vem a ser de domínio privado e de domínio público nas redes sociais, questionando a possibilidade de manuseio dos dados dispostos na rede como sendo públicos.

Dessa maneira, as ideias, informações, perguntas, fotografias, vídeos, áudios e discursos disponibilizados nas páginas pessoais seriam informações públicas? Angela Garcia et al. (2009) sinalizam que a *internet* não é um “espaço” físico e que o fato do domínio está relacionado à acessibilidade a informação. Nessa perspectiva, se a informação está acessível ela seria pública. Por outro lado, solicitar o consentimento dos observados, seria também outra via ética e viável, no entanto delicada, pelo fato dos pesquisados não optarem por participar do estudo e conseqüentemente não autorizem o uso dos dados. Considerando essas duas possibilidades, optamos por informar aos professores convidados que a pesquisa não possui nenhum risco como aponta a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016) e enviamos via *Messenger* o TCLE aos mesmos.

Por meio desse itinerário metodológico analisamos as representações corporais produzidas pelos docentes, percebendo as subjetividades contemporâneas no *facebook*. Essa relação indica outros caminhos e possibilidades de construir uma educação estética a partir dos sentidos produzidos pelo corpo, experiência e memória. Passamos a descrever e analisar essas questões por meio da compreensão teórico-empírica (Figura 2) sobre nosso objeto de estudo entendendo esses eixos como elementos constitutivos, numa perspectiva sociohistórica e cultural, do problema de pesquisa apresentado.



**Figura 2.** Entrelaçamento entre os referenciais teórico-empíricos da pesquisa.



Fonte: Organização do autor.

### 3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE A CIBERCULTURA

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazer entender. Com simples sinais e sons, poderiam comunicar suas necessidades imediatas e idênticas. Hannah Arendt

Neste capítulo, desenvolvemos uma reflexão teórica que discute sobre a TRS, abordagem escolhida para realização desta pesquisa. Essa teoria constitui-se como uma ferramenta para compreender o mundo e como um referencial teórico que oferece possibilidades reais para analisarmos as representações sociais que estão relacionadas às representações corporais, modos de ser e subjetividades construídas em rede pelos professores participantes.

Dessa maneira, a importância de capturar e se adaptar a plasticidade e mobilidade típica da nossa sociedade tecnológica, movida pelos diversos meios de comunicação de massa, aponta a necessidade de aprofundar a discussão sobre esse tema. Moscovici (2012) argumenta que essa atitude soma para os processos de constituição de condutas e de orientação das comunicações sociais. Estudar as representações sociais aparentou ser uma trilha coerente que nos ajudou a alcançar os propósitos da pesquisa na medida em que se investigou as narrativas corporais produzidas no *facebook* por um grupo de professores universitários de cursos de Educação Física, entendendo nesse movimento justamente como se constituiu e como se operam os sistemas de referência que utilizamos para qualificar grupos e pessoas e para compreender e interpretar os acontecimentos do dia-a-dia. Por suas relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social e, principalmente, por seu papel na orientação de condutas, das subjetividades e das práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia dos processos educativos.

Para refletir sobre a TRS é necessário, primeiramente, entender sua base embrionária, compreendendo suas origens, finalidades e consequente evolução. Nesse contexto, o conceito inicial sobre representações coletivas surge a partir dos

estudos desenvolvidos por Émile Durkheim, que possuía um entendimento sobre representação coletiva (ALVES-MAZZOTTI, 2008), sob desígnio da Sociologia, indicando que qualquer crença, ideias, mitos, sentimentos, religião, dentre outras, estariam contidas nas representações sociais (MOSCOVICI, 2012).

Em nossa sociedade, estamos sendo confrontados diariamente com uma quantidade em massa de informações. Os eventos e as novas questões que nascem na malha do horizonte social exigem frequentemente, por nos atingirem de alguma forma, que procuremos compreendê-los, aproximando-os daquilo que já é conhecido, utilizando termos e palavras que compõem o nosso repertório. Nas conversas diárias, nos diversos espaços que ocupamos como o trabalho, o ciberespaço, em casa, no clube, com os amigos, somos instigados a nos manifestar sobre nós e sobre eles exercendo julgamentos, buscando explicações e tomando posições.

Essas relações sociais vão constituindo universos consensuais na esfera das quais as novas representações vão sendo construídas, comunicadas e produzidas (MOSCOVICI, 2006), passando a fazer parte desse mundo não mais como meras opiniões, mas como teorias verdadeiras do senso comum, gerando as produções esquemáticas que objetivam aumentar a complexidade do objeto, facilitando a comunicação e orientando as condutas. Essas representações teóricas auxiliam na construção da identidade de um grupo, fortalecendo a sensação de pertencimento do sujeito ao grupo social de pertença.

A TRS surgiu no início da década de 60, na Europa, especificamente no ano de 1961, tendo sido criada por Serge Moscovici a partir do conceito de representações coletivas estabelecido por Durkheim, no contexto da Psicologia Social, posteriormente, sendo difundida por todo o mundo, mesmo tendo sido negada por muito tempo pela comunidade acadêmica e científica (MOSCOVICI, 2012). Destarte, a concepção sobre representações sociais que é elaborada por Moscovici busca uma singularidade, a partir da construção de uma cognição verdadeiramente psicossocial, ao tempo em que procura problematizar os nexos entre os sujeitos, as redes, a memória (MOSCOVICI, 2006) e a sociedade, distanciando-se da visão sociológica de Durkheim e da perspectiva da Psicologia Social que era evidente na época (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Apesar da visão diferente diante dos fatos, Durkheim definiu passos importantes para a construção do conhecimento científico à medida em que

delimitou a percepção do coletivo como princípio de nossa vida e nossa história, a partir das produções mentais e sociais, caracterizando-se como representações coletivas e sociais (MOSCOVICI, 2012). Porém, observamos que as percepções, atitudes, opiniões e imagens não dão conta de ressaltar o papel das ligações, interações e relações entre os seres humanos, e nem consideram os contextos, intenções, propensões e critérios utilizados pelos atores sociais. As representações sociais são percebidas por Moscovici como decorrência da relação entre os sujeitos com o meio social, que se encontra inacabada e em movimento. Podemos afirmar, em síntese, que se trata de representações presentes no interior dos indivíduos, mas com características sociais, que fazem parte do senso comum.

A partir desses pressupostos, a TRS foi selecionada para dar suporte e embasamento teórico a esta pesquisa, vez que se contribuiu para o entendimento e compreensão dos desafios, atos e situações que envolveram o objeto social dessa pesquisa, possibilitando, lidar com os fenômenos observáveis a partir de diversas óticas, partindo de aspectos psicossociais, tais como: valores, cibercultura, formação acadêmica, crenças religiosas, história de vida, trabalho, informativos, ideologias, sistema político, atitudes, opiniões, vínculos, dentre outros.

As representações sociais são entendidas por Moscovici (2012) como entes quase tangíveis, que se cristalizam incessantemente através das falas, dos encontros, dos gestos, isto é, facilmente podemos conceituá-las e tipificá-las. Portanto, a TRS tem como objetivo maior compreender a variedade dos saberes do senso comum em sua interface com a comunicação, pensamento e gênese dessa percepção.

Sobretudo, é a partir dos anos 80 que pesquisas científicas envolvendo a TRS ganham evidência e notoriedade, atingindo um patamar de destaque, a partir de um intenso crescimento no volume de estudos na língua inglesa, expandindo esse saber para além da demarcação geográfica da Europa, adquirindo e despertando o olhar dos pesquisadores e das revistas científicas (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Diversas pesquisas na área das ciências sociais e da educação estão sendo desenvolvidas no cenário brasileiro, com estruturação, fundamentação epistemológica e teórico-metodológica baseada na TRS. No entanto, estudos que envolvam a relação entre representações sociais, corpo e produção de subjetividades de professores são escassos e é um campo praticamente inexplorado (ALVES-MAZZOTTI, 2015; GONÇALVES; SOUSA 2015) e quando o contexto é o

ciberespaço se torna ainda mais significativa estudar e desenvolver pesquisas nesses moldes pela ausência de investigações com este cunho e aporte teórico.

A TRS é esquematizada e estruturada enquanto teoria social, conceitual e descritiva, sendo focada nessa pesquisa como sobrevivida de intentos psicossociais, abarcando duas dimensões, a do objeto do estudo e a compreensão das representações sociais dos professores sobre as representações corporais digitais. O item em comum nessas dimensões concerne ao conhecimento desse grupo de pertença, que é construído socialmente e compartilhado coletivamente, em determinada sociedade, cultura ou comunidade.

Nesse decurso, a representação não pode ser entendida a partir da individualidade, pois, é a partir da visão da coletividade que a representação social é entendida, levando-se em consideração o processo de laboração, concepção, disseminação e transformação do conhecimento compartilhado em comum, no discurso trivial dos grupos sociais, onde para Moscovici (2012) a definição para representação social perpassa pela construção de um objeto social elaborado pela comunidade, servindo como bússola para a ação, orientando as relações sociais e as ações docentes no *facebook*.

Ao perceber que muitas das pesquisas encontradas não expressam claramente sobre a variação existente entre o fenômeno das representações sociais e a TRS, buscamos esclarecer, a partir do estudo de Jodelet (2001) onde a diferença consiste no seguinte sentido: no que diz respeito ao fenômeno, trata-se das informações advindas do senso comum, que são usadas para estabelecer as práticas sociais diárias, além da apreensão que as pessoas leigas ou não possuem do contexto social que fazem parte. Em outro sentido, a TRS são as proposições sobre este fenômeno, baseando-se no conhecimento científico, ou seja, a TRS condiz com as significações e suposições para desenvolvimento de pesquisa científica das teorias conhecidas legais.

Observamos que a TRS tem sido apresentada nos estudos como teoria, ora encarada como método ou ainda confundida como fenômeno. Nesse panorama, a representação social trata de uma forma sistematizada de interpretar a realidade e de possibilitar ao sujeito social, análise e compreensão desses fenômenos. Essa leitura é interiorizada e processada, reproduzindo comportamentos e atitudes entre as pessoas, sendo essas representações disseminadas, tornando-se representações sociais que dão sustentação ao saber comum do dia-a-dia

(MOSCOVICI, 2012). Encontramos na literatura, diversas definições e concepções acerca desse campo de estudo, sendo uma aceção que tem sido aceita por grande parte dos pesquisadores, o sentido proposto por Jodelet (2001), demarcando as representações sociais como uma maneira de apreender o conhecimento socialmente elaborado e partilhado, sob o olhar prático, voltado para a construção de uma realidade em comum a determinado conjunto social.

É salutar ponderar, sob a ótica essencial das representações sociais, que elas são compostas por dois processos fundamentais que são interligados e denominados de objetivação e ancoragem (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008; MOSCOVICI, 2012). A objetivação possui intrínseca relação entre o objeto representado e o sujeito, consistindo do ponto de vista constitucional, na materialização icônica da ideia no campo das abstrações, incorporando os pensamentos e modificando o que é representado em objeto, estando à objetivação relacionada à coordenação dos elementos da representação e o trajeto que este sofre até corporalizar-se, configurando-se em demonstração de uma realidade natural (JODELET, 2001). A objetivação é, em síntese, um processo responsável pela modificação de um esquema conceitual em real, o que antes era símbolo passa a ser algo concreto.

Não obstante, o segundo processo fundamental nas representações sociais, refere-se à ancoragem, que é interligada dialeticamente com a objetivação, consistindo na relação e integração entre um sistema pré-existente e a cognição do objeto representado, implicando em transformações (JODELET, 2001). Nesse sentido, refere-se ao fato da aproximação do que é estranho, do que já existe e não é comunicado, isto quer dizer que, podemos compreender como o momento de transformação do que não é familiar, em conhecido e familiar (VALA; MONTENEGRO, 2013).

A atividade representativa constitui, portanto, um processo psíquico que nos permite tornar familiar e presente em nosso universo interior um objeto que está distante e, de certo modo, ausente. Nesse processo, o objeto entra em uma série de relacionamentos e de articulações com outros objetos que já se encontram nesse universo dos quais toma propriedades, ao mesmo tempo em que lhes acrescenta as suas (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 24).

Logo, a ancoragem é capaz de promover inserção no que é exterior, desconhecido, a partir da integração cognitiva, resultando em mudanças nos atores

sociais da vida, classificando, constituindo pensamentos, acomodações e assimilações das informações (JODELET, 2001). Ainda, essa mesma autora, chama a atenção quanto à utilidade que deve ser atribuída à ancoragem, argumentando que os elementos contidos na representação não apenas denotam as relações sociais, mas também, contribuem para constituição das mesmas.

De forma elucidativa e tomando como base as ideias de Moscovici a ancoragem é a aproximação de ideias estranhas, categorizá-las colocando na perspectiva familiar, de modo que ancorar é também classificar e nomear as coisas. “Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2012, p. 61).

Jodelet (2001) endossa com o argumento de que as representações sociais e seus processos de ancoragem e objetivação preenchem certas funções na manutenção da identidade social e do equilíbrio sociocognitivo a ela ligados sofrendo influência do meio ao qual ela é elaborada. “As instâncias ou substitutivos institucionais e as redes de comunicação informais ou da mídia intervêm em sua elaboração, abrindo caminho a processos de influência e até mesmo de manipulação social” – constataremos que se trata de fatores determinantes na construção representativa (JODELET, 2001, p. 21).

A análise desses processos se revela como a colaboração mais original e mais significativa da produção Moscoviciana, tendo em vista que possibilita entender como o funcionamento e a organização do sistema cognitivo intervêm no social e como o social interfere na construção cognitiva. A partir desses conhecimentos o pesquisador pode exteriorizar suas teorias e concepções sobre os sujeitos, sobre o mundo e sobre a sociedade em que vive, relacionando-os com o objeto social que está em processo de análise, construção e reconstrução, dentro da perspectiva da cibercultura como aponta Alves-Mazzotti e Campos (2011).

Dessa forma, coletar e captar representações em determinado período histórico não significa dizer que elas são imutáveis, porque elas vão variando de acordo com os contextos, paradigmas, o gênero, a idade, a profissão, etc. Cada período em que elas são produzidas e analisadas têm um valor específico na medida em que auxilia no processo de compreensão da realidade que está posta diante de nós. Por isso, como explicamos na metodologia, daremos retorno aos professores participantes para que novos conhecimentos, discursos e representações possam ser produzidos a partir da apropriação deste estudo.

Logo, pela TRS tratar-se de uma grande teoria que advém da ciência coletiva, sendo inclinada para interpretação da realidade, é válido ressaltar que percebemos as representações sociais fundamentando muitas pesquisas. Com esse desenvolvimento e crescimento constante, foi distendida em três correntes teóricas complementares, sendo a primeira, a mais semelhante à teoria matriz, que é a de Denise Jodelet, denominada abordagem dimensional e organiza-se observando as reações, avaliações ou proposições dos sujeitos, a partir de três dimensões, que correspondem à informação, ao campo de representação e a atitude (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 2012).

A segunda corrente teórica é concebida numa abordagem sociológica articulada à teoria original do pensamento Moscoviciano, sob o ponto de vista da Sociologia. Foi desenvolvida por Willen Doise, nas escolas de pesquisa em Genebra, sendo definida como abordagem relacional ou societal, vez que essa teoria dá ênfase ao processo de inserção social dos sujeitos como a nascente das variações das representações (DOISE, 1989).

A terceira e última teoria complementar, que baseia sua dimensão na abordagem cognitivo-estrutural das representações, foi apresentada por Jean-Claude Abric e é desenvolvida por outros autores, como por exemplo, Claude Flament tornando-se uma das mais importantes contribuições no que concerne ao refinamento da teoria, dos conceitos e das metodologias propostas pela TRS, nessa abordagem estrutural, denominada Teoria do Núcleo Central - TNC (ABRIC, 2000; MOSCOVICI, 2012).

Sendo assim, a TRS e a abordagem dimensional contribuíram sobremaneira no norteamento dessa pesquisa em sua totalidade, favorecendo a análise dos significados construídos e elaborados socialmente pelo grupo de pertença em questão. As reflexões e as perspectivas aqui apresentadas sobre o universo da TRS nos fazem refletir que cada segmento social possui suas representações sobre os diferentes objetos e também sobre os vários aspectos de suas vidas, os quais nós, enquanto professores e pesquisadores universitários insistimos em não ouvir. Enquanto grupo socioprofissional-cultural, elaboramos as nossas representações sociais e, a partir delas, baseamos a nossa práxis pedagógica muitas das vezes impondo aos discentes o que deve ser realizado na sala de aula, na suposição e no entendimento de que conhecemos o que é melhor para eles. Se a compreensão das



representações sociais puder nos auxiliar a descentrar as demandas problemáticas do contexto educacional brasileiro já terá apresentado a sua utilidade.

No próximo capítulo seguem discussões sobre o corpo numa perspectiva problematizadora contemplando as questões culturais e modos de lidar com os corpos em diferentes períodos históricos da nossa sociedade até chegar à reflexão sobre as atitudes e construções corporais contemporâneas nas redes sociais, com foco sempre no *facebook*.

#### 4 AO LONGO DO TEMPO SE CONSTROEM CORPUS NA E PELA CULTURA

[...] as palavras resistem, elas têm uma espessura, sua existência densa exige, para que elas sejam compreendidas, uma intervenção corporal, sob a forma de uma operação vocal: seja aquela da voz percebida, pronunciada e ouvida ou de uma voz inaudível, de uma articulação interiorizada. [...] É nesse sentido que se diz, de maneira paradoxal, que se pensa sempre com o corpo: o discurso que alguém me faz sobre o mundo (qualquer que seja o aspecto do mundo de que ele me fala) constitui para mim um corpo-a-corpo com o mundo. Paul Zumthor.

O corpo, ao longo do tempo, passou e passa por diversas tentativas de descrição e compreensão. Nas últimas décadas os debates e as discussões sobre a relação entre corpo e a sociedade se tornaram primordiais e essenciais àquelas pessoas que, de algum modo, trabalham com o corpo em diversos espaços sociais, dentre os quais a escola e a Universidade. Nesse sentido, o corpo é considerado por Le Breton (2010) como um fenômeno social, biológico, cultural, fundamento da existência individual, elo do homem com o mundo que o cerca, sendo constituído nos dias hodiernos, como um objeto ambíguo, obscuro e confuso, em decorrência do discurso da pós-modernidade.

A discussão a respeito da relação entre corpo/cultura compõe o histórico de conceituação deste e resume-se na possível separação do que seria puramente biológico e do que seria sociocultural. Para Daolio (2011, p. 33),

é possível questionar a noção de que existe uma dimensão puramente biológica na natureza do homem. Se houve um desenvolvimento interativo entre os componentes biológicos e socioculturais, um afetando o outro igualmente, não é possível separar esses dois aspectos. O cérebro humano é também cultural já que é desenvolvido, em grande parte, após o início da cultura e influenciado e estimulado por atitudes culturais.

Ainda, Daolio (2011, p. 42) aponta que, ao desconsiderar a influência cultural, os corpos humanos "seriam monstruosidades incontroláveis, com muito poucos instintos úteis, menos sentimentos reconhecíveis e nenhum intelecto". Por isso se considera a cultura e este corpo navega por mares intermináveis na *internet* e nos *sites* de redes sociais, para além de seus limites físicos. A partir dessas premissas, o corpo enquanto objeto de estudo nesta pesquisa e em oposição à visão simplista e unicamente biológica deste, está sendo considerado sob dois prismas convergentes: o primeiro, configurado como uma rede de signos sociais, pois sua discussão

permeia uma constituição cultural onde cada tipo de sociedade se manifesta de maneira diferente por meio de corpos diferentes (DAOLIO, 2011) em uma cultura percebida como códigos organizados de símbolos que acabam influenciando na expressão e no comportamento humano. Nessa mesma direção, o segundo prisma, é apresentado por Santaella (2008a), quando a mesma compreende o corpo como sintoma de cultura, sendo possuidor de uma comunicação e de uma apresentação de acordo com o ambiente em que este corpo esteja inserido.

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura se torna, simultaneamente, uma necessidade e um desafio compreender essa simbiose. Desafio porque rompe de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. E, torna-se necessidade, na medida em que desnaturalizar o corpo revela, sobretudo, que o corpo é histórico (GOELLNER, 2013; VILLAÇA; GÓES; KOSOSVSKI, 2014). Pensamos assim, o quão importante é a cultura e sua relação com os corpos. Podemos conceber que “a natureza do homem é ser um ser cultural, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura” (DAOLIO, 2011, p. 45).

O corpo passou por diversas interpretações segundo a forma de pensar e de se comportar dos diferentes povos e em diferentes momentos. A cultura sempre exerceu forte influência na concepção do que seria esse corpo e da sua importância como signo social. Para falar dessa concepção através das mais diversas civilizações, se devem considerar as alterações significativas durante os séculos, de acordo com as ideologias e características que compunham cada sociedade.

Partindo deste pressuposto, Daolio (2011, p. 52) argumenta que “existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas”. As inúmeras tentativas de controle, bem como a forma de organização social no que diz respeito a regras, valores, hábitos e costumes, determinavam a maneira de lidar e de se pensar o corpo. O objetivo era, segundo Sant'anna (2011, p. 3), “governá-lo e organizá-lo de acordo com interesses pessoais ou coletivos”. Os vários tipos de conhecimento, presentes nas civilizações, foram utilizados na busca contínua de compreensão e análise do corpo na sociedade. De acordo Sant'anna (2011, p. 4):

São antigas as tentativas de minimizar os efeitos do que é

desconhecido nos corpos. Da religião à ciência, passando por diferentes disciplinas e pedagogias, a vontade de manter o próprio corpo sob controle, se possível desvendando-o exaustivamente, caracteriza a história de numerosas culturas.

Essa impressão de características particulares a cada sociedade nos corpos que a compõem, refletindo assim seus interesses e organização, pode ser explicada por Daolio (2011) ao descrever que no corpo estão inscritas todas as regras sociais, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato do indivíduo com o ambiente que o cerca. Entendemos, portanto, que o corpo esteve presente em todo o processo civilizatório das sociedades, e em suas concepções estão presentes as influências do modo de pensar e agir de cada povo.

Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 73) consideram que,

A história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, constrói as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, cria os seus próprios padrões. Surgem, então, os padrões de beleza, de sensualidade, de saúde, de postura, que dão referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres.

Por que discutir corpo ao longo da História? Não se pretende aqui tratá-lo de forma isolada ou linear, assim como é imprescindível fazer um apanhado histórico sobre todas as visões em torno de seu conceito, influenciadas pela cultura de cada sociedade. Mas é necessário entender essa trajetória histórica para compreendermos as atuais concepções e representações corporais que são construídas a partir das subjetividades expostas e produzidas nas redes sociais. O fato é que o corpo passou por mudanças desde quando o ser humano decidiu olhar para si e tornar-se objeto de estudo próprio, utilizando “o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” (DAOLIO, 2011, p. 83) para exprimir interesses sociais particulares a cada povo. Cassimiro (2012, p. 38) contribui relatando que

Percebe-se, que o processo de transformação do corpo, da Grécia Antiga até os dias atuais, sempre ocorreu por motivações políticas, econômicas e religiosas das classes que detinham o poder em cada período. Assim, o corpo exerceu papéis diferentes em cada sociedade. E esse fato, então, motivou compreender o papel do corpo em cada uma dessas sociedades.

Analisar essas concepções de corpo conduziu o pesquisador a caminhos

divergentes e outros convergentes. Estudar aspectos em torno das representações corporais, construção dos corpos em sua relação com a educação no contexto digital, e assim, criar uma linha de pensamento e discussão sobre esse objeto de estudo trata-se de um trabalho complexo e demasiado instigante.

#### 4.1 TRAJETÓRIAS SOCIOCULTURAIS SOBRE OS CORPOS: REPRESENTAÇÕES, SIGNOS E OLHARES

Me vejo no que vejo  
 Como entrar por meus olhos  
 Em um olho mais límpido  
 Me olha o que eu olho  
 É minha criação  
 Isto que vejo Perceber é conceber  
 Águas de pensamento  
 Sou a criatura  
 Do que vejo.  
 Octavio Paz,  
 Versão de Haroldo Campos

A concepção naturalista dominou o entendimento que existia sobre corpo em dado momento histórico. Sant'anna (2011) descreve essa visão minimizadora, sendo o corpo interpretado apenas como um microcosmo no seio de um macrocosmo, associando, na época, respectivamente corpo e natureza. Silva (2011) cita que o termo *physis* foi utilizado em determinado momento referindo-se à natureza, que seria a essência dos seres.

Este modo de enxergar o corpo coloca como todos os seres em unicidade (como se fossem um só), todos como reféns das determinações de fenômenos naturais. Sob essa perspectiva, Silva (2011 p. 21) afirma:

Para os antigos gregos contemporâneos de Heráclito, e até alguns séculos depois, em tudo que existe, em cada ser, há uma natureza, uma *physis*, uma essência que se mantém e que, ao mesmo tempo, produz uma identidade, uma irmandade entre todos os seres.

Ainda segundo a autora, *physis*, palavra grega que indica físico, seria um conceito utilizado para se referir também à natureza, neste momento em questão, já que está ligada ao que compunha o corpo. Gonçalves (2006, p. 29) contribui afirmando que, “na Antiguidade Grega, o homem ainda era visto como pertencente ao universo físico, dentro da imanência do mundo terrestre”.

A medicina hipocrática é um exemplo forte de influência da ecologia sobre a corporeidade. A relação entre o meio e seu componente, como era definido, deveria

ser harmoniosa para garantir a manutenção da saúde humana. O corpo mostra-se dependente da natureza, visto que, nesta concepção, sua sobrevivência e o bom funcionamento de seus sistemas dependem dessa ligação com o meio ambiente. Sant'anna (2011) esclarece que ele não era definido como uma entidade autônoma diante das leis da natureza e, em inúmeros casos, pensava-se que sua constituição era feita de água, fogo, terra e ar, os mesmos elementos formadores do mundo natural. A influência naturalista vai perdurar sobre as visões de corpo da Antiguidade, quadro que só passa a ser modificado com a influência da religião.

Sobre a influência de alguns filósofos como Platão e Aristóteles o corpo passa a ser concebido com certa autonomia. O que eles fazem é dar voz ao corpo através da alma, como uma espécie de concessão de poder. Após seus incrementos ideológicos na concepção de corpo existente este passou a ser visto de maneira mais independente com relação à natureza.

O corpo e suas práticas na sociedade grega passaram a compor a tradição do povo de forma geral, visando contemplá-lo em todos seus aspectos. Silva (2011) contribuindo com este ponto de vista, indica que é com tal perspectiva que é necessário perceber o incentivo à ginástica, pois a prática corporal nunca é realizada apenas com a finalidade de fortalecer o corpo e não aparece em separado da música, assim como da filosofia e da política. Ainda segundo esta autora, o corpo constituiu-se como parte integrante da educação de cada sujeito, visando desenvolver o homem completo.

A educação grega é descrita por Cassimiro (2012, p. 33) como Paidéia, mencionando o interesse sobre a visão global de desenvolvimento dos cidadãos. A autora diz que “a Paidéia estava relacionada a um tipo de educação empregada na Grécia Antiga, tinha como objetivo desenvolver todas as potencialidades do indivíduo, dando-lhe possibilidades de intervir na vida política da sociedade”.

O corpo, agora civilizado, estava envolvido em práticas que o expunha de forma a engrandecê-lo. A nudez do corpo, referência da civilização grega, observada nas esculturas de atletas/heróis, pinturas e outras manifestações artísticas, era símbolo da manutenção da relação corpo/natureza de forma ressignificada. Nos ginásios esportivos eles deveriam estar livres. Silva (2011, p. 31) contribui afirmando que

A sensibilidade helênica pressupunha o corpo nu durante a

exercitação pela íntima proximidade com a natureza e a manifestação da *physis*, o que não deveria ser obscurecido pela mediação de artefatos, produtos humanos, não presentes na génesis. O corpo nu era, também, uma forma de distanciar-se dos bárbaros com seus objetos e roupas considerados estranhos e escandalosos, distante da concepção de simplicidade que pressupõe a unidade.

A sociedade grega passou a interessar-se pelo hedonismo que se refere ao modo de vida de determinados grupos de pessoas, cujo único interesse é a satisfação dos desejos do corpo (COSTA, 2011). A partir de então as atividades cotidianas da população tornam-se cada vez mais corporais refletindo na maneira destes estruturarem-se, reforçando o papel do corpo na organização social, como figura representativa no ideal almejado com o processo de formação. Dessa maneira, Costa (2011, p. 251) relata que

Em Esparta, o perfil de homem predominante na educação dos jovens era o da virilidade, força e coragem, atributos essenciais aos soldados destinados às guerras. Em Atenas o perfil se definia pela formação do jovem, hábil nos jogos individuais e coletivos, versado nas artes, na literatura, na oratória e na filosofia, atributos do homem culto. Ambas as cidades cultuaram a beleza do corpo forte ou suave, os contornos e definições do corpo, feminino e masculino, deveriam levá-lo mais próximo possível da perfeição.

Barbosa, Matos e Costa (2011) contemplam a importância dada ao corpo na Grécia antiga ao perceber que a imagem representada corresponderia ao conceito de cidadão, que deveria tentar realizá-la, modelando e produzindo o seu corpo a partir de exercícios e meditações, pois o corpo era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado. Neste contexto, a Grécia se tornou admiradora da beleza do que seria físico e a estética faz, portanto, parte do modo de vida daquela população. As práticas corporais ganham espaço como meio para se alcançar estes corpos.

Fontes (2011) faz um breve apanhado sobre as diversas interpretações do vocábulo “corpo”. O autor relata que a história da palavra vem assim colocar em evidência o semantismo de “matéria” que a impregna em suas mais remotas origens: um corpo pertence ao mundo sensível, ocupa uma extensão no espaço, tem um peso e seria passivo e inerte sem o sopro espiritual da alma. Contemplando a ideia de ligação à matéria pela qual passa o corpo, Fontes (2011) ainda argumenta que foi sem dúvida a dicotomia entre ‘animado’ e ‘inanimado’ que permitiu a palavra *corpus* passar a indicar os objetos materiais - isto é, visíveis -, em

oposição àquilo que os sentidos do homem não podem captar.

É interessante ressaltar, a partir desse estudo sociohistórico do corpo, como este é interpretado de formas específicas em cada civilização. As mais distintas interpretações sobre o corpo estiveram relacionadas com ideologias emergentes em cada momento histórico. A filosofia, a religião, a política e outras áreas de conhecimento, assim como as representações sociais elaboradas no/pelo senso comum, exerceram influência na conceituação do corpo.

Fontes (2011, prefácio) partindo da perspectiva da concepção de corpo construída no Ocidente, afirma que

O corpo surge, pois, para o Ocidente cristão e herdeiro do pensamento grego, num jogo semântico com sua sombra — *alma, consciência, espírito* — instaurando uma obstinada dicotomia que continua a investir nosso saber mais espontâneo sobre o mundo, a ponto de qualquer enfoque histórico dessa questão provocar em nós, como que naturalmente, a lembrança de dualismos arquetípicos dos órficos aos medievais e desses a Descartes.

Em um momento, já descrito neste estudo, em que o corpo é encarado como parte da natureza, sem autonomia, o mesmo era visto como uma unidade, subordinada a uma unidade maior. Com a necessidade de rompimento desta concepção, ainda na Grécia Antiga, surgem às visões sobre a existência de uma parte imaterial que constituía o corpo, apresenta-se assim a defesa de que o corpo era composto por mais de uma estrutura, a alma.

O conflito entre corpo e alma constituiu a criação de concepções diversas, quase sempre, no sentido da supremacia de um sobre o outro. Os gregos em sua relação com o corpo construíram teorias e deram a ele um leque de significações. Podemos afirmar que acabavam por levar à associação entre o que seria concreto e abstrato. Gonçalves (2006, p. 41) contribui afirmando que "dentro da visão transcendente, que envolveu o pensamento metafísico ao longo de sua evolução, a problemática da corporeidade reduziu-se essencialmente à união entre o corpo e a alma e à relação entre o sensível e o inteligível".

Durante muito tempo esta crença de uma dualidade psicofísica que segregou o corpo em material e imaterial (corpo/espírito, corpo/alma) prevaleceu colocando o corpo numa situação inferior ao que seria imaterial que, por sua vez seria sagrado, negligenciando, assim, o que seria "carne e osso". Costa (2011, p. 246) cita duas possíveis definições de corpo a partir desta dualidade, a vertente que o sacraliza por



sua condição de “casa da alma e do espírito, ambos imortais, enquanto de outro lado, a vertente que o negligencia por sua condição material e mortal, o corpo concebido em sua vulnerabilidade e inevitável perecibilidade”.

Na Idade média a dupla visão de corpo ganha força, naquele período a maior parte das ideologias estavam associadas a Deus. Nesta direção, a religião também exerceu forte influência na construção da visão de corpo presente nesta fase da história. O cristianismo enfatizava a separação do corpo e da alma, afirmando ser este o meio de alcance à vida eterna.

Para os pensadores da Idade Média, entretanto, a verdadeira essência do homem é a sua alma. O homem deveria desligar-se de tudo que o prendesse a sua existência terrestre, elevar-se acima das necessidades mundanas e das inclinações do corpo e aspirar à realização de sua verdadeira essência espiritual e ultraterrena (GONÇALVES, 2006, p. 38).

Com a Idade Média parece não existir um momento em que o corpo deixe de ser considerado de forma simplista e minimizadora perante a alma. Entretanto, São Tomás de Aquino, já inicia uma discussão contrária a esta forma de conceber o corpo. Gonçalves (2006, p. 47) cita a maneira como este filósofo contribui com a visão unitária de corpo, contradizendo a crença de um período milenar “o homem, para São Tomás, é uma unidade substancial de alma e corpo. É o homem que, como unidade, possui dois princípios: o corpo e a alma”.

No Renascimento, a visão sobre a corporeidade acontece a partir de outra perspectiva. Segundo Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 27), “o corpo, agora sob um olhar “científico”, serviu de objecto de estudos e experiências. Passa-se do teocentrismo ao antropocentrismo”. Assim, o corpo liberta-se da religião. Entretanto a dicotomia ainda se mantém. As autoras contribuem com essa perspectiva afirmando que

na realidade, o filósofo Descartes parece ter instalado definitivamente a divisão corpo-mente; o homem era constituído por duas substâncias: uma pensante, a alma, a razão e outra material, o corpo, como algo completamente distinto da alma (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28).

As ideias iluministas também contribuíram para a manutenção do olhar de negação e subordinação sobre o corpo. É interessante analisar que, mesmo uma época de revolução científica, de explosão no campo da produção de conhecimento

como foi o Renascimento, período de transição de um momento histórico fechado a descobertas para outro rico, produtor e inovador, ainda é perceptível resquícios de uma visão arcaica de corpo que o minimiza. Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 27) acrescentam que

[...] de facto, no século XVIII, também os ideais iluministas acabaram por acentuar a depreciação do corpo, dissociando-o da alma, retomando a dicotomia corpo-alma, arquitectada na antiguidade clássica. O pensamento iluminista negou a vivência sensorial e corporal, atribuindo ao corpo um plano inferior.

Esta visão de corpo desconsidera a relação cultural deste com a sociedade, como também o fato dele possuir marcas de vivências expressas não somente no que se considera “material”, mas no campo do abstrato. Costa (2011, p. 246) afirmou, que “a vertente fisiológica contribui com a investigação psicológica do corpo, porque traz subjacente a influência da convivência em sociedade, com cultura e história, o que maximamente se aproxima de uma interpretação mais holística de corpo”.

Costa (2011, p. 255) afirma que “seria inútil, apenas, supor que a alma possa desgarrar-se desta individualização, separando do corpo pela morte ou pelo pensamento puro, pois a alma é o corpo, na medida em que para si é a sua própria individualização”. Esta concepção de ambiguidade sobre o corpo ainda é concebida e apresenta uma influência negativa no trato com a Cultura Corporal, inclusive no meio educacional escolar.

Algumas mudanças na forma de pensar e agir do ser humano apresentam contribuições para a concepção de corpo que são construídas. A partir do Renascimento, “favorecido pelo tipo de racionalidade que tomou por paradigma o universo matemático e mecânico, o homem descobre o poder da razão para transformar o mundo e produzi-lo conforme sua necessidade” (GONÇALVES, 2006, p. 16). Neste novo momento, a concepção de corpo deixa de minimizá-lo e apresenta uma espécie de liberdade conquistada, afastando-se da ideologia cristã que o vê como pecaminoso.

Cassimiro (2012) faz referência a sociedade renascentista e suas características revolucionárias, principalmente no que se refere à quebra com as configurações da sociedade medieval, em se tratando de um momento histórico influenciado pela ideologia antropocêntrica

O homem passou a cultuar a si próprio. As leis sobre o funcionamento da sociedade agora eram ditadas pela razão, e questões como os sentimentos, as emoções, a sexualidade, que durante a Idade Média eram tidas como ações pecaminosas, foram incorporadas pela nova sociedade (CASSIMIRO, 2012, p. 38).

Durante o Renascimento, o homem ganha autonomia e busca entender a si e ao outro. O corpo, nesse contexto, é agente e não passivo. A ciência e as diversas áreas de conhecimento contribuem com uma nova concepção de corpo que surge simultânea a uma reforma na maneira de pensar e se organizar da humanidade. O corpo passa a fazer parte dos diversos setores sociais, inclusive da economia.

No final do século XVII, o corpo humano foi considerado pelas Ciências Biológicas como uma máquina cheia de engrenagens. Como esse período foi caracterizado pelo nascimento de uma nova classe detentora do poder, a burguesia, esse homem moderno foi quem favoreceu o desenvolvimento das indústrias (CASSIMIRO, 2012, p. 43).

A ascensão da burguesia é uma das mudanças alcançadas na transição entre o medieval e o moderno. Esta emerge superando o clero e a nobreza. Engels (1980) citado por Guilhermeti (1990, p. 22) ao tratar da mais nova veemente classe social, descreve alterações na ciência como forma de conhecimento a superar os dogmas religiosos do Cristianismo.

Passo a passo com a ascensão da burguesia produzia-se um grande ressurgimento da ciência. Volta-se a cultivar a astronomia, a mecânica, a física, a anatomia, a fisiologia. A burguesia necessitava para o desenvolvimento da sua produção industrial de uma ciência que investigasse as propriedades dos corpos físicos e o funcionamento das forças naturais. Mas até então a ciência não havia sido mais do que a servidora humilde da Igreja, não lhe sendo permitido transpor as fronteiras estabelecidas pela fé. Agora a ciência rebelava-se contra a Igreja; a burguesia precisava da ciência e lançou-se com ela na Rebelião.

A ciência em ligação com a ascensão da burguesia possibilitou o surgimento de um novo sistema econômico, o capitalismo, que supera o feudalismo medieval. As indústrias começam a compor o cenário social da época. A tecnologia integra as inovações e passa a influenciar, inclusive, a relação do indivíduo com seu corpo, sobretudo para que este seja utilizado como forma de alcançar os interesses do capitalismo. A partir daí o corpo é estudado com o objetivo de ser integrado no

processo de produção. Pensamos a partir de então até que ponto este se beneficia com o desenvolvimento alcançado.

Karl Marx (1983), em sua obra, já apresenta o corpo inserido no sistema capitalista. Agora ele deveria estar voltado ao consumo e ser tratado como mercadoria inserida no processo comercial. Assim, o avanço tecnológico e as mudanças na organização social da época mostram-se negativas na relação sujeito/corpo.

O materialismo dialético visto nas ideias de Karl Marx (1867), define o corpo como objeto e, nas relações mercado-capital, o corpo adquire atributos negociáveis no mercado de trabalho. Com tais atributos lhe é permitida a condição de inserção e competitividade. Porém, afetado pela lei da oferta e da procura, o trabalhador se obriga a vender a sua força de trabalho a quem oferecer valor mais alto, e isto o transforma em mercadoria usada à conveniência do comprador, por isso, a necessidade de se ter criado as leis trabalhistas (COSTA, 2011, p. 253).

O corpo, inserido no sistema capitalista, torna-se explorado. As práticas que o envolve tem como finalidade prepará-lo para o labor. É possível perceber, no contexto social em questão, as representações corporais como meio para o alcance dos interesses de um grupo específico na sociedade em geral. Há uma regressão na maneira de pensá-lo, este é visto como forma de obtenção de capital.

Gonçalves (2006, p. 12) dispõe que "o homem passou a considerar a razão como o único instrumento válido de conhecimento, distanciando-se de seu corpo, visualizando-o como um objeto que deve ser disciplinado e controlado". O corpo é explorado, lançado a intensas horas de trabalho; ele passa a ser consumido como qualquer outro objeto. A nova sociedade, agora industrial, faz exigências a ele que deve mostrar-se sempre adaptado, da mesma forma que ocorre nos dias hodiernos onde as pessoas aparentam sempre estarem disponíveis (COUTO, 2015) e conectadas. A ideia de belo também recebe influência neste momento histórico, inclusive, partindo-se da ideia de que o corpo precisava atender aos padrões estipulados, inclusive para que pudesse ser inserido neste contexto consumista. Cassimiro (2012, p. 52) afirma que

O estilo de vida e o desejo de obter a perfeição física levaram o homem da sociedade industrial a buscar, excessivamente, um novo padrão de beleza, satisfazendo um desejo que não é próprio de sua natureza, mas sim, de uma exigência para a sua inclusão na sociedade, onde tudo pode virar mercadoria.

A partir deste contexto, as discussões em torno da corporeidade envolvem o questionamento sobre a instrumentalização do corpo voltado a atender aos interesses da sociedade capitalista, consumista que, diante da tentativa de dominar o corpo para atender as suas demandas, o reduz a um padrão, desconsidera sua diversidade, desrespeita-o.

A busca pela obtenção do lucro influencia na relação entre o indivíduo e sua corporeidade, desde quando esse é visto como mercadoria e apresenta-se como forma de saciar a fome capitalista de obter lucro, independente das consequências que esse processo possa apresentar. A crise na relação sujeito social-corpo agrava-se com o envolvimento da educação no processo de instrumentalização corporal.

Sempre pareceu não existir autonomia dos sujeitos para decidirem a forma de como lidar com seus corpos, são corpos dóceis (FOUCAULT, 2007). Essa relação acontecia com base no que era determinado pelos interesses de dada sociedade e, principalmente, pelos ideais de quem detinha o poder. O corpo era utilizado como instrumento para o alcance dos interesses específicos expressos em cada sociedade. Isso pode ser percebido pelos padrões estabelecidos em diferentes momentos na história, assim, a sociedade sempre determinou, ao longo dos séculos, um tipo de corpo ideal.

Desde que passou a organizar-se socialmente o homem utiliza-se de seu corpo para atender ao sistema de produção vigente. Gonçalves (2006, p. 59), considera baseada nas ideias de Karl Marx que “o homem é, assim, um ser que constrói historicamente a vida social e a sua própria essência em sua inserção na práxis humana, primordialmente, por meio de sua atividade produtiva e das relações sociais que se estabelecem nessa práxis”.

Nas diversas civilizações ao longo da história as atividades produtivas refletiam a concepção corporal referente a cada sociedade. O trabalho, critério de classificação social, referia-se a funções que envolviam a participação do corpo, mais presente historicamente em classes mais inferiorizadas. Concomitantemente a este fato, as classes privilegiadas cada vez mais se distanciavam das atividades corporais, principalmente com a ascensão do capitalismo. O trabalho nas sociedades que precedem o sistema capitalista de produção classificava-se em Manual ou Intelectual (HELOANI; PIOLLI, 2014), estando o primeiro disposto às classes desfavorecidas e o segundo para as classes dominantes.

Na Antiguidade havia os escravos, que se dedicavam aos trabalhos corporais e eram considerados uma classe inferior. Na Idade Média, no sistema de produção feudal eram os servos dos proprietários de terra que realizavam os trabalhos braçais. Desde essa época até a revolução industrial, havia também, nas cidades, os oficiais artesãos, que trabalhavam para os mestres pequenos burgueses (GONÇALVES, 2006, p. 21).

O processo de organização do trabalho nos sistemas de produção que antecedem o capitalismo se associava às demandas básicas da vida na sociedade. Porém, segundo Gonçalves (2006, p. 19), “com o modo de produção capitalista, o trabalho transformou-se em trabalho abstrato, pois os homens passaram a produzir apenas para a venda, adquirindo o trabalho o valor de mercadoria”. Com o desenvolvimento do sistema de produção, a humanidade passa por um processo de “descorporalização” perdendo o corpo grande significação e importância na vida do cidadão, como nas antigas organizações sociais, no que se refere a sua participação neste processo.

O homem foi tornando-se, progressivamente, o mais independente possível da comunicação empática do seu corpo com o mundo, reduzindo sua capacidade de percepção sensorial e aprendendo, simultaneamente a controlar seus afetos, transformando a livre manifestação de seus sentimentos em expressão de gestos formalizados (GONÇALVES, 2006, p. 17).

O corpo inserido num contexto social atual, não diferido dos demais momentos históricos, passa a ser modelado de acordo com padrões criados. É possível talvez, afirmar que no atual momento em que vivemos o corpo passa por um processo muito mais crítico do que em qualquer outra época. A sua instrumentalização vem levando os indivíduos a desconsiderar todo o valor moral, ético ou cultural que este possa conter; ele continua sendo utilizado de forma irracional e vem sendo metamorfoseado para atender às exigências da sociedade. A cibercultura e o incentivo a exibição e promoção de si nas redes sociais estão possibilitando a virtualização dos corpos e modificando as formas de pensar, e de se relacionar através destes corpos.

As relações com o corpo, inserido nesta nova forma de produção, se faz também de forma alienada. A descorporalização humana leva a mecanização corporal como resultado de práticas conduzidas sobre o objetivo de manipulação e controle do sujeito, executadas durante os processos de produção.

As análises históricas de Foucault revelam a existência de um poder - diferente do poder do Estado, mas a ele articulado, bem como ao modo de produção capitalista - que age nos corpos dos indivíduos, oprimindo-os: o poder disciplinar. [...] tratando o corpo, não como uma unidade indissociável, mas, sim, como algo mecânico, do qual, por meio do exercício, deve-se tirar o máximo em economia, eficácia e organização interna (FOUCAULT, 2007, p. 125).

A existência de um poder que atua sobre o corpo com o intuito de controlá-lo é um fato constatado durante o processo de desenvolvimento humano nas suas diferentes civilizações. Existe uma dupla ação deste sobre o corpo determinando-lhe formas específicas de comportar-se e que abre possibilidades de aperfeiçoamento quase ilimitadas de suas habilidades, de conservação da saúde e prolongamento da vida. Sant'anna (2011, p. 18) menciona uma tendência que “expressa ambições de conhecer e de controlar o corpo e, ao mesmo tempo, limites e fragilidades típicas da ciência e da técnica contemporâneas”. O corpo é a última possibilidade a ser explorada em uma investigação. Parafrazeando-a, o desejo de deter o controle sobre a natureza leva o homem a interessar-se pelo corpo, e seu interior, como o último território a ser explorado.

Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 29) apresentam uma “crise do corpo”, “crise da modernidade”. As autoras afirmam que

Segundo o sociólogo Bryan turner (1992), enquanto que no início do capitalismo havia uma relação entre a disciplina, o ascetismo, o corpo e a produção, no capitalismo tardio (séc. XX) existe uma ênfase completamente diferente e corrosiva no hedonismo, no desejo e no divertimento. O corpo é construído, decorado e expressa-se individualmente, é um projecto pessoal, flexível e adaptável aos desejos do indivíduo.

Entretanto, na contemporaneidade, o acesso corporal as tecnologias e a mídia digital faz com que os objetivos sobre o corpo acompanhem a padrões determinados e atendam a demandas específicas proporcionalmente como em civilizações antigas. Quando nos anos 60, o corpo é inserido num contexto de reivindicação, atualmente este é colocado a acompanhar os avanços científicos e tecnológicos, no sentido de desenvolver-se performaticamente.

É notável que disciplinamos o corpo para conseguirmos reconhecimento social e aprovação nas redes sociais, estando o prazer associado ao esforço, o sucesso à determinação e a intensidade do esforço será proporcional à angústia provocada pelo olhar do outro. Ou seja, vive-se para o outro não para si. Há um

sentimento de obrigatoriedade onde é necessário estar “adequado” nos parâmetros estabelecidos. O sujeito, com o objetivo de estar integrado, vem explorando seu corpo de diversas formas e em distintos espaços físicos ou virtuais, ambos pertencentes à realidade.

As transformações pelas quais os corpos são sujeitados apresentam-se como uma forma de mantê-lo sintonizado com os avanços tecnológicos por quais passa a sociedade. Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 31) apresentam a proposta de se tratar o corpo como propriedade de expressão individual considerando que:

O contexto social e histórico instável e em constante mudança, associado ao enfraquecimento dos principais meios de construção da identidade, como a família, a religião, a política, o trabalho, parece levar os indivíduos a apropriarem-se cada vez mais do corpo como meio de expressão do eu.

Tornar-se individual é uma tarefa difícil. O contexto da padronização faz com que a individualidade dos corpos não se concretize de maneira fácil, pois a sociedade contemporânea exige semelhança entre os sujeitos, esta engajada na construção de um padrão determinado pela mídia, pelos valores e conceitos que constituem a nossa cultura. Daolio (2011, p. 36) argumenta que “tornar-se humano é tornar-se individual, individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo, o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui”. Sim, o corpo também representa a singularidade e individualidade humana, entretanto, seus conhecimentos, valores, comportamentos, ações, modos de ser e estar se constroem por meio da cultura, que imprimem ritmos e marcas distintas nestes corpos, deslocando-os. E isso ocorre, principalmente, a partir das representações sociais que circulam através das gerações e que são reinventadas pelas pessoas que estão vivenciando determinada época.

Apesar de ter passado por sérias negligências e ainda manter-se numa situação de desvalorização qual ao seu real significado, o corpo, indissociável, é o meio onde o ser humano relaciona-se consigo mesmo, com o outro e com o meio, é dotado de cultura e, assim, constitui a sociedade. É a partir dele que esta pode ser modificada. O corpo deve ser orientado para ser um agente crítico capaz de dirigir o percurso a ser seguido pela sociedade.

Essas transformações que marcam a transição da modernidade para a contemporaneidade arrematam consigo a tendência de separar o poder do saber,



que na modernidade estavam imbricados (FOUCAULT, 2007). O objetivo disseminado é a busca da autonomia em diferentes esferas, atingindo o campo social, estético, político, dentre outros. Desta maneira, os sujeitos deixam de ser controlados por padrões sociais a serem seguidos, admitindo cada um as suas identidades e escolhas. Todavia, esta espécie de autonomia do/sobre o corpo funciona apenas como uma intenção e tendência, já que, na prática, embora haja um vasto tipo de estilos, personalidades e uso de adereços, estes não aparentam estar sem vínculo de uma cadeia de produção e da identificação com determinado grupo social de pertença.

Ressaltamos que houve uma dificuldade enorme para tecermos considerações sobre as efêmeras subjetividades e os sentidos construídos atualmente e isso tem a ver, em nossa compreensão, justamente pelo fato de estarmos vivenciando esse momento sobre o qual estamos nos debruçando. Por este fato, os corpos e suas representações, na pós-modernidade, possuem traços e são considerados inacabados, indefinidos, não são definitivos e nem estão prontos como era disseminado na modernidade. É esse objeto da cibercultura que é fruto de resultados inéditos e constantemente provisórios. Deveras, os corpos que começam a se redelinearem podem ser uma simples releitura sobre os corpos de outrora, assim como pode ser uma nova construção do momento presente, atual.

No próximo capítulo seguem as análises e discussão que desenvolvemos dos resultados obtidos através das estratégias e dos instrumentos de produção de dados já descritos no item 2.6.

## 5 REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO FACEBOOK

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos. Michel Foucault.

Levando em consideração as características de uma pesquisa qualitativa em educação na perspectiva da Cibercultura e da TRS, neste ponto nodal, são apresentados e discutidos dados produzidos através dos questionários enviados pelo *facebook* e respondidos pelos docentes universitários e também por meio dos diálogos no *Messenger* estabelecidos com esses participantes. Conhecer essas características nos ajudam, de forma complementar, a entender como são construídas as representações corporais na rede social.

Foi organizada na Tabela 1 parte das informações que permite a apreensão do perfil sociodemográfico e profissional dos docentes que constituem esse grupo de pesquisados. São demonstradas na forma de percentual, com a intencionalidade de desvelar a representatividade das seguintes categorias: sexo, faixa etária, cor, formação, tempo de docência geral, tempo de docência na área da Educação Física no ensino superior, tipo de universidade, regime de trabalho, faixa salarial e tempo de uso do *facebook*.

Analisar estas variáveis nos leva a compreender alguns itinerários tomados por estes professores, suas trajetórias, movimentos, e que os levam, inclusive, a construir seus Eus, modos de ser e suas representações corporais no *facebook*. Essa representação corporal é composta por uma polifonia que está relacionada à multiplicidade e à quantidade de representações, polissemia que se ancora na pretensa transparência das imagens fotográficas, legendas, interações e vozes docentes.

**Tabela 1:** Caracterização sociodemográfica e profissional dos professores participantes da pesquisa. Dez/2016.

Variáveis	Frequência	
	N	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	4	33,33
Masculino	8	66,67
<b>Faixa Etária</b>		
29-40	6	50,00
41-50	2	16,67
51-60	4	33,33
<b>Cor</b>		
Branca	7	58,33
Parda	3	25,00
Preta	2	16,67
<b>Formação</b>		
Doutores	9	75,00
Mestres	3	25,00
<b>Tipo de Universidade (emprego)</b>		
Pública	12	100,0
<b>Regime de Trabalho</b>		
Dedicação Exclusiva	12	100,0
<b>Tempo de docência (em anos)</b>		
1-5	4	33,33
6-10	3	25,00
11-20	0	00,00
Acima de 20	5	41,67
<b>Docência Ensino Superior (em anos)</b>		
1-5	6	50,00
6-10	2	16,67
11-20	1	08,33
Acima de 20	3	25,00
<b>Faixa Salarial (em reais)</b>		
4.000,00 - 6.000,00	3	25,00
6.001,00 – 8.000,00	3	25,00
8.001,00 - Acima	6	50,00
<b>Tempo de Uso do Facebook (em anos)</b>		
1-3	3	25,00
4-7	6	50,00
8-10	3	25,00

Nessa direção, percebemos que a maioria dos participantes é do sexo masculino (66,67%). Em relação à idade, se verifica que a prevalência é de docentes que estão na faixa etária entre 29 e 40 anos apresentando um percentual de 50% e os outros 50% são compostos de professores que possuem entre 41 a 58 anos, especificamente. Essa realidade aponta para uma população docente com

características variadas em relação à idade, configurando-se como nova e madura ao mesmo tempo, ou seja, híbrida e constantemente transitória. Os professores mais antigos já possuem uma maior estabilidade profissional. Como a média de idade dos professores participantes deste estudo é de 41,3 anos, entendemos que os mesmos possuem percepção crítica do mundo, amadurecimento político, científico, como também nos relacionamentos afetivos e sociais, dentre outras características que são oriundas das experiências construídas e acumuladas.

Os professores que estão iniciando a caminhada docente estão em busca da consolidação profissional a partir da constante qualificação objetivando o melhor de si na prática docente. Esse argumento é confirmado nesta fala da professora Sueyla Santos: “sou uma mulher adulta, independente, de gostos simples e muito determinada a desenvolver uma carreira profissional promissora”, que referenda, dessa forma, nossa análise sobre esta questão.

Em relação à cor, que foi referida pelos professores já que é uma auto-representação, podemos perceber que 58,33% dos professores se declararam brancos, 25% disseram ser pardos e apenas 16,67% afirmaram ser pretas, correspondendo a 2 professoras. Essa fusão entre professores brasileiros (66,67%) e professores espanhóis (33,33%) também nos levou a estes resultados, vez que os 4 docentes europeus e 3 docentes brasileiros se declararam brancos.

Vale ressaltar, que assim como a linha do tempo do *facebook*, as representações de si e a representação do Outro são maleáveis e contingentes, assim também são as trajetórias de vida desses professores. De todos os docentes, 3 estrangeiros e apenas 1 brasileiro moram e trabalham na mesma cidade em que nasceram, embora transitaram por outras cidades, estados e países durante o processo de qualificação profissional alcançado até o momento. Os demais residem em cidades até de outros estados distantes de seu local de nascimento, demonstrando que estes professores estão mesmo em movimento. E com isso, se percebe que assim como as identidades são mutáveis Bauman (2013) chama a atenção sobre a impossibilidade da sociedade se manter no mesmo formato durante muitos períodos de tempo, pois existe uma grande efemeridade em relação aos desejos e aos vínculos sociais.

No que concerne a formação inicial, 91,67% dos professores são graduados em Educação Física ou Ciências do Esporte e da Atividade Física e apenas 1 (8,33%) professor é Licenciado em Medicina e Cirurgia, mas todos (100%) são

professores universitários de cursos de Educação Física. Em relação à formação continuada, se verificou que 66,67% dos docentes possuem especialização *lato sensu*. Ainda nos é revelada uma grande concentração de doutores (75%) e mestres (25%), sendo que todos os 3 professores mestres encontram-se cursando o doutorado. Essa qualificação é fundamental para proporcionar a autonomização dos corpos, mas para além desse fator imediatista, é importante e contribui para a manutenção e renovação da qualidade do ensino superior ao passo que aponta para uma formação acadêmica mais especializada e aprofundada por este corpo docente. Entretanto, notamos que essa não é a única variável que influencia na qualidade do ensino.

Os 12 docentes são efetivos, trabalham em universidades públicas e possuem um regime de trabalho caracterizado pela dedicação exclusiva, sendo que 3 professores encontram-se afastados do exercício da docência para suas qualificações profissionais. No entanto, esse regime é entendido de forma mais flexível pelas universidades europeias, vez que esses professores desenvolvem outras atividades profissionais para além da universidade. 50% dos professores recebem acima de 8 mil reais, 25% recebem de 4 a 6 mil reais e os outros 25% recebem na faixa entre 6 a 8 mil reais.

Nessa perspectiva, observamos que 33,33% dos docentes possuem de 1 a 5 anos de experiência docente geral, 25% de 6 a 10 anos e 41,67% possuem acima de 20 anos de docência, onde o professor menos experiente possui apenas 1 ano de exercício e os 4 professores mais experientes (33,33%) possuem acima de 30 anos de docência. Totalizando uma média de 15,83 anos de docência geral. Quando o foco se volta para o tempo de experiência docente no curso de Educação Física no ensino superior, percebemos que 50% dos professores possuem de 1 a 5 anos de experiência docente, 16,67% de 6 a 10 anos, 8,33% de 11 a 20 anos e 25% acima de 20 anos, perfazendo uma média de 11,25 anos.

Esses dados revelam que a amostra dos professores atingiu, mesmo sem ser intencional, docentes em início (1 a 5 anos) de carreira até aos mais próximos do fim de suas carreiras (37 anos). Analisando estas questões, podemos inferir que estes professores possuem relativa e considerável experiência com a docência universitária e, portanto, absorvem uma identidade profissional de sua função social, que incorporam na imagem de si e da conjuntura de outros contextos sociais que estão inseridos. Nesse sentido, se evidencia que o tempo de docência constitui-se

em aspecto preponderante e que deve ser considerado, na medida em que possibilita ao docente universitário a identificação de sua profissão e da representação corporal que ele possui de si em relação ao todo e que é compartilhada no *facebook* gerando a produção constante de conhecimentos e novas subjetividades. Sempre na ditadura do provisório, no regime do inusitado e na ordem novidade.

Sobre os usos do *facebook*, se verificou que 25% dos docentes participantes utilizam o facebook há menos de 3 anos, 50% manuseiam há pelo menos 4 anos e no máximo há 7 anos, e 25% usa essa rede social digital há mais de 8 anos. No Quadro 2 é apresentada uma síntese do mapeamento das fotografias publicizadas do *facebook* dos professores pesquisados.

**Quadro 2.** Mapeamento do número de fotografias dos álbuns do *facebook* dos professores participantes desta pesquisa. Dez/2016.<sup>6</sup>

Nome no Facebook	Fotos com	Fotos de	Total Álbuns	Total Fotos Álbuns	Perfil	Capa	Linha do tempo	Disp. Móveis
Dirceu Silva	169	829	34	612	16	20	115	30
Doiara Silva	-	1203	16	903	19	15	83	144
Jocimar Daolio	14	2	-	-	1	1	-	-
José Luis García Soidán	24	40	-	-	16	22	12	1
Kristyan Abelairas Gómez	288	77	8	64	11	3	11	11
Maurício Ramos	335	327	36	303	12	12	39	79
Nuria Castro-Lemus	125	162	1	3	4	19	9	137
Osni Oliveira	152	-	7	141	5	11	55	16
Renato Sampaio	171	316	55	110	20	6	116	16
Silvana Goellner	104	367	-	-	5	7	63	278
Sueyla Santos	312	1016	20	1630	26	54	25	368
Víctor Arufe Giráldez	209	484	23	566	10	123	725	198

<sup>6</sup> Ao perceber que nas representações corporais de alguns professores o engajamento político voltado para a defesa da diversidade estava presente, revolvemos colocar esse quadro com as cores do arco-íris por também sermos a favor do amor sobre todas as coisas. Em relação as cores da bandeira LGBT, o **VERMELHO** significa o fogo, a vivacidade, o **LARANJA** simboliza a cura e o poder, o **AMARELO** simboliza o sol, a luz e a claridade da vida, o **VERDE** simboliza a natureza e o amor pela mesma, o **AZUL** significa as artes e o amor pelo artístico, e o **ROXO** – Significa o espírito, o desejo de vontade e a força. Juntos somos a diversidade.

Pela análise dos dados elucidados neste quadro acima, se percebe em geral que os professores gostam de compartilhar fotografias nos seus álbuns, destacando-se as professoras Doiara Santos como a que mais publica imagens no *facebook* e Sueyla Santos como a participante que mais publiciza fotografias em seu álbum de fotos do perfil. Entretanto, não implica dizer que todas as fotografias publicizadas por estes docentes apresentam imagens de sua aparência física, pois mostram, também, paisagens e paraísos naturais, praias, rios, personagens de desenhos animados, frases, chapadas, morros, natureza, amigos, família, mensagens, informações gerais sobre eventos, livros, congressos, animais, dentre outras possibilidades.

Nessa direção, em um desses diálogos pelo *Messenger* foi solicitado aos participantes para que pudessem escolher sua melhor imagem ou fotografia preferida que estivesse publicizada em qualquer álbum de seu *facebook* para que pudessem ser utilizadas nesse momento de caracterização preliminar docente. Nessa ação, estimulamos diretamente os professores ao exercício de pensar e selecionar baseados em valores estéticos, subjetivos e sentimentais em relação à imagem escolhida, vez que veio carregada de sentimento e da “missão” de que deveria ser a foto “predileta” ou “preferida”. Para uma melhor compreensão do que é apresentado a seguir, nos dedicamos a explicar que antes da fotografia escolhida se apresentam algumas informações produzidas sobre/com estes professores e também as razões que os levaram a escolher sua imagem para representá-los nessa seção. Logo após a fotografia escolhida existe a descrição do “Quem sou Eu”, que foi elaborado pelos próprios docentes.

\*

Mauricio Ramos, 47 anos, se considera pardo, é natural e vive em Feira de Santana (Bahia). Leciona no curso de Educação Física da UEFS que fica aqui na região nordeste e atualmente encontra-se de licença profissional para cursar o doutorado em Educação na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Gosto muito dela! É significativa... um pouco de mim mesmo! serenidade, simplicidade, discricção, a leveza da vida, o azul da água...

Essa tatuagem foi feita há alguns anos... é um tigre brincando com uma borboleta. Quando vi essa cena me apaixonei com a possibilidade do diálogo da beleza com a ternura (Mauricio).

Figura 3: Fotografia preferida de Mauricio Ramos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/nCy5aP>

“Sou uma pessoa simples, romântica, idealista, compromissada, alegre, responsável, amante da natureza, de cavalos e dos esportes, apaixonado pela vida e por pessoas”.

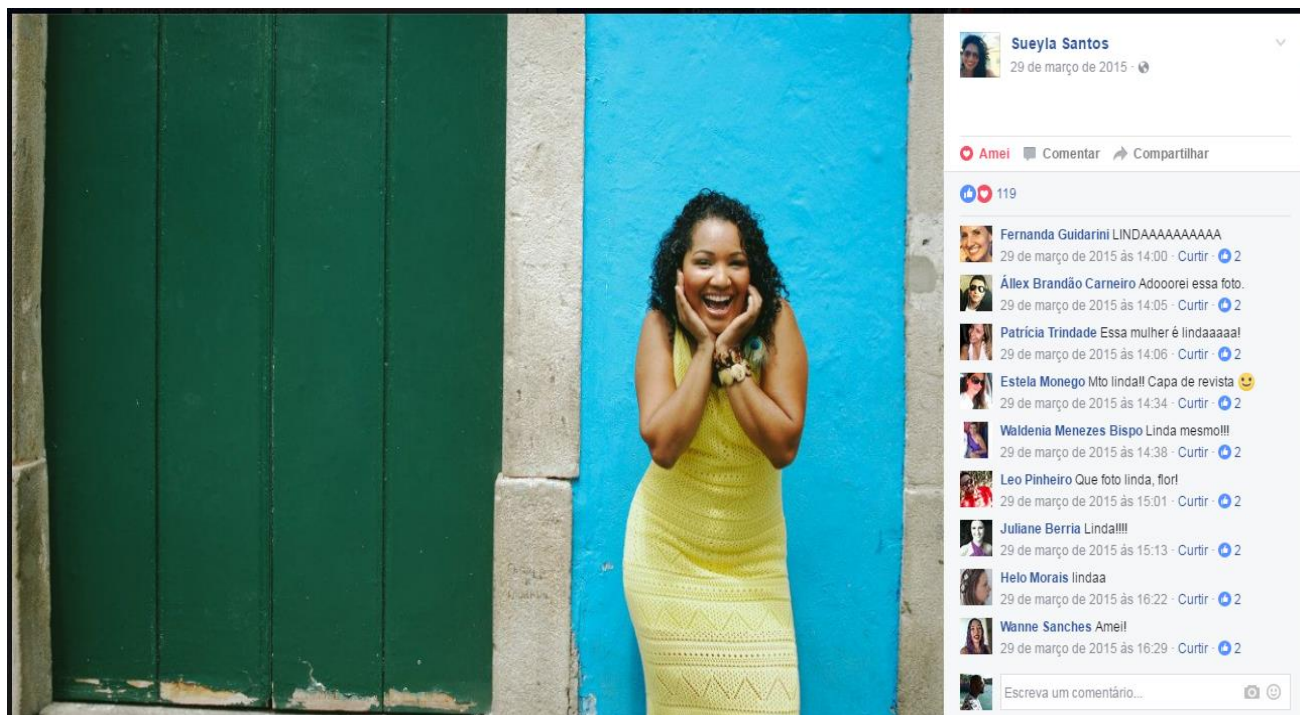
\*\*

Sueyla Santos, 30 anos, se percebe negra, é natural de Ilhéus (Bahia) e vive temporariamente em Presidente Prudente (São Paulo) por estar cursando o doutorado em Ciências da Motricidade na Universidade Estadual Paulista (UNESP). É professora do curso de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na região norte brasileira.

Eu não sei o que responder. Eu não parei para pensar tanto sobre isso (Sueyla).



Figura 4: Fotografia preferida de Sueyla Santos no facebook.



Fonte: <https://goo.gl/v1xiQY>

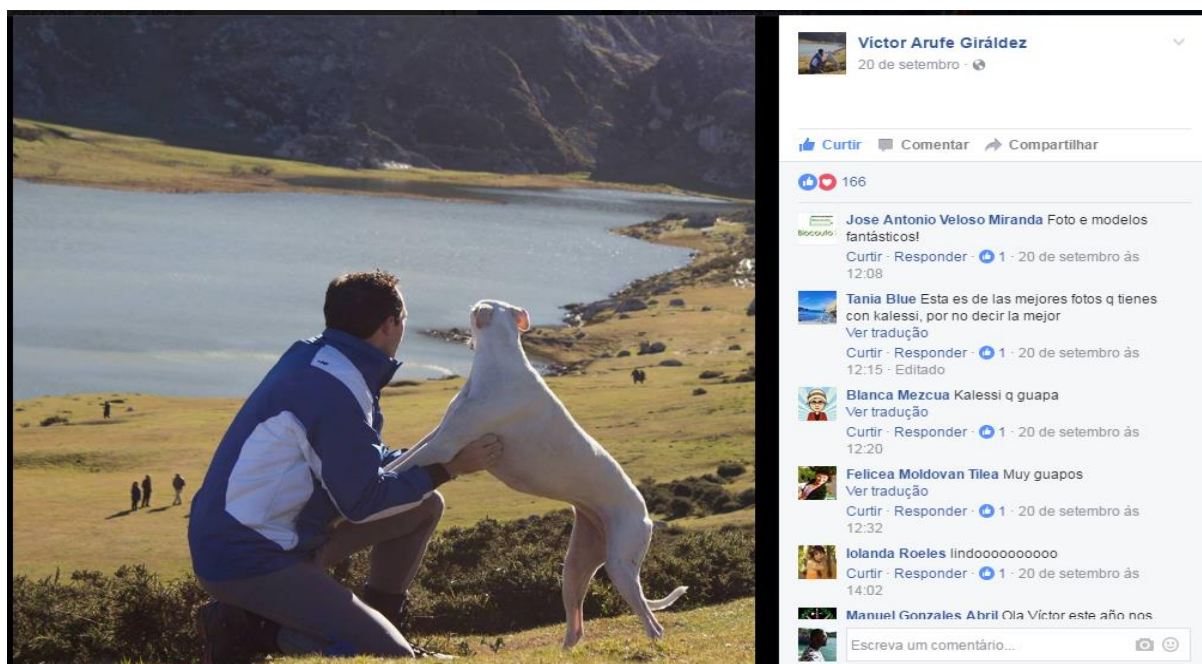
“Sou uma mulher adulta, independente, de gostos simples e muito determinada a desenvolver uma carreira profissional promissora”.

\*\*\*

Víctor Arufe Giráldez tem 37 anos, se autorrefere branco, é natural de Santiago de Compostela vive em Corunha onde leciona na UDC, também na Espanha.

Esta fotografía é valiosa pelo meu amor aos animais, concretamente a Khaleesi esta galga adoptada que sofreu maltrato animal por cazadores e que agora eu tenho como misión dar amor todos os dias, ela sempre ven conmingo nas viagens e dende esta foto transmitese a nosa complicitade e olhamos o mundo dende a cima da montana, penso que é un fiel reflejo do amor ao mundo animal e á natureza (Víctor)

Figura 5: Fotografia preferida de Víctor Arufe Giráldez no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/PZbPGR>

“Eu son unha persoa sociable, aberta, extrovertida, simpática, con coñecementos no meu ámbito de actuación, altruísta, con bo corazón, traballadora, sensible e loitador á vez, flexible e perfeccionista. Acho que eses son os meus valores mais importantes”.

\*\*\*\*

Osni Oliveira possui 30 anos, se considera pardo, é natural da cidade de Capim Grosso e reside atualmente em Jacobina (Bahia), ambas na região nordeste. Atualmente é professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e encontra-se de licença para cursar o doutorado em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Ela é muito bonita de fato. Entrou até para uma revista. Bem, por ser da área de Educação Física e sempre desde novo gostar de esportes, ler sobre a história deles, estatísticas etc, e por sempre acompanhar os principais eventos, como os Jogos Olímpicos, fica fácil perceber que um momento desses dificilmente se repetirá na história do nosso país. Então, quando fui sorteado para ser um dos condutores da tocha olímpica eu não acreditava. Essa foto, tirada pela própria equipe de

mídia dos jogos, demonstra meu estado de espírito naquele momento, feliz, assustado, admirado, enfim, um mix de emoções (Osni).

Figura 6: Fotografia preferida de Osni Oliveira no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/MPd2DP>

“Sou capim-grossense, baiano, nordestino, brasileiro, trabalhador, músico, professor, homem, pai, marido e filho. É assim que eu me reconheço a depender da situação”.

\*\*\*\*\*

Silvana Goellner tem 53 anos, se define branca, natural de Carazinho e vive em Porto Alegre no Rio Grande do Sul. É docente há 30 anos e leciona na UFRGS, região sul do Brasil.

Gosto dela porque foi em função do futebol de mulheres que eu criei o perfil no facebook. Eu resisti muito. Mas o facebook foi um modo de eu contatar as jogadoras, me aproximar delas e estabelecer laços (Silvana).

Figura 7: Fotografia preferida de Silvana Goellner no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/6fu7pB>

“Uma mulher de 53 anos, professora universitária”.

\*\*\*\*\*

José Luis García Soidán tem 57 anos, é natural e vive em Pontevedra, região norte da Espanha, se considera branco. É Licenciado em Medicina e Cirurgia pela USC. É professor do curso de Educação Física da UVigo há mais de 22 anos.

No tengo foto preferida porque ilustran distintos momentos de mi vida, pero me gusta esta que subí hace tempo a Facebook (José).

Figura 8: Fotografia escolhida por José Soidán para sua descrição inicial nesta tese.



Fonte: <https://goo.gl/ycMnK8>

“Una persona fisicamente activa”.

\*\*\*\*\*

Dirceu Silva, 30 anos, pardo, natural de Itarantim (Bahia) e reside em Campo Grande. Professor do curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) na região centro-oeste do país.

Eu gosto muito dessa foto, pq Stonehene é um dos lugares mais misteriosos do mundo, são 4000 anos de história das pedras e até hoje ninguém achou uma explicação de como elas foram passar por ali. O lugar é patrimônio da humanidade, ele é fechado para visitação e abre apenas um dia por ano; pois é, eu fui para esse evento e é o momento do ano que vc pode entrar no círculo. Além disso, é o fundo de tela do windows haha Enfim, eu gosto de viajar e esse lugar mexeu comigo, então essa foto se tornou especial mais pelo lugar do que pela minha aparência (Dirceu).

Figura 9: Fotografia preferida de Dirceu Silva no *facebook*



Fonte: <https://goo.gl/RtA70a>

“É uma pergunta difícil, já que o “quem eu sou” é transitório, com constantes mudanças ao longo do decurso. No entanto, se for para responder esta mesma pergunta relacionada ao papel social seria: Eu sou Dirceu, baiano, solteiro, professor universitário, que gosta de explorar novas culturas, encontrar novas pessoas e visitar diferentes lugares”.

\*\*\*\*\*

Doiara Santos, 30 anos, se declara negra, é natural da cidade de Itabuna na Bahia e atualmente reside em Governador Valadares (Minas Gerais) região sudeste do Brasil, onde leciona na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A fotografia representa um excelente momento da minha vida, somando-se agradecimentos pelos aspectos profissionais e pessoais, realizações nestas esferas, e planos positivos e estimulantes para mim. Eu a escolhi pelo local (amo árvores), o dia, a alegria que eu sentia naquele momento... a vontade que estes sentimentos bons predominem na vida (Doiara).

Figura 10: Fotografia predileta de Doiara Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/0DGfwm>

“Estou tentando descobrir rs. Eu sou medrosa e corajosa, curiosa, dedicada ao que eu gosto, sou atrapalhada, entro em conflito comigo mesma, sem respostas para quase tudo. Gosto das experiências de vida, principalmente depois de passar por elas e conseguir pensá-las. Gosto de conhecer lugares, pessoas, ler, mas, tenho medo de mudanças. Sou determinada, mas, indecisa também. Não sou perfeccionista, sou bagunceira. Não sou agressiva. Sofro por antecendência. Gosto de ser elogiada. Minha autoestima oscila muito. As críticas me afetam muito, mais do que eu gostaria. Eu não acredito em destino. Eu não gosto que as coisas fujam ao que eu planejo. Eu guardo mágoa. Eu amo meu trabalho. Sou estudiosa. Bem-humorada”.

\*\*\*\*\*

Kristyan Abelairas Gómez possui 29 anos, é branco, natural de Burela e reside atualmente em Santiago de Compostela, cidades da região da Espanha. Leciona no curso de Educação Física da USC.

A importancia do Socorrismo na miña vida (Kristyan).

Figura 11: Fotografia preferida de Kristyan Abelairas Gómez no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/1jVsp2>

“Persona atenta, perfeccionista e com capacidade de esforço”.

\*\*\*\*\*

Jocimar Daolio é professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na região sudeste do Brasil, tem 58 anos, se considera branco, é natural de Bragança Paulista e reside atualmente em Campinas, ambas no estado de São Paulo.

Não pensei muito quando escolhi esta foto. Meus amigos falavam que eu devia ter uma foto de entrada. Aí escolhi uma imagem familiar, com meus dois filhos. Acho que representa meu momento atual, mais dedicado ao filho pequeno e próximo da aposentadoria. Minha carreira profissional está no final (Jocimar).



Figura 12: Fotografia do perfil do *facebook* de Jocimar Daolio.



Fonte: <https://goo.gl/g93m0T>

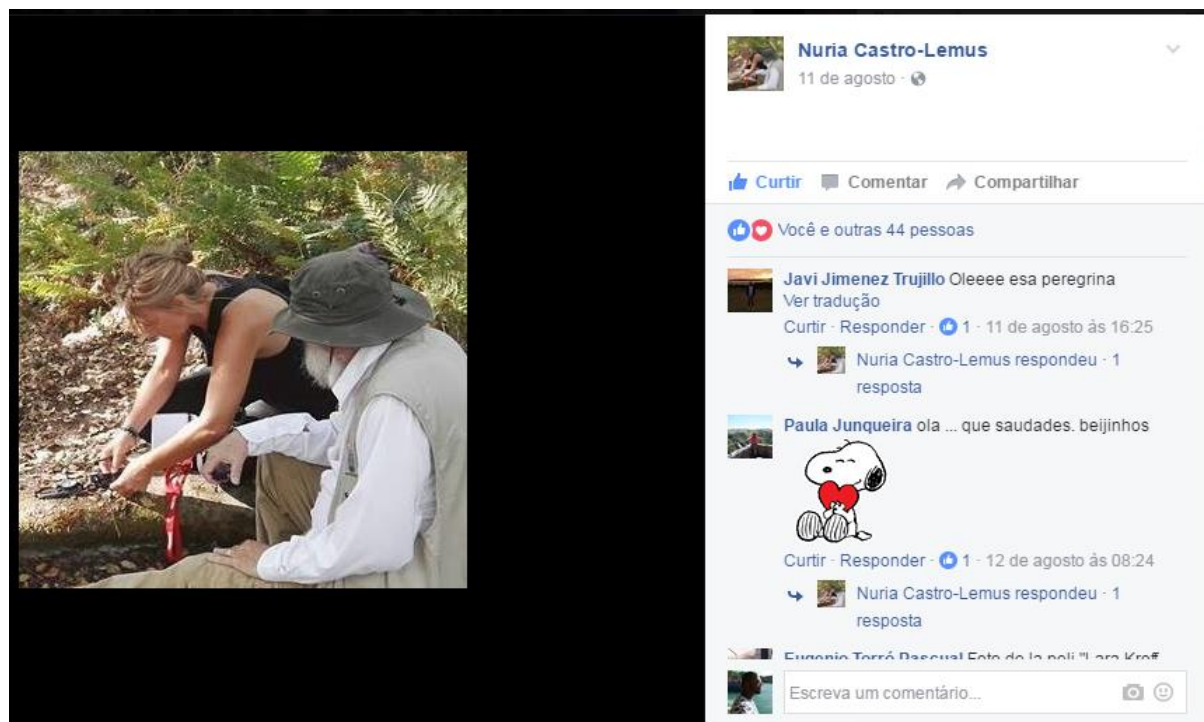
“Sou um professor universitário da área de Educação Física, com quase 60 anos de idade”.

\*\*\*\*\*

Nuria Castro-Lemus se define branca, possui 42 anos, é natural de Andalúcia e vive em Sevilla, ambas na Espanha. É professora do curso de Educação Física da US.

Estoy colaborando en una investigación sobre la catalogación de tumbas antropomorfas en la provincia de Cádiz y esa foto creo que representa mucho. Por una lado estoy yo que no se me ve mucho, pero soy yo tomando medidas de una tumba antropomorfa. Fue una expedición que gracias al conocimiento popular y acompañada de gente local pudimos encontrar y catalogar diferentes tumbas antropomorfas. Creo que representa mi labor de investigadora de campo, en colaboración, con la sabiduría popular y en la naturaleza. Además me encuentro acompañada de un "típico investigador de campo" mayor de barbas blancas. Es el investigador principal y es un historiador jubilado que por vocación y devoción está desarrollando dicha investigación. Me encanta la fotografía (Nuria).

Figura 13: Fotografia predileta de Nuria Castro-Lemus no *facebook*



Fonte: <https://goo.gl/AIPrK8>

“Yo soy profesional de La Educación Física y El deporte em El âmbito educativo y de investigación”.

\*\*\*\*\*

Renato Sampaio, 53 anos, se considera branco, é natural de São Paulo e vive em São João del Rei em Minas Gerais. É professor associado do curso de Educação Física da UFSJ.

Ela me faz sentir mais jovem rsrs representa para mim um jeito leve de levar a vida. Acho que me esconde tb pois tem o óculos que é escuro. "Escondido" eu posso ver, escrever, etc... e isso me faz um bem danado... (Renato).

Figura 14: Fotografia preferida de Renato Sampaio no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/UkQz9y>

“Sou uma pessoa tímida, com conhecimentos variados. Sou professor experiente e dependente sempre de outras pessoas (alunos, familiares, amigos). Sou um profissional ativo, pois entendo ser papel de quem ensina, pesquisa e intervém, juntar peças de um quebra cabeça da sociedade vigente. (Além disso, me considero fisicamente ativo para a minha idade)”.

\*

Essas fotografias escolhidas pelos professores participantes foram compartilhadas no modo público por 10 deles, apenas Dirceu Silva e José Soidán alteraram a configuração de privacidade dessas fotos. Conhecer essas características iniciais nos leva a compreender um pouco, uma parte ou uma faceta do que pensam esses indivíduos, como se posicionam e se representam diante dos outros através do *facebook*. Além de ter acesso a informações sobre sua trajetória profissional e formação docente que consequentemente reflete na sua visão de mundo, visão de educação, visão de sujeito e de sociedade, na práxis pedagógica a partir das Pedagogias corporais.

Considerar os corpos desses ciberprofessores<sup>7</sup>, a partir de Benjamin (1994), é pensar que as Pedagogias corporais são descobertas que são feitas pelo mundo do sensível e que são vias para o autoconhecimento e o conhecimento. É uma educação estética, pois possibilita a “prática dos sentidos”, redirecionando-os para as novas subjetividades produzidas pelas experiências que não podem mais considerar as verdades como inquestionáveis, como cânones da certeza, e pensa/sente o conhecimento como um exercício realizado pelo próprio sujeito, adquirindo novos significados para sua vida e de seus pares.

Isso porque, de acordo Goellner (2013) não são as semelhanças biológicas que os definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. O corpo é construído, também, pela linguagem, ela tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades. A produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. Ainda para essa autora, nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam; O corpo é uma unidade biopolítica, por isso podemos pensá-lo como algo que se produz historicamente.

Pensamos que a relação entre experiência, memória e sentidos do corpo formam uma constelação, ou seja, um arranjo que conduz a uma educação estética. O modo como esses conceitos são agrupados permite-nos pensar numa pedagogia do corpo que sustenta essa constelação de representações. Essa tríade forma uma verdadeira imagem dialética que se unifica no traço de uma corporalidade representada a partir de sua própria experiência vivida.

Esses professores universitários não só exibem e testemunham suas representações corporais no *facebook*, como também organizam e imprimem realidade(s) à(s) sua(s) própria(s) condição(ões) de sujeito. São pessoas que constroem narrativas imagéticas e textuais e que compartilham suas vidas e modos de ser e de pensar na rede, dentro de uma linha do tempo não linear, porém constante e que permite transformação do Eu fluido, móvel, fragmentado, (in)estável, conectado, recortado e com múltiplos territórios e identidades. Esse

---

<sup>7</sup> Essa tese entende e considera os participantes da pesquisa como ciberprofessores ou ciberdocentes porque esses sujeitos se reconhecem enquanto professores, independente das representações corporais que constroem e apresentam em rede, e, também, por se movimentarem através de ações docentes que estão ligadas por vezes a sua prática pedagógica.

processo de negociação das identidades permite uma reinvenção do Eu e a produção de outras subjetividades que também pode ocorrer por receio de estarem expostos aos estigmas sociais.

Pensamos que, ao ingressar na rede, o usuário elabora seu perfil e interage com base em uma adequação ao como pretende ser visto pelos demais na rede de acordo com seus próprios interesses. Nesse sentido, afirmamos que, ao utilizar o *Facebook*, o indivíduo seleciona certos caracteres de sua própria identidade, tendo, como critério, o como deseja ser visto, o que, de certa forma, pode estar relacionado a identidades almeçadas e socialmente desejadas. Contudo, pensamos que isso não exclui a possibilidade de ele representar sua identidade, tampouco o impede de experimentar formas de ser (ROSA; SANTOS, 2013, p. 29).

A produção dessas subjetividades corporais docentes nesse ciberespaço se apresenta bem maleável, o que proporciona uma transcendência em sua condição singular. Dessa maneira, existe uma pluralização dos aspectos da vida, com movimentos subjetivos e reconfigurados, comunicando-se de outras formas, baseando-se nas tecnologias digitais e intelectuais que, pela sua forma de interagir, tem a capacidade de ampliar e modificar as capacidades cognitivas. A seguir, serão continuadas as discussões sobre como essas formas aparentemente individuais de produção de subjetividades contemporâneas e representações corporais no *facebook* são formadas a partir das representações sociais desse grupo social em análise.

## 5.1 SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS PRODUZIDAS ATRAVÉS DAS IMAGENS

As experiências mais admiráveis, mais instrutivas, as experiências decisivas, são exatamente as experiências cotidianas, que estas constituem justamente o grande enigma que cada um tem sob seus olhos, mas que poucos compreendem como sendo um enigma, e que, para o pequeno número de verdadeiros filósofos, são justamente estes os problemas que permanecem ignorados, abandonados no meio do caminho e, por assim dizer, pisoteados pela multidão, antes que eles os recolham cuidadosamente e a partir desse momento resplandeçam como pedras preciosas do conhecimento. Friedrich Nietzsche.

Esta seção deste capítulo também tece interpretações construídas a partir

das análises de conteúdo dos dados que foram produzidos. A dimensão da linguagem que aqui se ancora, como discurso verbal escrito, os risos nos comentários, as interações simbólicas, as condutas, as curtidas, as postagens e os compartilhamentos, ultrapassam o aspecto formal da comunicação entre o homem e o mundo, pois todas são ferramentas de comunicabilidade das representações que não se limitam ao discurso manifesto. Essas análises, portanto, compõem um exercício de aproximação aos conteúdos das representações corporais, com aporte teórico e analítico da TRS (MOSCOVICI, 2012), bem como as suas condições de produção. Quando compreendemos que as representações sociais organizam-se como um saber prático, assumimos também, conforme diz Jodelet (2001) a impossibilidade de apreendê-las sem considerar as outras que se lhe associam.

Considerando estes pressupostos teórico-metodológicos adotados neste estudo cabe analisar as subjetividades produzidas pelas fotografias publicizadas nos perfis do *facebook* dos professores universitários de cursos de Educação Física como uma forma de perceber similitudes e distanciamentos entre as maneiras de aparecer na rede, que contribuem para a construção das representações corporais dos participantes pesquisados.

E, neste ponto, se sobressaem algumas ponderações e características desses docentes necessariamente partir da observação dos movimentos fotográficos e interacionais de seus perfis, pois este perfil que indica quem é essa pessoa, os caminhos que são percorridos, as associações que são feitas, o que é curtido, o que é compartilhado, quem são seus amigos e como acontece a sua ação, atuação e existência docente neste ciberespaço.

Eles se identificam em suas fotografias e, conseqüentemente, querem ser identificados por elas. É necessário ser visto e de acordo a professora Silvana Goellner são os “modos pelos quais as pessoas buscam se fazer ver” para que haja existência, e isso só acontece pelo e no olhar do Outro. De acordo Ferreira (2014), no *facebook* é indispensável ver quem é a pessoa que faz ou quer fazer parte de nossa rede, mas que não está incluída no relacionamento pessoal e no convívio social, sendo importante perceber quem é a pessoa com quem se está relacionando e isso, potencialmente, é feito por meio das análises dos perfis e das fotografias publicadas pelos sujeitos.

Do mesmo modo, as fotografias expostas no perfil destes professores não só demonstram as representações corporais que são construídas como também o que

acontece na vida deles, além de fornecer elementos para compreensão da personalidade, do modo de ser e do comportamento dos sujeitos, que acabam representando-os diante de seu grupo de pertença e de todos os outros usuários. A apresentação está intrinsecamente relacionada a um jogo de aparências (COUTO, 2014; COSTA E SILVA, 2016) que se evidencia, mostrando como a pessoa é ou como gostaria de ser percebida pelos outros.

Vale lembrar que muitas leituras podem ser feitas a partir das narrativas imagéticas e interpretações plurais são admissíveis, visto que as imagens não podem ser entendidas para além de suas intencionalidades como espaço de diálogo e interação. Some-se a isto, as fotografias são marcadas por diversas temporalidades, em dissemelhantes fluxos de tempo, como o tempo da produção e o da recepção. É nesse sentido que estas análises vão rumar.

Ao olhar uma fotografia, não se vê necessariamente o que está inscrito, mas o que ela invoca (FERREIRA; SILVA, 2011). As imagens analisadas a seguir foram retiradas do perfil do *facebook* dos pesquisados e para seleção seguiu este critério: serem fotografias postadas no álbum “fotos do perfil” que estivessem abertas para acesso do autor. A produção dos resultados ocorreu entre outubro e dezembro de 2016, período em que também se observou certas mudanças na seleção destas fotografias, no número de postagens e nas possibilidades de escolhas destes professores.

### 5.1.1 ANÁLISES DAS FOTOGRAFIAS DO PERFIL DO FACEBOOK DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Por detrás dos teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido. Chama-se Si mesmo. Habita no teu corpo; é o teu corpo. Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E quem sabe para quem necessitará o teu corpo precisamente da tua melhor sabedoria. Friedrich Nietzsche.

Pelas análises dos dados dispostos no *facebook* (fotografias, reações, legendas e comentários) e dos discursos (conversas no *Messenger* e questionário subjetivo) buscamos, portanto, identificar subsídios, ou seja, representações, conceitos, afirmações, explicações, imagens, gestos e silêncios que expressassem a

comunicabilidade das construções corporais digitais destes professores universitários.

Esses dados foram melhores analisados e incorporados nesta discussão, e reflete a forma, os modos de ser em rede e de se relacionar com as fotografias digitais de um grupo de pertença social específico: professores universitários de cursos de Educação Física, que embora residam em lugares espalhados nas cinco regiões do Brasil e também na região norte da Espanha, possuem hábitos de consumo, formação profissional e estilos de vida muito próximos. Acreditamos que essas características influenciam fortemente na construção de suas representações sociais e na forma como este grupo social produz suas representações corporais no *facebook*.

Figura 15: Fotografia do perfil do *facebook* de Dirceu Silva.



Fonte: <https://goo.gl/PV6DkZ>

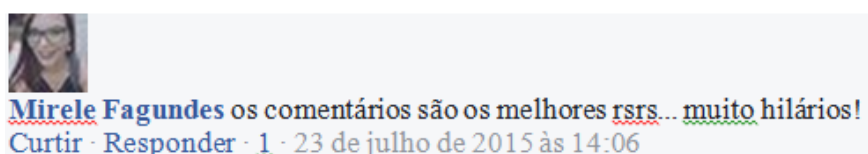
Esta *selfie* retrata Dirceu Silva com uma camisa social de cor lilás, uma lupa com características modernas, um sorriso discreto e ao fundo se vê o Canal Cruise que fica em Amsterdã, na Holanda. É um importante ponto turístico e que possui um atrativo peculiar chamando a atenção de todos que passam por ele.

As interações realizadas no exercício de comentar as imagens e responder aos comentários de suas fotografias são capacidades virtuais e ajudam a desvelar



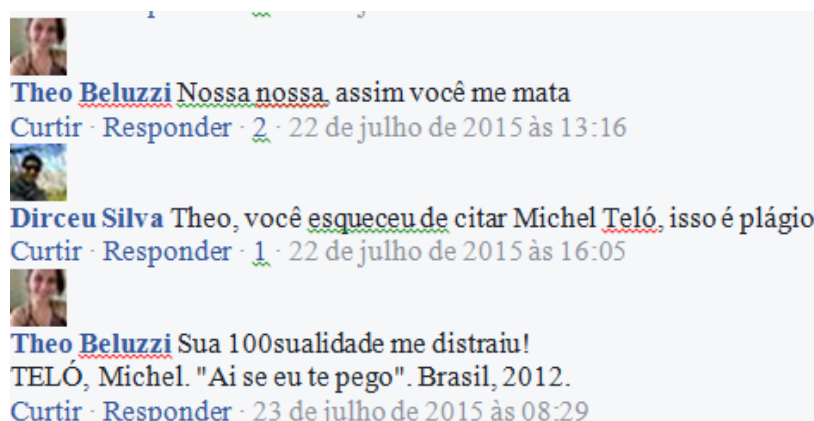
os modos de ser (COUTO, 2014) deste professor, que se apresenta sempre muito bem humorado, sarcástico e com brincadeiras que são levadas na “esportiva”, como é bem disseminado no senso comum. São percebidos nessa fotografia (Figura 15) comentários que discutem desde questões sexuais às questões acadêmicas, sempre de forma muito lúdica e satírica. Uma amiga do Dirceu reconhece que são perspicazes os comentários, como se observa:

Figura 16: Comentário realizado na fotografia (Figura 15) de Dirceu Silva.



Algumas amigas e amigos de Dirceu Silva fizeram elogios sobre a beleza apresentada por ele nesta representação imagética corporal: Gatao bjs // MUITO GATO // Lindo como sempre!!!! // Lindoooo bjus//. E sempre são correspondidos por ele.

Figura 17: Comentários realizados na fotografia (Figura 15) de Dirceu Silva.



Nesse comentário acima, percebemos um elogio através de trecho de uma música brasileira bem animada que ficou conhecida internacionalmente, e ainda assim, Dirceu faz ironicamente um comentário com a amiga dizendo que ela esqueceu de citar o nome do cantor e que, por isso, poderia se caracterizar como plágio. A mesma faz uma tréplica afirmando que a sensualidade de Dirceu a distraiu

e deu nesse “esquecimento” da citação.

Outro comentário que gerou pensamento divergente em outra amiga de Dirceu foi o de Caio Vinicius Detoni ao comentar: “Quando te vi passar fiquei paralisado. Tremi até o chão como um terremoto no Japão...Um vento, um tufão...Foi assim, viu? Me vi na sua mão...” Dirceu responde: “Que lindo Caio Vinicius Detoni eu estava precisando ler isso”. Percebemos neste diálogo que existe um tom de carinho e de brincadeira entre os dois e que os mesmos possuem uma certa amizade na esfera pessoal para se tratarem com tamanha proximidade na esfera pública virtual. Mas, em contraposição, sua amiga Mirele Fagundes não compreende dessa forma, possui outra interpretação e chega a comentar novamente a postagem acreditando que Dirceu está gostando de rapazes apenas por conta da interação entre ele e o Caio Vinicius Detoni. Mas o protagonista diz que é



**Dirceu Silva** Muito amor misturado com zoeira  
 Curtir · Responder · 1 · 23 de julho de 2015 às 20:00

e sua interlocutora responde: “ufa Ainda bem...tava começando a achar que você jogava no outro time kkkkkkk” demonstrando uma certa preocupação com a possível orientação afetivo-sexual do professor, quando na verdade não se passa de uma interação entre os dois sujeitos no formato de “zoeira”, como dito por ele. E, se ainda assim fosse verdade, esse julgamento de ser certo ou errado sobre a definição sexual caberia apenas ao próprio Dirceu Silva.

Com essa influência mútua, se percebe em evidência, ainda que não seja o objetivo (consciente) primordial dos sujeitos em rede, a produção de conteúdos e construção de si, afirmando o que se é, o que se acredita e também o que não corresponde às características de sua identidade, seja ela pessoal, social, sexual, profissional, etc. Sauter (2014, p. 826) aborda essa questão, trazendo à tona a reflexão de que “as pessoas no passado escreviam sobre si e para outros para configurar a sua ética, os seus valores, crenças e entendimentos, e ainda para traçar e redesenhar as suas subjetividades. O *facebook* é uma das ferramentas com que as pessoas fazem isso hoje”.

O papel da plateia para o sucesso da representação é essencial, uma vez que a ela cabe a legitimação da imagem construída, do ethos desejado. No Facebook, portanto, é através dos comentários deixados que o público pode validar ou não a fachada do ator que ali se expõe. O outro, assim, representa o lugar de legitimação do sujeito, em um ambiente no qual é preciso “existir”

de forma colaborativa (CARRERA, 2012, p. 157).

Nesse contexto digital, nem sempre é possível demarcar com exatidão os próprios alvos e suas reações após a exposição de si no *facebook*. Mas podemos imaginar e supor que o retorno recebido através das curtidas, reações e comentários são revelações explícitas da ação de alguns dos alvos, mas não se pode desconsiderar a grande possibilidade de uma gama indeterminada de pessoas serem deslocadas emocionalmente pelas representações corporais expostas, mesmo que não demonstrem explicitamente com algum desses recursos de sinalização da plataforma.

Figura 18: Fotografia do perfil do *facebook* de Dirceu Silva.



Fonte: <https://goo.gl/lyMfR9>

Sempre com um estilo próprio, Dirceu apresenta-se novamente sorridente numa cena noturna dando uma ideia de diversão e felicidade. Percebemos que as imagens do perfil dele sempre focalizam o seu Eu, por mais que as paisagens e lugares sejam distintos, focalizam sempre do tórax para cima. Dessa maneira o seu rosto fica sempre em destaque o que demarca as suas expressões faciais com muita facilidade.

A felicidade ou a representação dela é um atributo socialmente valorizado nos dias de hoje, ou seja, aquele que confere ao ator que o manifesta uma certa autoridade enunciativa, tornando-o um sujeito dotado de capital social (BOURDIEU, 2011). Isso porque “na era da felicidade compulsória, convém aparentar-se bem adaptado ao ambiente, irradiando confiança e entusiasmo, alardeando uma personalidade desembaraçada, extrovertida e dinâmica” (FREIRE FILHO, 2010, p. 1).

Esse sentimento em fusão com tantos outros sentimentos são fortalecidos e reforçados nas interações sociais entre os sujeitos através dos compartilhamentos e conexões. São comentários de todos os tipos, desde familiares a amigos que estão distante fisicamente e geograficamente, como se observa nas figuras a seguir:

Figura 19: Comentários realizados na fotografia (Figura 18) de Dirceu Silva.

The image shows a screenshot of a Facebook post with several comments. The comments are as follows:

- Fabrcio Leomar** A derrota da seleção brasileira lhe fez bem Dirceu.  
9 de julho de 2014 às 15:56 · Curtir · 1
- Dirceu Silva** Fabrcio Leomar hahaha. O que me fez bem foi a prisão do diretor da empresa de venda de ingresso da Copa  
9 de julho de 2014 às 16:00 · Curtir · 1
- Juan Carlos Pequeña Suni** Dirceu agora é vc? ou de novo invadiram seu face o\_O  
9 de julho de 2014 às 16:14 · Editado · Curtir · 2
- Theo Beluzzi** Dirceu Silva, troca a foto do tinder tb, essa tá melhor.  
9 de julho de 2014 às 16:23 · Curtir · 4
- Leonardo Dupin** Essa foto no tinder vai dar até briga.  
9 de julho de 2014 às 16:24 · Curtir · 1
- Dirceu Silva** Dessa vez sou eu Juan. hahaha. Theo Beluzzi vou trocar e obrigado pela dica. Seu tinder tá ótimo, não tenho sugestões, muitos matchs?  
9 de julho de 2014 às 16:37 · Curtir
- Theo Beluzzi** Dirceu Silva eu larguei o aplicativo. Matchs demais estavam atrapalhando minha vida. Mas eu trocaria a sua descrição também. Me disseram que músicas do U2 costumam funcionar melhor do que aquele funk ostentação que você gosta de citar
- Eliane Oliveira** Ta gato. .  
9 de julho de 2014 às 18:41 · Curtir · 1
- Alison Melo** Oi Dirceu td bem? lembra de mim? Curti da foto 😊  
9 de julho de 2014 às 18:45 · Curtir · 4
- Dirceu Silva** Aê Porto Bruno, os baianos estão com toda moral em SP...rs  
9 de julho de 2014 às 18:52 · Curtir
- Dirceu Silva Alison Melo** vc me abandonou em Campinas, já tirei vc do meu corassaum...rs  
9 de julho de 2014 às 18:52 · Curtir · 1
- Renata Guelfi Rossini** Nossa, parece que te conheço de algum lugar. não?  
9 de julho de 2014 às 18:59 · Curtir · 1
- Dirceu Silva** Nesse lugar, ainda não existia essa foto! haha  
9 de julho de 2014 às 19:02 · Curtir · 1

At the bottom of the screenshot, there is a text input field with the placeholder "Escreva um comentário..." and icons for adding photos and videos.



Nas análises das fotografias de todos os professores pesquisados, os amigos de Dirceu destacam-se disparados nos comentários mais engraçados e bem humorados. Essas são características fortes dos seus interlocutores e conseqüentemente ajudam na formação do professor para que corresponda com o mesmo senso de humor ou não. Observamos os seguintes comentários: Dirceu agora é vc? Ou de novo invadiram o seu face o\_O // Dirceu Silva, troca a foto do tinder tb, essa tá melhor // Essa foto no tinder vai dar até briga // Oi Dirceu td bem? Lembra de mim? Curti da foto ;) // 53 likes? Pff... pouco! Mais likes galera! // Nuss...totalmente sedutivo! // Dirceu Silva eu larguei o aplicativo. Matchs demais estavam atrapalhando a minha vida. Mas eu trocaria a sua descrição também. Me disseram que músicas do U2 costumam funcionar melhor do que aquele funk ostentação que você gosta de citar // Me esqueceu nada Dirceu, esses olhinhos tristes denunciam // Nossa, parece que te conheço de algum lugar. não? // Faro vai dizer assim pra vc Dirceu Silva: só veio arrumar o cabelo // Eu ainda não curti. E tô achando que essa não merece // Um meme com imagens do Ayrton Sena e escrito: Senas Fortes // Quer ser meu amigo? Rsrtrs Saudades! Forte abraço//. Nessa teia discursiva, o produto é a singularidade de cada um onde a subjetividade e a criatividade são aguçadas. Essa narrativa, visual e verbal, convida não só Dirceu a

se manifestar como também a todos os atores que compõem a rede desse professor.

O envolvimento destes docentes universitários da área de Educação Física no *facebook* passa a ser guiado pelas vontades de estabelecerem relação constante com os amigos, alunos, parceiros acadêmicos ou com os demais que se encontram em suas redes. As pessoas se espetacularizam e se exibem mais, interagindo concomitantemente no ambiente virtual e físico, demonstrando sua intenção, desejo e vontade de se fazerem sempre presentes ou onipresentes (FERREIRA; SILVA, 2011).

Estes professores estão lá e cá, vivendo experiências diferenciadas nestas conexões, experienciando esse ciberespaço e, por outro lado, estão também em suas universidades, vivenciando suas práticas curriculares e pedagógicas, cumprindo ofícios de pesquisa e extensão, desenvolvendo as etapas e em constante melhoramento de sua formação profissional, seguindo ou transgredindo as regras. Nestes dois espaços, estes professores estão vivenciando, experimentando, estimulando, construindo conteúdos e conhecimentos, aprendendo novos valores, condutas, símbolos e partilhando informações.

Dentro dessa perspectiva, então, pode-se conceber a comunicação como um processo inerente ao compartilhamento de saberes, procedimento essencialmente caro ao fazer da educação, que dele se vale para apresentar conteúdos informacionais que sustentem as ações de geração do conhecimento, podendo provocar o aparecimento de uma nova informação, quando quem constrói esse conhecimento, fazendo uso da ação de comunicação, o representar por meio das diversas linguagens (GOMES, 2008, p. 1).

É importante compreender que estes ambientes não estão fechados, compartimentalizados ou fragmentados numa polaridade que coloca o real e o virtual em polos distantes. Ao experimentar, estes professores os fazem dialogar, encontrar em tracejados contínuos, por exemplo, falam na universidade sobre algo que aconteceu, tomou conhecimento ou compartilhou no *facebook*, e no *facebook* discutem questões relacionadas à universidade, seus interesses e outras facetas. Por isso, muito mais do que uma inclinação para o uso do ciberespaço para armazenamento de imagens, estes hábitos e comportamentos contemporâneos modificaram saberes e conceitos a respeito da noção de educação, reputação, de tempo, de espaço, de identidade, de redes sociais, de individual e coletivo, de público e privado, etc (PIOVESAN; BORGES, 2014).

Vale lembrar, que a TRS (MOSCOVICI, 2012) está também compreendida e observada a partir das atitudes e relações interpessoais que acontecem nas interações sociais digitais e ao procedimento subjetivo que acontece antes e durante as trocas manifestas. Essas representações são criadas, modificadas e incorporadas nestas relações, por isso são sociais e constituintes também da cibercultura (MOSCOVICI, 2006) que norteiam os comportamentos e condutas, sendo responsáveis não só por atribuir significados às ações como também conformar o contexto em que elas irão acontecer. A representação corporal digital, neste quesito, é parte do processo de desenvolvimento das relações entre os sujeitos, onde se percebe que variam do nível mais superficial ao nível mais íntimo de acordo como as relações se desenvolvem ou se desedificam.

A partir dessa compreensão, se observa que alguns comentários na figura 18 são reproduzidos em outros formatos, como acontecem em outros aplicativos como o Tinder<sup>8</sup>, que é muito citado em alguns comentários, e que é uma rede social virtual de relacionamentos. Dirceu interage bem e também utiliza de sua inteligência e criatividade para responder aos seus amigos, como vemos nestes comentários: Dessa vez sou eu Juan hahaha. Theo Beluzzi vou trocar e obrigado pela dica. Seu tinder tá ótimo, não tenho sugestões, muitos matchs? // Alison Melo vc me abandonou em Campinas, já tirei vc do meu corassaum...rs // Muita sedução. Olhe nos meus olhos e diga que não me ama mais...faltou o dedinho na boca! // Alison Melo curta a foto e compartilhe até chegar no Rodrigo Faro // Matheus pq não mereço [likes]? Hahaha.

Há um reforço de pensamentos, desejo de visibilidade e novas subjetividades são construídas nessas trocas de informações e produção de conteúdos no *facebook*, que surgem a partir das representações corporais constituídas na rede. Essa percepção é confirmada pelos próprios professores como se pode observar nas seguintes unidades de análise a seguir:

“Eu me sinto bem, as curtidas e comentários indicam que alguma mensagem foi transmitida para o receptor da imagem” (Dirceu).

---

<sup>8</sup> É um aplicativo multi-plataforma de localização de pessoas para encontros românticos cruzando informações do Facebook e localizando as pessoas geograficamente próximas. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tinder>

“[...] Toda aceitação social faz bem para nossa autoestima e nosso ego, mas procuro encarar com naturalidade [os comentários e curtidas] e sem maiores alardes” (Mauricio).

“Si el mensaje es academico se comenta, se comparte o se dan a “Me gusta” me siento muy bien. Si no es profesional tengo mis dudas si debo estar etiquetada o no” (Nuria).

“Desejado, comentado [...]” (Osni).

“Gosto quando meus post são curtidos” (Silvana).

Com isso, se pode inferir que estes professores desenvolvem novas relações com essas questões que inicialmente eram instrumentais e passam a ser estruturais. Gostam quando suas fotografias corporais são curtidas, comentadas e até mesmo compartilhadas, gerando satisfação, análise sobre as aprovações ou reprovações de outrem, chegando a refletir na própria autoestima. Há um sentido de vaidade e desejo nessas representações, e o *facebook* se constitui, para os professores pesquisados, um território de livres experimentações, sem fronteiras ou limites, que também se traduzem em performances imagéticas de si, mas, no entanto, existem preceitos morais que direcionam o comportamento desses sujeitos em rede.

Pistas começam nos ser dadas no entendimento de que a construção das representações corporais desses professores no *facebook* são construídas a partir de seu reconhecimento social enquanto docentes universitários, como vemos nesse trecho da fala de Nuria Castro-Lemus “Si no es profesional tengo mis dudas si debo estar etiquetada o no”, quando ela anteriormente afirma que gosta das curtidas e comentários e que se sente bem principalmente quando está relacionado às questões acadêmicas e se não se trata de uma “análise” de sua representação corporal docente ela tem dúvidas se deve estar classificada ou não, ou seja, não sabe se deve dar a devida importância. Osni ressalta que no *facebook* as pessoas,

“Necessitam da aprovação dos outros, de comentários positivos para preencher um vazio em sua vida” (Osni).

Nós somos seres gregários e nos constituímos humanos a partir dos relacionamentos interpessoais, isso é legítimo e muito necessário. A partir dessa fala do professor Osni, fica claro que na verdade necessitamos incessantemente da aprovação de outras pessoas através dos comentários e das curtidas que elevam a nossa autoestima, como revela o professor Mauricio ao dizer “fico muito alegre e com uma alta autoestima”. Porém, percebemos com frequência no *facebook* e



também em outras redes sociais, uma necessidade constante de autoafirmação, percebendo-se nesse movimento uma tentativa de convencer a si mesmo e ao outro de algo que não temos certeza e convicção em nós mesmos, na busca da superação desse vazio em alguns aspectos da vida como nos aponta o professor Jocimar Daolio:

“Penso que se alguém precisa exibir uma determinada característica física no facebook (ou em qualquer outro lugar) é porque isso não está bem resolvido para ela. Alguém que quer parecer belo se preocupa muito com isso e, com certeza, não se acha tão belo e isso incomoda. Precisa fazer um marketing de si mesmo” (Jocimar).

Assim como Daolio no argumento anterior, Debord (1997) denuncia nesse mesmo sentido a dimensão espetacular dessa nossa sociedade, afirmando que os sujeitos supririam com imagens aquilo de que necessitam e carecem na sua existência física real. Ainda no intuito de analisar o impacto das interações geradas pelas fotografias do perfil, e que, constroem representações sociais e subjetividades corporais, se destacam também como importantes as seguintes unidades de análise:

“Me siento bien si los comentarios de la foto son positivos y si son negativos, intento aprender de los errores” (José Sóidan).

“[me sinto] orgulhoso. Quando não acontece procuro saber o motivo e penso que se trata de uma postagem não muito bem pensada” (Renato).

Então, se verifica o quanto as redes sociais podem influenciar no processo contínuo de ensino-aprendizagem, aquisição e produção de conhecimentos e de reflexão pelas pessoas que usam o *facebook*, e neste caso em específico, estes dois professores admitem que sentem-se bem com comentários positivos, no entanto, se são negativos eles argumentam que refletem sobre o conteúdo produzido, sempre aprendentes com os “erros” e chegando a acreditar que foi uma exposição de si não muito bem pensada.

Esses ciberprofessores se percebem quando permitem que os seus amigos os vejam, curtam suas postagens, comentem e compartilhem suas subjetividades. Desenvolvemos muitas projeções dos Eus e, por conseguinte, esses docentes que se permitem ser olhados, percebidos e comentados, adquirem e partilham

conhecimento. Com isso, ganha força o entendimento de que o *facebook* é realmente um currículo cultural (MORGADO; SANTOS; PARAÍSO, 2013) e que incentiva e proporciona a produção desses desejos, modos de ser e aprendizagens de diversas ordens.

Outra fotografia do Dirceu, que foi postada em 12 de junho de 2016 e que obteve 172 curtidas gerou bastante interlocução entre ele e sua audiência.

Figura 20: Fotografia do perfil do *facebook* de Dirceu Silva.



Fonte: <https://goo.gl/BDQ3r3>

Mais uma vez se percebe uma satisfação em autofotografar-se, demonstrando uma natureza linda composta pelo seu Eu. Para Dirceu Silva, “a busca pela satisfação faz com o que as pessoas mostrem diferentes concepções”, ou seja, essa relação entre a satisfação e a ação, mediada pela imagem publicizada no *facebook*, possibilita o fortalecimento das representações. Esta fotografia (Figura 20) ainda é a atual do perfil do Dirceu, no entanto se percebe que embora seja uma foto diurna e com a presença do sol fazia frio pelas vestimentas apresentadas pelo Dirceu. Esse fato torna-se motivo de “piada” entre os seus amigos e um dos comentários foi feito pela Daniela Yumi: “Dirceu, acho que sua foto anda

desatualizada! Estamos em pleno verão e você continua de cachecol no perfil!! Acho que praia é muito mais a sua cara ;p”.

Esse comentário é aprovado por Matheus Santos que curte e comenta logo em seguida: “queremos uma foto de sunga em Bonito”. E esse comentário surge porque o Dirceu mora recentemente em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, que fica próximo à Bonito (cidade que dispensa apresentações e que é conhecida internacionalmente pelo seu potencial turístico que resplandece pela sua exuberância e maravilhosas riquezas naturais). Dirceu corresponde ao comentário de Daniela e diz em 7 de dezembro de 2016: “Blza. Eu vou trocar”. Mas até o momento (janeiro de 2017) ainda não trocou. Já outro amigo, o Caio Vinicius Detoni o reprime dizendo “Dirceu, comporte-se”. Com essa fala ele insinua que Dirceu deve se comportar e, portanto, não deve colocar uma foto de sunga em seu perfil.

Seguem as imagens de outras interações dessa mesma fotografia que fora produzida em Dublin na Irlanda, e que nos dão ideias de como este professor viajante se movimenta na rede social *facebook*:

Figura 21: Comentários realizados na fotografia (Figura 20) de Dirceu Silva.

The image displays two screenshots of Facebook comments on a post by Dirceu Silva. The left screenshot shows comments from Caio Vinicius Detoni, Alison Melo, and Mirele Fagundes. The right screenshot shows comments from Caio Vinicius Detoni, Mirele Fagundes, Dirceu Silva, and Matheus Santos.

**Left Screenshot Comments:**

- Caio Vinicius Detoni:** Já vi fotos melhores. Portanto, só um like. (1 like, 12 de junho de 2016 às 16:59)
- Alison Melo:** Foto muito padrao csf. Sem like dessa vez. (1 like, 12 de junho de 2016 às 17:03)
- Dirceu Silva:** Sim, continue a pagar impostos. (2 likes, 12 de junho de 2016 às 23:30)
- Mirele Fagundes:** Professor lindo ou lindo professor? ? (2 likes, 12 de junho de 2016 às 17:14)
- Caio Vinicius Detoni:** É...não. (1 like, 12 de junho de 2016 às 17:31)
- Mirele Fagundes:** Que o Dirceu conserve pra sempre esses amigos...já pensou se fossem inimigos? ????

**Right Screenshot Comments:**

- Caio Vinicius Detoni:** Miga, nunca disse que o Dirceu era meu "amigo". Bjs de luz. (12 de junho de 2016 às 19:10)
- Mirele Fagundes:** Eita !!! (12 de junho de 2016 às 19:51)
- Dirceu Silva:** Não liga Mirele Fagundes. Existe espaço no céu suficiente para todas as estrelas brilharem. (2 likes, 12 de junho de 2016 às 23:21)
- Matheus Santos:** Dei o like pq senão dirceu fica pedindo no whatsapp. (2 likes, 12 de junho de 2016 às 17:36)
- Caio Vinicius Detoni:** Desagradabilíssimo. (12 de junho de 2016 às 17:40)
- Dirceu Silva:** Obrigado Matheus por mais este like. (12 de junho de 2016 às ...)



Nesse mesmo movimento, na ação de comentar suas imagens, Dirceu se torna uma pessoa crítica de suas próprias representações corporais, práticas, modificando, inclusive, com base na retórica dos outros, suas narrativas, suas representações, em um procedimento de retroalimentação do que fora transmitido (MACIEL JUNIOR; COSTA, 2016). Além de que a personalidade de Dirceu é bem evidenciada a partir dessas interações, vez que se clama, ainda que de forma humorada, por mais visibilidade, ao responder ao seu amigo no comentário dizendo: “Caio, compartilhe até chegar no boninho”. Uma vez que, dentro de uma lógica metafórica, se a imagem dele chega nas mãos do William Bonner (Boninho) que é um reconhecido jornalista brasileiro, poderia ter repercussão nacional e mundial pelo potencial de eco desse programa jornalístico.

As três fotografias de perfil analisadas de Dirceu Silva, apresentam um foco mais nele do que no ambiente em si. A primeira e a terceira fotografia analisada demonstram que foi uma *selfie*, pois o reflexo em seu óculos escuro nos possibilita esta argumentação. Na exibição de *selfies* torna-se mais perceptível o culto à própria imagem e muitos acreditam que para fazer parte da nossa sociedade existe a condição essencial de atualizar constantemente o seu autorretrato do perfil visando uma superexibição. Nessa sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), o

corpo adquire realidade somente quando é visualizado, mediado pelas telas. Nelas, a visibilidade depende do aparecer da imagem corporal no campo visual do outro, imaginariamente representado pelo *facebook*.

Ainda, percebemos, que as três imagens não são no Brasil, são em outros países e possuem grande visibilidade e valorização social na rede, vez que todas elas possuem mais de 100 curtidas (o que implica dizer que houve o mesmo número ou um número maior de visualizações). No entanto, nesta construção corporal através das fotografias digitais, o que mais chama a atenção são os comentários divertidos e espontâneos de seus amigos, amigas e colegas. Em diálogo no *Messenger* do *facebook*, Dirceu disse que grande parte de seus amigos que comentam são professores universitários da mesma área (Educação Física) e de outras áreas do conhecimento e que se diverte com estas interações.

Figura 22: Fotografias publicadas no perfil de Dirceu Silva no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/AfHA3f> Acessado em 29 de dezembro de 2016.

Acima (Figura 22) está o panorama geral de suas fotografias do perfil e que seguem geralmente o mesmo padrão de destacar o seu Eu, embora sempre em circunstâncias e localidades distintas. Em uma dessas fotografias ele se mostra quando criança, ao demonstrar que ele experimenta sentimentos de nostalgia ou angústia em decorrência das constantes transformações na sua condição de ser, com diferentes fases performáticas de/sobre si.

Ou, também, pelo fato desta imagem ter sido publicada em 10 de outubro de 2015, dois dias antes da data em que se comemora o dia das crianças no Brasil, pode ser que ele tenha aderido a mudança do avatar<sup>9</sup> que viraliza nos perfis brasileiros do *facebook* na semana em que se festeja este dia e outras datas e acontecimentos. Esse fenômeno viral e em “efeito manada” é melhor exemplificado e detalhado no decorrer da análise e discussão.

Ainda, a maioria de suas imagens estão também relacionadas às suas viagens nacionais e internacionais e isso é relatado pelo próprio professor Dirceu Silva ao dizer: “no meu caso, eu posto mais fotos de viagens, então acredito que serve para mostrar os lugares que já visitei, além de passar alguma informação turística para aqueles que gostam de viajar”. Então, se percebe que em uma “simples” ação de compartilhar ou colocar uma foto no perfil do *facebook* existe uma elaboração mental de que alguma informação deve ser compartilhada ou conteúdo produzido, construindo a representação corporal em rede e consequentemente com construção de conhecimentos através das conexões e das Pedagogias corporais.

A espetacularização cotidiana dos sujeitos é interligada aos meios de constituição e conservação das redes sociais na *internet*, estando esta acessível a todos os tipos de pessoas, independente de suas características biológicas, econômicas e culturais, transformando simples ações triviais em atos performáticos, ao ponto de serem exibidos.

---

<sup>9</sup> Originalmente o termo *avatar* é empregado para designar representações virtuais (bi ou tridimensionais), mas descrições textuais de corpo e pessoa, como no caso do sistema baseados em textos (tais como IRC, MUD ou *web chat*), também podem ser considerados "avatares" na medida em que permitem uma presença corporificada em ambientes de sociabilidade *on-line*. GUIMARAES JR., Mário J. L. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social *on-line*. Horiz. antropol., Porto Alegre, v.10, n.21, p. 123- 154. jan./jun 2004.

Figura 23: Fotografia do perfil de Silvana Goellner no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/9DiiMi>

Percebemos nesta imagem (Figura 23) uma Silvana alegre, muito sorridente e feliz. Em uma praia, com um tempo nublado, mas que se assemelha bastante com um fim de tarde e uma maré com ondas pequenas. O cabelo da professora Silvana Goellner está bem natural, soltos ao vento e proporcionando um estilo mais a vontade, com uma corporalidade agradável e interessante, demonstrando uma pessoa que está de bem com a vida.

O corpo dilatado e invadido pelas tecnologias nasce como um novo modelo de inteligência, sensibilidade, flexibilidade e capacidades comunicativas, despertando a consciência da percepção de forma complementar a consciência representativa (CARNEIRO, 2016). O professor universitário toma consciência de seu corpo por meio do mundo e tem consciência do mundo através de seu corpo. Mas a maneira como ele vai manusear o *facebook* e perceber o mundo, a educação, o sujeito, a vida e seus fenômenos vai também estar vinculada ao meio cultural e social em que ele está inserido e envolvido.

A fotografia é fortemente considerada como uma forma de produção de conhecimento (LACRUZ; STUMPF, 2011). Essa é uma imagem fotográfica (Figura 23) com 110 curtidas e publicada em 09 de junho de 2015, gerou uma interação com suas amigas, com elogios através de Emojis e do adjetivo Linda proferido pela Cris

Avila. Em outro momento, percebemos que existe outra amiga apresentando subjetividades afetivas afirmando que está com uma saudade muito grande da amiga “Vaninha”, forma que ela se referiu a Silvana. Como se verifica na figura 24:

Figura 24: Comentários realizados na fotografia (Figura 23) de Silvana Goellner.



Os discursos postos acima não são meras manifestações de carinho, são antes de tudo uma estratégia de visibilidade de Silvana Goellner. Ela cria estratégias de construção da realidade, trazendo à tona sentimentos até então invisíveis que dizem respeito somente a ela, quando expõe dizendo: “Manis fofa”. Dando a entender que existe uma relação de amizade baseada nos princípios da irmandade e reciprocidade, vez que dizer “Manis” no jargão popular tem a conotação da palavra irmã, carregada de sentidos e significando uma forma mimosa e carinhosa de se dirigir a uma amiga.

Sabemos que os diferentes padrões culturais exercem influências sobre a percepção da concepção e imagem corporal, caracterizada como a forma com que o indivíduo se percebe e se sente em relação ao seu próprio corpo, fruto de suas representações, experiências, sentimentos, emoções e expectativas de vida, que se transformam e modificam cotidianamente. Sendo inegável a ação desses artefatos para a produção do corpo virtualizado no *facebook*, pois não se pode negar e desconsiderar os demais fatores que estão associados à construção destas representações corporais em rede.



Figura 25: Fotografia do perfil de Silvana Goellner no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/jCEHir>

Verificamos nesta imagem (Figura 25), que a professora Goellner se encontra com um largo sorriso no rosto, com cabelos cacheados, brincos e mesmo em um lugar aparentando ser um mar ou um lago ao fundo e com um céu ensolarado, percebemos que está fazendo frio. Essa imaginação é desenvolvida a partir da observação de sua vestimenta e acessório charmoso (cachecol) utilizado pela Silvana nesta fotografia.

O primeiro comentário é do João Lima, é notável e produz muita subjetividade além de dar um retorno à ação pedagógica da professora. Isso, pelo fato dele elogiar Silvana a chamando de lindona, e também, porque ele argumenta que está com saudades dela e de suas aulas, o que nos dá um entendimento sobre o comprometimento dessa professora com sua função social docente. Só uma boa professora seria capaz de deixar impressões positivas e o sentimento de saudades em seus ex-alunos.

Outras interações simbólicas acontecem através dos comentários de suas

amigas: Lindona!! Saudades querida amiga // Bela foto!! // maravilinda!! // bjus minha querida! // Minha grande e querida amiga Silvana Goellner!!!! Saudades...

Essa expressão de sentimentos, opiniões e emoções quanto ao conteúdo corporal imagético nesta e nas fotografias dos outros docentes está relacionada à reputação. Conforme Recuero (2009), a reputação está pautada nas informações que uma pessoa recebe relativamente ao comportamento de outras pessoas na rede, o que gera a construção de pensamentos e impressões sobre elas. É a ação de atribuir sentidos com aporte em seus valores, sua experiências e seus conhecimentos.

Através de um comentário nesta imagem, percebemos que a professora tem o *facebook* há apenas 2 anos. Sua amiga Dagmar Meyer afirma em dezembro de 2014: “Olha só Silvana Goellner! Tu agora tem facesss!” O que indica uma espécie de surpresa e ao mesmo tempo uma alegria para a receptora pela oportunidade de também poder manter contato com Silvana através desta importante rede social.

Nessa direção das análises das representações corporais através das imagens fotográficas, geram-se estes atos de curtir, comentar e também compartilhar as imagens promovendo a construção de saberes que inter cruzam sobre si na perspectiva de outros, numa realidade assinalada pelo compartilhamento de ideias e modos de ser, à medida que ocorre sua exposição (PIOVESAN; BORGES, 2014).

Figura 26: Fotografia do perfil de Silvana Goellner no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/rgwHQY>

Essa imagem (Figura 26) nos remete a uma representação corporal leve, descontraída e de muito relaxamento e paz, que surge em oposição ao ritmo frenético diário constituinte do cotidiano de uma professora universitária. Na foto aparece os seus pés, onde Silvana está deitada em uma rede com vegetação, muitas riquezas e muita biodiversidade natural ao fundo. Essa cena nos direciona a pensar que são tempos de recesso ou de férias do trabalho, ou até mesmo de um momento de descanso, lazer ou de libertação. Essa fotografia foi publicada em 04 de junho de 2015 e no dia 09 de junho de 2015 foi postada outra fotografia no perfil em que ela se encontrava na praia. O que nos direciona para estes tipos de interpretações.

Na discussão anterior (seção 4.2) percebemos através das análises sociohistórica e cultural que antes o corpo era dividido no binário físico/alma, na pós-modernidade este corpo é a própria fragmentação, é dilacerado em pedaços (Figura 26) que adquirem sentidos e vida própria. É a ideia do corpo como projeto, sempre em curso, metamorfoseado, construção que vislumbra o corpo como um campo de possibilidades, isto é, como um território de possíveis. Um corpo vivido e

experienciado sendo criado e idealizado por uma rede de símbolos e significados ao invés de apenas uma rede de órgãos e sistemas.

Neste caso, analisando os comentários das amigas, observamos que a comunicação se deu predominantemente através de figuras que interpretam essa


imagem de Silvana como momento de descanso:  . Outros comentários vieram também representados por figuras, mas com um texto direcionando a mensagem da figura escolhida. A partir dessa interação, é reforçada a importância das imagens, figuras, símbolos figurativos e fotografias na produção de conteúdos e de comunicação, como se observa na figura 27:

Figura 27: Comentários realizados na fotografia (Figura 26) de Silvana Goellner.



A própria professora reconhece esse potencial da rede para as criações das representações corporais (de repressão ou libertação) nas redes sociais, que também são instâncias sociais. Como se percebe em sua fala:

“O facebook como qualquer outra instância social produz e reproduz representações sobre os corpos [...] o facebook não existe isolado dos discursos que circulam sobre os corpos em várias instâncias sociais. E estas estão direcionadas para seu controle e também para sua libertação” (Silvana Goellner).

A professora Doiara Santos também traz essa questão para o debate ao argumentar que “quando as pessoas optam por não postar fotos de seus corpos porque julgam que estas fogem às imagens sociais do que é belo (reproduzidas por veículos midiáticos), cerceiam-se desta liberdade e compartilham deste imaginário equivocado, reproduzindo o que se chama de padrão”. A partir destas reflexões, fica claro que o *facebook* possui uma grande influência sobre os discursos dos corpos

sobre os corpos, e mais do que isto, que essas representações sociais compartilhadas no imaginário coletivo podem possuir uma tendência libertadora ou também um caráter aprisionador de controle e repressão.

Sob o prisma dessas problematizações, Doiara ressalta a importância e contribuição da Educação Física na formação dos corpos, ao relatar que “a Educação Física, como área de conhecimento e intervenção, tem a possibilidade e a responsabilidade de problematizar tais temas e intervir pedagogicamente contribuindo para a formação humana neste sentido de liberdade de aparência a partir de referências filosóficas, sociológicas, históricas, com referenciais de saúde e condicionamento físico também”. Seguindo este raciocínio, corroboramos com o antropólogo Le Breton (2015) ao argumentar que os limites do corpo traçam a ordem moral e significativa do mundo, onde pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo. O corpo faz hoje a jogada decisiva, torna-se o paradigma fundamental das sociedades contemporâneas.

Esse paradigma acontece sempre na interface do conflito, o corpo festivo vive dos agitos e perturbações das sensações voláteis (COUTO, 2012a) e fortes, sob o escudo do prazer e da perfeição minimamente idealizada e disseminada no espaço virtual. O corpo vive em meio a essas ambiguidades, se libertando de remotos aprisionamentos ao passo que cria novos ornamentos, novas artes, outras moléstias, na incessante construção das suas mobilidades existenciais, visualidades e virtualidades, sobretudo por meio das dinâmicas aceleradas existentes nas redes sociais, como o *facebook*.

Dessa maneira, as reflexões sobre o corpo sempre estiveram inseridas nas discussões políticas, educacionais, filosóficas, antropológicas, culturais, religiosas e científicas, tanto como objeto ou como sujeito, permeando por muito tempo a margem dos fatos e acontecimentos da história da humanidade. E é justamente numa perspectiva crítica, que estamos analisando como estes professores universitários têm produzido conhecimento e subjetividades através de seus corpos espetacularizados no *facebook*.

A professora Silvana Goellner possui apenas 5 fotografias em seu perfil, sendo que uma não é diretamente de sua imagem corporal e sim uma figura de seu grupo de pesquisa, o GRECCO/UFRGS/CNPq (Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História) que também se debruça sobre questões relacionadas ao corpo, ao gênero, a memória, a cultura, dentre outras. Nessa direção, se concebe essas

mudanças temporárias de imagens:

Figura 28: Fotografias publicadas no perfil de Silvana Goellner no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/XBs7ai>

É importante ressaltar que a terceira fotografia dentro da imagem acima, que foi a mesma escolhida pela professora para representá-la na descrição de sua apresentação no início deste capítulo (Figura 7), demonstra Silvana com um cartaz na mão onde está escrito: #visibilidadeaofutebol feminino. Essa imagem demonstra também que este corpo tem um discurso engajado com a militância acadêmica, profissional e pessoal na luta ativa e constante pelo fortalecimento e desenvolvimento do futebol feminino no Brasil e no mundo. Para Couto (2014, p. 62) “os chamados integrantes da geração internet são essencialmente colaboradores em todas as esferas da vida, são ativistas, querem compartilhar e fazer juntos”.

Essa narrativa imagética é uma prática discursiva (FOUCAULT, 2005) que remete e integra determinadas lutas e multiplica a resistência fazendo-a mergulhar por este universo do exercício micropolítico, com corpo biopolítico (GOELLNER, 2013) e com vistas a renovação desta sociedade que ainda é arraigada em princípios normativos patriarcais e machistas. Esse aparecer surge de modo a não

deixar banalizar essa possibilidade de prática pelas mulheres e é uma importante defesa da diferença com desejo de aproximação, tornando-se uma boa estratégia de visibilidade para a comunicação transmitida por este corpo. Como também podemos verificar neste trecho:

“É uma maneira de visibilidade para as ações que realizo, sobretudo, com relação à visibilidade das mulheres no esporte [...] O que aparece no facebook está de alguma maneira relacionada com minhas atividades pedagógicas” (Silvana).

Do mesmo modo que a atividade docente não é neutra, a apropriação do *facebook* também não é. Os fundamentos das ações docentes na rede envolvem bases diversificadas (sociológica, psicológica, filosófica, antropológica, cultura corporal de movimento, etc), crescendo-se das experiências e vivências desses sujeitos no seu cotidiano, assim como sua postura política perante o mundo, irão decorrer dos referenciais de vida adotados por cada um em seu processo de desenvolvimento social, além do contexto profissional (LIMA, 2012).

A ação docente no quesito do ensinar, mas na esfera que ultrapassa a dinâmica escolar, é segundo Paulo Freire (2011) uma prática social e uma ação cultural, pois que se materializa nas interações simbólicas entre os indivíduos do processo e ganha eco nos contextos sociais e culturais. Dessa maneira, não se põe como limite a práxis docente às atividades desenvolvidas em sala de aula, pois essas intervenções ultrapassam essas fronteiras físicas. Entender essa práxis pedagógica como uma prática social necessita perceber e situar seu contexto, que nesta pesquisa, esteve transitando no *facebook*.

Já o professor Jocimar Daolio afirma que está inscrito nesta rede social há mais ou menos um ano e também que utiliza pouco os recursos de imagem no *facebook*, afirmando ter colocado recentemente uma única foto de entrada (se referindo ao seu perfil). Essa imagem corporal escolhida para figurar como seu avatar (Figura 29) obteve grande visibilidade ao obter 199 curtidas, além de muitos comentários de seus amigos e amigas na rede. Essa imagem demonstra sua satisfação e uma parte de seu laço familiar, pois que aparecem com ele na imagem os seus dois filhos em um momento de lazer e descontração em algum espaço verde bem arborizado de Campinas. O seu filho mais velho parece muito com ele (fenotipicamente falando) e o menor, conseqüentemente, necessita de maiores

cuidados paternos e maternos pela sua extrema dependência desde os cuidados básicos de higiene à sua alimentação, dentre outros.

Figura 29: Fotografia do perfil de Jocimar Daolio no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/q93m0T>

Este corpo experiente é um dos grandes nomes da Educação Física tendo contribuído com a formação de milhares de professores através de suas ações pedagógicas ao longo de seus 37 anos de dedicação a Educação (Física). E também por meio de sua produção acadêmica que ganhou visibilidade e relevância no contexto (inter)nacional, e ajudou a estruturar uma das Abordagens Pedagógicas da Educação Física no Brasil. Jocimar amplia a nossa compreensão sobre as representações corporais, nos alertando com a seguinte reflexão:

“São as formas que podemos representar internamente nosso corpo; não aquilo que o corpo é, mas a forma como cada um consegue representá-lo para si mesmo [...] O corpo sou eu e eu sou o corpo. É indissociável o meu corpo do que eu penso sobre ele. Sou corpo, penso corpo, falo corpo, etc” (Jocimar Daolio).

Notamos que embora o professor não crie uma vasta representação corporal na rede por meio das fotografias, o mesmo possui uma harmônica consciência



crítica e ampliada sobre si, sobre seu modo de ser, de pensar, sobre sua indissociabilidade entre o ser e o ter corpo. Ao estar e interagir com o mundo, o corpo envia e recebe estímulos, gerando sensações, e, por conseguinte, mescladas por aspectos psicológicos, biológicos, emocionais, dentre outros. Jodelet (2000) argumenta que a representação corporal é esse instrumento de expressão e percepção da vida imbricada e expressada através do corpo. É por isto essa representação de professor Jocimar de que nós não temos apenas um corpo, mais do que isso somos um corpo que expressa o mundo, onde o mundo também se expressa no corpo. Não existe relação com o mundo sem ser mediada pelo corpo e sobre esta questão nos acrescenta a professora Silvana Goellner:

“Não há sujeito sem corpo e o corpo integra nossa identidade. Portanto, sempre diz sobre o que somos porque não somos nada senão pelo corpo” (Silvana).

Considerando essas representações colocadas pelos professores Jocimar e Silvana, é consolidada a relevância científica e social dessa pesquisa, na medida em que é necessário tratar o corpo multifacetado como objeto da educação, dentre outros motivos, porque muitas são as descobertas, mas, mais ainda as incompreensões, os encantos, os mistérios, as façanhas que o envolvem. Devemos reconhecer que a construção da inteligência surge do corpo a partir das experiências compartilhadas e vividas. Experimentos, esses, que estão relacionados tanto com a emancipação e soberania do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a sociedade e a cultura em que se vive. Nesse contexto, podemos afirmar que, na própria ação existe conhecimento, uma vez que a aprendizagem nasce do corpo e a partir das suas ligações com o entorno. Le Breton (2015, p. 136) complementa essa ideia e amplia a reflexão ao inferir que “se o homem só existe por meio de formas corporais que o colocam no mundo, qualquer modificação de sua forma implica em outra definição de sua humanidade”. Questionamentos de ordens éticas, epistemológicas, ontológicas, estéticas e educacionais definem ou redefinem o que o ser humano apresenta.

Com esse movimento restrito no *facebook*, Jocimar apresenta uma representação de domínio do ambiente, da tecnologia e da exposição de si. Essa desenvoltura em exercer a “autoridade” traz uma força que foi ressaltada por outros professores participantes em diversos momentos. Torna-se facilitado à própria

exibição do que se quer, de quem sou na medida em que exponho o que eu quero. Não é somente o olhar do outro revelando o que não se quer ser revelado. É o usuário, nesse caso, quem dita, quem legitima, em sua percepção, o que se pode ser visualizado dele mesmo a partir também de diferentes permissões de acesso as informações de seu perfil.

Nessa tessitura existe um forte ato de liberdade do que se quer compartilhar e deixar acessível ao público. E nessa direção Lasch (1983, p. 29) argumenta que não como “a liberdade de escolher uma linha de ação em vez de outra, mas como a liberdade de escolher todas as coisas simultaneamente. Liberdade de escolha significa deixar suas opções em aberto, resulta na prática de uma abstenção de escolha”. Bauman e Dossal (2014) enfatizam a compulsão da sociedade contemporânea por criar mais liberdades para o indivíduo, sociedade que consome e que exerce a sua individualidade sem fronteiras, assinala que incidimos em um movimento oscilatório de valores que pendula entre a exaltação da liberdade como afirma o professor Renato Sampaio “você pode alterar suas imagens a qualquer momento e sem nenhum tipo de autorização ou burocracia” e a necessidade de segurança.

Essa ética da espetacularização, exibição e aparecer no *facebook* vêm romper os padrões morais institucionalizados que são castradores e aprisionam as pessoas através do controle desse sistema tecnológico que é pensado e controlado por sujeitos e por instituições agenciadoras, e por ora vem reproduzir estes padrões. Nesse exercício intenso de busca de liberdade das escolhas, também se percebe negociação dessas representações corporais nas diversas formas em que estes corpos virtualizados se apresentam, considerando pressupostos de aceitação social e também pelos recortes estratégicos e convenientes que são feitos pelos docentes, como se pode notar nos relatos a seguir:

“Eu acabo realizando uma seleção e recorte do que eu compreendo como ideal para uma visão de mim” (Dirceu).

“Eu escolho o que da minha vida eu exponho para aquela rede de contatos e isso não significa que o que lá está não é real. É real, corresponde ao real. Só opto por não retratar/expor todos os aspectos/acontecimentos da vida (que também são reais)” (Doiara).

“O facebook é uma vitrine, então, dentro do possível é necessário ter cuidado com a imagem que você divulga para as pessoas. Acho que não deve ser passada uma imagem irreal ou fictícia de sua pessoa, mas devem-se evitar imagens que desabonem sua conduta e seus

princípios éticos” (Mauricio).

“Solo publico fotografias que permitan ilustrar un acontecimiento, un trabajo o una idea, que sean socialmente correctas y que reflejen mis creencias y personalidad” (José Sóidan).

“não gosto de expor fotos sérias, tristes ou sensuais” (Sueyla).

Essas representações sociais docentes são importantes para compreender que as redes sociais dão conta de um espaço próprio e também coletivo com múltiplas vias de informação e possibilidades de intervenção, onde os sujeitos participantes da rede definem esse gerenciamento de suas representações corporais imagéticas fazendo alusão a uma espécie de empoderamento. Se define quais imagens e temáticas compartilhar, as bandeiras que lhes interessam, cria a visão ideal do seu Eu. Sem dúvida, a riqueza das experiências subjetivas é imensa. Para Sibilia (2008) são variadas as estratégias que sempre desafiam as tendências hegemônicas da construção de si.

Dentro do gerenciamento das representações corporais construídas em rede, entendemos que essa apresentação de si se dá através de uma constante reflexão sobre a imagem percebida do Eu. Ao mesmo tempo, nem sempre essa espetacularização é realizada com o objetivo de modelar a impressão ou a forma com que os outros tratam aqueles que se expõem, pois pode acontecer essa representação corporal como meio de alívio emocional, superação, carência afetiva, busca de acolhimento e conforto em palavras, dentre outros. Apesar, que podemos admitir que toda fotografia colocada nos perfis gera interpretações que influenciam esse fluxo na comunicação e interação social em questão.

Goffman (2014) relata que independentemente da meta que o indivíduo possua em mente, ele terá interesse em regular a conduta dos outros e como o tratam, agindo de tal forma que, com ou sem intencionalidade, possa expressar a si mesmo, estimulando que os outros sejam de algum modo impressionado por ele. No entanto, o outro pode reagir do modo pretendido pelo produtor da imagem fotográfica, ou interpretar a situação de forma diferente, e chegar a conclusões diferentes das objetivadas pelo sujeito.

Verificamos que em cada fotografia (Figura 30) publicizada por estes professores são reforçados os acontecimentos de seu cotidiano e também os traços diferentes de sua condição de ser e estar na rede e da representação corporal que é (re)construída a cada clique (mudança). O *facebook* se torna uma insaciável fonte

de prazer e de realização dos desejos para os docentes pesquisados. Não se trata aqui de tentar entender o que é verdadeiro ou não, pois “independente de serem verdadeiras, falsas ou fantasiosas, as muitas narrativas de si são expressões reais, ao menos, dos verdadeiros desejos desses sujeitos” (COUTO, 2015, p. 175). Precisamos compreender que existe um Eu publicizado que é fruto de um jogo de imagens desejanter e representativas e, por isto, estes ciberprofessores estão prontos para receber muitas carícias pelas telas, fazendo-os assumir várias *personas*, sem estar sozinhos, pois multiplicam seus Eus em muitas narrativas:

Figura 30: Fotografias publicadas nos perfis de Kristyan Gómez, Mauricio Ramos, Dirceu Silva, Osni Oliveira, Renato Sampaio, Sueyla Santos e Víctor Arufe Giráldez.



Foto 01



Foto 02



Foto 03



Foto 04



Foto 05

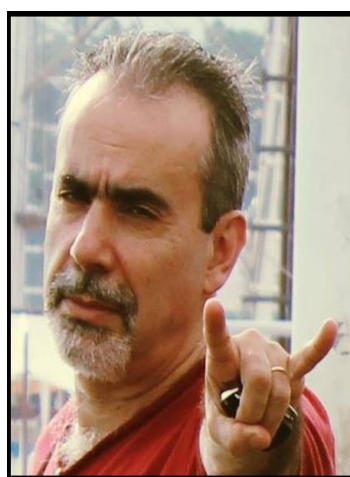


Foto 06



Foto 07



Foto 08

É perceptível que as fotografias que estão associadas ao perfil dos professores são registros identitários definidamente importantes. Particularmente relevantes são as fotografias escolhidas para ocupá-lo desde esse instante porque dentre esses marcadores de identidade, o corpo é o que mais define e que sinaliza os sujeitos como históricos, únicos e irrepetíveis (FERREIRA, 2014). Esses personagens se mostram em diferentes momentos e ações, demonstrando amor (Foto 08), divando (Foto 07), trabalhando (Foto 01), confraternizando (Foto 04), sorridente (Foto 05), hilário (Foto 02), ousado (Foto 03) e autêntico (Foto 06). Essas experiências são singulares, inusitadas, provisórias e decisivas na formação de um Eu multifacetado, plural, narrado em imagens fotográficas, coletivo, onde suas expressões ganham espaço. Em alguns casos, existe uma tendência de atualizar esta foto do perfil com certa frequência, de forma progressivamente acelerada, conduzindo às performances do Eu.

Somamos a isso, um destaque a dois elementos interconectados que evidenciam a relevância da imagem do perfil na constituição da representação corporal dos sujeitos: primeiro, por indicar a forma como o sujeito pretende ser percebido pelos demais de sua rede; depois, ao amoldar esta questão sob o prisma do reconhecimento intersubjetivo, deixa predizer um Eu que procura no olhar do Outro a confirmação e percepção da própria existência (MACIEL JUNIOR; COSTA, 2016).

Para estes professores, o corpo é uma forma transversal e inquietante de comunicação. É um território de aprendizagens sociais, apresentações e muitas celebrações na cibercultura, ampliando o sentido estético e artístico de forma a potencializar as narrativas, a satisfação instantânea e o prazer passageiro, constituindo um novo modo e meio de vida. Ser conectado. As fotografias possibilitam esse imediatismo do corpo que passa por cuidados, manipulações, representações, consumo, mutações e reconstruções culturais. Com isso se percebe que os docentes estão em um processo de constante ressignificação, pois sua relação com as redes sociais os põem em condição de mais possibilidades de criação do Eu, do se construir e se (re)inventar no *facebook*.

Percebendo essas mudanças estruturais e culturais nas representações corporais proporcionadas por esta rede social, podemos chegar a dizer que a pergunta na tela inicial “No que você está pensando?” poderia ser deslocada para “O que você está fazendo e quer mostrar para as pessoas que estão lhe vendo?”, vez que as pessoas que usam essa rede social, e neste caso os professores universitários, utilizam para transmitir principalmente através das imagens fotográficas, suas ações cotidianas, ocasionais, práticas corriqueiras, viagens e até mesmo seus sentimentos de tristeza, solidão ou luto. E nesse exercício, existe a espera pelo olhar e avaliação do outro, “quanto mais cotidiano, mais espontâneo, maior o número de relações entre as pessoas, que passam a valorizar a autenticidade e a vida de quem é “próximo”, real” (ANCHIETA, 2011, p. 1).

O corpo contemporâneo assemelha-se a uma chama. Frequentemente é minúsculo, isolado, separado, quase imóvel. Mais tarde, corre para fora de si mesmo [...] funciona como um satélite, lança algum braço virtual bem alto em direção ao céu, ao longo de redes de interesses ou de comunicação. Prende-se então ao corpo público e arde com o mesmo calor, brilha com a mesma luz que outros corpos chamados. Retorna em seguida, transformado, à sua esfera quase privada, e assim sucessivamente, ora aqui, ora em toda a parte, ora em si, ora misturado (LÉVY, 1996, p. 33).

Neste contexto de utilização de diversos tipos de mídias essas chamadas sociais são mediadas com maior frequência e regularidade, alargando as possibilidades de comunicação, bem como ampliando os modos de autoapresentação, de construção de identidades (LIMA, 2012) e suas representações afetivas. Sendo que a exposição da afetividade na rede exige e

necessita de aplausos da grande audiência, por isso os Eus reais (publicizados), mas antes idealizados.

Os estados afetivos destes professores estão interligados as experiências adquiridas no mundo às suas consciências perceptivas do corpo, sendo hipervalorizados e projetados através do *facebook*. Ainda, fazemos notar que a afetividade não está dissociada da inteligência, pois a mesma incentiva o sujeito a sair do plano das ideias para a esfera das ações. Ou seja, materializando os pontos afetivos, os ciberdocentes modulam seus comportamentos, desenvolvem suas cognições e, por consequência, constroem conhecimento. É através da afetividade que os indivíduos atribuem valor e fazem escolhas de determinadas linguagens para representar a sua realidade. Para Moscovici (2006) as reminiscências são provocadas de diferentes formas e comumente é significada através do processo de análise que o indivíduo ressignifica sua emoção através da fala ou escrita, representando um momento vivido anteriormente.

A vida social é composta por uma multiplicidade de valores e muitas teses podem ser dispostas e socializadas a cerca dos elos entre a construção da representação corporal dos professores na contemporaneidade e o uso intensificado da internet (MARTINO, 2010), além das diferentes formas de lidar com o manuseio das informações pessoais e dos entendimentos sobre privacidade. Não podemos desenvolver uma tese na perspectiva das Redes Sociais (Cibercultura) e ancorada na TRS, sem perceber e discutir sobre o binário público-privado que também compõem as representações corporais docentes no *facebook*. Essa característica de tentar equilibrar a exposição corporal através das fotografias é ratificada nas falas dos professores:

“[...] Não gosto de expor minha rotina em redes sociais e o que eu gosto de expor é bem eclético” (Dirceu).

“As reservas que faço são por conta de manter certa privacidade que julgo não haver necessidade de compartilhar na rede, mas em um ambiente mais íntimo e familiar” (Mauricio).

“Evito ao máximo postar fotos sobre minha privacidade e sobre bens materiais [...] Não exponho de jeito nenhum algo ligado a ostentação, nem a intimidade, principalmente no que se refere a nudez” (Osni).

“Não exponho nada íntimo, embora não tenha restrição a amigos que a exponham” (Renato).

“Não tenho o hábito de publicar coisas pessoais da minha vida e família” (Víctor).

Esses depoimentos apresentam-se conflituosos e contraditórios com as representações corporais visuais e verbais apresentadas através dos comentários e das imagens expostas no perfil destes professores universitários, com única exceção para Jocimar Daolio que possui uma única fotografia no perfil. Isso só reforça a ideia de alguns autores (COUTO, 2015; BLACHNIO; PRZEPIORKA; BORUCH *et al.*, 2016; USKI; LAMPINEM, 2016) sobre os limites tênues entre a vida privada e a vida pública estarem se reconstruindo na pós-modernidade. Se formas de visibilidade acontecem na sociedade, modos de constituir o ser são instaurados a partir da disseminação das TIC.

Dessa maneira, podemos questionar se é modificada também a base sobre a qual se define o limiar entre o privado e o público, principalmente quando a exposição de si é mais frequente nas interações intercedidas pelas redes sociais, com grande frequência através de fotografias. E aqui neste ponto, Edvaldo Couto (2015, p. 52) nos desperta para um fato intrigante e perceptível, inclusive, nos depoimentos acima, ao argumentar que “é curioso que a nossa época celebre a exibição de si e, ao mesmo tempo, reivindique o direito à privacidade”. Pois o que se posta no *facebook*, por exemplo, já não é mais de foro e domínio privado, pois é passível de ser comentado, curtido ou compartilhado pelos seus amigos e conseqüentemente por todas as pessoas da rede que tiverem acesso ao conteúdo.

Sibilia (2008) argumenta que cada vez mais ocorre a privatização dos recintos públicos e a publicização do que é considerado privado, tendo a *internet* uma função primordial em tornar o dia-a-dia um espetáculo midiático consumível. Desta maneira, existe uma premissa de ambigüidade dos espaços exclusivamente públicos ou privados que toma cada vez mais força. Isto tem profundas implicações na estruturação das subjetividades instantâneas destes professores universitários.

Esse íntimo, o privado, o próprio deve ser reinterpretado na atualidade, pois a constituição dos sujeitos contemporâneos está se apresentando de modo provisório e inusitado. Para Sibilia (2008) neste ato de verbalizar uma confidência, os sujeitos experimentam uma espécie de liberação: falar de si mesmo implica sair se livrando de um peso morto, gerando um alívio como uma emancipação. Essa outra maneira de enxergar e lidar com esta questão, com ressignificação da cognição sobre os limites entre público e privado, também gera uma transformação corporal temporária nos professores a partir dos desejos, como podemos visualizar nas seguintes unidades de análise:



“Corpo é uma massa que pode ser moldada, modificada, desejada” (Renato).

“Nos expressamos de forma diferente em determinados momentos da nossa vida e do que estamos vivendo, ora mais introspectivos ora mais sociáveis, ora mais alegres, ora tristes [...] Sei que não tenho um corpo perfeito, musculoso e maravilhoso segundo os padrões da mídia, mas aprendi a amar cada momento que me encontro” (Maurício).

“Lo que ves en la imagen es la realidade de cada momento de mi vida” (José).

Sobre esse sentido, Le Breton (2010) argumenta que a corporeidade é socialmente modificável e moldável, ainda que seja experienciada de acordo com o jeito especial e peculiar do indivíduo. Dessa forma, o relacionamento com outras pessoas contribui para moldar os contornos de nosso universo, proporcionando ao corpo um relevo social de que necessita. Nesse sentido, o corpo passa a ser visto como um produto, como se fosse uma folha de rascunho que passa por correções constantes, “um acessório da presença, testemunha de defesa usual daquele que o encarna, sendo assim, a descrição da pessoa deduzida da feição do rosto ou das formas de seu corpo” (p. 9).

Figura 31: Fotografia do perfil de Renato Sampaio no *facebook*.



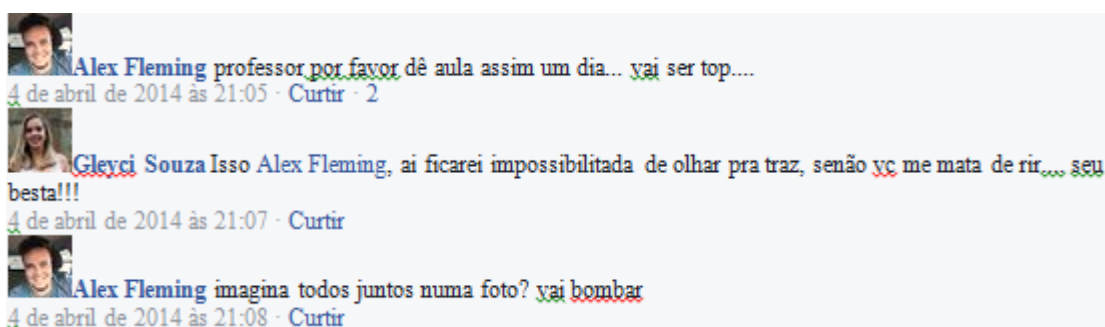
Fonte: <https://goo.gl/7CcrGX>

Essa imagem real (Figura 31) é fruto de um eu anteriormente representado e por isso mesmo possui o recurso de filtro. Essa narrativa fotográfica foi compartilhada em abril de 2014 e apresenta um fragmento do corpo de Renato Sampaio escondido através desses grandes óculos escuros, com característica bem jovial, contrastando com os fios brancos da barba que nos revelam a sua experiência de vida.

Esse *selfie* descolado (Figura 31) suscitou algumas interpretações em seus expectadores, surgindo diversos comentários, estimulando a idealização e criação de passageiras subjetividades a partir do contato com a imagem, além de muitas risadas: hahahahaha // SUCESSO // hahahahahahahah esse é o Renato... // Figura... hahahaha // Puta que pariu rrsr //. A partir destas interações sociais, podemos perceber que este professor possui uma personalidade extrovertida tocando na realidade exterior, embora ele tenha se definido como tímido ao responder o “quem sou Eu”. De repente, o fato da lupa esconder parte de seu rosto revele que por traz dessa atitude aparentemente engraçada, existe um lugar grande para a timidez e/ou outro vazio.

Doravante, é através das tecnologias digitais que se pode fazer melhor o que já se realiza presencialmente, ou seja, a socialização de conhecimentos e a comunicação são intensificadas e qualificadas pelo grande número de pessoas conectadas, o protagonismo e a autoria são ampliados e ganham visibilidade na medida em que se tem um maior acesso aos recursos e as ferramentas digitais (LEMOS, 2014), quebrando por vezes até a timidez que invade algumas pessoas. Os comentários a seguir, demonstram uma sensação bem humorada por parte de seus alunos, solicitando ao professor Renato para que um dia dê aula assim (com esta lupa), dizendo que vai ser “top”:

Figura 32: Comentários realizados na fotografia (Figura 31) de Renato Sampaio.



Ainda é possível inferir sobre a existência da imaginação impulsiva do “*show do Eu* (SIBILIA, 2008) e do nós” pelos interlocutores de Renato (Figura 32) e o seu aluno Alex Fleming ao comentar “imagina todos juntos numa foto? vai bombar” reconhece o potencial de repercussão e visibilidade da produção/consumo da fotografia nas redes sociais na sociedade contemporânea. Tudo muito provisório e passageiro. Os corpos se transformam em imagens (BENJAMIN, 1994), em paisagens que são hiperpromovidas de um lado e nervosamente devoradas do outro, muito rapidamente, brilhantes, exuberantes, mas na rapidez de uma finitude, com tempo marcado para começar e acabar como acontece nos espetáculos da vida. São os verdadeiros corpos imagens.

Talvez este seja o real intuito da sociedade do consumo: fazer com que nos reconheçamos em qualquer lugar, e em todos eles ao mesmo tempo, uma vez que a identidade forjada nesses moldes contemporâneos pode ser renegociada e adquirida a qualquer momento. Já não existem mais dificuldades de adaptação aos lugares, porque a globalização dos signos de consumo tenta a todo custo homogeneizar a experiência, transformando-as sempre em imagens (CARNEIRO, 2016, p. 64).

Esse consumo tem se transformado, de modo tal, o motor que impulsiona nossas escolhas e ações. O que se torna consubstancial prova disto é o fato de nos relacionarmos e comunicarmos por meio de imagens, e, por serem imagens, são, portanto, customizáveis moldáveis e controláveis. As fotografias que estão dispostas no álbum fotos do perfil deste professor (FIGURA 33) apresentam diversas imagens do seu Eu em fases diferentes da vida, além de colocar imagem que marca sua representação político partidária; mascote da UFSJ; evidência do seu rosto; seu cachorro (Batman) de estimação; desenho de um macaco segurando banana; imagens onde a metade é o rosto de uma mulher e a outra metade é um tigre, outra é o rosto de uma mulher enrolado com uma serpente, fotos com montagens gráficas e manipulação do recorte de outra. Por fim, uma imagem onde aparece ele abraçado lateralmente à sua filha (Fotografia 34).

Figura 33: Fotografias publicadas no perfil de Renato Sampaio no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/4fil2S>

No entanto, cabe primar que o *facebook* é mar aberto de muitas navegações, conexões, compartilhamentos das múltiplas experiências e vivências de felicidade, glórias, belezas, vitórias, celebração, conquistas e amores, mas também, possui um lado sombrio, sendo um viés que não ganha muita visibilidade ou valorização, mas, inclusive, algumas representações sociais e corporais destes docentes foram elaboradas evidenciando esses outros aspectos existentes na vida de todos os seres humanos.

Essa vertente “ameaçadora” para a ordem da alegria que impera na constituição dos Eus no *facebook* apresenta o sofrimento, a tristeza, as separações, as ofensas, as hostilidades, o luto, a perda (Fotografia 34), os riscos do aparecer, os conflitos que geram ou são gerados das exposições de si, como constatamos no depoimento de Osni Oliveira ao argumentar que “[...] com o nível raso de diálogo e as ofensas emitidas pelas pessoas, eu estou evitando ao máximo. Faço minhas postagens e comento só o necessário” e de professor Mauricio Ramos ao dizer que “só houve uma situação de uma postagem escrita que foi mal interpretada e gerou muitas críticas, apoios e debates. Fiquei muito triste pelas críticas e julgamentos de pessoas que conviviam comigo, principalmente no meio acadêmico, mas busquei compreender o lugar em que elas falavam e superei”. Com isso, se percebe que essas questões não tão positivas também perfazem a realidade dos indivíduos que estão nos *sites* de redes sociais e é nesse cotidiano que os ciberdocentes buscam compreender, se reelaborar, participar das histórias para poder tomar parte do mundo.

Figura 34: Fotografia do perfil de Renato Sampaio no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/zo5liH>

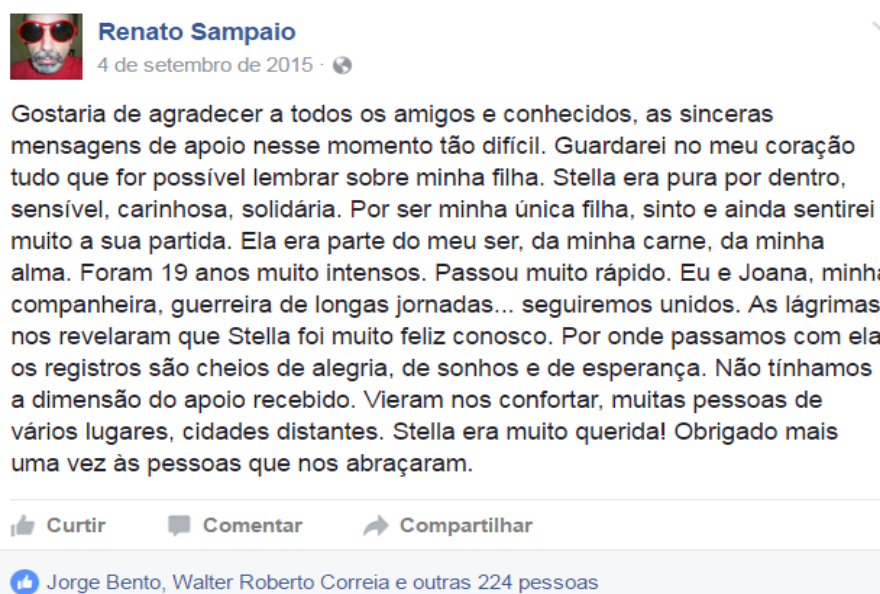
Essa é uma imagem (Figura 34) que nos apresenta o professor Renato Sampaio acompanhado de sua única filha Stella Sampaio (*in memoriam*) e o fato da fotografia possuir a marca d'água de Rodrigo Araujo Fotografia indica que os dois estavam em algum evento, sendo fotografados por um profissional. Percebemos que esta narrativa fotográfica foi publicada em 02 de setembro de 2015, dia em que sua filha fez a passagem para outro plano, mas a imagem representa outro momento. Essa mesma fotografia havia sido anteriormente publicizada no perfil de Renato no dia 04 de julho de 2013 (<https://goo.gl/x4gKRJ>).

A imagem por si só torna-se incapaz de nos contar quem é a moça retratada, muito menos nos dizer se ainda vive ou se já faleceu e, justamente por isso, muitas vezes nessas análises e discussão dos resultados recorreremos a ouvir as vozes que dialogaram por meio de comentários nas fotografias postadas no perfil dos professores participantes. Por ter esta característica de que não pode nos dizer todas as coisas sozinha, a foto conota sempre o tempo presente. Carneiro (2016, p. 72) reflete que a fotografia, por assim dizer, ao trazer uma imagem do “passado em sua forma mais verossímil possível, faz-nos achar que ela traz em si a memória e os mais diversos sentimentos em relação à experiência ali representada”.

Houve muita condolência e demonstração de sentimento (Figura 34), mensagens de força e de apoio por parte dos amigos de Renato, como se percebe nos seguintes comentários: Renato que Deus acalente seu coração!!! // Meus sentimentos Renato // meus pesames Renato, tenho duas filhas moças e nem imagino o que seria perder uma delas, que Deus te de força para superar este ipom que a vida esta lhe dando, oss... // Que Deus dê forças a todos da família neste difícil momento // Meus sentimentos professor Renato. Que Deus envie muita luz e conforto seu coração e de sua esposa nesse momento tão difícil. Vcs estão em minhas orações, forte abraço. // Deus te dará forças nesse momento professor..meus sentimentos e conte comigo no que precisar... // Eu sei a dor que vai em seu coração e rogo que bênçãos e muita luz sejam derramadas sobre sua família neste momento de dor. Muita Paz//.

Há nesta interação a abertura de canais de solidariedade muito forte, que é costumeiramente acentuado e literalmente floreado nas redes sociais pelo prazer de colaborar. Como foram mais de 100 comentários e iria necessitar de muito tempo e atenção para estabelecer um diálogo contínuo com seus interlocutores, o professor Renato cria o agradecimento para estas mensagens em uma única postagem no *facebook*, no mesmo dia e dessa maneira começa a elaborar o processo do luto em seu psicológico:

Figura 35: *Print screen* de uma enunciação de Renato Sampaio no *facebook*.



**Renato Sampaio**  
4 de setembro de 2015 · 🌐

Gostaria de agradecer a todos os amigos e conhecidos, as sinceras mensagens de apoio nesse momento tão difícil. Guardarei no meu coração tudo que for possível lembrar sobre minha filha. Stella era pura por dentro, sensível, carinhosa, solidária. Por ser minha única filha, sinto e ainda sentirei muito a sua partida. Ela era parte do meu ser, da minha carne, da minha alma. Foram 19 anos muito intensos. Passou muito rápido. Eu e Joana, minha companheira, guerreira de longas jornadas... seguiremos unidos. As lágrimas nos revelaram que Stella foi muito feliz conosco. Por onde passamos com ela, os registros são cheios de alegria, de sonhos e de esperança. Não tínhamos a dimensão do apoio recebido. Vieram nos confortar, muitas pessoas de vários lugares, cidades distantes. Stella era muito querida! Obrigado mais uma vez às pessoas que nos abraçaram.

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 Jorge Bento, Walter Roberto Correia e outras 224 pessoas

O luto é a perda real de um objeto que produz uma cratera que não alcança sutura por parte do significante, fazendo-se fundamental a reconstrução da estrutura simbólica pela produção de um novo rasgão, algo que cubra esse vazio no real produzido pela perda (ROSA; SANTOS, 2015). Dessa maneira, o fato de Renato postar fotografia, texto, realizar uma homenagem ao ente falecido e obter retornos de seus amigos no *facebook* contribuiu para que ele pudesse reelaborar esta perda. Nesse sentido, cabe enfatizar que a expressão por meio da imagem fotográfica na rede e a interação com os demais usuários foram favoráveis à elaboração do luto em suas faculdades mentais.

Mas esse momento doloroso referente à morte não deixou de ganhar vida e sentidos na rede social. Percebemos como a forma de publicizar (Figura 35) a dor, os seus sentimentos, a relação dele e de sua esposa com a filha, os elos e sonhos criados nos caminhos por onde passaram foi elaborado numa partilha pública, onde através das curtidas e dos comentários era favorecida a ressignificação daquela experiência desconfortável. Para Sibilia (2008, p. 244) é “produzir o efeito desejado. Disso se trata, justamente, quando se considera a construção de uma subjetividade alterdirigida ou exteriorizada”.

Essas imagens fotográficas do cotidiano, de modo geral, não aprofundam os momentos e tampouco podem dar conta de nos informar sobre uma totalidade da experiência vivenciada pelos professores, mas, mais importante do que isto é compreender que essas fotografias (por si só) podem indicar aos interlocutores que interagem e que as contempla a narrativa de um momento ou de uma vida demasiadamente diferente da “real vida” ou do “real momento” experimentado pelo indivíduo como aconteceu com essa imagem do professor e sua filha (Figura 34). Esse argumento pode ser mais claramente compreendido através da voz da professora Doiara Santos:

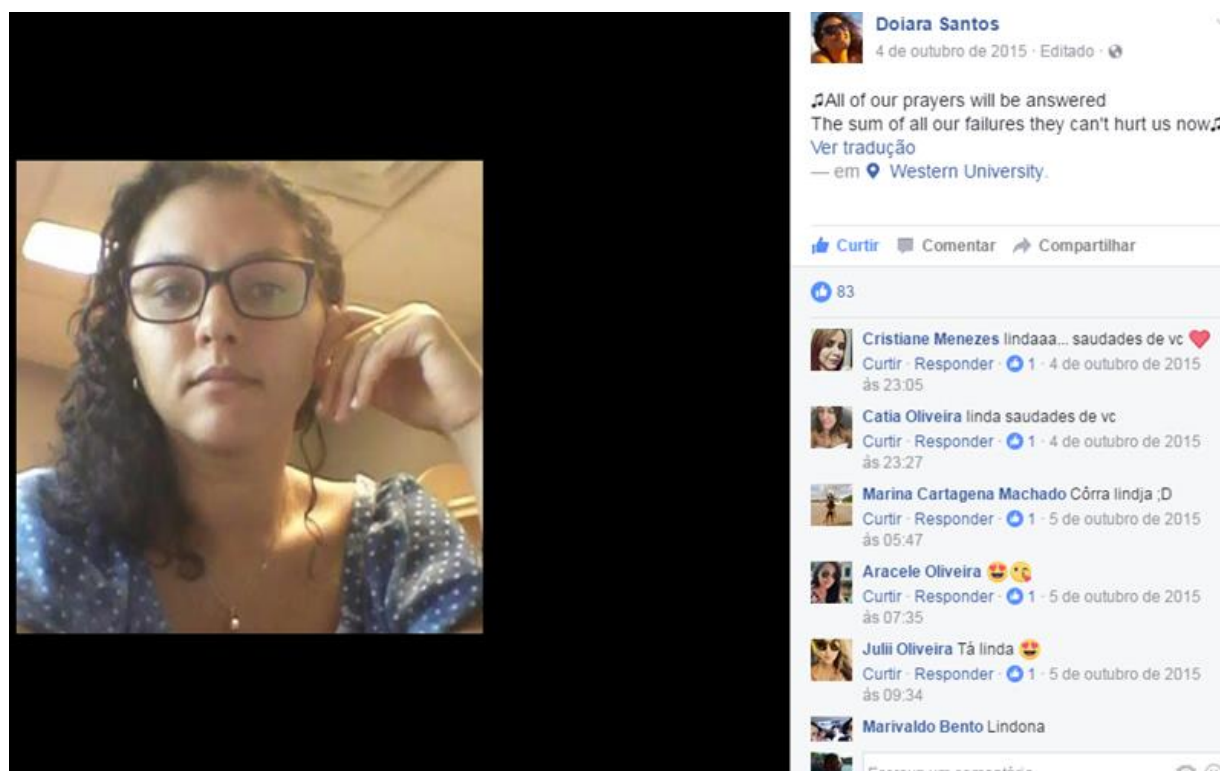
“Se, porventura, estou triste e tenho fotos felizes, não significa uma camuflagem, mas, que postei fotos de momentos que são “eu” mesma, a despeito de aquele momento não representar 100% dos outros aspectos e dimensões da minha vida”.

Neste espaço, o que interessa ao sujeito é fazer visível a sua subjetividade, sua voz, seu sentir, recuperar ecos em lugares inesperados. Este aspecto é percebido, dado que ao invés de sentir medo de intromissão indevida na sua



privacidade, novas práticas expressam o desejo de externar a sua intimidade, incitando o desejo de se exibir e falar sobre si mesmo (COUTO, 2015) e sobre/para o outro. Abaixo uma fotografia acompanhada de legenda que também cria uma representação corporal que não segue o embalo da alegria, apresentando uma certa reflexividade.

Figura 36: Fotografia do perfil de Doiara Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/ORgHft>

Percebemos a professora Doiara (Figura 36) nesta imagem publicada em 4 de outubro de 2015, demarcando sua geolocalização ao dizer que estava na *Western University* no Canadá, período em que a mesma estava concluindo o curso de Doutorado em Educação Física nesta universidade. Essa imagem vem acompanhada com traços e expressões corporais diferentes das outras fotografias do perfil desta docente (Figura 45), pois se percebe uma expressão mais séria, indicando por vezes tristeza ou saudade, por outro lado pode demonstrar reflexão, conflito, preocupação, esperança ou inconformação.

No entanto, a mão esquerda na orelha nos mostra uma aliança no dedo anelar e isso nos permite compreender que esta professora é casada ou possui uma

união estável. Dando sequência às análises e de forma complementar, utilizamos do auxílio da legenda “🎵 *All of our prayers will be answered. The sum of all our failures they can't hurt us now* 🎵” para tentar entender os possíveis significados desta representação corporal.

Primeiro, se percebe que a própria colaboradora indica que é um trecho de música, pois ela coloca esse símbolo 🎵 no início e no final da frase. Trata-se de uma canção intitulada *A world with you* do Jason Marz que possui uma tradução forte e significativa “Um mundo com você”. E a frase colocada na legenda significa: “Todas as nossas orações serão respondidas. A soma de todas as nossas falhas não podem nos ferir agora”. A partir dessa compreensão, se pode afirmar que a enunciação foi pensada e elaborada previamente para depois ser compartilhada no *facebook* com uma intenção, uma mensagem a ser passada para sua pessoa amada.

Buscando indícios, pistas, sobre a comunicação desse corpo e suas outras narrativas, observamos que a imagem teve um bom número de curtidas e de interações: “lindaaa... saudades de você ❤️ // linda saudades de vc // Côrra lindja :D // 😊🥰 // Tá linda 😊 // lindona” //. No entanto, um nos chamou mais atenção pelo fato de ter sido respondido também em inglês seguido desse *emotion* 😊 que também representa amor e afeto como podemos visualizar na figura 37.

Figura 37: Comentário realizado na fotografia (Figura 36) de Doiara Santos.



Em uma tradução livre significa: “Meu coração está em casa. Apenas te amarei como a mulher que eu amo”, que deixa claro o seu sentimento em relação ao postado por sua esposa, diz que o coração está seguro e a vontade (em casa) nos fala muito sobre Doiara em sua relação matrimonial e nos faz criar imagens e representações a partir dessas expressões. Trata-se de um trecho da música *The woman love* (A mulher que amo) também do Jason Marz. Então fica claro que o “objetivo” de Doiara com esta imagem foi alcançado, que era tocar e receber o retorno afetivo de sua mulher através de uma curtida, um comentário, uma cutucada,

uma carícia na sua tela, se assim não o fosse não o seria publicizado na rede. Sua esposa também é professora universitária da área da Educação Física conforme consta em sua descrição no perfil do *facebook*.

Por esta expressão de Doiara Santos, essa narrativa corporal deixa de ser apenas contemplativa e passa a ser real empoderante e também reflexiva, vez que a própria propositalidade dessa representação fotográfica, proporciona a criação de narrativas visuais, atribuindo sentido ao que está na fotografia, mas também com o complemento do que está posto na legenda e nos escritos que possibilita as muitas interpretações (CARNEIRO, 2016). Sibilia (2008, p. 244) diz que é “para isso que se elabora uma imagem de si: para que seja vista, para exibi-la e que seja observada, para provocar efeitos nos outros”. E a partir das trocas simbólicas estes professores reconhecem na fotografia linguagens que são capazes de emitir sentidos de seus movimentos corporais e de seu repertório musical e cultural.

Diante dessa realidade, mesmo que não sejam tão boas as notícias e vivências do momento, “as narrativas de si multiplicam-se e qualquer detalhe da intimidade passa a ser espetacularizado [...] qualquer experiência pessoal é valorizada em função da sua capacidade de se tornar uma cena, um evento, um acontecimento diante de câmeras” (COUTO, 2015, p. 52). Viver neste mundo mediado pelas imagens e pelas tecnologias digitais implica um contínuo entrecruzamento de diferentes maneiras de construir a experiência.

Essas exposições apresentam mais alguns aspectos e características de si do que outras, que são controladas pelo sujeito de acordo ao contexto e que geram algumas impressões também em detrimento de outras tantas que são possíveis. Cabe também, defender a ideia que independente do conteúdo produzido na rede e compartilhado no *facebook*, por exemplo, concomitantemente, essa exposição irá conter silêncios e ocultamentos de outras informações que existem e que permanecerão inacessíveis. Dessa maneira, e ainda nesta perspectiva de analisar o que não é tão alegre e pavoneado na rede, surge o professor Kristyan Gómez com uma imagem abstrata carregada de símbolos em seu perfil (Figura 38).

Figura 38: Fotografia do perfil de Kristyan Gómez no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/Tj7X6c>

Essa imagem (Figura 38) representa o corpo e as subjetividades contemporâneas de professor Kristyan Gómez naquele instante, que nos remete a imaginar que se passavam muitas coisas desagradáveis, mas essenciais para o processo de amadurecimento e desenvolvimento humano, como a tristeza, a decepção, o fracasso, o insucesso, dentre outros. Isso é saudável, está liberado sentir e quanto mais o ser humano sente mais “possibilidades de” se criam, sempre de forma inusitada. Uma forte e representativa imagem que sugere também a autorreflexão. É vista uma mulher sozinha com a cabeça baixa, uma cena meio escurecida e sem cores, sem vida, com uma espada torta encravada numa pedra, conotando um coração machucado, reflexão sobre determinados acontecimentos em sua vida, momento de análise e de pensar em seu modo de ser. Mas, é importante e necessário saber enfrentar os problemas que surgem e dar uma editada na vida.

Esse compartilhamento tecnológico feito não no espaço real dos corpos, mas efetivado no ciberespaço, aumenta a solidão porque nos faz sentir a complexidade

da dimensão coletiva na completa unicidade na frente da tela do *smartphone*, *tablet*, computador ou outras ferramentas da tecnologia digital. Para Freud (1932), o desamparo está ligado à ausência de defesa para lidar com angústias que nos invadem; estas teriam como origem o mundo externo em suas situações que não podemos controlar o sofrimento decorrente da alteridade ferindo os nossos desejos e o declínio do nosso corpo.

A questão voltada à reversão do corpo na dor é de que a exposição ao sofrimento pode vir a aumentar a potência de ação dos corpos. Aqui, então, o corpo sai do mero campo reativo e parte para uma linha de fuga inventiva. A resistência, portanto refere-se ao exercício da manutenção da sensibilidade e da abertura às feridas sutis. Para os filósofos a fraqueza está em sentir o menos possível (KIRST; FONSECA, 2010, p. 407).

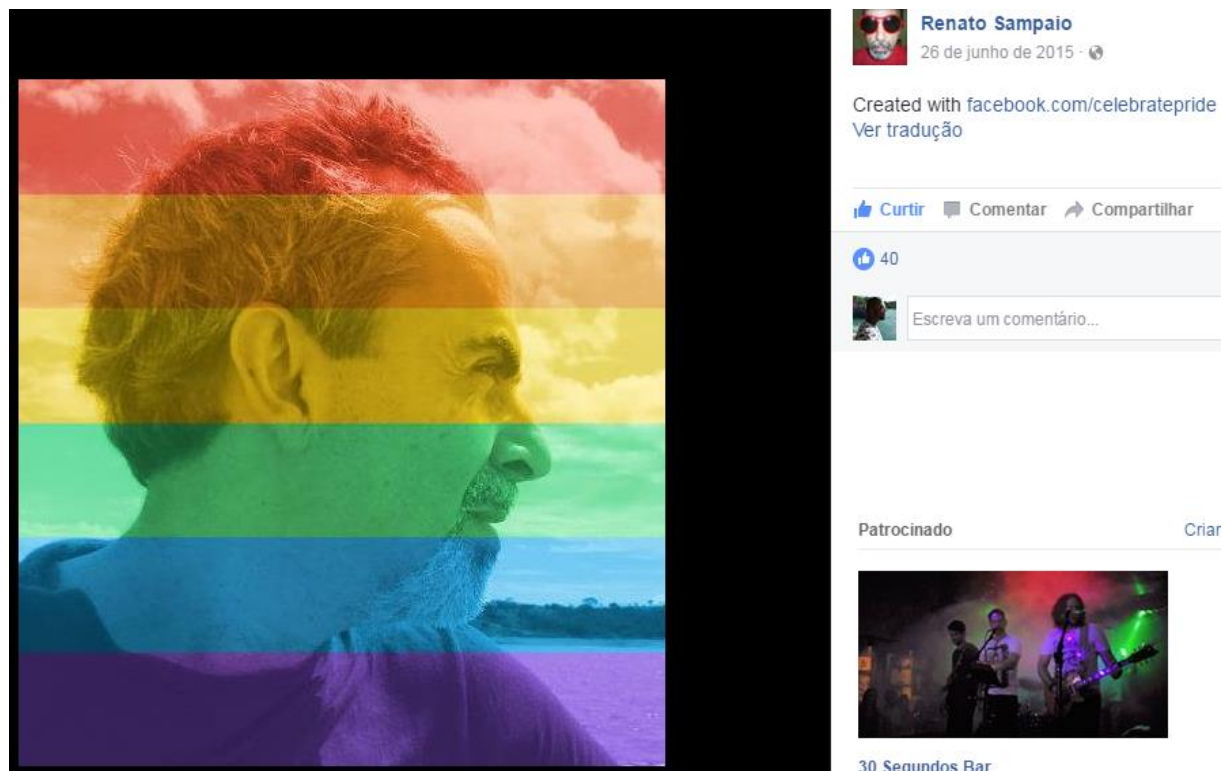
Desta maneira, o Eu que emerge no espaço virtual como o *facebook* consolida um Eu que reage e reacomoda a sua subjetividade a partir dos fatores externos ao sujeito e que o fazem assumir diferentes vozes enunciativas, vez que, assistimos a uma reconfiguração das subjetividades. Além de se configurar como um espaço de intervenções pedagógicas, os ciberprofessores são agentes de conhecimento, numa ação aprendente, que envolve a intencionalidade entre seus pares. Aprendem porque se permitem à ampla crítica e ao pensamento livre, também por meio das fotografias, estimulados pela fluidez e dinâmicas do ambiente virtual.

Nessa perspectiva, o *facebook* se torna palco das exposições, dos espetáculos (DEBORD, 1997), das espetacularizações, da memória (MOSCOVICI, 2006), do show do Eu (SIBILIA, 2008) e do nós, cenário das interações sociais simbólicas entre o autor da tese, os atores participantes da pesquisa e seus interlocutores, moradia (in)habitável, líquido (BAUMAN, 2013), passageiro que incentiva a promoção de si (USKI; LAMPINEM, 2016), currículo (MORGADO; SANTOS; PARAÍSO, 2013) que produz mediações sociotécnicas (RIBEIRO; BRAGA; SOUSA, 2015) e todas essas características e relações só acontecem por conta da grande quantidade de corpos que por ele transita diariamente, constantemente, de forma rápida e voraz. O *facebook* sozinho é apenas mais um *site* de redes sociais.

Demonstrando uma representação corporal com marcação compassiva e ativamente política, o professor Renato Sampaio cria uma imagem com filtro de

arco-íris através de ferramenta criada pelo próprio *facebook* ([facebook.com/celebratepride](https://facebook.com/celebratepride)) e publiciza em sua rede no dia 26 de junho de 2015.

Figura 39: Fotografia do perfil de Renato Sampaio no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/I96UiQ>

Nesta mesma sexta-feira o amor venceu, pois a Suprema Corte dos Estados Unidos da América votou favorável ao direito das pessoas do mesmo sexo casar naquele país, tendo o matrimônio garantido pela Constituição. Esse fato refletiu em todo o mundo e sua repercussão positiva ganhou eco nos *sites* de redes sociais, exponencialmente no *facebook*. Essa espécie de viral acontece constantemente com diversos temas e de diferentes formas ao redor do mundo. No Brasil, por exemplo, no mês de outubro, por exemplo, mudam-se as fotografias em apoio à prevenção e conscientização sobre o câncer de mama, assim como outras possibilidades. Esse evento é definido como efeito manada (ROSA; SANTOS, 2013) ou *herd instincts* (BUMGARNER, 2007).

Algumas pessoas vão pela “onda” ao verificarem que os outros usuários estão alterando em massa, sem ter nenhum tipo de consciência crítica do que estão fazendo, agindo como meros reprodutores das informações. Por outro lado, e é desse lado que se encontra o professor Renato, muitas pessoas que lutam pela

inclusão da diversidade e são a favor da igualdade de direitos civis e que vibram para um mundo mais igualitário, justo e democrático trocaram suas fotografias do perfil por esta com o filtro da bandeira *gay* demonstrando apoio a este movimento.

Estas representações sociais políticas são as mensagens que estes corpos trazem através destas fotografias que exibem suas representações corporais. A professora Doiara Santos também demonstrou intenção de apoio a esta causa LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), como se pode conferir nessa imagem (Figura 40) publicada em seu perfil em 27 de junho de 2015.

Figura 40: Fotografia do perfil de Doiara Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/Qn2GQn>

O discurso corporal adotado por estes professores (Fotografia 39 e 40) se forma a partir da apropriação pelos sujeitos de outros discursos, à medida que eles indicam repúdio à homofobia e ao preconceito, expressando um engajamento à campanha em defesa do casamento de pessoas homossexuais (COSTA E SILVA, 2016). Isso indica que são a favor de que o amor se cristalice e prevaleça sobre as barreiras morais e sociais que são construídas culturalmente sob o viés do ódio em nossa sociedade.

Dessa forma, vamos se constituindo de maneira híbrida em “quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados e como essa

representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2014, p. 109). Ainda complementa afirmando que os atos exibidos no que ele chama de arena global mediada, são “visíveis, observáveis e testemunhadas simultaneamente e repetidamente por milhões de espectadores ao redor do mundo” (p. 132). Os espetáculos são direcionados pelas variadas performances corporais em rede que ganham rumos incontrolláveis por conta da *internet*.

Essa imagem fotográfica (Figura 41) publicada em 22 de setembro de 2016 mostra o Professor José Luis García Soidán, que reside na Espanha, como um viajante, reverenciador da natureza e também apreciador das façanhas imagéticas e fotográficas.

Figura 41: Fotografia do perfil de José Soidán no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/swLWQb>

A imagem (Fotografia 41) está sem legenda, mas o primeiro comentário é do próprio José informando que está saindo de sua zona de conforto e que se encontra no jardim botânico da Universidade de Utrecht na Holanda. Compartilhando esse momento satisfatório no ritmo do aspecto turístico do lazer. Esse jardim fica em



Doorn, distrito de Utrecht, e é mundialmente conhecido pelas suas árvores coníferas e também de outras espécies. É um arboreto convidativo para passeios individuais e em grupos, levando o homem a um maior contato, apreciação e respeito pela natureza.

A presença de uma câmera profissional sob o seu domínio, indica que ele é um apreciador dos cliques e tem uma visão diferenciada do mundo, utilizando para além das lentes. Ao lado de José Soidán, encontra-se um pôster com informações sobre borboletas. E seu interlocutor Manoel Garrido Casal susurra: “Em idioma alemão é complicado...”, e realmente dificulta o entendimento para quem não possui nenhuma noção sobre este idioma. Outro amigo, bem animado, chega e lança: “Me guardo para cuando nos veamos el comentario jocoso”, que significa, fico aguardando para quando nos encontrarmos fazer um comentário extrovertido, demonstrando intimidade, inclusive, fora da realidade virtual. Assim como o virtual é real e não deslocado de sua existência, essas interações simbólicas sociais acontecem tanto na esfera pública digital quanto nos encontros físicos e pessoais, onde novas subjetividades e outras representações sociais são produzidas.

Existe o pressuposto de que a sabedoria, os conhecimentos e a experiência acumuladas são alguns dos benefícios de que as pessoas com mais idade podem se aproveitar para alcançar o respeito e um reconhecimento perante determinados grupos de pertença dos quais se faça parte. No meio social da comunidade acadêmica de Educação Física essas características, advindas da maturidade cronológica, geram maior credibilidade ao atuar na profissão docente, quando se compara ao seu início de carreira (SILVA; LÜDORF, 2010), vivendo com muito gozo essa fase da profissão docente.

A relação estabelecida entre o envelhecimento e o aprender constantemente, processos que também estão ligados à condição do ser docente, direcionam para qualidade na produção. Essa confiabilidade e prestígio advindo da carreira construída gera visibilidade nas redes e volatibilidade deste corpo pelos espaços acadêmicos como é possível ser visto na figura 42.

Figura 42: Fotografia do perfil de José Soidán no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/cxcd16>

O professor José Soidán aparece em uma mesa redonda de um congresso em Pontevedra (Figura 42), sob organização do professor Víctor Arufe Giráldez, dando palestra sobre algum tema de seu domínio. Sua imposição corporal demonstra autoridade e confiança, e é interessante notar nessa imagem a frase “convertemos paixão em resultados”, nos mostrando que os processos e os resultados conquistados são fruto da inclinação científica a partir da Cultura Corporal de Movimento<sup>10</sup>, já que a paixão, neste caso, pode ser entendida como o amor à profissão.

Várias representações corporais se apresentam através dessas imagens docentes, constituindo uma verdadeira polissemia corporal. Existe uma transformação tecnológica do estatuto do corpo, que diz respeito a uma mudança ontológica, e todos os seres humanos passam a ser uma informação codificada. A ruptura desses códigos é que possibilita a manipulação da forma de ser de todas as

<sup>10</sup> A Cultura Corporal de Movimento se caracteriza como um eixo central que faz parte e estrutura as tendências pedagógicas da Educação Física. Os cinco conteúdos clássicos da Educação Física são: Dança, Ginástica, Esporte, Luta e Jogo. Mas existem vários outros conteúdos que podem e devem ser trabalhados.

peças, tornando-se passível de transformações, não apenas pelas intervenções midiáticas e tecnológicas, mas pelas possibilidades cujas atualizações dependem das interpelações estabelecidas pelo indivíduo consigo mesmo e com o ambiente que o rodeia (LE BRETON, 2012). Como é atestada nessa fala da professora Silvana Goellner “depende de cada pessoa e o que ela se deixa interpelar”, as modificações dos corpos mutantes (COUTO, 2009) acontecem pela técnica e pela sociedade.

Nessas modificações, a partir da cultura digital, os professores universitários que participaram desta pesquisa são influenciados e influenciam a partir de suas narrativas pessoais geradas no *facebook*, produzindo novas formas de relação e elo entre os indivíduos. Essa visão que lê, que curte, que percebe, que problematiza e que compartilha variados modos de leitura, proporciona a possibilidade de vivenciar um novo corpo, um corpo do devir, plugado e conectado, com distintos Eus na rede, onde cada imagem quer ser palavra e vice-versa, tornando-se uma tela muito mais ampliada a interpretação.

Figura 43: Fotografia do perfil de José Soidán no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/U8SK13>

Essa fotografia (Figura 43) publicada em 17 de junho de 2015 é bem interessante do ponto de vista corporal e temporal, na medida em que se vê o professor José Soidán todo agasalhado com uma expressão facial leve, indicando que é um lugar frio mas que está lhe proporcionando momentos de distração, conhecimentos e encantos. Ao fundo, percebemos que existe um Museu com uma arquitetura impressionante, nessa cidade histórica de Gouda, na Holanda, que nasceu por volta do século XIII. Através dessa imagem podemos sugerir que o professor em questão é um grande apreciador da Holanda, vez que sua primeira fotografia analisada foi tirada também na Holanda, porém em 2016 e na cidade de Utrecht.

Em nossa sociedade, o conceito sobre ser saudável tem sido comumente associado, de uma forma bem direta ou através da subjetividade lida nas entrelinhas, aos predicados de juventude, beleza e boa forma, que levam o indivíduo a “imaginar, a diagramar, a fantasiar determinadas existências corporais, nas formas de sonhar e de desejar que proponha” (SANTAELLA, 2008b, p. 150). Este *modus operandi* de ser saudável inclui algumas práticas, dentre elas: cuidar do corpo por meio do equilíbrio alimentar, da atividade física, da sexualidade, do sono e da aparência (DE PAULA, 2015). Sobre isso, o professor José argumenta “mi cuerpo es el de una persona madura, tranquila, que hace deporte, y así son las imágenes de mi cuerpo que incluyo en las redes sociales”, essas características evidenciam, portanto, que o desejo não é meramente pessoal, ele transpassa e se configura como social, pois precisa atender aos interesses da sociedade.

Nesse sentido, impressiona a jovialidade, a vitalidade e a virilidade demonstrada pelo professor em suas imagens corporais (Figura 44), o que é também reforçado novamente pelo comentário de seu amigo Tensi Graupera na figura 43: “Te mantienes como um chaval!!”, que quer dizer, você se mantém como um rapaz!!; e, outro comentário que contribui com a constituição do Eu deste professor é o da portuguesa Ana Paula Brito que o elogia dizendo: “Um charme, Professor!! Beijinho”. Há uma retribuição de José Soidán e ele responde a todos sinalizando um abraço mesmo que distante geograficamente, esse é o sentido produzido por ele. Pela sua formação em Medicina e Cirurgia, assim como os outros professores graduados na área específica da Educação Física ou Ciências da Atividade e Esporte, José tem uma grande noção de cuidado de si e preparação para a velhice que inicia ao se ocupar laboralmente ainda na juventude e possui seu

ápice na maturidade.

Silva e Lüdorf (2010, p. 649), deixam claro que “parece haver um sentimento por parte dos professores em contemplar o que, de certo modo, seria uma exigência profissional: estar fisicamente disposto, apesar dos anos de profissão”. Esses mesmos autores complementam ainda que, “em função da valorização da *performance* do professor de Educação Física, há indícios de que o envelhecimento pode comprometer a funcionalidade ou a produtividade na atuação durante as aulas”. Ainda nessa mesma compreensão, Couto e Goellner (2009) argumentam que quanto mais o ser jovem se converte em meta da existência, mais a velhice é considerada a partir de percepções negativas, sombrias e, na maioria das vezes, aquilo que não mais se admite ou tolera. Ser velho é tudo aquilo que deve ser evitado e afastado de nossos corpos em trânsito. Esses também podem ser motivos para essa espetacularização corporal sempre disposta e ativa como é ilustrada nesse mosaico (Figura 44) com as 14 fotografias do perfil deste professor.

Figura 44: Fotografias publicadas no perfil do *facebook* de José Soidán.



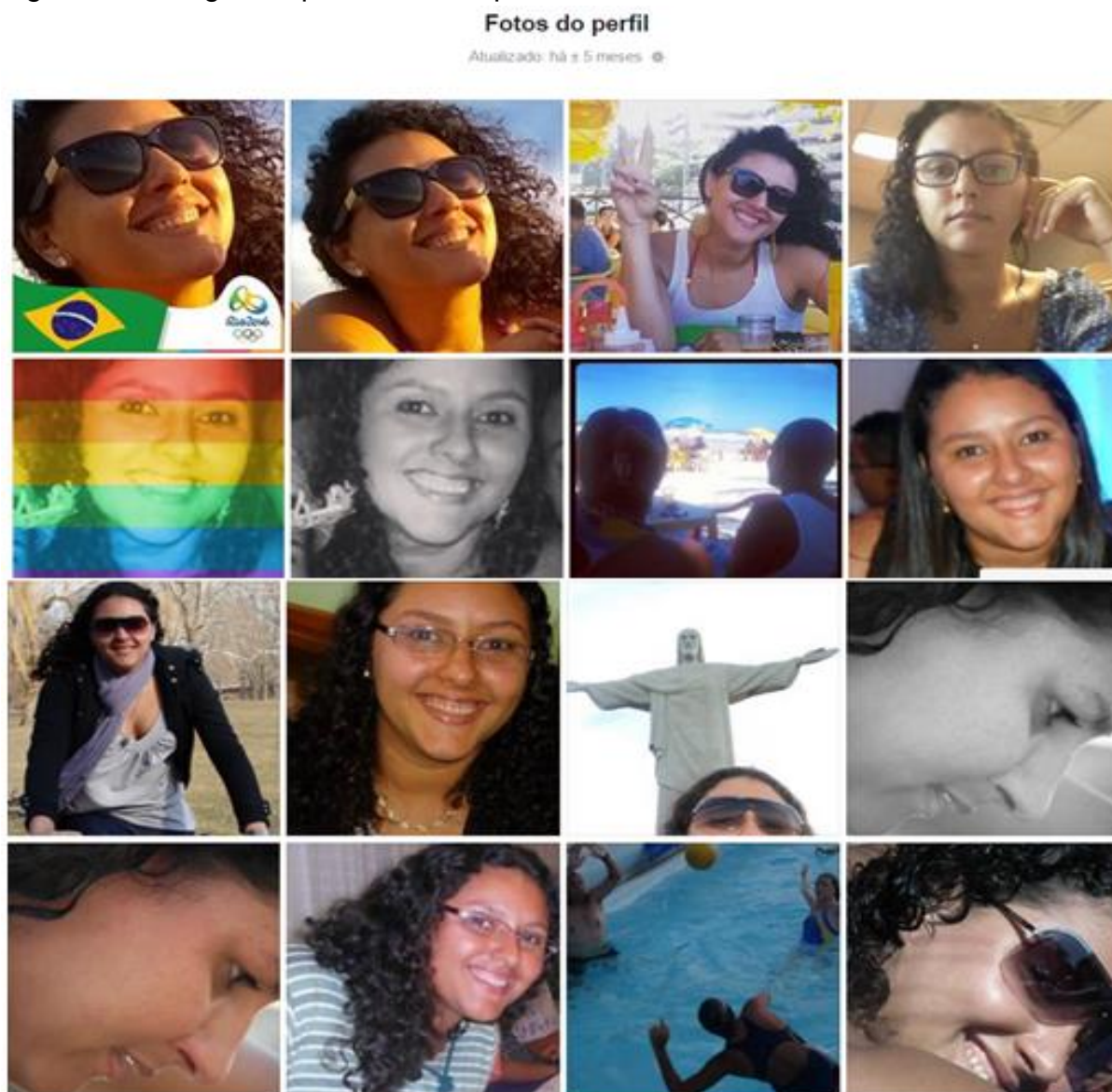


Fonte: <https://goo.gl/vq8myK>

Uma série de experiências é compartilhada em suas imagens do perfil, mostrando suas viagens, exposição junto à natureza, às exposições fotográficas, museus, jardins, amor ao cachorro, além da prática da atividade física pela trilha ecológica estar evidenciada em duas fotografias. Junte-se a isto, uma fotografia de sua caricatura que foi possivelmente fruto de presente recebido por ele em uma época natalina, lhe representando corporalmente de maneira saudável e os óculos deixando-o com um ar de intelectual, que de fato o é. Essa linguagem utilizada por José Soidán seja através dos textos escritos e visuais, dá consistência aos relevos próprios de sua singularidade.

Com outras características, a professora Doiara Santos é e gosta de ser atuante no sentido de produzir e publicar fotografias em sua rede social e em sua grande maioria demonstram os seus caminhos que tecem discursos sobre um corpo hipermutante, performático (COUTO, 2012b), dinâmico e com marcas que denotam aspectos da socialidade, de seus modos de ser e se construir em rede. Ela é a participante que mais tem fotografia publicizada no *facebook*, no entanto, fica atrás apenas de Renato Sampaio e Sueyla Santos no quesito fotografias do álbum fotos do perfil. Essa produção constante implica a necessidade de superar a si mesma em todas as suas fases. Existe o imperativo de ser percebida na rede, ser é ser percebida, ser vista.

Figura 45: Fotografias publicadas no perfil de Doiara Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/AlkeXr>

Nessa visão geral (Figura 36) várias situações são destacadas nas imagens, desde uma saída descontraída em um bar, práticas esportivas com a bicicleta e na piscina, passeios, poses reflexivas e também a valorização de seus pais, demonstrando a importância da família em sua vida. Sendo que ela aparece na maioria das fotografias com um belo sorriso e com seu cabelo com lindos cachos naturais. Em uma das imagens é possível ver Doiara no Rio de Janeiro em frente à estátua do Cristo Redentor, uma das sete maravilhas do mundo. Como este é um ponto turístico conhecido mundialmente, trata-se de um momento que confere certo *status* perante a sociedade. São as correspondências particulares das imagens dos

seus Eus quem formam a paisagem do indivíduo, sempre em fluxo.

É uma via de troca simbólica que ela se reapresenta corporalmente em cada postagem na rede com muita satisfação e Doiara diz “eu escolho as fotos em que me sinto satisfeita com a minha imagem”. Esse movimento é feito, realmente, com muita consciência:

“Parece-me que o facebook é uma expressão da vida diária também. Apresento-me no dia-a-dia (fora do facebook) conforme aquilo que desejo demonstrar em cada ambiente (à exceção de contextos em que tenho maior convívio e contato como em família ou relacionamento, em que deixamos transparecer mais de nós em nossas emoções). O facebook é mais uma manifestação desse deixar conhecer de nós o que preferimos que o outro tenha acesso. A diferença do que contamos a um amigo e não a outro, de como me apresento no trabalho e do que falo de mim lá e como me visto para ir até lá, em todos esses momentos selecionamos o que queremos dizer e mostrar. O facebook é mais uma forma de selecionar o que queremos que outros saibam, inclusive quanto à representação corporal” (Doiara Santos).

Essa visão de Doiara é largamente representada na literatura por diversas autoras e autores porque viver conectado é esse atual modo de vida de nossa sociedade (SIBILIA, 2008; ROSA; SANTOS, 2013; SANTAELLA, 2013; COUTO, 2014; FERREIRA, 2014; TEIXEIRA, 2014; CARNEIRO, 2016). No entanto, para referendar esta fala, utilizaremos o diálogo com Paula Sibilía (2008) ao afirmar que nessas redes sociais se há desencadeado um verdadeiro festival de intimidades compartilhadas, que se oferecem sem vergonha diante dos olhos de todo o mundo. As confissões diárias estão aí, em palavras e imagens, disponíveis para qualquer pessoa bisbilhotar; basta apenas fazer um clique. E, de fato, todos nós tendemos a clicar.

Sobre essa questão, Goffman (2014) contribui com este debate ao trazer para reflexão a ideia de que existe de fato um gerenciamento das impressões (ou máscaras) quando encontramos com outras pessoas e essa ação gera expectativas e também compromissos por meio destas impressões construídas pelos participantes do encontro. Transpondo esse conceito do contexto físico para as relações virtuais se compreende que essas representações corporais se constituem da mesma maneira.

Existem mudanças identitárias, porque ela é mutável e dinâmica e de acordo com Santaella (2007) o conceito de corpo também acompanha essas modificações.



A imagem que se representa do Eu sempre foi uma construção imaginária, e é ela que forma uma percepção ilusória quanto a uma forma coerente e unificada do ser humano, é a educação do corpo tecnológico.

Cada uma de suas narrativas corporais atesta sua inquietação constante em querer descobrir e sempre reconstruir a sua própria singularidade, o seu próprio Eu. Essa contastação é também muito bem clarificada neste discurso da professora Doiara Santos, quando ela diz (se referindo ao seu eu):

“Estou tentando descobrir rs. Eu sou medrosa e corajosa, curiosa, dedicada ao que eu gosto, sou atrapalhada, entro em conflito comigo mesma, sem respostas para quase tudo. Gosto das experiências de vida, principalmente depois de passar por elas e conseguir pensá-las. Gosto de conhecer lugares, pessoas, ler, mas, tenho medo de mudanças. Sou determinada, mas, indecisa também. Não sou perfeccionista, sou bagunceira. Não sou agressiva. Sofro por antecedência. Gosto de ser elogiada. Minha autoestima oscila muito. As críticas me afetam muito, mais do que eu gostaria. Eu não acredito em destino. Eu não gosto que as coisas fujam ao que eu planejo. Eu guardo mágoa. Eu amo meu trabalho. Sou estudiosa. Bem-humorada” (Doiara).

Neste processo de busca e produção de diversificadas experiências e descobertas existem ambiguidades e discurso de oposição usando adjetivos e críticas: medrosa x corajosa, determinada x indecisa, organizada x bagunceira, gosta das experiências de vida x não gosta que as coisas fujam ao planejado, também outras características de uma personalidade com qualidades interessantes e em acentuada transição. E isso, gera esse constante entedimento de que o cotidiano é movido pelas distintas formas de se representar e suas maneiras móveis de dizer o que somos. Essas práticas resultam em características de continuidades e descontinuidades na vida dos sujeitos, que afluem em representações corporais provisórias “assim como são as linhas do tempo do *facebook*. Elas são móveis, estão móveis e, num clique, é possível estabelecer outras redes de sentido, de sentimento e de pertencimento” (OLIVEIRA; MIRANDA, 2016, p. 261).

Com esta construção da representação corporal, surge um Eu subjetivo que configura o que pensa, o que sente, em forma de imagem fotográfica sem nenhuma economia simbólica. Isso desenrola não na esfera da aparência física, mas na esfera do sentido, do conhecimento. Bourdieu (2011) chama atenção para a autonomia da simbologia das estruturas sociais e de seu poder constitutivo, ou seja,

para sua habilidade de amoldar a realidade, moldando as representações sociais compartilhadas na sociedade.

Ainda, na perspectiva da discussão sobre poder simbólico, Bourdieu (2011) afirma que a escolha por um discurso resulta em um produto que, de certo modo, é anunciado à interpretação, mas também a avaliação. É como refletir sobre: o que vou falar? Como vou falar? Com quem vou falar? Essas reflexões pressupõem escolhas e trocas e isso se identifica quando Doiara Santos, em seus discursos fotográficos, demonstra vivenciar situações e adquirir experiências a partir das possibilidades que o território ocupado no momento lhe permite.

Figura 46: Fotografia do perfil de Doiara Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/b35Xzq>

Figura 47: Fotografia do perfil de Doiara Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/MyNCx0>

Essas foram as fotografias (Figura 46 e 47) mais curtidas desta professora, e demonstram o quão radiante, positiva e alegre é a Doiara. O seu cabelo ao vento, as unhas pintadas, os óculos esportivos e um largo sorriso no rosto atestam para essa beleza, que são referendadas nos seguintes comentários: sua linda! // que graciosa! O rostinho da felicidade // radiante!! // que linda doutora // eu tenho uma filha linda!!! // . É gerado um processo colaborativo, um vínculo com outras pessoas, expressando carinho, elogios, relações afetivas e familiares. Essa é a importância do Outro nesse caminho da enunciação.

Doiara marca seu território na fotografia 47 ao dizer que está em Maceió em 20 de janeiro de 2016, em pleno verão e neste lugar tão lindo e paradisíaco. Na legenda aparece o trecho da música *The Sun* da banda Maroon 5 “*We are only seven miles from the Sun*”, que significa “nós estamos a apenas 7 milhas do sol”. Sugere pensar que ela está passeando acompanhada pelo fato do “nós” na frase e também porque reflete a imagem de uma pessoa em sua lupa. Não se pode afirmar qual a bebida está sendo degustada pela professora, no entanto, pelo fato de ter um protetor térmico para garrafa de cerveja e um líquido meio amarelado no copo, podemos sugerir que seja cerveja. Em momentos de lazer, em viagens para distintos

fins quando bem utilizada gera um enorme prazer em quem consome, além de ser uma prática de sociabilidade comum entre os jovens brasileiros (CARNEIRO, 2016).

O espetáculo é o sentido desse mundo contemporâneo que mais aparece claramente no *facebook* e existe uma relação muito forte entre as pessoas por meio das imagens (COSTA E SILVA, 2016). Dessa maneira essa rede social vem delinear o espetáculo, como uma das formas pela qual as fotografias são compartilhadas, onde essas narrativas ganham vida própria no universo sideral e são vistas sob diversos olhares, interpretadas de diferentes formas e em uma magnitude gigantesca.

Ao analisar todas as fotografias do *facebook* de todos os professores participantes da pesquisa, verificamos que apenas Doiara possui fotos (Figura 48 e 49) na frente do espelho indicando uma hipervalorização de si. Além de evidenciar uma subjetividade que deseja ser reconhecida, que busca aprovação para convalidar o seu ser, pois como diz Sibilia (2008) essa subjetividade deverá estilizar-se como um personagem dos meios massivos audiovisuais: deverá cuidar e cultivar sua imagem mediante uma bateria de habilidades e recursos. Este personagem tende a atuar como se estivesse sempre em frente a uma câmera, disposto a exhibir em qualquer tela, ainda que seja nos lugares mais comuns do cotidiano.

Figura 48: Fotografia do *facebook* de Doiara Santos.



Fonte: <https://goo.gl/xwvKsB>

Figura 49: Fotografia do *facebook* de Doiara Santos.



Fonte: <https://goo.gl/XpioZi>

Essas fotografias na frente do espelho ampliam a própria existência de si na rede social. Le Breton (2015, p. 29) sinaliza que “o corpo torna-se emblema do self”. Nessa imagem autoerrepresentativa, o corpo é essencial como anúncio de si e tanto a foto *selfie*, como a foto em frente ao espelho, confirmam esse fato. Cada imagem dessa enuncia que existe algo especial acontecendo ou de repente, o especial é/sou o Eu. Embora, na legenda (Figura 48) indique que é segunda-feira e ela nos convida para trabalhar, o que pode dizer, neste caso, que o fato especial pode estar em sua aula que deve ter sido realizada posteriormente ao ato fotográfico.

Na outra representação de si exposta pela figura 49 aparece uma legenda com um dizer muito interessante e que nos dá uma visão de como pensa e se posiciona esta professora em relação ao capital: “Pobre de quem acredita na glória e no dinheiro para ser feliz”, demonstrando humildade e simplicidade, sendo que em sua camisa tem escrito paz (em inglês) e ela faz o sinal de “V” com os dedos, que pode significar muitas coisas, dentre elas, esta saudação está comumente associada à simbologia da paz e amor.

Essa representação corporal acentuadamente evidenciada nesse tipo de fotografia explicita as poses, os gestos, o olhar, a pele, dentre outros, encontra uma rota no desejo de destacar as características corporais que vão desde um sorriso simpático à busca de um corpo delineado, talvez na intenção de preservá-lo uma vez que como alerta Le Breton (2003, p. 124), “o corpo é lugar da morte, nada melhor do que evidenciá-lo em seu esplendor, mas nunca de uma forma qualquer”.

Quando o indivíduo elabora sua performance de frente ao espelho, com caras e bocas e também arruma o cenário, isso ocorre a partir do *studium*. O *studium* é entendido, neste momento, como a intencionalidade do fotógrafo em se autorregistrar. Já o *punctum* nos traz elementos que fragmentam essa normatividade tensionada pelo indivíduo na fotografia para o outro que compõe a sua rede. Este pode encontrar algo que o deixa surpreso e, portanto, pode chegar a deslocar-se da intencionalidade proposta pelo fotógrafo (RIBEIRO, 2015). Cada um vai se aperfeiçoando sempre em cena traçando estratégias corporais para suas performances imagéticas.

Nesse jogo de espelhamentos, da relação com o duplo e o espelho como forte símbolo, esse reflexo que se tem do espelho aparece como ilusão. Um sujeito com características narcísicas imagina-se ser outra pessoa a partir do próprio reflexo que vê de si. Esse fato acontece, justamente porque é próprio dessa condição

narcisista a dificuldade e o não reconhecimento dos limites fronteirços entre o Eu e o Outro. A duplicidade posta pelo espelho – a tela do *facebook* e a imagem fotográfica – desvela-se como símbolo de confrontos com os diversos Eus: “máscaras são construídas, corpos são (trans)figurados, representados em imagens, personagens são promovidos. Tudo isso possibilita a pluralidade icônica” (TEIXEIRA, 2014, p. 157) do quem são esses professores.

Há aspectos bem complexos no entendimento do “narcisismo” e que necessita ser discutido com maior atenção e profundidade com que se merece, no entanto, ele será compreendido como “a idéia de um originário investimento libidinal do eu” (FREUD, 2010, p. 17). Em nossa sociedade o narcisismo se instala promulgando a fragilidade do Eu e a obsessão compulsiva por si mesmo.

A partir da relação de (con)viver com pessoas diferentes, cada um carrega significações, signos e legados que se representam por variados e diversos símbolos. Cada sinal possui suas representações de acordo com o interesse desejado, além de manter relações de (inter)dependência simbólica que se estabelece em cada momento histórico de ordem social. Frente aos vertiginosos processos de exibição, protagonismo e troca de subjetividades na rede, vivemos uma sociedade midiaticizada abalada pela velocidade cibercultural, “fascinada pela incitação à visibilidade e pelo império das celebridades, percebemos um deslocamento daquela subjetividade “interiorizada” em direção a novas formas de autoconstrução” (SIBILIA, 2008, p. 23).

Figura 50: Fotografias publicadas nos perfis de Doiara Santos, José Luis Garcia Soidán, Mauricio Ramos, Víctor Arufe Giráldez, Dirceu Silva, Renato Sampaio e Sueyla Santos.



Foto 09



Foto 10



Foto 11



Foto 12





Foto 13



Foto 14



Foto 15

Especialmente no *facebook*, os usos das fotografias de perfil parecem potencializar esta dinamicidade, através de estilos em diferentes subgêneros das imagens, desde a fotografia que expressa um glamour (Foto 15), espírito esportivo (Foto 13), “carão” (Foto 14), um olhar para o horizonte (Foto 12), manipulação do Eu (Foto 11), cenário turístico (Foto 10) e meigo (Foto 09), na qual os sujeitos são objetivados e concebidos a partir de determinado tipo de modelo ao ponto oposto da rejeição assumida à objetivação do corpo ou do rosto, se traduzindo em imagens com características abstratas (Figura 81). É necessário perceber que a imagem fotográfica é como um texto científico que pode ser lido, sentido e compreendido, gerando a produção de conhecimentos.

Para fazermos essas análises imagéticas com o objetivo de apreender as representações corporais, modos de ser e subjetividades produzidas pelos professores universitários de cursos Educação Física dentro das Representações Sociais (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008; MOSCOVICI, 2012; VALA; MONTENEGRO, 2013) estivemos atentos às diversas condições que permitem à imagem representar um objeto. Estas condições passam pelos significados construídos nas imagens, pelo nível de percepção por parte dos espectadores e, também, pela representação visual. Perpassam ainda, pela intencionalidade do autor, pela semelhança (ou equivalência) com o referente ou sentimento, e pela própria construção do objeto de representação (OLIVEIRA; MIRANDA, 2016). Dessa maneira, as análises das imagens levam em consideração as condições objetivas e subjetivas que estão entremeadas e que são importantes para discutir com clareza sobre os modos de representação corporal construído pelos participantes da pesquisa através das imagens fotográficas, como também dos aparatos discursivo-verbais que tivemos acesso.

“Estou estimulada a não postar mais fotos de viagens e momentos de lazer, pois a minha rede não é mais “social”, passou a ser muito ampla e não tenho interesse de compartilhar as atividades cotidianas com pessoas que não sou íntima” (Sueyla).

Por esta ideia expressa na representação social de Sueyla Santos, percebemos que esses corpos virtualizados sofreram transformações, cujas mutações se apresentam em paralelo ao abalo democrático da representação do outro. Essa sociedade tecnológica tem sido testemunha de um crescente interesse em torno do culto ao/do corpo, com evidência para o que antes era controlado, escondido e normalizado. Nessa perspectiva, a mídia, no contexto da contemporaneidade, destaca a visibilidade do corpo como um objeto de consumo, por meio da qual se propagam padrões e formatos de corpo, em tempo que, as formas como devem ser tratados, produzidos e modificados, sendo altamente reproduzíveis. Além de ser entendido como um referencial de *status*, estética e sucesso a ser alcançado (LE BRETON, 2015).

Nesse processo, com as distintas perspectivas proporcionadas pela experimentação poética visual, se ampliam as redes de preensões com o mundo permitindo formas de agrupar uma multiplicidade da qual não se daria conta em outra circunstância. A partir dessas trocas simbólicas no *facebook*, podemos notar

que essas fotografias publicadas no perfil produzem um entrelaçamento entre as imagens idealizadas, as rápidas subjetividades produzidas pelos docentes e a construção de conhecimentos que fortalecem os corpos, como se observa nas seguintes unidades de análise:

“La representación del cuerpo no solo es La percepción [...] y si em alguna medida expongo ciertas fotografias o realizao algún tipo de comentário respecto al cuerpo es porque ahí está mi concepción de lo que debería ser El cuerpo” (Nuria).

“Sou eu quem estou ali [...]” (Silvana).

“[...] y em situaciones variadas, dando así información sobre su físico y sus preferencias personales y profesionales” (José Sóidan).

“representações corporais são as maneiras que nosso corpo se comunica com nosso modo de ser, viver e se relacionar com o meio (pessoas, ambientes, experiências de vida) [...]” (Sueyla).

“Acho que projecto a minha imagen real, nao tenho dupla personalidade, o que eu son na vida real, son tambem no facebook” (Víctor).

“[...] formas como vemos a nós mesmos em nossa expressão física e a forma como projetamos nossa imagem para a apreciação de outrem” (Doiara).

Os próprios professores deixam claro nestas representações sociais que a produção de conteúdos nestas performances interacionais dentro da rede social *facebook* reverberam na constituição de seus modos de ser. Eles expõem suas ideias, gostos, ações, pensamentos, etc. Dessa forma, um se constrói no outro e quem vê tem seu corpo transformado em imagem. É destas possibilidades de atrelamento, dos jogos das fotografias pregnantas, corpos em imagens e imagens em corpos que pensamos os modos de construção das borbulhantes subjetividades na contemporaneidade. Na cultura digital, que se volta para o espetáculo, onde só sobrevive quem é notado, a autoafirmação, a promoção de si ganha destaque no *facebook*. Existe uma adesão de *status* social através dessa ação,

“Gosto de apresentar meus momentos bons, fotos de lugares e pessoas que gosto, conquistas pessoais, reflexões, compartilhar músicas e vídeos [...] recentemente, utilizo mais para postagens fotográficas” (Doiara).

“Gosto de socializar momentos importantes da minha vida profissional, acadêmica e pessoal [...] evidencio nelas (redes sociais) minhas atitudes e valores, meus desejos, meus amores, minhas tristezas e meus afetos” (Mauricio).

Nesse ínterim, podemos perceber que a vida tem se estruturado e se organizado a partir da cultura digital (LÉVY, 1996), servindo essa como um meio de transmissão de conhecimentos e de educação constante. Essas tecnologias digitais têm ocupado um papel central nas profundas transformações que estão ocorrendo em todas as dimensões da vida social (RECUERO, 2012). Dentro desta perspectiva, a rede não determina a forma como o receptor decodifica a realidade, mas é este receptor que atribui cognições, sentidos à mensagem a partir de seu arcabouço cultural e repertório de aprendizagens, na busca de signos convergentes com suas experiências de vida.

Viver é escrever um rascunho, é entrar em cena sem ensaiar, já vivendo e experimentando situações provisórias e inusitadas. Ninguém possui um roteiro formado da vida, nossas escolhas do dia a dia vão neste ritmo direcionando o nosso destino. A imagem avatarizada vista como um tipo de corpo em curso designa uma representação corporal *on line* para assegurar uma presença corporificada e personificada no ciberespaço. A partir dessa concepção, se pode criar ou construir a imagem (corpo) que Eu quero a partir de meus desejos ou para uma adequação a determinados grupos de pertença dentro e fora do *facebook*.

Figura 51: Fotografia do perfil de Víctor Arufe Giráldez no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/Q1olj7>

O professor Víctor Arufe (Figura 51) revela um olhar alegre e encantador que chama a atenção pela exuberância de sua cor e pela expressividade que transmite através dele. É notório que existe uma publicização e foco no Eu nesta imagem, na medida em que, até a paisagem natural atrás do professor aparece turva, sem foco. Como se nota em seu perfil do *facebook*, Víctor é um amante das imagens e do ato de fotografar, como afirma neste trecho de nosso diálogo no *Messenger*, dizendo que é “*como fotógrafo aficionado*”. Portanto, seria um engano pensar que estas fotografias com características centrais de rosto desses professores sejam sem preocupação com a composição de sua forma e também com sua estética. Como observamos no decorrer dessa discussão, várias representações corporais expostas através da narração fotográfica foram articuladas, previamente pensadas, editadas e outras vezes refeitas. Em todas essas ações houve uma idealização e preocupação mínima com os corpos considerados perfeitos (COUTO, 2012a).

Víctor também nos revela que “*gosto que as pessoas compartan e comenten se gustan ou nao gustan*”. Os amigos de professor Víctor sentiram-se tocados com essa imagem (Figura 51) e fizeram os seguintes comentários: Joé, qué guapo, doctor! // Esta foto es de cuando eras joven?? Je.je // Ollazos!!!! // Com esa foto te calle ron unos años más // Cuñado guapoooo!!! // Que ojos tán bonitos 😊😊😊😊 // Guapo my brother ains // Muy guapo Víctor! 😊 // Saludos y de taconazo (sr Víctor) // very nice Picture, pretty man//. Recebendo uma positiva, forte e descontraída impressão por seus pares, sendo a maioria dos sentidos produzidos relacionados à beleza de Víctor. Outra incursão social é feita por seu amigo ao comentar:

Figura 52: Comentário realizado na fotografia (Figura 51) de Víctor Arufe Giráldez.



Este comentário denota que este amigo de Víctor teve um *punctum* com conotação sensual, ao dizer que o professor está todo feito um símbolo sexy, e esse encantamento pode ter sido o de muitas outras pessoas na rede, que pode ir conquistando fãs e seguidores não apenas pela sua competência técnica, docente, atlética, empreendedora e gestora, mas também, pela sua aparência estética.

Figura 53: Fotografia do perfil de Víctor Arufe Giráldez no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/a2AIER>

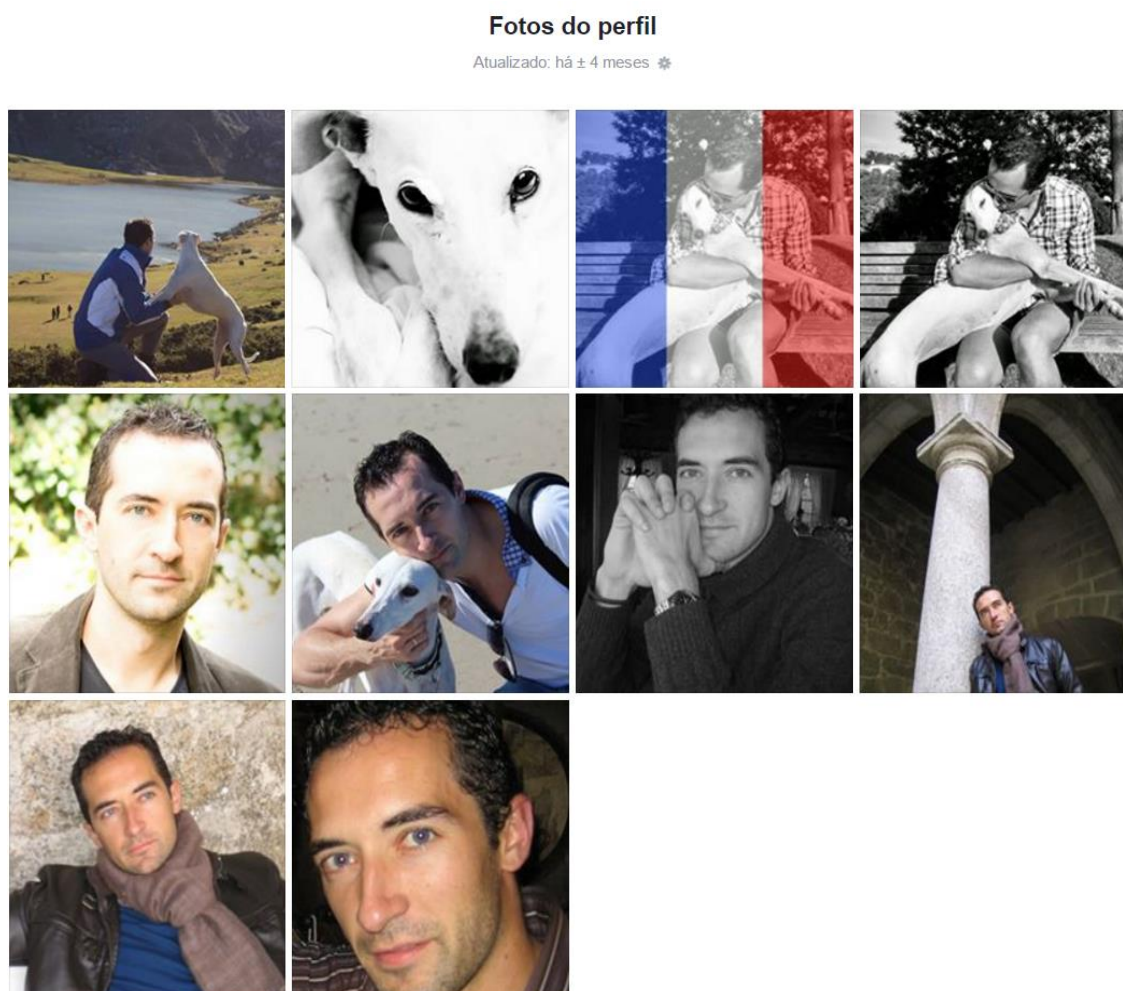
Esta outra imagem (Figura 53) apresenta a representação corporal com evidência na face e nos acessórios glamourosos utilizados por Víctor. Novamente surgem comentários que brincam, elogiam e ressaltam os olhos e a beleza deste professor. O próprio Víctor possui uma representação positiva e autoestima sobre seu corpo, quando diz “acho que tenho um corpo atlético por mor de moitos anos de práctica de atletismo de competicion, son delgado mais algo fibroso. A minha principal preocupacion polo corpo e ter um corpo san, com saúde”.

Ao apreendermos que o professor possui essa representação social sobre seu corpo, com consciência de atributos físicos bem desenvolvidos em decorrência de suas vivências com o esporte de rendimento, podemos inferir que a constituição de suas imagens que estão no perfil também ressaltam com facilidade essas características. Pela nossa impressão não chega a ser uma expressão narcísica, pois este participante é o que possui a rede social *facebook* há mais tempo, já é uma década de uso, entretanto possui apenas dez fotografias (Figura 54) no álbum de fotos do perfil. Nesse sentido, o próprio professor Víctor argumenta que não é narcisista e que publica muitas fotografias em sua linha do tempo, mas que geralmente não são imagens de seu corpo, são imagens gerais que fazem parte de suas narrativas pessoais e explicitam suas representações corporais como vemos nesse relato “Eu nao suelo expor coisas do meu corpo, as veces publico alguma

fotografia do meu can, mais em geral são fotos de coisas, paisagens, etc. Não gosto de ser muito egocêntrica e narcisista”.

Sibilia (2008) destaca que toda obra é autobiográfica e que a escrita só pode surgir das experiências pessoais do autor. Para a professora Sueyla Santos “como um ambiente de relações sociais, mesmo que virtual [o facebook], o corpo representa uma maneira de expressão”. A partir dessas concepções, podemos argumentar que quem expressa, cria, exterioriza, evidencia rasgos de sua própria identidade, de seu ser e quem compartilha de alguma maneira está expressando algo do que é, parte de sua subjetividade.

Figura 54: Fotografias publicadas no perfil de Víctor Arufe Giráldez no *facebook*.



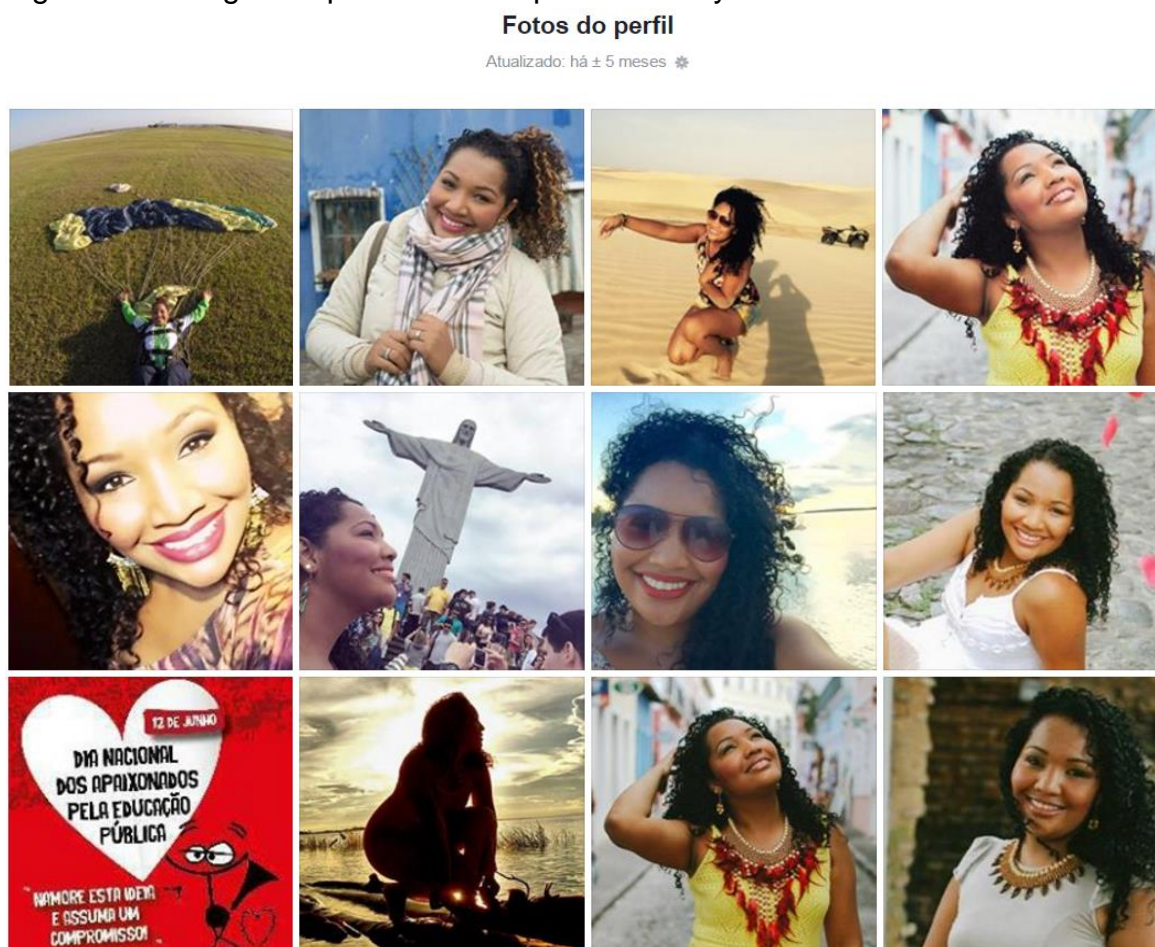
Fonte: <https://goo.gl/Xy4uJC>

Percebemos ainda que o professor Víctor Arufe seja uma pessoa muito ligada à sua cadela de estimação, a Kaleeshi. Das dez imagens publicizadas, cinco

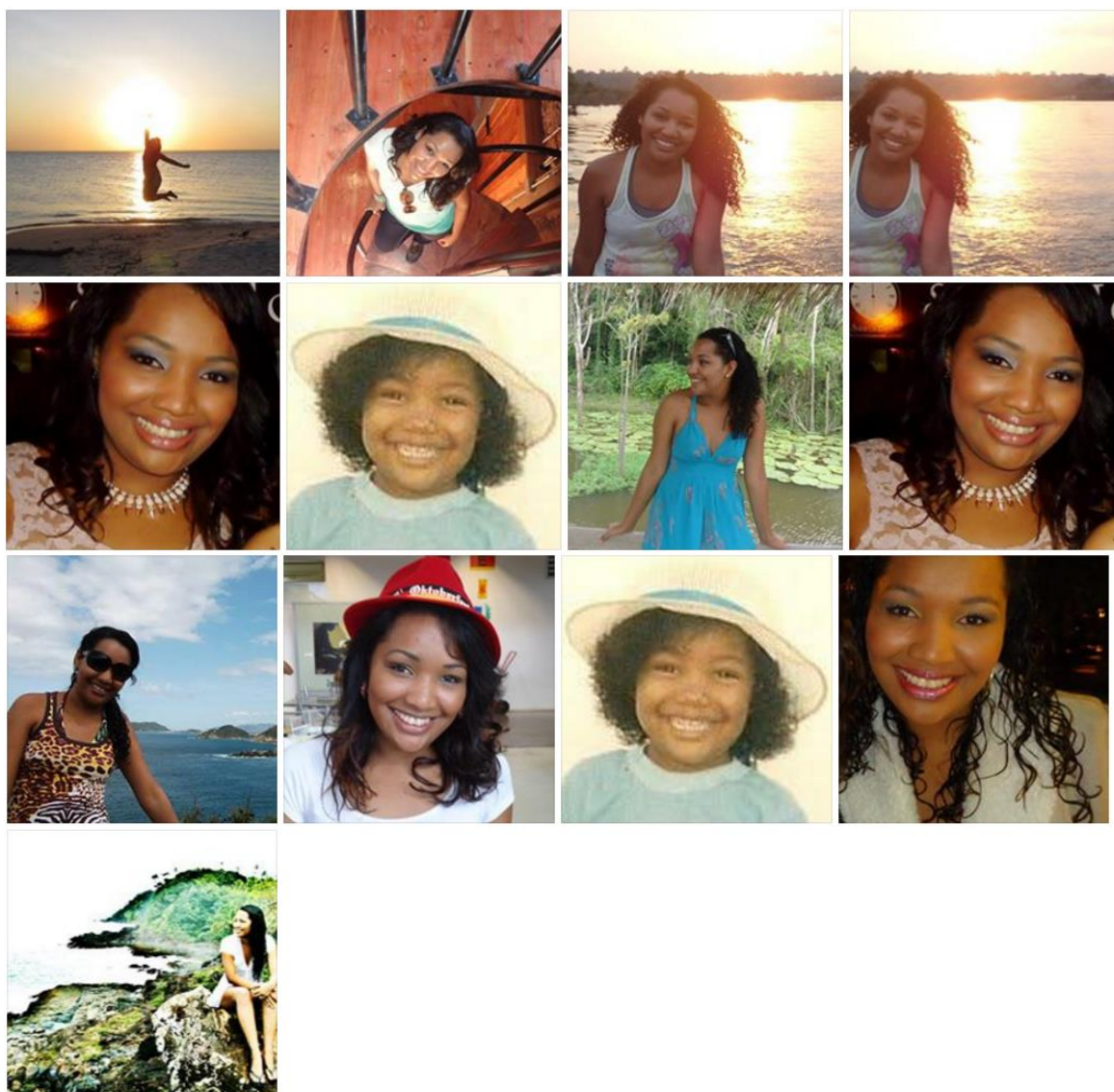
fotografias são do professor com a cadela e/ou da cadela. Isso demonstra e ratifica o seu amor e seu elo com esta fiel companheira, além de em seu relato na escolha de sua fotografia preferida para compor sua descrição na seção 5.1 (Figura 5), se referir e trazer um breve contexto histórico sobre sua relação com Kaleeshi.

O pensamento Baumaniano (2011) e os estudos ancorados na perspectiva cultural (MORGADO; SANTOS; PARAÍSO, 2013) destacam o sujeito da contemporaneidade como múltiplo, descentrado, fragmentado e contingente, forjado pelas várias experimentações sociais, dentre elas, a estética. Neste momento da análise, nos é apresentada a docente universitária que mais publiciza imagens de si no perfil em sua rede social, alcançando a marca de 25 fotografias, abaixo (Figura 55) mostramos um panorama de todas essas imagens que apresentam as novidades e enfatizam os acontecimentos de sua vida:

Figura 55: Fotografias publicadas no perfil de Sueyla Santos no *facebook*.







Fonte: <https://goo.gl/IVgGh3>

“Exponho meu sorriso e/ou meu estado de contemplação com a vida e com tudo que me cerca naqueles momentos compartilhados (braços abertos, olhar para o horizonte, admiração da natureza)” (Sueyla).

Diversas experiências (Figura 55) do cotidiano da professora Sueyla Santos são compartilhadas e nos dão pistas de que existe uma acentuada valorização de suas representações corporais por meio das fotografias. São imagens que apresentam a infância, momentos em viagens e passeios, praias, rios, dunas de areia, muita alegria, sorrisos, felicidade, salto de paraquedas e uma imagem que traz uma importante mensagem em defesa do compromisso com a educação pública de qualidade.

O corpo de Sueyla Santos se constrói na visibilidade, não consegue ficar

parado, estático e por isso se movimenta e ganha espaço nas telas, sentindo, reagindo, experimentando situações sempre novas: é um corpo vivo que está a todo tempo nas fronteiras do Eu e é base para uma atrativa alegoria que vai saltando aos olhos conectados e construindo a espera de um importante evento para brilhar no palco chamado *facebook*. Benjamim (1994) demarca para a *web* justamente o “valor de exposição” em contrapartida ao “valor do culto”, vez que a exposição do conteúdo de si está interligada à visibilidade e disponibilidade desse material, e no virtual existe um tempo de reprodutibilidade, pois se atualizam os conteúdos (re)produzidos. Este exercício de construir sua cena em rede merece ser destacado, principalmente ao notarmos que toda enunciação que o sujeito faz de si para os outros participa da maneira como percebe a si mesmo, exibindo seus gostos, intimidades e preferências.

Esse princípio parece apontar uma das várias necessidades de urgência, de estar sempre presente (*on line*), e constantemente estar postando coisas que aparentam ser interessantes para o outro ou para si. Conforme Couto (2014, p. 48) “as práticas crescentes das narrativas de si nas redes sociais digitais são maneiras criativas e generosas de compartilhar a vida, produzir e difundir conhecimentos na cibercultura”. Esse mesmo autor argumenta que “ser visto passa a ser a mais importante prova de existência, onde a visibilidade acentuada parece elevar cada sujeito a condição de celebridade” (p. 55). Podemos entender que a visibilidade é capaz de criar uma teia de influência, “as opiniões e os comentários são valorizados, e tal rede é, também, um meio de diversão *on line*” (p. 55).

Segundo a professora Sueyla “no *facebook*, as pessoas tentam expressar a partir da sua aparência corporal o que elas são, querem ser ou, algumas vezes, o que os outros querem ver”. Através desse depoimento vemos que essa construção na rede social perpassa pela representação de um Eu. Isso também gera uma preocupação com os comentários que os outros farão de seu corpo, do cenário, dos adereços que compõem a mensagem em determinada narrativa fotográfica no *facebook*, com a expectativa de *feedback* positivo de seus amigos da rede.

Nesse compartilhamento de si são produzidas trilhas nas redes de sociabilidades virtuais e pelo que a professora indica nesta fala acima, as imagens cotidianas que constroem a aparência corporal no *facebook* são estruturadas pela percepção representativa e imaginária de si e moldada pelos referenciais sociais sinalizados a partir das preferências dos comentários, das curtidas e dos

compartilhamentos. Em decorrência disso, as visualidades corporais são fruto dessas questões e essas são o provisório nas representações corporais produzidas por estes professores em rede, que comunicam, informam quem e como são e como gostariam de ser (vistos).

O desejo é movido pela necessidade de atualização e não pela vontade de satisfação. Enfim, traduzir é duplicar-se não em outro idêntico, mas em um outro efêmero. Somos o corpo do mundo em ação. Se o sujeito busca deslocar-se de si para manter a própria vida, a imagem não pode caber dentro da representação do Fora, pois isto remeteria à noção de um sujeito identitário e impedido do encontro com a diferença. A imagem vista como motor da representação está fadada a aprisionar a diferença dentro da noção da semelhança, do ponto de vista da percepção e da analogia, do ponto de vista do juízo (KIRST; FONSECA, 2010, p. 404).

O que nos mostra estes corpos como em uma vitrine virtual? São narrativas fotográficas em trânsito, porque são corpos que estão em efêmera (BAUMAN, 2011) transição, também nessa via transitória se encontram suas imagens dos perfis. De Paula (2015) colabora para essa discussão, afirmando que a foto corporal muda porque o Eu quer ser Outro, e as ferramentas da rede social permitem essas mudanças, permitem inclusive demonstrar muitas subjetividades na rede e múltiplas representações.

A partir da observação dessas imagens e também da movimentação dos participantes da pesquisa podemos inferir que, em níveis distintos, o interesse em compartilhar estas informações é veloz e urgente dentro do *facebook* (LESSA; GOMES, 2016) e os professores produzem imediatamente conteúdos com estas ações, num movimento reflexivo e dialógico em que busca na sua própria vida e na de outros, elementos para esta construção corporal em rede. Estes modos de ser exibidos através destas fotografias incluem a exaltação de alguma coisa que chamou a sua atenção e uma série de valores, além da tendência ao se/si mostrar, na medida em que o sujeito narra sua história apresentando uma imagem para ser consumida através deste compartilhamento.

Essa apreciação encantadora pelo excesso da consumação imagética em nosso cotidiano avança em direção as nossas práticas culturais do ver, do olhar como sentidos voláteis, dilatados, hipertrofiados, deslocados e sensíveis para compreendermos essas narrativas corporais. Estas práticas são construídas com e na/pela cultura. Isto significa perceber, de acordo Achutti (1997, p. 42) que “o olhar

não é individual, ele é determinado social e conjuntamente”.

Figura 56: Fotografia publicada no perfil de Sueyla Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/THT7YK>

Esse exuberante, único e irrepetível cartão-postal (Figura 56) em formato de imagem do perfil de Sueyla Santos nos inspira e nos leva a uma sonoridade poética, com muita plasticidade e sensação irradiante de leveza. Esse olhar direcionado para o horizonte, todo o corpo visualizado lateralmente, de perfil, o reflexo do sol na água combinando com o céu meio nublado e meio aberto formam de um lado técnica e de outro uma obra artística. Pierre Lévy (1996) sinaliza que neste processo de virtualização do Eu, é como se o corpo saísse de si mesmo e nessa rota ele conquista novas velocidades, adquire outros espaços, modificando a alteridade biológica em subjetividade concreta. “Ao se virtualizar, o corpo se multiplica. Criamos para nós mesmos organismos virtuais que enriquecem nosso universo sensível sem nos impor a dor” (p. 33).

Figura 57: Fotografia publicada no perfil de Sueyla Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/p47mVk>

Figura 58: Fotografia publicada no perfil de Sueyla Santos no *facebook*



Fonte: <https://goo.gl/nQQZPz>

No entanto, a característica mais notadamente marcante dessa representação corporal construída pelos docentes é o fato dela ser uma paisagem passageira,

efêmera, característica própria do espetáculo. Essa rapidez gera a produção e a troca das imagens constantemente sendo propositalmente trocada por outra e por vezes pela mesma fotografia como é discutido mais adiante, gerando e reforçando determinadas audiências. Mesmo com tamanha instantaneidade na rede, precisamos ressaltar que ao analisarmos essas fotografias percebemos representações corporais docentes recheadas de sentimentos e de história e que demandaram tempo aos pesquisados para representarem, fazerem a captura da imagem, selecionar, editar e, como no *facebook* pensamento é ação, compartilhar a fim de dar visibilidade a alguma parte de sua vida, ainda que às vezes sem os detalhes, nem as intenções anteriores que as levaram a ser publicizadas.

A mensagem que fica claramente anunciada em um espetáculo é “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p. 16). E essa questão sobre compartilhar o que há de melhor de si, bom ou ideal no *facebook* é bem evidente nas representações sociais destes docentes, como vemos a seguir:

“Portanto, nas redes sociais, como facebook, as pessoas procuram aproximar a sua imagem física ao que é estabelecido como “bonito, saudável e atraente” para a maioria do público ao qual ela deseja atrair os olhares ou ser aceita” (Sueyla).

“Creo que algunas personas solamente incluyen las mejores imágenes de su vida [...] seleccionan mucho las fotos, hasta conseguir su mejor imagen corporal” (José Soidán).

“Você vai selecionar e exibir algo que você compreende como ideal dentro de uma fotografia corporal” (Dirceu).

“[...] as pessoas colocam na foto no seu lado bom, e o que mais gostam de ressaltar do seu corpo fazem mais visível” (Víctor).

“[...] O ideal seria uma imagem saudável, a aparência é secundária” (Kristyan).

Com isso surge uma necessidade enorme de parecer “bons” a todo o momento e, por conseguinte, busca-se aparecer da melhor forma. De acordo com Nejm (2016) quem expõe sobre si avalia o espetáculo produzido por ele mesmo antes de dar visibilidade na sua rede social, rede que também fará seus julgamentos e avaliações para compor a coletânea de impressões, positivas ou negativas, advindas da exposição corporal e que servem para balisar as próximas publicizações. O espetáculo é um evento social (SIBILIA, 2008) que acontece nas interações sociais mediadas por imagens, e desse evento surgem outros novos

eventos que reconfiguram os modos como às pessoas se comportam na sociedade contemporânea, como por exemplo, o consumo.

O consumo influencia a maneira como nossa sociedade do século XXI se organiza onde por vezes o objeto tem mais valor do que uma pessoa, acontecendo à personificação das coisas e objetificação das pessoas. Nesse sentido, Baudrillard (2009, p. 52) compartilha que o consumo é “um modo ativo de relação não somente dos objetos, mas da coletividade e do mundo, um modo de atividade sistemática e de resposta global sobre a qual se funda todo o nosso sistema cultural”. É, portanto, uma maneira pela qual o indivíduo interage na perspectiva da utilidade; consumo existe na utilização de algo, e é neste território que o consumo não só de objetos considerados úteis como também o consumo das relações, com proximidade de pessoas que lhes são úteis que esse paradigma ganha força.

Conforme aponta Lasch (1983, p. 24) a “cultura organizada em torno do consumo de massa estimula o narcisismo”. O sujeito busca consumir o que está em seu desejo, vez que o consumo é um desejo, dessa maneira o sujeito consome a sua própria vontade de consumir, então, não há uma forma de satisfazer o seu desejo, nunca será satisfeito. Justamente por esta compreensão, Bauman (2011) reforça que a ânsia de consumir instiga mais desejo de consumir e o consumo em massa procura sempre mais consumo.

Figura 59: Fotografias publicadas no perfil de Sueyla Santos no *facebook*.

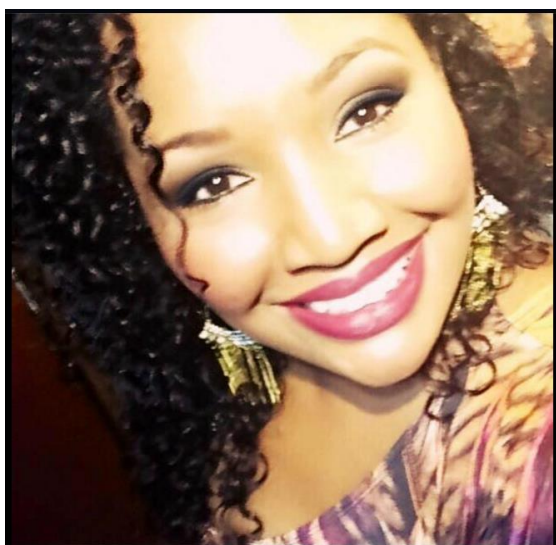


Foto 16



Foto 17

Por isso existe tanto investimento na estética, há muito consumo de roupas, de produtos que estão na moda, de bens consumíveis e não duráveis como um salto de paraquedas (Foto 17), máscaras faciais e maquiagens (Foto 16), bem como outros produtos de beleza. O consumo influencia a imagem e vice-versa, de modo que tudo que é aparente tem valor, onde os sujeitos se relacionam como forma de consumir e mudam a forma de se relacionarem para parecerem consumidores. Dessa maneira, Baudrillard (2009) ressalta que o espetáculo e o consumo se completam e complementam, visto que parecer (ou ser) consumidor é uma via de espetáculo.

Maciel Junior e Costa (2016) apontam que essa própria cultura do consumo oferece um modelo ideologicamente construído e difundido de bem-estar e de felicidade como sinônimos de sucesso e de uma situação ideal a ser atingida, que de forma crescente ganha muita força no *facebook*. Os adereços, a face e o corpo simultaneamente proporcionam muitas informações sobre os modos de ser do indivíduo e suas reações nas transações com os outros, da mesma forma que o ambiente físico também é utilizado para transmitir informações e sentimentos neste fluxo interacional.

Pensando sobre outras questões que emergem das análises desse objeto de estudo e também do que já foi discutido até o momento, cabe ponderar que alguns professores tomaram consciência de quais conteúdos e aspectos de sua representação corporal são mais bem aceitos pelos seus amigos do *facebook* e que demonstram constituir um apoio da audiência, retroalimentando os comentários e interações sociais de seus interlocutores. Essa afirmação surge a partir da constatação de que algumas das narrativas corporais demonstram duplicidade, pois foram compartilhadas duas vezes no álbum fotos do perfil de Sueyla assim como no de outros professores.



Figura 60: Fotografias duplicadas no perfil de Sueyla Santos no *facebook*.



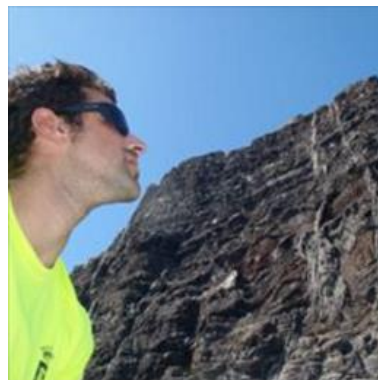
Fonte: <https://goo.gl/IVgGh3>

Figura 61: Fotografia duplicada no perfil de Doiara Santos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/kJO4JI>

Figura 62: Fotografia duplicada no perfil de Kristyan Gómez no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/OAaNRF>

Figura 63: Fotografia duplicada no perfil de Mauricio Ramos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/4Om4QF>

Figura 64: Fotografia duplicada no perfil de Renato Sampaio no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/UkQz9y>

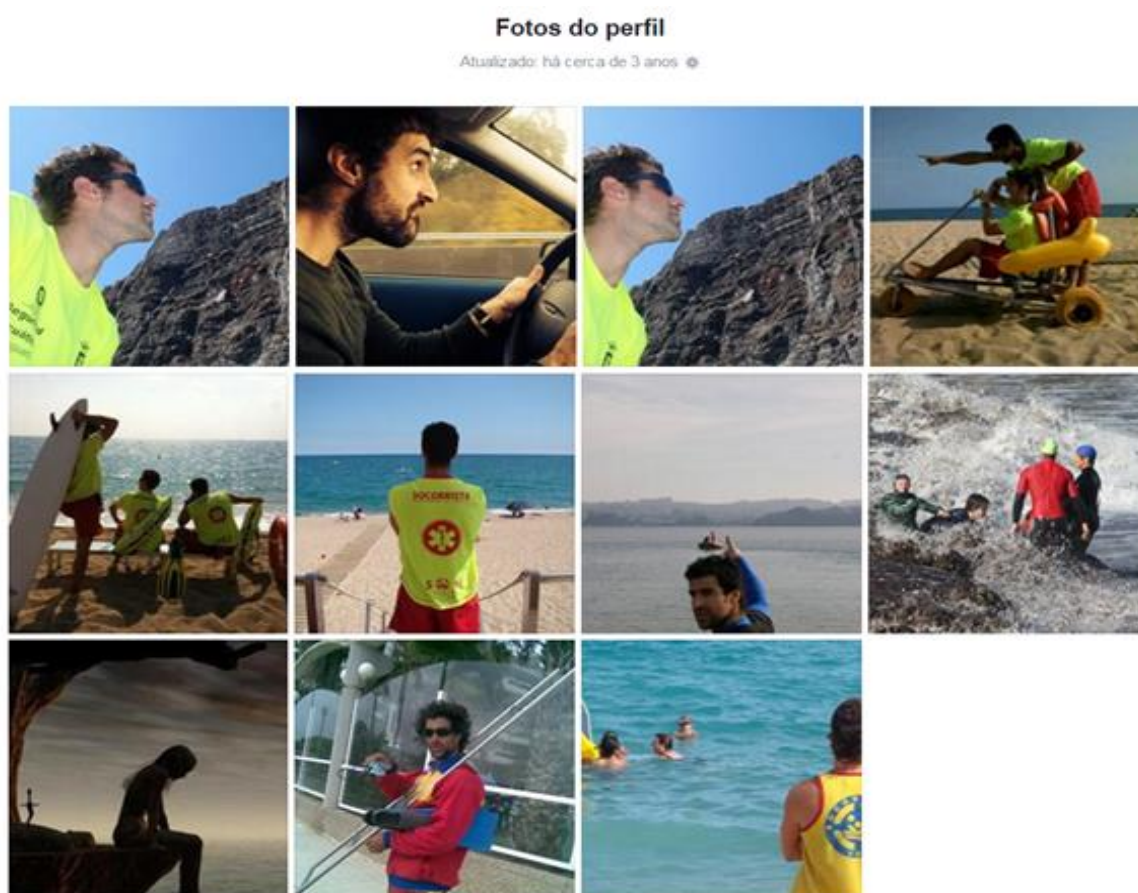
Cada imagem postada contribui, neste movimento, para nos aproximar do cotidiano e conhecer alguns aspectos e facetas da construção do Eu dos pesquisados. No entanto, levando em consideração a velocidade da conectividade em tempo real e que no *facebook* e na “cibercultura de modo ampliado existe uma grande prática de promoção de si” (COUTO; SOUZA; NASCIMENTO, 2015, p. 114), agir com esta duplicidade de imagens pode indicar um reforço em como esses ciberprofessores gostariam de ser compreendidos socialmente na rede. Há nesta ação mais uma espécie de regulação, numa tentativa de manejar as fotografias repetindo o que já foi compartilhado, mas acoplando inusitados sentidos em si e nos outros. Concordamos que ao modificarem os suportes para estas práticas sociais, modificam também os sujeitos que se expressam e se constituem nestes usos.

O corpo invadido pelas tecnologias digitais nasce como um novo molde de flexibilidade, capacidades comunicativas, sensibilidade e inteligência. Na cibercultura

o corpo virtual encontra-se presente nas narrativas que os professores universitários produzem, não apenas como espectadores, mas como sujeitos ativos no processo, que produz a imagem, que contempla, que participa, que interage e que produz conhecimento. A estes indivíduos é permitido a corporificação de muitas subjetividades produzidas no universo virtual, nessas idas e vindas entre esses sujeitos desejantes, constrói-se a ideia de que o corpo é um receptor e produtor de subjetividades, tornando-se uma rede de signos (DAOLIO, 2011) e um sintoma da cultura (SANTAELLA, 2008).

E, sob essa mesma compreensão é quando há repetição do tema fotográfico por estes corpos virtualizados. De todos os participantes, Kristyan Abelairas Gómez professor da Universidade de Santiago de Compostela e que também é o docente mais jovem da pesquisa (29 anos), é o que possui maior quantidade de fotografias que realçam o mesmo tema. Foi relativamente comum observar que de suas onze fotografias do perfil, mais da metade estão relacionadas à sua atuação com os primeiros socorros aquáticos, seja como socorrista, professor ou instrutor desta prática (Figura 65). Não se trata de uma questão de autoplágio, pois na perspectiva de Soulages (2010, p. 222), no que diz respeito ao paradoxo de ter determinada compreensão e estilo fotográfico, “[...] quando existe pode induzir a uma repetição, e quando não existe, a obra é imperfeita”.

Figura 65: Fotografias publicadas no perfil de Kristyán Gómez no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/WS2v0e>

Essa reincidência temática não cria uma repetição monótona e sem criatividade, mas do contrário, cada vez que estas narrativas são compartilhadas surgem comentários carregados de novas cargas simbólicas, subjetivas e interpretativas. Essa ação indica esse elo com “investimentos estritamente individuais”, porém potencializados através/pelo do consumo do outro também conectado e seguindo através da procura do destaque social, com foco profissional, em seu *facebook*. Para as pesquisadoras Kirst e Fonseca (2010) as pessoas tentam projetar imagens de si que sejam consistentes com as normas e com os papéis que elas ocupam em um contexto social particular, bem como buscam se apresentar de acordo com seus objetivos e motivações.

É desvelado pelo professor Kristyan Gómez que existe uma preocupação com os preceitos de beleza ao postar essas imagens quando ele argumenta “si, em función dos cânones de beleza”. Desse modo, a relação contemporânea que se tem com as imagens, especificamente a fotografia, modificou a própria forma de

experimentar o presente e legitimar as vivências pelas quais se passa. De imagens produzidas por satélites, *drones* ou *selfies*, a narrativa fotográfica veio manter aquele resquício de desejo do homem em reduzir ou manejar a velocidade dessa efemeridade ou mesmo “parar” o tempo, recortando um aspecto da realidade de dado momento, conservando uma memória, mas não para deixá-la estática, transformada em física e guardada em álbuns tradicionais.

Pelo contrário, a foto sustenta a fixação das experiências, em tempo que, acentua sobre ela os sentidos, a força e a intensidade, dando a entender que não satisfaz apenas vivenciar as situações, faz-se necessário compartilhar no *facebook* cada desejo e experiência. Essa vida privada só tem sentido se for concomitantemente publicizada, pois não depende apenas das possibilidades dos encontros físicos, de forma inquietante ela necessita ganhar rumos, rotas, itinerários, “vida própria”. De acordo Canevacci (2001, p. 75) “o eu não é mais limitado pela epiderme individual, como na psicologia freudiana, mas prossegue ao longo dos canais onde viaja a informação – nesse caso, a performance”.

Refletir as subjetividades corporais produzidas através das imagens fotográficas permite pensar o mundo como uma esfera movimentada e o indivíduo como dobra dessa esfera (mundo). De forma que, o mais intrigante é como o indivíduo se produz e se constrói perante a sociedade, frente às muitas imagens, como consegue encontrar espaço para acomodar a si mesmo?

No perfil de professor Osni Oliveira, vemos uma pequena movimentação fotográfica neste espaço e este participante possui apenas 5 fotografias em seu álbum do perfil (Figura 66). Três dessas imagens, também seguem a mesma lógica do professor Kristyan Gómez, no entanto apresentando outro tema que é a fotografia autorrepresentativa e que evidencia o seu Eu, de forma bem central e focalizada em seu rosto.

Figura 66: Fotografias publicadas no perfil de Osni Oliveira no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/qr7TTa>

Essas imagens com o rosto evidenciado adquirem nesse contexto essa função quando presentes neste álbum intitulado “fotos do perfil”. A nomenclatura desse álbum (Figura 66) já suscita a ideia desse processo de construção de si no *facebook*, é a elaboração de um “perfil”. Ainda, nos é apresentada uma imagem com uma frase que indica a sua posição contra o racismo sofrido, em certo episódio, pela atriz Taís Araújo e também de apoio às questões étnico-raciais. Além de uma fotografia de seu filho, quando o mesmo estava pequeno e com uma fantasia de príncipe.

Essas imagens expõem as experiências subjetivas que podem ser situadas como particulares e são geradas como uma conformação da subjetividade que é influenciada e afetada por diversos fatores externos próprios de seu contexto e foram constituídos a partir da construção social própria e característica dos grupos sociais dos quais fazem parte em distintas épocas históricas. Isso decorre, principalmente levando-se em consideração que todos estes professores nasceram no século XX (a *internet* surge no final deste período) e vivem no século XXI,

perfazendo e experienciando uma transição histórica, tecnológica digital e vivenciando novas formas de subjetividades e de produção do Eu. Pois conforme Sibilia (2008) as subjetividades são modos de ser e estar no mundo, formas flexíveis e abertas, cujo horizonte de possibilidades transmuta as diversas tradições culturais.

Esse corpo se tornou um dispositivo simbólico dentro da sociedade e do *facebook*, onde o outro irá avaliá-lo e considerá-lo como aceitável ou não, de acordo a cultura de determinada estrutura social, sendo o sujeito analisado a partir de uma espécie de lente cultural. Neste exercício, existe uma idealização da percepção da imagem corporal com um padrão que deva ser seguido. O professor Osni Oliveira referenda esse argumento ao relatar que “enxergar o próprio corpo e o do outro através de padrões de avaliação corporais construídos culturalmente, historicamente, e difundidos socialmente, através de qualificações como bonitos, feios, desejáveis, indesejáveis, almejáveis e reprováveis, entre outros”. Exemplificando que nesse exercício de interagir e lançar olhares sobre as experiências alheias são fortalecidas as subjetivações envolvidas na construção de nossas próprias representações corporais.

Percebemos na segunda fotografia de Osni Oliveira (Figura 67) que houve o exercício de manipulação fotográfica, no simples processo de edição que foi o corte da imagem. Essa outra imagem que originou esta fotografia está até compartilhada como fotografia de capa do *facebook* do professor, que é ele com sua esposa e filho na festa de aniversário do pequeno Enzo. Ele gostou muito da imagem e resolveu editá-la com o corte colocando-a para representá-lo corporalmente no seu perfil. Foi possível perceber nos perfis de outros professores participantes ações e possibilidades de edição da própria imagem de diversificadas formas, desde o corte, colocação de cores, filtros, criação de objetos através de aplicativos e programas, dentre outros recursos e estratégias de alteração das imagens.

Figura 67: Fotografia publicada no perfil de Osni Oliveira no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/xMWx59>

“Basicamente escolho a foto menos distorcida e a que exponha menos algo ou alguma coisa desnecessária para o público” (Osni).

É notável nesta percepção, que a mensagem principal que importa para ser enunciada através de suas representações corporais digitais é o seu Eu, pois é o que é “necessário” ao público segundo a concepção e forma de agir deste docente. Ainda, é possível notar, através de suas expressões faciais, que Osni demonstra-se muito satisfeito, feliz e sorridente nessas imagens que são totalmente autorrepresentativas. Nessas fotografias ele aparece sempre sorrindo, remetendo a uma sensação de bem-estar que é transmitido para quem tem acesso a sua rede.

Em uma das conversas através do *Messenger*, este professor revelou algumas impressões sobre esta fotografia (Figura 67), ao dizer que: “foi tirada no segundo aniversário do meu filho, o que pra mim representa muito, pois tive muitos familiares reunidos nesse dia como há muito tempo não acontecia. Minha condição financeira nessa época era melhor, rrsrs. A foto foi tirada por um fotógrafo profissional o que me deixou mais apresentável, rrsrs. É a mesma que uso no lattes, então pareço feliz e saudável rrsrs”.

Foi um momento importante para ele, e essa compreensão de Osni nos leva a ratificar as informações produzidas de que imperativamente aparece no *facebook* só



o que é bom, alegre e feliz. Ainda, analisando esta fala, se entende que até as imagens que aparecem na plataforma acadêmica virtual lattes<sup>11</sup> são intencionais e que buscam demonstrar o quão saudável o indivíduo é ou aparenta ser. Sueyla corrobora e acrescenta que essa espetacularização positiva de si pode ser para “imprimir aos seus amigos da rede uma imagem de vida saudável e ativa”. Bezerra (2002, p. 234) colabora com o entendimento desta questão, ao afirmar que:

Comportar-se de modo a exibir uma imagem saudável significa apresentar-se, a si e aos demais, como sujeito independente, responsável, confiável, dotado de vontade e autoestima. Recusar esse imperativo ou simplesmente deixar de privilegiá-lo em relação a outros e expor-se a reprovação moral e ao sentimento de desvio, insuficiência pessoal ou fracasso existencial.

Não é possível dissociar o corpo da imagem, o real da imagem, o mundo da imagem, porque tudo é experiência de construção de sentido. A leitura e escrita *on line* das representações corporais põem em jogo a formação do olhar ou, mais especificamente, a produção das subjetividades que se dão a partir da memória (MOSCOVICI, 2006) como uma tela de imagens pronta a ser cartografada pelo presente, memória como ambiente virtual fisgado pela última vista.

Algumas representações e ideias, no entanto, são tidas como dadas e não colocadas como um processo. Ciampa (1994, p. 163) argumenta que “é como se uma vez identificado o indivíduo, a produção de sua identidade se esgotasse como produto”. Esse autor demonstra com essa ideia que na nossa sociedade a complexidade vivenciada no processo, que não se acaba completamente e acontece numa (re)construção identitária constante, é tida como algo finalizada, e podemos observar nas representações sociais do cotidiano quando se diz, por exemplo, “eu

---

<sup>11</sup> A plataforma lattes ([www.lattes.cnpq.br](http://www.lattes.cnpq.br)) é uma plataforma virtual administrada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que possui currículos, grupos de pesquisa e suas respectivas instituições em sua base de dados. No entanto, tenho observado que a plataforma lattes também possui algumas características de redes sociais digitais, na medida em que se permite adicionar co-autores (outros pesquisadores on line) em suas produções coletivas, formando suas redes de trabalhos acadêmicos; permite que os usuários entrem em contato com outros através do envio de mensagem privada, que vai diretamente para o e-mail cadastrado pelo pesquisador na plataforma, ou até mesmo, ao acessar o artigo de interesse enviar e-mail pelo disponibilizado no texto ou procurar pelo/a autor/a em outros *sites* de redes sociais através do nome e sobrenome; dentre outras possíveis interações, como ao importar dados de outros currículos; bem como para atualizar como integrante de algum projeto de extensão e de pesquisa para ficar visível no currículo é necessário que o/a coordenador/a declarado/a como responsável pelo projeto valide e confirme a informação; dentre outras movimentações que nos levam a considerá-la como a rede social digital acadêmica brasileira.

sou pai, filho, marido, professor, fotógrafo”, etc. Nas falas de alguns professores podemos perceber como se suas representações estivessem acabadas:

“Yo soy profesional de La Educación Física y El deporte em El âmbito educativo y de investigación” (Nuria).

“[...] trabalhador, músico, professor, homem, pai, marido e filho” (Osni).

“Sou um professor universitário da área de Educação Física, com quase 60 anos de idade” (Jocimar).

“Sou professor experiente” [...] (Renato).

“Uma mulher de 53 anos, professora universitária” (Silvana).

“Sou uma mulher adulta, independente, de gostos simples [...]” (Sueyla).

“Pessoa atenta, perfeccionista e com capacidade de esforço” (Kristyan).

“Sou uma pessoa simples, romântica, idealista, compromissada, alegre, responsável, amante da natureza, de cavalos e dos esportes, apaixonado pela vida e por pessoas” (Mauricio).

“Eu sou uma pessoa sociable, aberta, extrovertida, simpática, com conhecimentos no meu âmbito de actuación, altruista, com bom coração, trabalhadora, sensible mais forte [...]” (Víctor).

Analisando estas evocações, vemos que eles se reconhecem, sobretudo, como professores e trabalhadores, embora nos remetam a perceber outros grupos de pertença que os mesmos estão inseridos. Entretanto, se vê claramente que alguns sentidos do “Eu” estão condensados e estancados, isso implica argumentar que existe uma expectativa generalizada de que estes ciberprofessores e ciberprofessoras devem agir e serem tratados pelas suas qualidades, predicativos ou identidade representada. No entanto, essas elaborações e representações corporais estão sempre em constantes atualizações, através dos vínculos, funções e ritos sociais e estes sujeitos também sabem disso, mas, como vimos nos relatos acima, que não são vistas em sua real representação social como características e questões que estão em processo, se dando, acontecendo, mas, sim, como dadas. Para esses professores ter a “certeza” de quem são é uma prática prazerosa, um exercício de gozo, porque eles sabem quais são as suas responsabilidades familiares, profissionais, artísticas, sociais, espirituais, mas permanecem na busca da reconstrução.

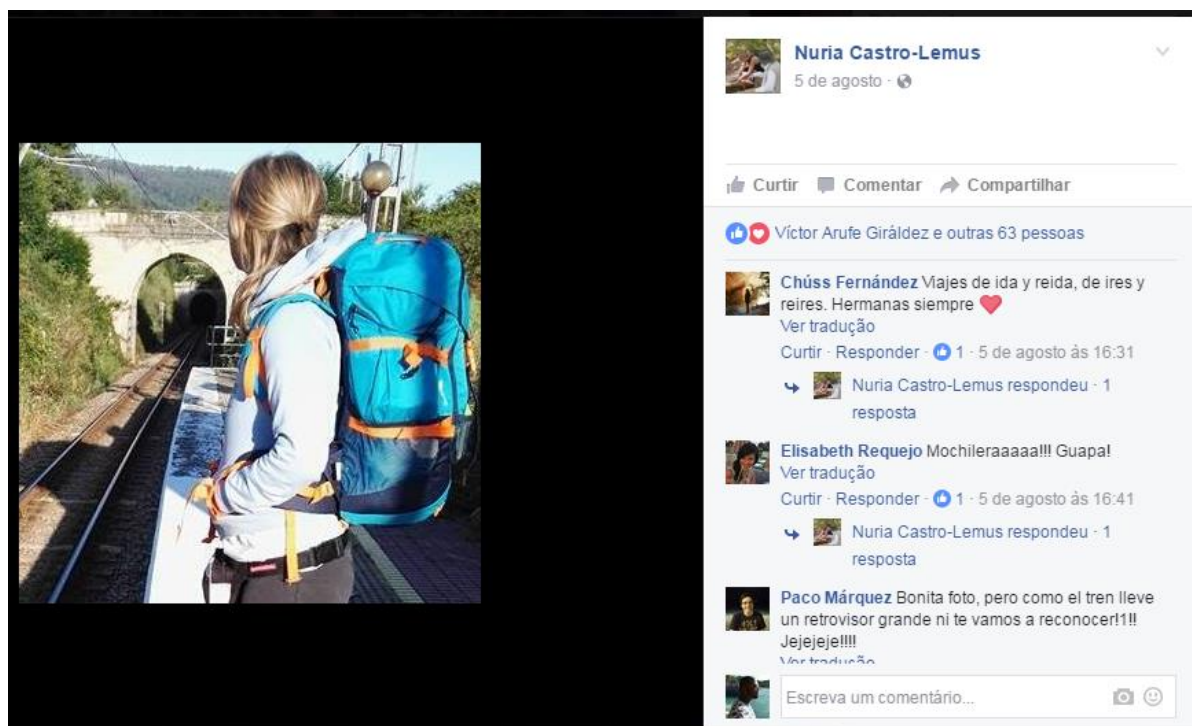
Por outro lado, dois professores possuem em suas reais representações sociais essa ideia de que estamos sempre nos reelaborando e metamorfoseando através das convergências entre a sociedade e a técnica. Dirceu Silva assertou que “é uma pergunta difícil, já que o “quem eu sou” é transitório, com constantes

mudanças ao longo do decurso. No entanto, se for para responder esta mesma pergunta relacionada ao papel social seria: Eu sou Dirceu, baiano, solteiro, professor universitário, que gosta de explorar novas culturas, encontrar novas pessoas e visitar diferentes lugares”. E também a professora Doiara Santos argumentou: “estou tentando descobrir rsrs Eu sou medrosa e corajosa, curiosa, dedicada ao que eu gosto, sou atrapalhada [...] Sou determinada [...] Não sou perfeccionista, sou bagunceira [...] Sou estudiosa [...] Eu amo meu trabalho”.

A partir das análises dessas representações sociais sobre o “Quem sou Eu”, acabamos descobrindo um dos pontos mais importantes dessa pesquisa: as representações corporais construídas, idealizadas e compartilhadas no perfil do *facebook* por este grupo de participantes, independente do momento, da situação, do sentimento, da experiência, da versão que se queira passar e transmitir com determinada imagem fotográfica, esses sujeitos terão sempre em mente que sua aparição na rede tem no fundo uma conotação docente, pelo alto grau de pertencimento desses ciberprofessores a este grupo social de pertença sendo fortemente influenciados por estas representações sociais. As aprendizagens acontecem sempre pelos corpos através das Pedagogias corporais e pelas redes através de todos os compartilhamentos, de acordo Couto (2014) pela Pedagogia das conexões.

Por sua vez, a docente Nuria Castro-Lemus, que trabalha centralmente com a disciplina Expressão Corporal, foi uma pessoa que também se revelou com uma tímida movimentação no *facebook* no que diz respeito à publicização de fotografias no álbum fotos do perfil, vez que possui apenas 4 imagens. A partir dessa constatação, poderíamos nos arriscar e dizer que está professora está segura e bem resolvida quanto à sua representação corporal? Nuria se apresenta como uma verdadeira viajante que gosta de aproveitar a vida e os momentos (Figura 68), além de demonstrar sua atuação na docência (Figura 70), no feminismo e na pesquisa, inclusive em outras áreas paralelas que não possuem relação direta com a Educação Física. Como exemplo da imagem atual do perfil (Figura 13), que representa a inserção e participação em investigação científica relacionada às tumbas antropomórficas.

Figura 68: Fotografia publicada no perfil de Nuria Castro-Lemus no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/N9kN2Y>

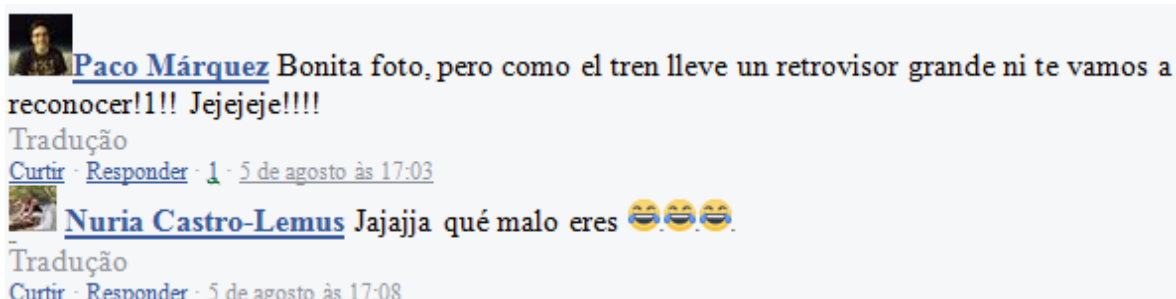
Essa é uma fotografia (Figura 68) em que aparece parte do corpo da professora Nuria, mas não temos visualidade de seu rosto. Essa mochila de viagem em suas costas e também o fato das linhas férreas, nos faz imaginar que ela está em uma estação aguardando a passagem do metrô ou trem para dar início ou retornar de sua eurotrip, visto que a mesma mora em Sevilha, na Espanha.

Nas interações realizadas a partir desta fotografia, muitos foram os comentários por parte de suas amigas e também amigos e todos os discursos se relacionam ao fato e à ideia de que a professora iria começar uma grande e inusitada aventura, como vemos nestes comentários: mochileraaaaa!!! Guapa! // Viajera!!! 🤔 // Olee las mochileras wapas y valientes !!! // Que te gustas de las aventura jajaja // Mochileraaaaa!!! Guapa!.

Essas observações reforçam e indicam para o espírito de aventureira e mochileira de professora Nuria, da beleza e força de sua mochila, além de afetos terem sido partilhados. Ainda, uma amiga que se considera “irmã” de Nuria nos sinaliza que a professora é realmente uma viajante, ao dizer “Viajes de ida y reida,

de ires y reires. Hermanas siempre ❤️”. Outro amigo faz um comentário aparentemente perverso e humorado, mas o tom é satírico:

Figura 69: Comentário realizado na fotografia (Figura 68) de Nuria Castro-Lemos.



Subjetividades são produzidas e se percebe que o Paco Márquez comentou que a imagem era bonita, mas que como o trem tem um espelho muito grande que eles não irão reconhecê-la, seguido de risos (Jejejeje). Essa mensagem indica que possivelmente o Paco e mais alguns amigos ou amigas (pelo fato de seu discurso verbal ter colocado as ideias no plural ao escrever “nem vamos”) estejam neste trem que Nuria está esperando para começar a sua viagem. A protagonista leva o comentário do amigo de forma “esportiva” e responde com risos, dizendo que mau que ele (Paco) é e termina sua interação com risos novamente. Essa resposta dela aconteceu com 5 minutos após o comentário deste interlocutor, proporcionando instantaneidade e conversa em tempo real.

Através dessa exposição performativa, há uma pedagogia corporal, onde a presença da construção do projeto pessoal (corpo) pode ser dado pela produção de narrativas, existe a necessidade de falar de uma pedagogia que inclui, como uma possibilidade e como processo, a narrativa dos próprios corpos. Planella (2016) diz que se aceitarmos os corpos de outras pessoas vamos acabar aceitando nossos corpos. Para se tornar conscientes da nossa presença e existência corporal temos que ser capaz de nos criar, narrativamente falando, como sujeitos corporeizados, mesmo que sejam corpos virtualizados.

O corpo, de uma pedagogia da narrativa, precisa ser considerado a partir da experiência e não como um mero objeto. Se o corpo é a experiência do sujeito (encarnado), o conteúdo produzido dele e por ele deve ser capaz de transmitir episódios vivenciais corporais de suas viagens. É ativar o corpo em detrimento de provocar a desnaturalização ou neutralização, essa narrativa é justamente o

contrário da neutralização corporal, máxima expressão pedagógica do exercício de visibilidade corporal para além do aqui.

Figura 70: Fotografia publicada no perfil de Nuria Castro-Lemus no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/XB6K5G>

Nesta outra imagem (Figura 70) percebemos uma boa visualidade com 70 curtidas e seis reações de amei, muitas amigas e amigos interagem explanando as suas opiniões, sentidos e sentimentos a partir da visualização desta narrativa corporal. Aparece uma imagem do perfil do rosto da professora Nuria Castro-Lemus respondendo, explicando, conversando com um grupo de pessoas em uma sala, aparentemente de aula, que pode estar acontecendo em seu espaço laboral na Universidade de Sevilha ou em outros territórios acadêmicos ou não em decorrência de suas muitas andanças e compromissos profissionais. Percebemos que os outros sujeitos foram desfocalizados da imagem através de algum aplicativo dando destaque a espetacularização apenas para a ação docente de Nuria. No entanto, se pode imaginar que esta representação corporal indica uma ação profissional que pode estar ocorrendo no contexto do ensino, mas, também, na via da extensão. Fica perceptível a construção do diálogo, principalmente porque é notável que existem pessoas sentadas ao seu lado e a frente, além de seus rostos e olhares aficionados

para a direção da professora.

Sua primeira amiga a comentar é Ruth Cr que diz: “Guapaaaa”, que significa “Lindaaaaa” e a professora Nuria interage dizendo: Ruth, somos las mejores y nos vamos a comer el mundo 😁. Reafirmando sua autoestima e incentivando a amiga ao dizer que elas são as melhores e que vão, juntas, comer o mundo. Essa expressão é conotativa e sugere o pensamento de que elas enquanto mulheres irão chegar onde quiserem ou desejarem. Faz parte do feminismo latente e que perpassa a práxis docente dessa professora que também trabalha com questões de gênero relacionadas ao corpo.

Na sequência existem outros elogios ressaltando a beleza e a formosura desta professora “Guapísima!!!! // Guapaaaaaa.. 🥰🥰🥰 // Guauu!!! // No se puede com esa guapuraaa // Bonita foto....me gusta, muy guapa!!!”. Todas essas interações são correspondidas por Nuria, que sempre é muito gentil e agradecida. Em tempo, em uma dessas relações, a professora convida uma amiga para se encontrar e colocar as conversas em dia e sua amiga Ana García prontamente diz empolgada: sim, uma cervejinha. Isso nos mostra o quanto o virtual faz parte do real e estão conectados, se misturando a outros domínios da existência. A partir dessas mediações sociotécnicas, essa realidade permite que as pessoas construam suas experiências assim como projete novas definições do Eu, reposicionando-se perante a produção e ao consumo da informação. Para Ribeiro, Braga e Sousa (2015, p. 9) “essas sociabilidades que ocorrem nos *sites* de redes sociais não estão dadas e são efetivadas justamente através dessas dinâmicas relacionais”.

Os movimentos, os deslocamentos, os sons, os silêncios e também a quietude compõem estas representações corporais em rede. Isso porque essa pedagogia corporal através das múltiplas narrativas e linguagens não é outra coisa que um passeio pelo corpo, pelos ossos, atravessando tecidos, pelas temperaturas corporais, pelas posturas flexíveis que nos põem em contato com as rígidas, com as incomodidades e o tempo, dando trabalho corporal a memória do corpo atento, para que o lugar da imagem tome formas, concavidades e convexidades (PLANELLA, 2016).

Figura 71: Fotografias publicadas no perfil de Nuria Castro-Lemus no *facebook*.

### Fotos do perfil

Atualizado: há ± 5 meses ✨



Fonte: <https://goo.gl/MVL6X9>

“Em mi perfil intento colgar fotografías de mi misma realizando diferentes actividades [...]” (Nuria).

Na única fotografia (Figura 71) que a professora Nuria Castro-Lemus apresenta frontalmente o seu rosto para seus amigos na rede, ela aparece com um lenço esverdeado na cabeça prendendo a parte central do cabelo e deixando-o solto nos dois lados. Existe o uso de uma camisa preta e um exótico colar sendo utilizado como acessório no pescoço dela. O ambiente parece ser uma casa, uma universidade, uma biblioteca particular, ou em algum lugar que se desenvolva a ciência, a leitura, a produção de conhecimento, seja ele científico, romancista, literário, etc. Esta professora pode ter muitos objetivos e distintas expressões corporais são construídas a partir dessas imagens.

Em uma pesquisa (RECUERO; REBS, 2013) realizada exclusivamente com imagens de perfis do *facebook* ficou constatada que a fotografia do perfil serve como imagem representativa do Eu, apontando as representações corporais no *facebook*. Dessa forma, esses autores ainda argumentam que estas imagens nesta rede social se apropriam de três características que se intercalam: a foto que representa o Eu atual do sujeito; a foto como representação da realidade; e, a foto como meio de capital social. Esse sentido de capital social nas redes sociais digitais é amplamente retratado na literatura sobre o tema, e de acordo Couto (2014, p. 59) “o simples ato de curtir a publicação do outro promove igualmente o nosso capital social,



desencadeia o poder de mostrar também quem e o que eu sou”. Essa compreensão também é vista nas representações sociais de professores participantes desta pesquisa:

“Publicizo (no sentido de tornar público) momentos de gratificação pessoal e isto inclui algumas atividades profissionais que desempenho. Há, nisto, com certeza, um usufruto de capital simbólico no quesito profissional” (Doiara).

“As postagens de fotografias relacionadas às atividades profissionais como experiências didáticas, participação em eventos e relações socioafetivas com colegas e estudantes são importantes para socialização na rede e promoção profissional” (Mauricio).

Assim, se percebe nesta pesquisa que os professores participantes possuem diversas representações sobre seu corpo e ações. Ainda, Recuero e Rebs (2013) questionaram aos indivíduos de sua pesquisa os motivos pelo qual eles colocavam fotografias de si em seu perfil e variadas foram as respostas, tais como: “porque eu gosto de mostrar aos meus amigos na Internet quem eu sou de verdade”; “para ser identificada”; “para humanizar o meu perfil”; “para uma identificação visual”; “minha foto torna minha presença mais próxima”; “nada compõe melhor um perfil na Internet do que a minha própria imagem”; “ter uma foto para ser eu mesma na Internet e não passar por *fake*”; “os outros podem ter certeza de que sou eu mesmo”. Em todos estes relatos observamos uma relação que o usuário estabelece entre sua representação social e imagem escolhida na ação de se tornar este corpo virtualizado, visando essa autodefinição e também expansão de seus vínculos sociais, já que no *facebook* as pessoas são estimuladas constantemente a colaborar com seus amigos e até mesmo desconhecidos, de acordo Couto (2015) as pessoas sentem-se estimuladas a opinar, participar, criticar, falar de si, comemorar as experiências exitosas e prazerosas, denunciar e compartilhar novidades.

Guattari (1986), em suas elaborações teóricas, refuta a ideia de que a base embrionária esteja na manifestação de muitas subjetividades individuais inter cruzadas, mas entende que a subjetividade individual é consequência dos vários aspectos que nos cercam: educação, comunicação, linguagem, sociedade, tecnologia, práxis pedagógica, etc. Não existindo a subjetividade sem a mescla com o imaginário, pois ela surge nas realizações, atualizações e nas performances

interacionais sociais. Nesse imaginário estão os signos culturais e os fatores externos sendo incorporadas aos corpos em forma de códigos.

A subjetividade coletiva não é resultante de somatória de subjetividades individuais. O processo de singularização de subjetividade não se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies. Pode acontecer de processos de singularização portadores de vetores desejos encontrarem processos de individuação (GUATTARI, 1986, p. 37).

A subjetividade entendida no singular, coerente e rígida não possibilita a exploração de eventos tão dinâmicos e desterritorializados quanto os relacionados às redes sociais; essa forma não permite que as representações sociais e autorrepresentações sejam vistas como posturas que não signifiquem singularidade do sujeito, mas a homogeneização do seu modo de ser e se expressar no ciberespaço. São corpos heterogêneos, mas completamente plurais e inacabados.

Por conseguinte, analisando por último, mas igualmente importante, compartilhamos as representações corporais produzidas pelo professor Mauricio Ramos em seu *facebook*. Este, dentre todos os professores e professoras investigados, é o docente que tem mais visibilidade em suas fotografias, considerando dois itens visíveis: curtidas e comentários, algumas ultrapassando a casa numérica das 400 curtidas e reações em algumas imagens de seu perfil e alcançando mais de 180 comentários em outras. Essa reputação positiva de Mauricio na rede está consequentemente associada às vivências e dinâmicas em todos os outros contextos sociais. Neste sentido, conforme Ribeiro e Silva (2013) é nessa realidade complexa que novas variáveis participam dessa constituição do Eu e da apresentação de si e também na forma como as pessoas gerenciam suas informações pessoais em rede.

Figura 72: Fotografia publicada no perfil de Mauricio Ramos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/zeMhic>

Mauricio Ramos é uma pessoa altamente poética, brincalhona, positiva, de bem com a vida e que sempre apresenta fotografias de si ou de algumas imagens abstratas que fazem sentidos para ele, além de suas acentuadas interações sociais que contribuem para a construção de sua representação corporal em rede. Professor Mauricio desvela que “adora utilizar a linguagem poética e reflexiva”. Nessa fotografia (Figura 72) meio trêmula e indicando movimento (basta verificar a mão direita e o lado direito do rosto), ele aparece sorrindo e apontando para uma imagem ao fundo que pode ser um quadro ou mesmo uma imagem fotográfica do acervo pessoal ampliada e transformada em quadro.

Independente de qual seja a realidade, ver essa foto nos leva a imaginar e criar ideias de que existe(m) alguma(s) história(s) ou mensagem(ns) a ser(em) enunciada(s). É uma Kombi esportiva mais antiga e que se encontra em algum litoral, fazenda na zona da mata, ela nos remete a uma sensação de lembrança de alguma viagem ou até mesmo uma sensação de desprendimento do capital, do luxo, por este corpo. “O fato de ser professor de Educação Física contribui para uma reflexão sobre meu corpo e aceitá-lo como ele se apresenta nas diferentes fases da vida” (Mauricio).

Na imagem escolhida por Mauricio para representá-lo em sua descrição na seção 5.1 (Figura 3) se percebe que ele possui nas costas a tatuagem de um tigre se divertindo com uma borboleta, que apresenta a ternura na imagem como ele próprio relatou. Da mesma forma, nesta imagem (Figura 72) notamos outro risco corporal, tendo escrito com letra cursiva o nome/adjetivo “Linda”. Em um dos diálogos com este professor no *Messenger* ele tocou no assunto dessa tatuagem e revelou que foi em homenagem à sua mãe Lindaura (*in memoriam*), que tinha esse carinhoso apelido e fez a passagem para outro plano em 2013. Existe a consciência da perda por parte deste professor, mas ele também afirmou logo em seguida no mesmo diálogo, que passamos por momentos difíceis na vida, mas que precisamos superar.

Por vezes, estes corpos podem se apresentar modelados, tatuados, bombados, editados, plastificados, com *piercing*, nus, cobertos, fragmentados, integrais, ou, concomitantemente, existindo em diversos universos, territórios, Eu's de modo multiverso, constituindo a alteração de sua própria imagem. Essa prática universal de transformação do corpo não é um comportamento social contemporâneo e já é algo consolidado na história da existência humana como podemos perceber no seguinte trecho:

Transformar ou alterar o corpo é um hábito comum a várias culturas, nos mais diversos locais do planeta. Na maior parte das vezes, esta prática tem relação com o padrão estético vigente em determinado grupo social. São casos exemplares a redução dos pés das mulheres chinesas até o princípio do século XX, o aumento dos lábios e a perfuração do nariz e das orelhas entre as tribos indígenas brasileiras; o alongamento do pescoço com anéis de metal, entre as tribos asiáticas; a criação de quelóides faciais, entre as tribos africanas, e tantas outras formas de interferência (alteração) corporal (VILLAÇA; GÓES; KOSOSVSKI, 2014, p. 9).

Conforme compartilham Couto e Goellner (2006) as artes no/do corpo perfazem a construção do ser humano, ultrapassando culturas e tempos, movimentando o imaginário, fazendo pulsar diferentes rituais e simbologias e revelando o período onde foram elaboradas, reconstruindo seus passados e projetando o futuro. Da mesma forma, na concepção de Baudrillard (1992), acontece, então, uma sobrematerialização corporal (próteses, tatuagens, etc) e uma desmaterialização deste mesmo corpo (imagem, corpo glorioso e síntese).

As atuais relações das tecnologias com o corpo humano refletem, portanto, uma concepção do corpo como um objeto, que está em harmonia com um programa

organicista manuseado pela medicina atual, com os amparos técnicos desenvolvidos através da ciência para sua manipulação e observação, bem como com a simulação (BAUDRILLARD, 1992) e modificação desse corpo, possibilitadas pela arte e pelas mídias. Em primeiro lugar, o corpo serve a um jogo de composições, combinações e experimentações úteis, para a sua sobrevivência, estudo, perpetuação e seu aprimoramento, além de seu culto e exibição de si.

Figura 73: Fotografias publicadas no perfil de Mauricio Ramos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/3pah3A>

Este professor possui 12 fotografias compartilhadas em seu perfil do *facebook* (Figura 73) que ilustram seus gostos e momentos de construção do seu corpo. Nessa variedade de representações corporais, podemos observar que existem imagens de autorretrato, fotografias que são recorte de outras, imagens do professor na Fundação Bradesco, foto com sua filha e filho representando seu elo familiar e duas imagens que são um desenho animado e outra uma obra artística onde

aparecem peixes, indicando o sentido de avanço já que o peixe sempre nada para frente.

A segunda imagem, dentro da figura 73 mostra o personagem Lion-O que é um homem-gato com o corpo torneado e músculos bem definidos, é o líder dos ThunderCats (que vivem no terceiro mundo) e luta pela ordem e também pela justiça. Essa representação corporal que também se constrói neste formato abstrato pode ter a intenção de fazer as pessoas elaborarem diversos pensamentos sobre o seu significado e o seu objetivo, a partir das lembranças, conhecimento ou não deste desenho. Acreditamos que Mauricio pensa ser literalmente um homem-gato, bonito, bem quisto e que tem uma autoestima elevada pelo seu jeito de ser e se expressar, além da beleza peculiar, como também pelo *feedback* positivo que ele recebe sobre sua estética através dos comentários em suas fotografias do perfil. Existindo essa representação por parte deste professor ao afirmar que:

“Comentários e expressões das pessoas sobre como você se apresenta ou comporta nas redes sociais pode reforçar ou mudar o conceito que você tem construído sobre sua corporeidade” (Mauricio).

Mesmo que nem todos estes conteúdos publicizados sejam diretamente de si, essas imagens possuem uma performance expressiva no intuito da validação social almejada através dos recursos disponíveis para interação social nesta plataforma digital. Para Mauricio Ramos “as representações corporais são distorcidas e mascaradas por uma necessidade de exposição, de aceitação e de afirmação racial, social e de gênero. Muitos querem apresentar uma imagem que não é aquilo que de fato eles são. Essa concepção expressa um modelo de sociedade individualista, competitiva, efêmera e fetichizada em que vivemos”. Acreditamos que negociar estas performances, máscaras e regular as impressões que são produzidas sobre suas representações corporais também se relacionam a um diversificado conjunto de regras sociais maiores que baseia e ampara este exercício expressivo enquanto parte do processo de gerenciamento do *Show* do Eu como dito por Sibilia (2008).

Nesse panorama, toda imagem é uma mercadoria que pode ser contraída pelo ato em si, ou pela vontade do desejo, onde para Canevacci (2001, p. 14) “ler um texto visual – um filme ou mercadoria – é também uma tentativa de dissolver seus fetiches”. É nesse contexto do fetiche que a imagem é personificada e transformada em ser e o reverso também acontece, ou seja, os seres são

transformados em imagens. O exibicionismo está em tela e essas performances imagéticas e as discursivas ganham *status* plural de significação, no instante que o indivíduo consome uma imagem, não como um simples registro, mas como parte de um ser. Então, esse fetiche surge como atração e fixação que resulta em prazer intenso – é o que há entre o Eu real e o Eu idealizado por cada um dos professores e na relação das trocas manifestas que eles promulgam no *facebook*.

Percebemos a produção do espetáculo por Mauricio em seus comentários nas próprias fotos, que são estimulados pelas reações, comentários e interações dos seus muitos apreciadores.

Figura 74: Fotografia publicada no perfil de Mauricio Ramos no *facebook*.



Fonte: <https://goo.gl/cg9eDh>

Mauricio Ramos assume, assim, nessa teia de representações a condição simultânea de autor, ator e narrador. Em toda essa trama, de ordem ilusória e de ressignificação do real, este professor com características positivas e narcísicas, está inserido neste universo e nos dá pistas de comportamentos extasiantes e

vertiginosos que se levam, pela metáfora do olhar e do ver<sup>12</sup>, a aprisionar o próprio reflexo. O poder e simbólico mito da beleza e da cultura narcisista, na pós-modernidade, reconfiguram-se, apresentando novos significados. Como bem observou o Professor Zygmunt Bauman (2013), a marca da atualidade é a própria vontade de liberdade.

Em um de seus diálogos na figura 74, se percebe a verdadeira intenção concomitante de produção e consumo da autoimagem, como é visível nesta interação com sua ex-aluna Ednelha Araujo que escreve “Olha, todo exibido né Mestre... rrsrs” e o professor Mauricio com conotação do Eu “objeto” responde “o produto é bom né Ednelha Araujo? Rss” e ela retribui com risos rrsrssrsrs seguido de um elogio “ta bonito!”. Nesse momento aflora-se a vaidade do docente, ele interessado, dá continuidade nessa narrativa e começa a exibição desse corpo virtualizado através de comentários despretensiosos ao dizer “e sem photoshop, viu? rss...” levando a conotação de que é bonito por natureza, sem simulações, simulacros ou uso de artifícios (como o *photoshop*) tecnológicos para deixar sua imagem mais bonita, é como se ele fosse a própria imagem ideal; o diálogo continua e Ednelha Araujo profere na mesma lógica de consumo do corpo e da imagem do corpo “rrsrs prova de que o produto ta sendo bem cuidado...saudades” ele continua dizendo que “a gente tenta...kk” e ela finaliza esta performance interacional (RIBEIRO; BRAGA; SOUSA, 2015) deixando a mensagem e confirmando o sentido de incompletude do ser contemporâneo ao dar risada “rrsrsrs” e logo em seguida afirmar que “tem que tentar sempre...” nos dando essa noção do estar se construindo constantemente.

O vaidoso é uma pessoa preocupada em construir perfeitamente o espetáculo que ela apresentará sobre si mesmo, pois o seu sucesso social depende do impacto que tal espetáculo gerará no outro. Para uma pessoa vaidosa é essencial à admiração alheia, por isso a necessidade exorbitante de se exibir para chamar a atenção. O vaidoso vive na dependência do julgamento do outro, pois toda atitude que gera elogio ou admiração é a recompensa da vaidade (AMARAL, 2016, p. 157).

Seu amigo e colega de trabalho da mesma área e curso<sup>13</sup>, o professor Wellington Silva comenta singelamente “Bonita foto, professor” e Mauricio Ramos devidamente convencido sobre sua beleza física diz “Wellington Silva, e sem

<sup>12</sup> Em relação ao livro intitulado “*O ensaio sobre a cegueira*” de José Saramago.

<sup>13</sup> Informações coletadas no perfil do facebook.

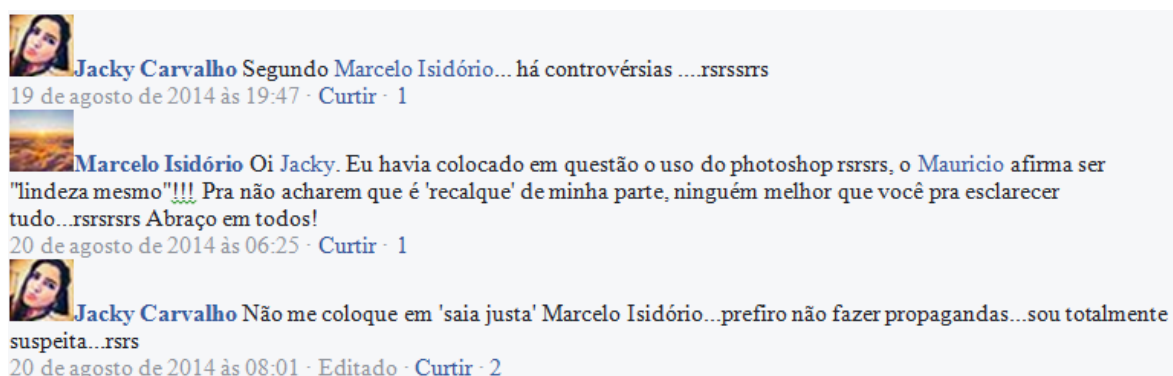


maquiagem e edição...rss Abraço querido professor”. Isso demonstra o quanto estas subjetividades contemporâneas estão em mutações constantes, num devir semiótico que de acordo Villaça e Góes (1998, p. 30) “na era industrial, o corpo era manipulado como instrumento da produção, lugar de disciplina e controle”, já nos dias de hoje, esse controle é exercido sobre o desejo dos sujeitos através dessa constante produção de serviços e bens que nos faz sempre consumir e cada vez mais existe o consumo dessas imagens e performances corporais digitais ligadas ao narcisismo e ao hedonismo.

A vaidade é uma forma de autovalorização que se atribui exponencialmente à própria aparência, ou quaisquer outras qualidades físicas e intelectuais, fundadas no desejo de que essas qualidades sejam reconhecidas ou admiradas pelas outras pessoas. O envaidecimento, nestes tempos de cibercultura, extrapola a condição física do ser humano, pois a vaidade do aparec/ser repercute incontrolavelmente pela rede. E, de acordo Canevacci (2005, p. 9) essa individualidade “se multiplica, se amplia, explode. Uma multiplicidade de eus no corpo subjetivo” das narrativas fotográficas e corporais.

Nessas movimentações dos comentários, percebemos ainda Jacky Carvalho, esposa do professor Mauricio, plantando uma “discórdia virtual” conhecida nas redes sociais como “treta”, ao marcar um amigo no comentário e dizer que existem dúvidas e controvérsias em relação ao uso ou não de recursos tecnológicos para melhoramento da qualidade das imagens de Mauricio. Essa foi uma treta saudável sem gerar ônus para nenhuma das partes, do contrário, foram produzidos muitos sentidos e muito humor a partir do que foi compartilhado. Conforme podemos acompanhar (Figura 75) abaixo:

Figura 75: Comentários realizados na fotografia (Figura 74) de Mauricio Ramos.



Como vimos, fica evidente até mesmo para os seus amigos esse sentimento de convicção em relação à sua beleza. E a sua esposa diz que prefere manter-se “imparcial”, pois a sua opinião em relação a beleza do marido já se faz presente, natural e parcial. “Procuro selecionar as imagens que tem um valor sentimental, que representam um momento marcante e que apresente bem meu corpo, valorizando meu perfil corporal” nos relata Maurício Ramos. Nessa fala, o professor revela justamente o que estamos argumentando ao longo da análise das representações corporais deste professor, que no *facebook* ele apresenta imagens que possuem valor sentimental e de culto ao corpo, com acentuada valorização de seu perfil corporal.

Com isso, se vê que através da fotografia digital ele cria uma contemplação do corpo, uma representação corporal, imprimindo vida a sua sensibilidade de forma que configura possibilidades de novos conhecimentos que são compartilhados através da dimensão poética e estética do seu ser. Existe uma emergência em transformar seus momentos marcantes e particulares em imagens publicadas no *facebook*, denotando que a vida se tornou um espetáculo baseado em fotografias significativas de si e também do/com o outro, no prazer da colaboração. No entanto,

As narrativas pessoais não devem ser vistas apenas sob a ótica de um possível narcisismo acentuado dessa época de conexões velozes. Elas oferecem, igualmente, um frescor na breve capacidade de criar e se expressar, nos modos pelos quais se tornou possível, em rede, construir identidades e subjetividades borbulhantes (COUTO, 2015, p. 180).

Ainda, nesta mesma foto (Figura 74), muitos comentários de outras alunas e alunos, agradecem e reforçam o excelente desempenho e compromisso deste ciberdocente com sua práxis pedagógica inspirando os professores em formação e alguns que atualmente também já são docentes ou exercem outras funções. Muitas foram as mensagens construindo o sentimento de saudade desse exemplável mestre, como se observa nos seguintes comentários:

Eta saudade desse moço, aprendi muito!! // Saudades mestre!!! Grande dragão!!! // Mestre saudades!! // Saudades desse professor. Humano demais! // Prof. Mauricio!! Grande Mestre! // Grande profissional!! // meu professor, grande mestre // Parabéns professor do ano! // saudades professor Mauricio Ramos, lembro muito de você dos tempos de fundação Bradesco // bonitão prof \*---\* //Querido Professor Mauricio é

exemplo, sou professor hoje porque um dia pude ter o privilégio que conviver com você...tudo de bom, abração!!! // meu mestre! // Que saudade!!!! Professor!!!! // saudades profi // Verdade Arlinda um garotinho lindo este competente professor // Sorriso bonito hem prof querido! // Grande Mauricio Ramos... ótimo professor! // Excelente Professor Mauricio Ramos! // quanto tempo verdade um excelente professor mesmo//.

Essas incursões sociais referendam o nível qualificado dos conteúdos produzidos por este professor, o que orgulha a categoria docente e mais ainda e em específico, à nossa Educação Física que muitas vezes é marginalizada por professores de outras áreas do conhecimento, pela sociedade e, algumas vezes pelos próprios profissionais da área da Cultura Corporal de Movimento. Esses comentários acima estão carregados de sentimentos positivos em relação ao “Professor” Mauricio, surpreendendo-nos a quantidade de vezes que a palavra Professor e/ou Mestre foi citada nos comentários. Foram mais de 30 vezes nos discursos verbalizados postos nesta figura 74. Esses tipos de comentários destacando o “Corpo-Professor” apareceram em outras imagens de todos os professores participantes da pesquisa. Estes fatos reforçam a nossa ideia de que a construção das representações corporais desses investigados perpassa pelos diversos fatores já elencados, mas que está ancorada na sua forte representação social sobre serem Professores, isso porque eles sentem-se parte do grupo de pertença de professores universitários e que refletem na forma como eles se apresentam socialmente e publicamente no *facebook* e fora dele.

Dessa maneira, compreendemos que estes ciberprofessores sentem-se envolvidos e responsáveis pela formação crítica e ampliada, atentos às exigências contemporâneas de seus alunos, que são professores em formação, demonstrando consciência sobre o processo multifacetado da docência através da dimensão ética e das questões de ordem sociocultural, valorativa, política, atitudinal, profissional que envolve a docência. É demonstrado um verdadeiro dever na construção da educação pública de qualidade. Ainda, podemos inferir que eles possuem ciência do quão complexo é o exercício docente, então esse compromisso com a profissão e também o reconhecimento social adquirido (através da imagem dos outros) são aspectos que os direcionam para esse sentimento alegre, positivo e boa representação que possuem de si mesmos.

Ainda, nos comentários a seguir da figura 74, parentes ressaltam que estão

com saudades de Mauricio, fazem questão de demarcar a familiaridade e o território ao dizerem que são primas, primos e tia do protagonista; e, também existem comentários de outras amigas e amigos ressaltando características de sua beleza e da manutenção de sua aparência: Primo lindo, muita saudade!! // É meu primo, além de bonito! Bjos // LINDO...KKKK BJUSSS PRIMINHO!!!!!! // Um gato esse meu primo // Meu primo lindo, umbjo! // que primo gato!!! Saudades // (a) cara do meu irmão. Saudades da tia que te ama muito // Muito gente boa esse amigo gato. Saudade Mau // Cada dia mais bonito // Lindo perfeito // Eta, que saudades!!!! Está fazendo uso de formol.....Uma pessoa deliciosa de se conviver...bjos, meu amigo // Grande Homem!!! Saudades!!! // homem lindooo bjos // cara lindo // uau! // Que garotinho lindo! //. Existem muitos outros comentários que evidenciam seus atributos físicos e também qualidades e características pessoais não podem ser visíveis e perceptíveis através da aparência física exposta na fotografia, como esse comentário que diz: “um ser humano lindo por dentro e por fora bjos”. Mostrando o quão capaz é o professor de conseguir se colocar no lugar do outro, entendendo o lugar e a posição de onde o outro se coloca.

Todavia, no *facebook*, parece-nos haver uma disseminação e demonstração maior de afeto e sentimentos, de tal forma que existe uma maior preocupação com a espetacularização, editoração dos sentidos e significados das experiências, revelados não só pelos motivos que conduziram aos professores a compartilharem tais imagens, mas pelos sentimentos que eles lhes atribuíram e pelas interações que acompanham cada imagem (CARNEIRO, 2016). A satisfação das demandas corporais, a espontaneidade dos gestos, são aspectos expressos com frequência nesta rede social que necessitam ser relativizados no tempo e no espaço, pois os corpos expressam o que a sociedade neles prescreve.

Ainda, é possível notar que este professor e sua filha Pétala Hara figuraram como modelos fotográficos ao estamparem a campanha da Escola Gênese no *outdoor* do maior *shopping* de Feira de Santana, essa descoberta se deu a partir do comentário de seu amigo Francinildo Pereira de Jesus: “Vc e Pétala no *outdoor* do Gênese ali no Boulevard estão bem legal Mau!”. Este professor é mesmo uma pessoa que está em evidência, cumprindo subjetivamente o papel desempenhado pela cibercultura que é impulsionar a produção de conteúdos de si (COUTO; SOUZA; NASCIMENTO, 2015).

Muitos dos comentários são correspondidos pelo professor Mauricio e, como

são muitos, ele agradece de forma geral dizendo “Oi gente...brigadão por tanto carinho! Vcs são demais...rsss” e em outro comentário surge a possibilidade de um encontro face a face ao responder a Franucia Ramos dizendo “estou indo amanhã para Fortaleza. Me manda teu contato para nos vermos la. Bj”, essa cidade é o local de residência atual e temporário deste professor pelo fato dele estar cursando o doutorado em Educação na UFC, no campus de Fortaleza.

Como observamos, a tensão neste processo comunicativo entre estes professores e seus interlocutores está no atrito que ocorre no espaço “entre”. Isso porque não existe uma transmissão direta daquilo que dizem para o que seus amigos recebem, de outro modo, o que se recebe nunca é exatamente o que foi escrito, dito, compartilhado. Isso ocorre justamente porque precisamos transformar os sinais em informação, mas só existe uma interação significativa quando se transforma a informação em comunicação.

Ela não ocorre naquilo que é ritualizado, ou seja, apenas no plano da linguagem, porque isso poderia ser apenas um mascaramento do sujeito (eu) diante do Outro. O “racionalizado” impediria o sensível de emergir, porque o racional realiza um controle e diz como se deve ser e expressar (COLVARA, 2015, p. 52).

Os relacionamentos com estas pessoas devem ser mantidos com o mundo externo ao *facebook* para que aconteça, de certo modo, uma construção imaginativa das funções corporais, isto é, elos entre o que já se vivenciou (*on line e off line*) e o que se vivenciará numa expectativa de futuro, um relacionado ao outro, lances esses que imprimem sentido ao sentimento do Eu e explicam nossa representação de que dentro daquele Outro corpo virtualizado existe um sujeito, um indivíduo com experiências e histórias e não apenas uma representação corporal no ecrã.

Essas imagens produziram uma teia de subjetividades e sentidos que lançam possíveis trilhas para o desenvolvimento do autoconhecimento, desde quando esses professores acreditem nas representações e imagens que os mesmos construíram. Esses sujeitos publicizaram seus corpos na rede sempre de modo multifacetado, multiverso, multicolorido e numa perspectiva antenada com os princípios da contemporaneidade. No simples ato de compartilhar no perfil do *facebook* fotografias pessoais, autorretratos ou na companhia de familiares, animais, e até desconhecidos, é possível reconstruir a história de vida desses professores, revisitando as lembranças do que foi vivido, quem foi e se reafirma o ser que é. Os

corpos apresentados nas redes sociais se complementam, pois o que está em jogo é a corporeidade de si e do Outro como meios permutáveis no campo das ideias.

Na materialidade de todas as imagens fotográficas aqui analisadas e compartilhadas residem os vestígios da imaterialidade que para sempre habitarão nossa trajetória e memória. Ao fazer o exercício de analisar e discutir estes dados surgiram emoções, pensamentos e sensações de carinho, vibração positiva, dúvidas, abraços, amigos, flores, dores, condolências, sabores, empatia, sonoridades e muitas lembranças porque todas as fotos nos tocaram de alguma forma. Passado, presente e futuro. Fraternidade e a certeza de que nos interligamos em rede, cooperamos, construímos e crescemos a partir de uma linha invisível que somente o amor é capaz de tecer. O amor aos corpos, o amor à vida, o amor as redes sociais, o amor à pesquisa, o amor à educação (física), o amor à docência, o amor ao trabalho digno e honesto, o amor ao social, o amor que generosamente nos engrandece, na exata medida em que somos capazes de nos doar.

A partir destas narrativas corporais tivemos acesso às muitas riquezas desses docentes e aprendizagens com seus movimentos, rotas, itinerários, caminhos, vivências, suas viagens. Estamos mais próximos desses corpos, suas trajetórias de vida e os agradeço por compartilhar seus modos de ser que são edificadores em experiências e nos ensinam muito. Na seção a seguir, deste mesmo capítulo, apresentamos categorias que também compõem as representações corporais temáticas do grupo social em questão.

## 5.2 PERSPECTIVAS TEMÁTICAS CORPORAIS REPRESENTATIVAS

Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos.  
 A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine,  
 mas a sempre assombrosa  
 síntese das contradições nossas de cada dia.  
 Eduardo Galeano

A formação das representações corporais no *facebook* baseada nas representações sociais da realidade cibercultural de qualquer grupo de pertença tem como objeto referencial coisas, pessoas, fatos ou sentimentos que permanecem na memória (MOSCOVICI, 2006) e no imaginário dos sujeitos. É nesta representação que se observa o quanto a realidade destes professores e da sociedade em geral, expressa e constituída a partir da linguagem visual, é formada por significados

simbólicos, signos e imagens fragmentadas.

Essas representações são partes dos processos de visibilidade dos corpos que, posteriormente, são impressos e distintos do objeto que existe. Dessa maneira, a imagem reproduzida e projetada não depende da presença física do objeto correspondente, pois ela indica a “semelhança ou sinal das coisas” que procurava representar, ou seja, a narrativa corporal em rede é a imagem por excelência. Dessa maneira conseguimos perceber na seção anterior (5.2.1) a objetivação (JODELET, 2001) proposta pela TRS, pois nos ajudou a compreender sobre a constituição da realidade, singularidade e heterogeneidade dos “Eus” destes ciberprofessores, tornando-a familiar e compreensiva.

Para que possamos criar temas para esta produção imagética corporal através das fotografias destes participantes de forma crítica, produtiva, participativa e criativa dentro da área da Educação é necessário destacar que categorizá-las também faz parte desse processo representacional, levando o nome de ancoragem (JODELET, 2001). No entanto, vale salientar, que essas categorias se apresentam flexíveis, transitórias, provisórias e não podem ser vistas de maneira reduzidas e compreendidas como rígidas ou resumitivas, principalmente considerando as características dinâmicas que são impressas nas redes sociais e que já foram discutidas amplamente anteriormente.

Nesse contexto, as imagens foram agrupadas a partir da aproximação estética e de conteúdo e desta forma estão classificadas da seguinte maneira: 1) Em viagem; 2) Autorretrato; 3) Relação com a família; 4) Atividade profissional e/ou intelectual; 5) Relação com animais; 6) Figuras Abstratas; 7) Atividades físicas e/ou esportivas; 8) Felicidade; 9) Lazer. Assim, as imagens etiquetadas como parte de um mesmo tema foram justapostas.

## 1) Em viagem

Figura 76: Fotografias publicadas nos perfis de Dirceu, José, Doiara, Sueyla, Kristyan e Nuria no *facebook*.





## 2) Autorretrato

Figura 77: Fotografias dos perfis de Sueyla, Víctor, Dirceu, Renato, Osni e José.



## 3) Relação com a família

Figura 78: Fotografias publicadas nos perfis de Mauricio, Doiara e Jocimar Daolio no facebook.



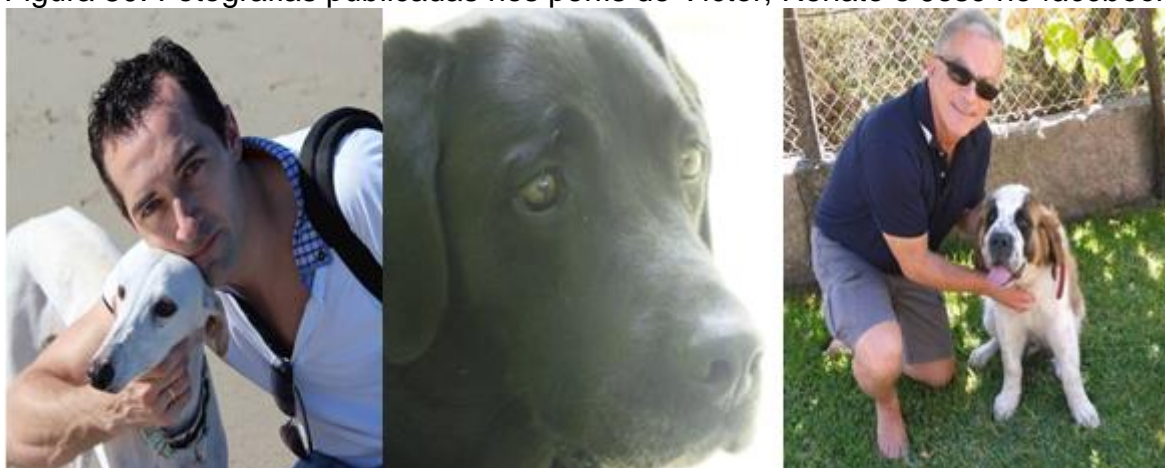
#### 4) Atividade profissional e/ou intelectual

Figura 79: Fotografias publicadas nos perfis de José, Doiara, Silvana, Nuria, Mauricio e Kristyan.



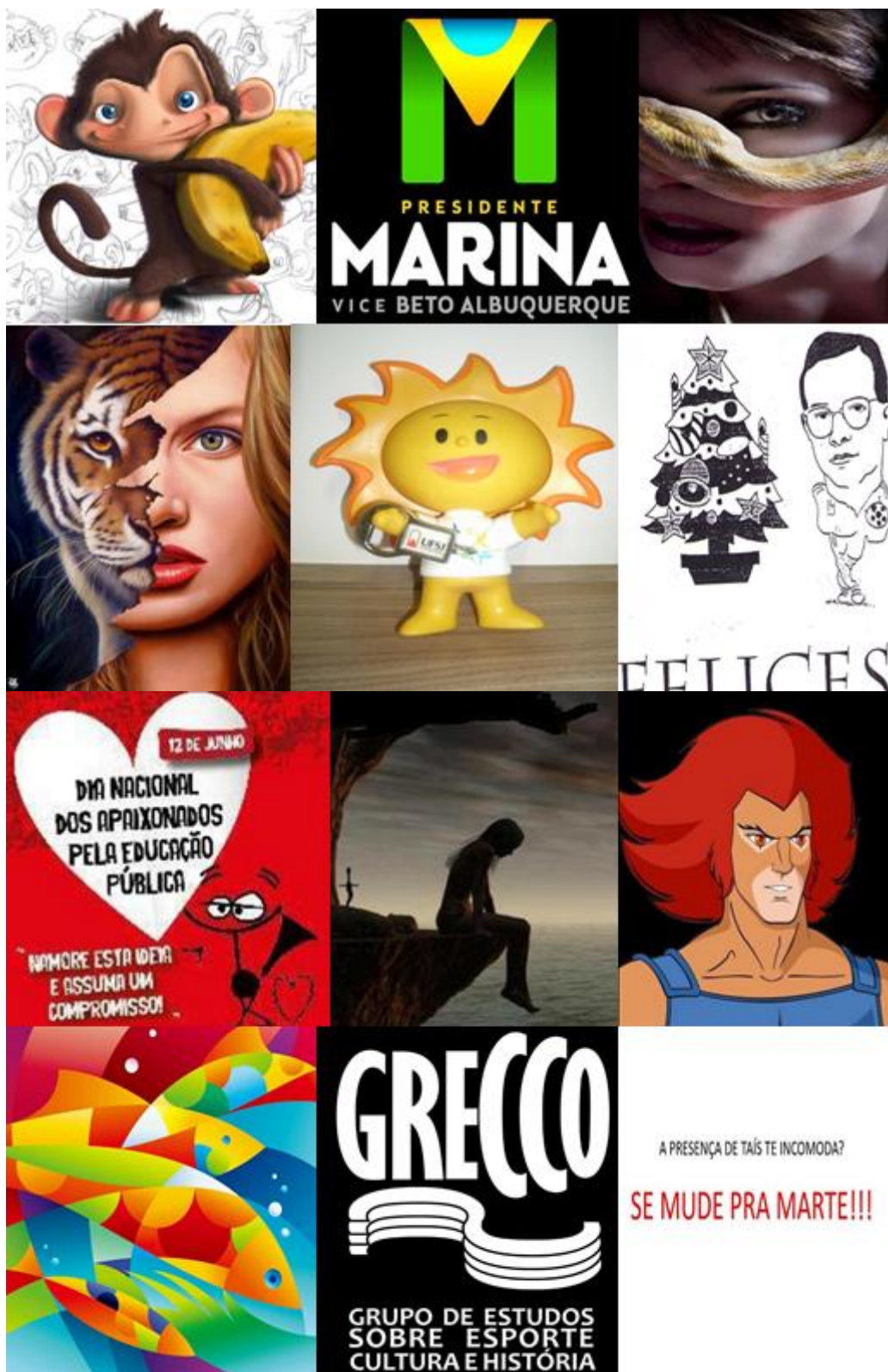
#### 5) Relação com animais

Figura 80: Fotografias publicadas nos perfis de Víctor, Renato e José no *facebook*.



## 6) Figuras Abstratas

Figura 81: Fotografias publicadas nos perfis de Renato, José, Sueyla, Kristyan, Mauricio, Silvana e Osni no *facebook*.



## 7) Atividades físicas e/ou esportivas

Figura 82: Fotografias publicadas nos perfis de Doiara, Dirceu, José e Sueyla no *facebook*.



## 8) Felicidade

Figura 83: Fotografias publicadas nos perfis de Doiara, Renato, Mauricio, Sueyla, Osni, Silvana, Dirceu e Nuria no *facebook*.



## 9) Lazer

Figura 84: Fotografias publicadas nos perfis de Doiara, Dirceu, Víctor, José, Silvana e Sueyla no *facebook*.



“As representações corporais produzidas no Facebook são bem distintas, eu consigo observar as representações relacionadas ao hedonismo de cada um” (Dirceu).

“No Facebook circula muitas representações sobre os corpos [...] Particularmente vejo circular mais coisas relacionadas ao rompimento com padrões de gênero, sexualidade, aparência corporal e estética do consumo do que a reafirmação disso. Em parte porque as pessoas que são “amigos/as” são próximos/as daquilo que penso” (Silvana).

“O corpo do ser humano imprime em sua imagem e gestos um pouco do que somos, fazemos e interagimos com o mundo” (Sueyla).

“Como cada pessoa se percebe e percebe aos demais” (Kristyan).

Denise Jodelet (2000) pondera sobre a linguagem, a Pedagogia e a representação corporal como princípio que possibilita conhecer aspectos internos e

subjetivos do outro, dentre os quais: as emoções, os sentimentos, as intenções, tudo isso a partir de uma leitura visual e não verbal. Essa autora ancora-se na hipótese de que existe uma expressão psíquica das emoções que possuem características universais, que traduzidas para o corpo são capazes de produzirem emoções correspondentes nos outros. Para, além disso, a imagem corporal oferta um quadro para análise dos processos de avaliar outras pessoas, retendo a atenção de um observador, que como se utilizasse a tecla zoom de máquinas que fazem fotografias, faz uma leitura automática do outro, formando julgamentos e pensamentos diretos pelo processo de percepção e também a partir das experiências vividas.

Deste modo, Jodelet et al. (1982) afirmam que a imagem exterior sobre o corpo surge como mediadora do lugar social onde o sujeito está inserido. É nesse sentido que as representações sociais se empoderam como importantes na construção de maneiras coletivas de viver e conceber os corpos virtualizados, mediando à difusão de determinados pensamentos e comportamentos, além do conhecimento de si e do outro a partir dessas relações.

Todas as características percebidas e apreendidas através das subjetividades e representações corporais dos professores universitários de Cursos de Educação Física no *facebook* são melhores sintetizadas e visualizadas nesse momento (Figura 85), sendo possível compreender que todas estas marcas e traços estão interligados. Eles se distanciam e se cruzam em diversos momentos, concomitantemente ou separados; se é que temos como separar a unicidade apresentada pelo ser humano.





“A manifestação do sujeito a partir do corpo é um importante elemento para compreender e assimilar novos saberes” (Sueyla Santos).

“A educação é uma das instâncias que produz nosso corpo e nossa subjetividade. Portanto, aquilo que somos e aquilo que nosso corpo aparenta estão intimamente relacionados aos vários processos educativos/pedagógicos que vivenciamos cotidianamente. Portanto, não estou pensando na educação apenas como algo formal que acontece na escola/universidade” (Silvana Goellner).

Dessa maneira, percebemos quão imbricada é a relação entre as representações corporais, as conexões digitais e a educação e vemos que os professores e as professoras dessa pesquisa estão conscientes de que urge a necessidade de cada vez mais desenvolvermos pesquisa em educação considerando esses currículos que ficam marginalizados, ocultos e sem visibilidade principalmente dentro dos Programas de pós-graduação em Educação. Isso ainda acontece nos dias de hoje porque a escola sempre foi o lugar de domesticar e educar os corpos dóceis (FOUCAULT, 2007) e continuará sendo, mas não como função exclusiva dessa instituição social, as mídias e as redes sociais estão se apropriando cada vez mais da educação colaborativa que tem gerado profundas transformações estruturais. Na verdade, todas as fantasias, teorias, tecnologias, universidades, igrejas, museus, sonhos, técnicas, aprendizagens, criações humanas e melhores feitos só existem por conta do corpo e das Pedagogias corporais.

É válido ressaltar que entender as Pedagogias corporais como formação em nossa sociedade contemporânea não compreende o momento presente como um tempo-território já fechado, pré-determinado, moldado no qual se enquadraria, na marra, o indivíduo. Como tentamos mostrar ao longo da tese, sobretudo, entendemo-las como um constante processo do devir, um entre, como movimento, algo processual, não linear, sem padronização e se constituindo com muita desconstrução, rupturas, suspensão e descontinuidades. Espaço de abertura para novas possibilidades e corte e ruptura com a linearidade de toda uma tradição. Na cibercultura em geral e nas redes sociais em específico os corpos são agitados alegremente de um lado e molestados de outro, apontando novos desafios para a educação dos corpos projetos, rascunhos em constante mutação. O corpo e suas Pedagogias nos ensinam novas formas de perceber e construir os processos educativos e pedagógicos com base na luz efêmera e no brilho arrebatador dos corpos metamorfoseados.

Neste capítulo apreendemos as representações corporais dos docentes numa perspectiva da espetacularização, autopromoção, das representações sociais, contemplação da exposição de si, percebendo os recortes e as estratégias, as compreensões sobre os limiares entre público/privado, o narcisismo, por meio da identificação das fantásticas narrativas corporais que povoam os modos de ser desses sujeitos e também descrevemos as subjetividades produzidas por este grupo de professores universitários, a partir de suas experiências expressas nas imagens e também em suas interações neste território virtual. Demonstrando as múltiplas possibilidades de serem eles mesmos através dessas narrativas construídas.

Para isso, buscamos ampliar os conceitos expostos por meio da triangulação metodológica das estratégias de produção de dados, através da análise de conteúdo do questionário semiestruturado, das conversas no *Messenger*, das imagens postadas como fotos do perfil, das legendas, das interações sociais (comentários nas fotos) realizadas entre os protagonistas e seus amigos e amigas nessa rede, bem como com o diálogo com outros estudos e investigações que subsidiaram as nossas discussões. Considerando a qualidade das representações sociais produzidas por todo o corpo docente pesquisado, constituiu-se como uma oportunidade essencial para prestar muita atenção às vozes destes corpos, importantes reflexões, gerando um solidificado espaço de aprendizagem e produção livre de conhecimento.

Portanto, o entrelaçamento entre a pesquisa teórica e empírica sobre nosso objeto de estudo nos possibilitou traçar algumas considerações finais e conclusões, que passamos a discorrer no próximo e último capítulo.

## 6 A IMAGEM CHECK-OUT: ALGUMAS CONCLUSÕES

Só como fenômeno estético se vê legitimada a existência do mundo. Friedrich Nietzsche

Viver plugado e em conexões são novos modos de ser, aparecer e constituir-se através de fantásticas narrativas corporais que geram subjetividades sociais fluidas e deslizantes na contemporaneidade. As representações corporais no *facebook* dos professores universitários de cursos de Educação Física possibilitam a expansão e ressignificação da corporalidade dos sujeitos porque ela ganha novos corpos, reestruturando a sua cognição e incentivando inusitadas aprendizagens de si para si e para os outros, através da visibilidade, da autoformação, autopromoção, e por vezes da exibição e espetacularização narcísica, como formas de emancipação. Em todas essas possibilidades a educação estética e do sensível está presente: viver em rede é sempre aprender porque o corpo também é sempre esse território de aprendizagem.

Quando surgiu a ideia de realizar essa pesquisa, no contexto das redes sociais, não podíamos imaginar o tamanho das dificuldades, dos desafios e menos ainda a proporção do gozo a cada prazerosa descoberta. Além de desafiadora, nos fez sentir e entender que temos muito a caminhar e a aprender nesse campo metodológico. Transformar algo que até então era entendido como um instrumento de diversão, comunicação, entretenimento e de tímidas ações docentes em cenário empírico, foi uma empreitada mais complexa do que éramos capazes de imaginar. Aproximar-se demais, distanciar-se, vivenciar de forma encantada, desencantar, rigor, flexibilidades, transitamos por todas essas etapas e outros sentimentos com relação ao *facebook* e aos modos docentes de ser a apenas um clique de distância. Ainda que soe como contraditório e pode também ser, é demasiadamente complicado ter seus participantes disponíveis e visíveis por todo tempo, é difícil e complicado estudar os “colegas-(co)ligados” e manter uma postura ética, o compromisso com a pesquisa, a sensibilidade da relação e do que era posto em nossos diálogos no *Messenger*. Transformar “amigos<sup>14</sup>” em colaboradores,

---

<sup>14</sup> Dos 12 professores participantes da pesquisa conhecemos pessoalmente apenas 3 professores: Dirceu Silva foi colega de graduação no 1º semestre em Educação Física na UESB (2005); Víctor Giráldez, tivemos a oportunidade de participar de dois congressos internacionais (2012/2013) na cidade de Pontevedra na Espanha que são organizados por ele através da Sportis Formación Deportiva ([www.sportis.es](http://www.sportis.es)); Doiara Santos, que eu tive a oportunidade de conhecer recentemente

consciente de que essa investigação teria um fim e muitas foram as dúvidas de como seriam essas relações quando esse dia chegasse. Assim, por esta proximidade com o fenômeno tivemos muitas dificuldades em lê-lo, analisá-lo, compreendê-lo quanto às influências do *facebook* na reconstrução das subjetividades contemporâneas, assim como apreender como os professores universitários de Educação Física produzem representações corporais no *facebook*.

Esse momento que sugere a imagem *check-out* dessa tese parece ser nosso exponencial desafio, é uma caminhada plasticizada de um trabalho sempre inacabado, assim como os corpos como projetos, rascunhos, paisagens, imagens. Chegar nesse último capítulo é motivo de grande satisfação por saber que nos dedicamos na pretensão de alcançar os objetivos traçados inicialmente e que, dentro da não linearidade vivenciada e adotada, saímos de um ponto de partida e estamos chegando ao final, ou ainda, retornando para um novo recomeço. Esse é um estudo exploratório. Ainda existe muito a ser feito e ao respondermos ao problema de pesquisa outras questões nos foram surgindo, porque as respostas alcançadas não podem limitar outras vias de investigação, principalmente pela natureza dinâmica do objeto e porque o caminho se constrói no trilhar, estamos sempre indo, partindo, o estar é sempre viagem, sempre aprendizado, e o retorno nunca é rígido e nem definitivo. Clarice Lispector nos oferece uma excelente aleg(ação) quando afirma “enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever”. Afinal, o escritor<sup>15</sup>, como nos alerta Drummond de Andrade, não é apenas aquele que tem certa forma especial de ver as coisas, mas a impossibilidade de enxergá-las de qualquer outro modo. Foi ancorado nessa certa forma que estruturamos nossa escrita. Uma maneira outra – dentre muitas possíveis – de ver as coisas. Fomos costurando as narrativas, tecendo as teias, auxiliado por muitas mãos, vozes, corpos, imagens, olhares, que foram essenciais para desamarrar os nós e entrelaçar os fios, numa tessitura das quais as dobras e desdobramentos revelam o esforço despendido nos diálogos com o leitor, através

---

(2016) em um encontro em Salvador. Os outros 9 professores fomos conhecendo-os através das redes pois fui adicionando muitos professores universitários de Educação Física em comum com os meus amigos. Víctor abriu as janelas para o contato com José, Nuria e Kristyan. Silvana Goellner é uma grande parceira acadêmica de meu orientador e resolvi buscá-la na rede dele. Obrigado *Facebook* por nos proporcionar esses encontros e muitas possibilidades de.

<sup>15</sup> Colocamo-nos nessa posição.

das questões que auxiliaram a sistematização da investigação.

Por tratar do corpo como objeto de estudo em sua relação com o *facebook* e com a TRS viajamos pelos devaneios apresentados por estes professores que se movimentam e representam corporalmente. A junção dos textos visuais e verbais foi na tentativa de fornecer subsídios ampliados para nossa compreensão sobre esse objeto de estudo com foco na educação. Ao montar os fragmentos e construir a tessitura de suas histórias e representações corporais por meio desses instrumentos, a partir dos aprendizados pelas Pedagogias corporais, percebemos também, que estamos desenvolvendo uma análise de ordem social desse momento atual e contemporâneo.

Visualizamos nas imagens, nos comportamentos e nas vozes dos professores universitários que a construção das representações corporais no *facebook* é prazerosa, criativa e uma grande possibilidade, até certo ponto, de manusear e manipular o próprio corpo sem nenhum tipo de dor e sentir-se representado por este corpo virtual. Existe nessas ações um processo interessante de ressignificação, com possibilidades de, de expansão, de reestruturação corporal do sujeito, de autoconhecimento, de conhecimento, ampliando sua formação nas outras experiências sociais no mundo *off line*.

Vale demarcar que o *facebook* se constitui, nesta pesquisa, como um currículo cultural providencial na cibercultura, um ambiente, espaço de aprendizagens, compartilhamentos, experiências, representações corporais docentes, onde subjetividades instantâneas são projetadas para os bilhões de usuários que estão conectados na rede e os corpos heterogêneos, que também são dispositivos simbólicos da cultura, tornam-se fluidos, voláteis, plurais e em alguns casos extremamente performáticos e espetacularizados. Por meio dessas narrativas corporais os ciberprofessores imprimem estratégias de visibilidade, suas maneiras de ver e pensar sobre si e também sobre os outros, de se fazerem ver, serem vistos e legitimam os vínculos, as redes de amizades, as redes de colaboração (acadêmica ou não), as trocas, aprendizagens e as sociabilidades proporcionadas. As experiências sociais são trocas presentes e permitidas a partir das Pedagogias corporais.

Confirmando essa disposição para a visibilidade, pontuamos que nessa pesquisa (embora não estejamos preocupados com números soltos e nos sentidos positivistas) analisamos mais de 100 fotografias expostas no álbum de fotos do perfil

e identificamos que apenas 9 imagens de 2 participantes possuem algum tipo de filtro de privacidade, menos de 10%, confirmando o desejo dos ciberprofessores de ser vistos e tornarem-se visíveis, uma necessidade de apresentar a própria intimidade através da imagem, tornar-se pública. Adquire-se a possibilidade de transmutar-se continuamente sem que esse corpo necessite passar pela dor e pelo sofrimento. Mesmo que esses sujeitos tentem limitar o acesso a estas fotos apenas aos amigos de sua rede, muitas delas são acessadas, bisbilhotadas por pessoas que estão fora do círculo de amigos desses corpos.

Notamos nas análises das imagens dos perfis dos professores participantes e também através de seus depoimentos, que as situações vivenciadas são pré-selecionadas a partir de critérios individuais e da regra social coletiva – similar a uma editoração da própria vida – para que sejam publicizadas no *facebook*, e de que demonstrem certos valores diluídos e fragmentados como a felicidade imperativa a todo custo mesmo que não represente aquele momento e também não precisa representar. Não buscamos aqui compreender o que era verdadeiro ou falso, real ou ilusão, para além desse fator imediatista, nos permitimos fazer viagens e muitas leituras dessas narrativas corporais, porque independente do contexto o fato é que são verdadeiros os desejos desses professores. Eles compartilham suas vitórias, sucessos, conquistas, momentos tidos como importantes o que nos permite apreender que há uma forte relação entre a idealização do corpo proativo, feliz e bem sucedido com sua espetacularização, é uma atuação dos sujeitos que só destacam somente questões positivas, favorecendo a homogeneização do tipo de imagens que eles idealizam e gostam costumeiramente de publicar. A vida é uma cena. E esse comportamento de alguns professores segue na reprodução da lógica da exposição do que é bom e próprio da esfera econômica capitalista, porque acentua a necessidade de convencer a si e ao outro de que publicizar o sucesso pode acontecer dessa forma de modo mais eficiente. Mas, cabe notar, que alguns professores compartilharam representações não tão positivas (luto, tristeza, reflexão) e que arranham esse império da alegria e felicidade no *faceboook*.

Nesse processo de gerenciamento e editoração dos momentos e imagens de sua vida no território virtual, essas imagens postadas tem seu entendimento sobre os ângulos, as cores, as texturas, os enquadramentos acentuadamente reduzidas, pois o que importa é dar conta, suprir a demanda de sempre estar muito alegre, amando, se divertindo, viajando, e notadamente, de modo principal estar sempre

conectado é estar visível e disponível. Essa manipulação da vida e das representações corporais em rede não nos apresentam seus medos, falhas, erros e nem nada de negativo que possa ter acontecido. Nossa sociedade é fortemente marcada pela espetacularização das relações e do Eu, norteadas pela busca de um protagonismo.

Os professores universitários conectados no *facebook* se representam corporalmente a partir de muitas narrativas imagéticas e visuais, escritas e compartilhadas e todas unem-se em torno de um feito comum, e esse feito é o aparecer, fazer ser visto e mostrar sua individualidade, seu corpo histórico e heterogêneo e por isso mesmo único e irrepetível mas com singularidades e subjetividades contemporâneas que são coletivas, plurais, sociais e muitas vezes perfeitamente homogeneizadas.

Ao perceber que estas representações corporais são construídas também sob o olhar da vigilância, percebemos o panoptismo tão discutido e proposto por Michel Foucault e vemos que essa mesma visão também é capaz de disciplinar os comportamentos e regimes de visibilidade nas redes sociais atuais, ascendendo o gerenciamento dessas impressões, numa espécie de modulação e regulação dessas representações. Ao se exibir e falar de si no *facebook* parece que existe uma necessidade de ser reconhecido através da imagem “corporalizada” onde o Eu media e se lança para a avaliação do Outro, que toma esse como objeto de análise, de opinião, de intervenção, uma verdadeira educação do sensível. Muitas vezes em forma de entretenimento nessas interações e relações sociais, se percebe que a visibilidade e o gerenciamento dançam juntos, se misturam na face do voyeurismo e algumas vezes da espetacularização.

Toda essa trama da vida é impulsionada porque a tecnologia recria a sociedade por meio do simulacro, que provoca essa mudança na constituição de um lugar seguro, que antes era concebido como o corpo, o lar, diferente do devir atual na busca desse paraíso virtual, experienciando sempre no “entre”, entre o desejo e a realização, a realidade e a fantasia, a produção e o consumo, e muitas outras possibilidades do entre. Em se tratando do *facebook* é possível ver que existe a possibilidade de simulação e interpretação de papéis, assim como nos espaços que o físico ocupa, por conseguinte se configura como um ambiente profícuo para promulgação das liberdades nas formas de criar, modular e regular seus distintos modos de ser, narrativas de si e suas representações corporais em rede, tudo isso

envolvendo dinâmicas complexas e acentuados aprendizados corporais.

É fato que essas representações corporais através de imagens identificam os professores e seus gostos, perspectivas e personalidade, num recorte que é disruptivo, fragmentado e descontínuo, em que cada Eu alterado e metamorfoseado através da rapidez de um clique dialoga com infinitos e incontáveis corpos-rascunhos do passado, dadas as suas similitudes e similaridades representacionais.

Nesses territórios virtuais há um grande impulsionamento para que as pessoas produzam a todo o momento informações sobre si, sendo necessário viver para narrar de si e narrar de si para sobre(ser-visto)viver. O sentido de viver não está mais apenas no sentir, é necessário registrar e mais do que isso sair de si e ganhar ambientes e lugares nunca imaginados e alcançados antes, o corpo transita e ganha vida própria, descolado e independente do físico. Esse modo de viver tem mais sentido do que parece ter, é a forma de comunicação do corpo com o mundo, proporcionando autoconstrução, autoconhecimento e conhecimento.

Não podemos deixar de pontuar na observação desse movimento fotográfico na construção das representações corporais pelos participantes que estes também constituem o Ser Professor na trama das interações sociais a partir de suas imagens, vez que eles vão se apropriando dessas vivências, de suas práticas profissionais, intelectuais, das normas e valores éticos que passeiam pelo seu cotidiano no contexto trabalhista. No exercício interacional entre os sujeitos são formadas representações sociais que geram conhecimentos. Esses processos não podem se desenvolver sem a efetivação das interações através dos conteúdos compartilhados, pois existem trocas socioculturais e cognitivas que fortalecem a trajetória desses professores universitários.

Então, assim como o constituir-se professor em rede, o movimento de construção de suas representações corporais pode ser compreendido como uma ação que envolve alteridade e mudança, na qual sua exibição fotográfica e narração de si também influenciam na função social (docente) e são construídas nos contextos sociais (físicos e virtuais). O virtual também faz parte do real, estão imbricados, os resquícios dos acontecimentos no *facebook*, por exemplo, já ultrapassam a cápsula sideral do virtual e influenciam o mundo social.

Percebemos através das representações corporais e sociais dos professores e dos comentários de muitos alunos, alunas, ex-alunos e colegas que estes sujeitos tem atribuído sentido para sua práxis pedagógica e a imagem que tivemos é de que



os participantes, que variam quanto ao tempo de experiência na docência universitária, estão engajados com suas atividades pedagógicas e militâncias político-sociais fazendo uma formação de qualidade e desenvolvimento efetivo dos futuros professores de Educação Física e influenciando positivamente seus alunos através de seus modos peculiares de ser e também pela suas relevantes produções acadêmicas. Os interlocutores avaliam essa paisagem corporal em suas telas, produzem significados e significações, destacam os atributos físicos e celebram as qualidades subjetivas desses ciberprofessores, premiando-os com esses retornos positivos de alguma ação corporal seja ela da esfera do físico ou do sensível.

Podemos então inferir que todo e qualquer aprendizado relacional, cultural, social, político e independente do tipo de conteúdo pode ser adquirido/construído através desse corpo, dependendo das relações que são originadas no percurso de idealização das representações corporais e quando publicizadas através de fotografia em seu álbum de fotos do perfil, quanto maior o reconhecimento, identificação e ligação entre os protagonistas e seus interlocutores, maiores e melhores serão suas interações e aprendizados a partir dele.

Ainda, notamos que este corpo docente possui uma janela aberta para uma continuidade, constante reflexão e ação pessoal e profissional, o que pode denotar que estão em busca de itinerários para amplificar sua consciência sobre as funções docentes, e de maneira geral, uma boa interrelação com seus pares. Essas impressões nos são confirmadas a partir da observação que os mesmos encontram-se bem qualificados são 9 professores doutores alguns destes pós-doutores e 3 mestres que se encontram em processo doutoramento.

Ao iniciar essa investigação científica consideramos que as representações corporais dos professores em questão são constituídas no processo dinâmico de interação sociocultural que acontece no *facebook*. Ao concluí-la compreendemos, igualmente, no tocante de que estas representações corporais se constroem por meio dessas sucessivas, efêmeras, sempre provisórias e inusitadas interações. No entanto, a partir do construto empírico, acabamos descobrindo um dos pontos mais importantes dessa pesquisa: as representações corporais construídas, idealizadas e compartilhadas no perfil do *facebook* por este grupo de participantes, independente do momento, da situação, do sentimento, da experiência, da versão que se queira passar e transmitir com determinada imagem fotográfica, esses sujeitos terão sempre em mente que sua aparição na rede tem no fundo uma conotação docente,

pelo alto grau de pertencimento a este grupo social de pertença.

Essa perspectiva é explicada por Jodelet, uma vez que para a autora as representações sociais permitem ao indivíduo construir significados, sob formas variadas, mais ou menos complexas. Conforme essa concepção as representações são simbolizadas por meio de imagens que condensam um conjunto de significações e sistemas de referência que nos permitem interpretar o que nos acontece, dar mesmo um significado ao inesperado; categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenômenos, os indivíduos com os quais devemos lidar; teorias que permitem estatuir-se a si próprias. Isso quer dizer que para além de permitir construir significados sobre a profissão acadêmica, as imagens são elas próprias mediações sociais entre os conceitos, as ideias e as percepções do real, contribuindo para que os docentes construam referenciais de decodificação e de interação que resultam nesta configuração de representações corporais no *facebook*.

Os participantes desta pesquisa possuem uma percepção baseada em crenças e desafios perante a sua função social docente, selecionando e descontextualizando as informações produzidas e socializadas, elaborando assim, novos olhares e significados que lhe são úteis e necessários não só no *facebook*, como no dia a dia. A construção das Representações Sociais, independente de qual seja o foco e objeto de estudo, se estrutura e organiza por meio de dois elementos inerentes a esse processo: a ancoragem e a objetivação.

Dessa maneira, no decorrer da pesquisa, as representações sociais sobre representações corporais por estes professores universitários, ancora-se fundamentalmente pelo registro e pela marca da preservação da imagem docente estando centralmente ligadas e construídas por este fator, percebendo o crescimento acelerado e acentuado das relações em rede. Com a função de duplicar o sentido, a objetivação, transforma em objeto o que é representado nos pensamentos, cognições, experiências e ideias de silenciar ou ocultar alguns aspectos de sua vida, sua história, entre diversas outras circunstâncias que materializam as representações corporais dos professores universitários no *facebook*.

Assim, sobre o modo de estar e se construir no *facebook* compreendemos que estes professores universitários: desenvolvem uma boa e admirável satisfação nas funções que estão desempenhando; demonstram desejos; estão com vínculo de

dedicação exclusiva às suas universidades; exprimem interesse e desinteresse em algumas interações sociais em suas fotografias; vivenciam esse cotidiano com um projeto de vida profissional e conseqüente pensamento de chegar a aposentadoria, alguns estão mais próximos como o Jocimar Daolio, José Soidán, Renato Sampaio e Silvana Goellner; se apropriam do *facebook* com intencionalidade e sem neutralidade, são ações docentes; estão permanentemente na condição de aprendentes, sempre abertos as novas possibilidades; por vezes exprimem dificuldades e momentos não tão desejados e agradáveis da vida, mas essencialmente necessários; compreendem suas representações corporais e as subjetividades produzidas como transitórias e passageiras; revelam que seus corpos podem ser moldados na relação entre a técnica e a sociedade; indicam que se permitem ser vistos e gostam de ver através da sensorialidade gerando novos pensamentos; emancipam o corpo e tomam consciência do tempo vivido; redimensionam alguns conceitos em suas práticas, tais como: tempo e espaço, público e privado, intimidade e espetáculo, real e virtual, prática docente, dentre outros.

A técnica através do *facebook* incentiva o movimento, a transição, o instantâneo, inibe o duradouro, o fixo e aumenta a procura sempre constante pelo novo, pela novidade. Nessa efemeridade a técnica dentro das redes sociais mantém nessa instância sua marca de estar associada aos meios de produção, no entanto o que se produz rapidamente aqui é a construção da representação corporal dos professores universitários, diante da necessidade de se refazerem a partir do olhar do outro. Essa rede ganhou um lugar de destaque nas relações interpessoais da contemporaneidade transformando a forma como as pessoas se relacionam.

Com o surgimento da *internet* e advento das redes sociais surgem novas relações pautadas na agilidade e na instantaneidade, características do efêmero e com isso há o fim da barreira do tempo e do espaço. Essa forma de relacionamento entre os corpos, sem limite físico e do aqui, borram as fronteiras entre muitas questões, encurta as distâncias, e simultaneamente amplia os contextos de vida de determinado sujeito, pois agora pode conhecer o mundo por meio da tela do seu *smartphone*, computador, *tablet*, *kindle*, etc.

Esses aparatos tecnológicos digitais permitem que os corpos se virtualizem, se transformem em imagens e apareçam para o mundo, criem estratégias para essa visibilidade e compartilhem diversas informações sobre si e sobre questões de seu

interesse, indicando aos seus pares suas preferências, gostos, cultura, posicionamento político, etc. Todavia, ao mesmo tempo que ganhamos, ampliamos as possibilidades de, quebramos algumas barreiras e expandimos os limites, também percebemos o redimensionamento de práticas sociais como o gerenciamento de si, vigilância do que vai expor e compartilhar, até como forma de proteger o capital social, intelectual e simbólico que fazem sobre sua prática pedagógica e docência universitária.

Em alguns momentos das análises e discussão dos dados empíricos, abordamos a relação entre as representações corporais no *facebook* em sua relação com os conceitos de sociedade do espetáculo de Debord, associando ao show do Eu proposto por Sibilia. Essa discussão aconteceu em decorrência de algumas publicizações predominantes nos perfis de alguns dos participantes. Esse grupo pesquisado gosta de mostrar suas atividades prediletas, suas práticas esportivas, as coisas que fazem prazerosamente, como estar com a família e amigos, amor aos animais, viagens curtidas, exposições em museus visitados, time de futebol preferido, realizações, palestras proferidas, militâncias sociais como a visibilidade para as mulheres no futebol e apoio ao casamento *gay*, compromisso pela educação de qualidade, consumo de produtos, etc.

No entanto, também é comum para alguns desses professores pesquisados mostrarem seus sentimentos, compartilhando com sua plateia algumas decepções ou insatisfações na esfera pessoal ou profissional. Esses sentimentos foram percebidos por meio das imagens, o que nos leva a inferir que são formas atrativas de publicizar o que se está sentindo, pois é mais interessante do ponto visual do que relatar o fato em texto escrito. As cores de uma imagem são mais atrativas do que o preto de uma escrita, repercutindo com maior ênfase no *facebook*, ainda que a fotografia seja cinza e sem vida (Figura 38) pois elas nos levam a despertar o campo da imaginação. Diante desse retrato, notamos que as marcas do espetáculo da vida no *facebook* são balisadas pela aparência e pelo drama.

Dessa maneira, compreendemos que a sociedade contemporânea exige que as pessoas espetacularizem sua personalidade, para que possam ser visíveis, comentadas, cutucadas, provocadas, redimensionadas em seu sensível, nem que para que isso ocorra o Eu necessite ser transformado em um verdadeiro Show do Eu. Nessas interações espetaculares, o *facebook* assume duas funções: a possibilidade de permitir a construção do próprio Eu e a de relação com outras

pessoas sem barreiras físicas. Esse fato nos esclarece que o espetáculo apreciado por Debord como uma reificação, transpondo as barreiras do tempo e da história, do modo de produção fabril para a rede social digital, os produtos originados e produzidos na indústria são trocados por uma nova espécie de produto, o ser humano e o desnudamento de sua intimidade.

A partir dessas realizações, considerando o espetáculo exposto na nossa sociedade com essa urgência em se mostrar e ser mostrado, compreendemos que a imagem do Eu e a representação de si é o capital mais valioso que as pessoas possuem. Dessa maneira, a técnica através do *facebook* foi fundamental para que os sujeitos contemporâneos entendessem a sua hibridação com as tecnologias, como ciborgues, que podem ampliar a sua abrangência “saindo” do corpo físico e navegando nos tentáculos da esfera virtual, lugar que as fotografias de si formam representações corporais docentes que adquirem autonomia, perante os espectadores apreciadores de suas performances. E como todo entretenimento, isso acontece com muito prazer, diversão, humor e reações satíricas, algumas mais ousadas do que outras, todas essas interações aparecem a partir das orgias visuais. Ser/Aparecer, fantasiar e viver são paradigmas contemporâneos que satisfazem os desejos de visibilidade para o outro.

Percebemos que os participantes produzem conhecimentos ao utilizarem o *facebook* para elaboração de suas representações corporais e relações interpessoais, não agem de forma neutra e sem estratégias. A partir das análises das fotografias, algumas estratégias de visibilidade para as representações corporais foram identificadas e analisadas, destacamos as mais recorrentes: gerenciar o que vai ser compartilhado; publicizar privacidades; se regulam a partir de comentários e curtidas; repetição de tema; repetição de imagem, etc.

Com essas metamorfoses e possibilidades de exposição de si, o corpo deixa de existir somente na esfera do físico e passa a ser virtual, social, e todos os valores que cercam e permeiam as compreensões sobre os corpos na sociedade fora das redes também são estimulados, percebidos e até hipervalorizados. Dentro das representações corporais no *facebook* elas precisam ser vistas das melhores formas e “nas” melhores formas, causar as melhores impressões, serem comentadas, desejadas, mas para isso precisam seduzir os olhos alheios, encantar para uma curtida, etc.

Esses corpos virtualizados não conseguem ficar no tédio e por isso eles são

modificados rapidamente a cada clique intencional e isso renova as representações e suas mensagens, suas histórias. Esse espetáculo tem uma programação rápida para começar, agitar, fazer barulho e depois se despedir da forma mais alegre e convidativa para uma próxima. Nesses movimentos, se percebem que logo em seguida se começa o próximo *show*, dessa vez em um espetáculo mais grandioso (pensado e modulado a partir do retorno da plateia nas incursões e exibições anteriores) e mais fascinantes, munidos de novos artifícios. Esse ciclo retroalimenta esse processo de espetacularização corporal com diversos intuitos, mas podemos assegurar que independente de quais sejam os objetivos iniciais (*studium*) e os que se modificam no “entre”, sempre acontecem aprendizagens. São dois territórios contínuos de aprendizagem: o corpo individual e o corpo coletivo (o *facebook*).

Em alguns depoimentos, no entanto, ficou claro no que diz respeito a sua aparência corporal que eles estão satisfeitos e que conseguem amar os seus corpos em cada fase de suas vidas. E acreditamos que pela formação acadêmica dos pesquisados eles possuem essa ideia de desconstrução desses corpos considerados perfeitos, padronizados e divulgados pelas mídias. Por conta dessas representações sociais, chegamos a conclusão que essa busca por algum padrão e referência estética nas representações corporais dos docentes são consequências e não perseguição desses professores por esse tipo de estética que reproduz corpos ao invés de libertarem. E até o compromisso docente que foi celebrado nos comentários das fotografias dos professores nos levam a acreditar que esse grupo age para a transformação das realidades e desconstrução de normatividades de gênero, raciais e sociais, como vimos mais claramente nos perfis de Silvana, Renato, Doiara, Osni e Sueyla, respectivamente.

São muitos desempenhos e performances corporais desses professores universitários e todos que estão em rede estão para ser vistos, comentados, analisados, na mesma medida em que retribuem e se relacionam. Surgem sociabilidades e as representações corporais são construídas e regidas pelas interações sociais. O único professor, dentro deste grupo investigado, que não utiliza, não publiciza fotografias em seu perfil é o Jocimar Daolio e essa ação é intencional vez que ele argumenta não gostar muito de se relacionar pelas redes, exceto quando se faz necessário. Mas que sempre está ali produzindo algum tipo de conhecimento e contribuindo em cada aparição e nestas raras aparições este professor contribuiu potencialmente para o desenvolvimento desta pesquisa.

Os corpos se publicizam de distintas formas e também porque cada participante construiu suas estratégias de visibilidade e de regulação a partir daquilo que eles se deixam interpelar e essas representações corporais foram construídas sob diversas faces em contingentes mutações: corpos viris, corpos maduros, outros atléticos, ora sensíveis, ora sensuais, ora fortes, ora militantes, ora despercebidos, ora brilhantes, ora exuberantes, ora potentes, ora fragilizados, ora performáticos, ora tristes, ora espetáculos, frequentemente alegres e felizes, e, sempre professores e imagens.

Todavia, embora pareça que essa cultura da visibilidade seja uma grande vilã, algoz, que sempre se apresenta negativamente nas dinâmicas sociais estabelecidas alterando a maneira pelas quais os professores gerenciam suas representações corporais, no *facebook* elas passam pela resignificação dos sujeitos e esse espaço curricular promulga aprendizados de diferentes ordens através das relações e interações sociais entre os cibercorpos. Ressaltando que todas as vivências, experiências nesse ambiente virtual e em todos os outros ambientes e contextos são aprendizagens corporais, portanto, partem das Pedagogias corporais.

Percebemos também nesta pesquisa, que as interações sociais através de comentários nas fotografias desses docentes requalificam as experiências individuais e coletivas, e sob o viés da representação social, não se limitam ao espaço virtual do *facebook*. As questões que acontecem no mundo *off-line* ecoam na rede com muito mais potência, alcance e visibilidade. O que notamos, a partir dessa observação, é que no mundo virtual esses corpos possuem experiências e produzem conhecimento de forma mais prazerosa, reconfigurada, dinâmica, resignificada e contextualizada do que fora dela. A partir de muitas representações corporais compartilhadas conseguimos visualizar nas respostas dos protagonistas aos seus interatores uma tentativa de encontro desses corpos físicos para dar continuidade nessas e em outras relações.

Se percebermos que o entendimento da LDB/96 (como defendemos na introdução), dos professores participantes dessa pesquisa, da Pedagogia, da Filosofia, da Psicologia, da Educação Física, da Sociologia e da Antropologia é de que o sujeito se “forma” através das suas andanças e vivências adquiridas nas experiências sociais, as interações espetaculares, contraditórias, descontínuas no currículo cultural chamado *facebook* asseguram que o corpo virtual é igualmente território de aprendizagens.

Existe uma autonomia dos corpos em rede e há uma via dupla de recepção e produção de conhecimentos teóricos, principalmente pela via da prática no sentido de ação, pois entendemos que a teoria e a prática são indissociáveis. Onde a TRS se fez fundamental justamente por observar que as representações sociais são construídas eminentemente no conhecimento prático do cotidiano, do dia-a-dia dos corpos individuais que vivem e se relacionam na coletividade de seus grupos de pertença. Ainda, é possível afirmar que somente o corpo é capaz de produzir um tipo de conhecimento, o conhecimento do tipo social.

São muitas formas de fazer acontecer, experimentar o que não poderia apenas no campo físico, dizer e fazer o que não se faz, ser quem é e quem não é, utilizar o que não se tinha utilizado, criar, construir colaborativamente e por meio dessa grande rede de pessoas, conexões, ideias, informações, múltiplas aprendizagens. Comprovamos nesta pesquisa a necessidade e a importância de se entender as representações corporais como uma forma que ultrapassa os aspectos físicos e biológicos, na medida em que, relaciona-se e associa-se com condições da cultura, das interpelações realizadas, da identidade profissional, da instantaneidade e outros fatores.

Concluimos que as representações corporais são esses próprios professores universitários em sua interação, experimentação, doação, recepção, integração, conectando-se e mostrando-se ao mundo de forma livre e mais completa apenas por um ou alguns cliques. São essas outras maneiras de pensar, construir, aparecer, determinar, agir, conhecer, reconstruir-se individualmente e coletivamente, aprender a/e ser. Sendo possível observar que esse corpo virtualizado sempre experimenta, na via da espetacularização ou não, todos esses conhecimentos adquiridos, construídos e acumulados no *facebook* (e em toda rede) é mais rico, aprofundado, mais fecundo e propriamente mais didático. É uma verdadeira contextualização de nossa realidade atual e contemporânea.

Nessa profusão de narrativas corporais, publicizadas pelos ciberprofessores no *facebook*, existe uma diversidade plural e multirreferencial de pontos de vista, concepções e modos de conceber os corpos. Não podemos deixar de lembrar que são professores que estão espalhados pelas cinco regiões brasileiras e também da região norte da Espanha o que ampliam as possibilidades variadas de viver e de ser. Verificamos que existe, de maneira geral, um alegre festival de exposições dos corpos. A partir da aproximação estética e de conteúdo, foram estabelecidas 9



categorias temáticas consistentes, mas flexíveis e provisórias: 1) Em viagem; 2) Autorretrato; 3) Relação com a família; 4) Atividade profissional e/ou intelectual; 5) Relação com animais; 6) Figuras abstratas; 7) Atividades físicas e/ou esportivas; 8) Felicidade; 9) Lazer.

Existe uma rica e profunda experiência estética compartilhada pelos participantes que desvela uma a educação do sensível, desafia, amplia e alarga essas vivências lúdicas e cognitivas que envolvem muitos campos do saber. Esses movimentos na rede requerem observação permanentemente continuada que compreendemos pedagogicamente que a educação do olhar promove e proporciona: criação, inventividade, conhecimento, imaginação, uma gama aberta e infinita de pontos de vista. Vivemos esse processo cíclico de ensinar e aprender continuamente.

Vale salientar que além dessa valiosa experiência sensível, muitas outras aprendizagens aconteceram no corpo-pesquisador, não apenas na esfera do sentir, do ver ou olhar, mas proporcionou uma dessas “possibilidades de” que percebemos latentes nos corpos virtuais que se cruzam, propiciou-nos conhecimentos sobre os Outros. Tanto o pesquisador, quanto os professores e seus interlocutores passam a se constituir corpos virtualizados marcados por diversas relações de produção de conteúdos em decorrência da dialética, imaginação e conceituação, que se completam mutuamente.

Todas as análises aqui realizadas sobre as representações sociais e corporais dos docentes em sua relação com o *facebook* e a produção de subjetividades não tem a meta de generalizar as formas, os modos, e muito menos elaborar um manual padronizado de uso dessa rede por professores universitários de Cursos de Educação Física. As discussões e categorias elencadas são também provisórias, embora fecundas, e retratam a realidade de um pequeno grupo de professores analisando essas representações corporais e os modos de se constituir em rede em um pequeno período. Reconhecendo, assim, que a pesquisa possui limitações e encontra-se inacabada, reconstruindo os fôlegos e as imagens para ter e inspirar novas partidas a partir desta.

Esperamos a partir das análises, discussão e sistematização que delineamos esse objeto de estudo dentro dessa temática da educação e cibercultura, apresentem importantes contribuições no sentido de se perceba como o *facebook* (e as outras redes sociais), possibilita múltiplas aprendizagens a partir de sua dinâmica

expansiva e que essas vivências sociais são formas de educação dos corpos, que se reinventam, se exibem, se reconstroem, comentam, são curtidos e produzem novos conhecimentos a cada nova inusitada interação. São Pedagogias corporais, o corpo é o próprio território “de” e se dilata pelas telas provocando e sendo provocado, desejando e sendo desejado, movimentando suas fragmentadas facetas na busca de uma unicidade cada vez mais plural, porque na efemeridade e na instantaneidade não há espaço para ser um Eu sozinho, para ser e aparecer é necessário do olhar do outro, da opinião, do pitaco, da sugestão, da avaliação desenfreada que geram sabores e dessabores, imaginações fantasiosas e que fazem esses corpos experimentarem diferenciadas sensações a cada passo na nuvem do *facebook*, ou melhor a cada carícia na tela o corpo se derrete na liquidez do afeto e renasce com outras características na volatibilidade. É o mesmo corpo, no entanto moldado, realinhado, cuidadosamente ou minimamente idealizado, representado, são muitas aprendizagens estéticas.

Essa investigação científica aconteceu na dinâmica das redes sociais, que como todo campo virtual, é território de muitas ressignificações, de produção e projeção das subjetividades, dos sentidos (re)construídos que se reformulam e dilatam a cada instante. Como o corpo é sintoma de cultura e uma rede de signos sociais e acompanha as complexas mudanças da sociedade, esse é um objeto que se encontra em incessante instabilidade, mutabilidade e muitas coisas que aqui estão escritas, pensadas, projetadas e analisadas nesta pesquisa já pode ter sido reelaborado enquanto se observa esse breve contexto.

Sugerimos, a partir dos resultados deste estudo, que uma das estratégias de potencializar o uso das redes sociais na construção de novas maneiras de educar a si e aos outros, através do reconhecimento crítico de suas representações corporais, é a inclusão dessas temáticas na formação dos professores pesquisados e também de professores que estão em formação inicial ou continuada, de forma que favoreçam a uma melhor apreensão das maneiras de transmissão e produção de conhecimentos em rede, permitindo, desse modo, que esses professores percebam que suas relações sociais influenciam na constituição de seu Eu. A ideia é pensar os currículos culturais (como o exemplo do *facebook*) como maneira de viver as aprendizagens corporais contemporâneas, revendo e reconstruindo conceitos tradicionais, a forma de entender a educação, a sociedade e, conseqüentemente, ressignificando sua práxis pedagógica.

Pretendemos dar continuidade nessa e em outras pesquisas que relacionem o corpo à cibercultura e esperamos, através desse trabalho, que possamos incentivar e inspirar outros pesquisadores a partir desse ponto de partida. Assim como o corpo que se apresenta em diferentes roupagens e em permanente construção essa pesquisa é tomada como um constante projeto onde o diálogo segue aberto em pequenos tracejados nessa nossa sociedade estranha, contraditória, fragmentada e que promove na metamorfose o show do Eu.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 2000, p. 27-38.

ACHUTTI, Luiz E. R. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Histórias de vida de professores, formação e representações sociais: uma proposta de articulação. **Revista de Educação Pública (UFMT)**, v. 24, n. 55 p. 81-101, 2015.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Representações: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, 2008.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; CAMPOS, P. H. F. Cibercultura: uma nova “era das representações sociais”???. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A.. (Org.). **Teoria das representações sociais**: 50 anos. Brasília: Technopolitic, 2011, v. 1, p. 457-490.

AMARAL, Rogerio. **Exposição privada nas redes sociais**: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea. 2016. 215f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista. 2016.

ANCHEITA, Isabelle. **Facebook, o novo espelho narciso**. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/facebook\\_o\\_novo\\_espelho\\_de\\_narciso.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/facebook_o_novo_espelho_de_narciso.html) Acesso em 11 de fevereiro de 2017.

BARBOSA, Maria R.; MATOS, Paula M.; COSTA, Maria E. Um olhar sobre o corpo:

- o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt; DESSAL, Geovane. **El retorno del péndulo: sobre psicoanálisis y el futuro del mundo líquido**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEZERRA, Benilton. Ocaso interioridade. In: PLASTINO, C. (Org). **Transgressões**. Rio de Janeiro, 2002.
- BLACHNIO, Agata; PRZEPIORKA, Aneta; BORUCH, Wioleta; BALAKIER, Edyta. Self-presentation styles, privacy, and loneliness as predictors of Facebook use in young people. **Personality and Individual Differences**, v. 94, p. 26-31, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Ministério da Educação. 1996.
- BRASIL. **Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Resolução 510 de 07 de abril de 2016. Conselho Nacional de Saúde. Brasília: 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> > Acesso em 10 de maio de 2016 às 11:33h.
- BUMGARNER, Brett. **You have been poked: Exploring the uses and gratifications of Facebook, among emerging adults**. Disponível em: <http://www.firstmonday.dk/ojs/index.php/fm/article/view/2026/1897>. Acesso em: 29/12/2016.
- CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro:

DP&A Editora, 2001.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. São Paulo: DP&A Editora, 2005.

CARRERA, Fernanda. Instagram no Facebook: uma reflexão sobre ethos, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 11, n. 22, p. 148-165, 2012.

CARNEIRO, Jéssica S. **Fotografia e memória autobiográfica no Facebook**: narrativas de si mediadas pela imagem. 2016. 145 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Ceará. 2016.

CAMARGO, Brígido V.; JUSTO, Ana M.; ALVES, Catarina D. B. As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 269- 281 2011.

CASSIMIRO, Érica S.; GALDINO, Francisco F. S.; SÁ, Geraldo M. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade. **Revista Eletrônica Metávoia**, v. 13, n.14, 2012.

CIAMPA, Antonio C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COLVARA, Lauren F. Ensaio sobre a comunicação nas redes sociais - alteridade e tecnologias de comunicação. **ECCOM - Educação, Cultura e Comunicação**, v. 6, n. 12 p. 51-58, 2015.

COSTA, Vani M. M. Corpo e história. **Revista Ecos**, n. 10, p. 1-10, 2011.

COSTA E SILVA, Edilene P. **A imagem de si em textos no facebook**: modos de ser do sujeito. 2016. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás. 2016.

COUTO, Edvaldo S. As façanhas dos extremos – o triunfo do corpo nas atividades físicas e radicais. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (orgs). **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Editora Vozes, 2012b, p. 161-186.

COUTO, Edvaldo S. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: EDUFBA, 2012a.

COUTO, Edvaldo S. Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade

inventada e incitação à visibilidade. **Em Aberto**, v. 28, n. 94, p. 51-61, 2015.

COUTO, Edvaldo S. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

COUTO, Edvaldo S. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 41-54.

COUTO, Edvaldo S.; GOELLNER, Silvana V. Bioarte: estéticas de corpos mutantes. **Revista da FACED (UFBA)**, v. 1, s/n, p. 1, 2006.

COUTO, Edvaldo S.; SOUZA, Joana D. F.; NASCIMENTO, Sirlaine P. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. In: RIBEIRO, José C.; BRAGA, Vitor; SOUZA, Paulo V. (Org.). **Performances interacionais e mediações sociotécnicas**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 113-130.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE PAULA, Arlete R. V. **A fé sarada: a relação corpo e religião nas academias de ginástica em Juiz de Fora**. 285f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. 2015.

DOISE, William. Attitudes et représentation sociales. In: JODELET, D. **Les représentations sociales: un domaine en expansion**. Paris: Presses Universitaire de France, 1989.

FACEBOOK. **Princípios**. Disponível em: <<http://www.facebook.com/principles.php>> Acessado em 08 de novembro de 2016 às 16:20h.

FERREIRA, Anderson T.; SILVA, Katharine N. Álbuns de família e álbuns digitais: a propósito de semelhanças e diferenças. In: BONI, Paulo César. **Fotografia: múltiplos olhares**. Londrina: Midiograf, 2011.

FERREIRA, Gil B. “Como me verão os outros?” Sobre o Facebook e a construção da identidade online. **Estudos em Comunicação**, n. 17, p. 21-46, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FONTES, Joaquim Brasil. O corpo e sua sombra. In: SOARES, C. L. (org.) **Corpo e história**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

FRAGOSO, Sílvia; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 34 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREUD, Sigmund. **A dissecação da personalidade psíquica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1932.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA, Angela C. et al. Ethnographic approaches to the internet and computer-mediated communication. **Journal of Contemporary Ethnography**. v. 38; n. 52, p. 52-84, fev. 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L.; NEKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis, 2013.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Henriette F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **Datagramazero**, v. 9, n. 1, p. 1-9, 2008.

GONÇALVES, Helenice M.; SOUSA, Clarilza P. Articulações entre representações sociais e subjetividades: um estudo sobre a produção nacional entre 2000 e 2010. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 12, n. 27, p. 258-288, 2015.

GONÇALVES, Maria A. S. **Sentir, pensar e agir**: Corporeidade e educação. 9 ed.

Campinas, SP: Papirus, 2006.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GUILHERMETI, Paulo. Do corpo medieval ao corpo moderno. **Motrivivência**, v. 1, n. 1, p. 16-18, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HELOANI, Roberto; PIOLLI, Evaldo. Trabalho e subjetividade na “nova” configuração laboral: quem paga a conta? **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 6, n. 2, p. 118-129, 2014.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JODELET, Denise. et al. **Systeme de representation du corps et groupes sociaux**. Laboratoire de Psychologie Sociale: E. H. E. S. S., 1982.

JODELET, Denise. Le corps, la personne et autrui. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Psychologie sociale des relations a autrui**. Paris: Nathan, 2000, p. 41-68.

KIRST, Patrícia B. A. G.; FONSECA, Tania M. G. A imagem digital como dispositivo de apropriação dos modos de subjetivação contemporâneos. **Psicologia em Estudo**, v.15, n. 2, p. 401-408, 2010.

KOZINETS, Robert V. **Netnografy: redefined**. 2. ed. Los Angeles: Sage, 2015.

LACRUZ, Maria C. A.; STUMPF, Katiusa. Imagem fotográfica: processo de leitura e análise documental. In: BONI, Paulo César. **Fotografia: múltiplos olhares**. Londrina: Midiograf, 2011.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Editora Papirus, 2015.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.



LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2014.

LESSA, Bruna L.; GOMES, Henriette F. **Bibliotecas públicas brasileiras e o facebook**: estratégias de interlocução e participação dos usuários. In: XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2016, Salvador. Anais do XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Salvador: PPGCI/UFBA; ANCIB, 2016. v. 1. p. 1591-1615.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, MARIA S. C. **Imagem e identidade**: estudo sobre o professor universitário. 2012. 461f. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de Lisboa. 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2 ed. São Paulo: EPU, 2013.

MACEDO, Roberto S. A **Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACIEL JUNIOR, Glênio; COSTA, Marcelo H. O modo de ser-no-mundo virtual: o *dasein* e o facebook. **Polêm!ca**, v. 16, n.1, p. 95-121, 2016.

MARCONI, Marina A; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 ed, São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl. **O capital**. I volume. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARTINO, Luís M. S. **Comunicação e Identidade**: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

MATTOS, Carmem L. G.; CASTRO, Paula A. **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MINAYO, Maria C.; DELANDES, S. F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MORGADO, José C.; SANTOS, Lucíola L. C. P; PARAÍSO, Marlucy A. **Estudos**

**Curriculares:** um debate contemporâneo. Curitiba: CRV, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **A invenção da sociedade:** sociologia e psicologia. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. Memórias, rituais e ciber-representações. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana:** comunidade e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NEJM, Rodrigo. **Exposição de si e gerenciamento da privacidade de adolescentes nos contextos digitais.** 275f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia. 2016

OLIVEIRA, Marcio R. R.; MIRANDA, Lyana V. T. Mídia-Educação (física) e metodologias participativas: a produção de imagens como possibilidade didático-pedagógica na educação física. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 13, n. 31, p. 253-276, 2016.

PARAÍSO, Marlucy A. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 26, n. 1, p. 141-160, jan./jun. 2001.

PIOVESAN, Angelica; BORGES, Fabricia T. Identidade docente: o que os blogs e o facebook tem a nos dizer sobre os professores e suas mídias virtuais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (orgs). **Facebook e educação:** publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 329-348.

PLANELLA, Jordi. **Pedagogías de lo Sensible.** Cuerpo, cultura y educación. Paris: Desclee de Brouwer, 2015.

RECUERO, Carlos L. C.; REBS, Rebeca R. As significações da produção da fotografia em sites de redes sociais. **Rumores (USP)**, v. 7, n. 2, p. 1-15, 2013.

RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede:** a Comunicação Mediada pelo Computador e as Redes Sociais na Internet. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, José Carlos; AYRES, Marcel. Breves comentários sobre a análise de

conversações em sites de Redes Sociais. In: Porto, C.; Santos, E. (org). **Facebook e Educação: Publicar, Curtir e Compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 199- 220.

RIBEIRO, José C.; SILVA, Tarcízio. Self, Self-Presentation, and the Use of Social Applications in Digital Environments. In: LUPPICINI, R. **Handbook of Research on Technoself: Identity in a Technological Society**. Hershey: IGI Global, 2013, p. 439-455.

RIBEIRO, José C.; BRAGA, Vitor; SOUZA, Paulo V. **Performances interacionais e mediações sociotécnicas**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2015.

RIBEIRO, Laura. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acessado em 08/11/2016.

RIBEIRO, Ewerton Martins. biografema, *studium*, *punctum*, fotografia: quase um método. **Em Tese**, v. 21 n. 2, p. 45-64, 2015.

ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Facebook e as novas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

ROSA, Gabriel A. M.; SANTOS, Benedito R. Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade: Narcisismo, Felicidade e Elaboração Psíquica. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 2, p. 285-294, 2015.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

SANTAELLA, Lucia. Artes do corpo biocibernético e suas manifestações no Brasil. **Revista Nuestra América**, n. 5, 2008b.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008a.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANT'ANNA, Denise B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lucia. (Org.). **Corpo e História**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAUTER, Teresa. “‘What’s on your mind?’ Writing on Facebook as a tool for self-formation”. **New Media & Society**, v. 16, n. 5, p. 823-839, 2014.

SAWADA, Thiago. **Facebook supera 1,7 bilhão de usuários**. Disponível em: <[link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-supera-1-7-bilhao-de-usuarios,10000065340](http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-supera-1-7-bilhao-de-usuarios,10000065340)> Acesso em: 11 de outubro de 2016 às 23:49h.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Ana M. A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, Carmen Lucia. (Org.). **Corpo e História**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2011, v. 1, p. 25-42.

SILVA, Alan C.; LÜDORF, Sílvia Maria. Envelhecendo como professor de educação física: um olhar sobre o corpo e a profissão. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 21, n. 4, p. 645-654, 2010.

SILVA, Valdirene C.; COUTO, Edvaldo S. Interfaceamentos contemporâneos: tecnologias digitais e tribos urbanas no contexto escolar. **Educação em Revista**, v. 2, n. 1, p. 333-346, 2012.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**. Perda e permanência. Editora Senac, 2010.

TEIXEIRA, Irenides. **Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas virtuais compartilhadas**. 2014. 217f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, 2014.

USKI, Suvi; LAMPINEN, Airi. Social norms and self-presentation on social network sites: Profile work in action. **New Media & Society**, n. 18, v. 3, p. 447–464, 2016.

VALA, Jorge; MONTENEGRO, Maria B. **Psicologia social**. 9 ed. Rio de Janeiro: Calouste Gulbenkian-BR, 2013.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOSVSKI, Ester. **Que corpo é esse?** Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Muad, 2014.

# APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA ENVIADO PELO MESSENGER



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE

Linha de Pesquisa: Currículo e (In)Formação



**Pesquisa:** “REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO FACEBOOOK”.

**Pesquisador principal:** Ramon Missias Moreira

**Orientador:** Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto

**Caracterização do Perfil Docente:**

Nome:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Idade: País/Estado/Cidade Origem:

Onde reside atualmente (Cidade/Estado):

Raça: ( ) Branca ( ) Negra ( ) Parda ( ) Outra:

Formação Acadêmica:

Graduação:

Ano:

Instituição:

Especialização:

Ano:

Instituição:

Mestrado:

Ano:

Instituição:

Doutorado:

Ano:

Instituição:

Tempo de docência (geral): anos

Tempo de docência na Educação Física no Ensino Superior: anos

Disciplinas ministradas:

Disciplina Central (Atual):

Universidade/ Faculdade (Emprego(s) atual):

Tipo: ( ) Pública ( ) Privada Regime: ( ) 20h ( ) 40h ( ) D.E. ( ) Celetista

Faixa Salarial: ( ) 1.500,00 a 3.000,00 ( ) 3.001,00 a 4.000,00 ( ) 4.001,00 a 6.000,00 ( ) 6.001,00 a 8.000,00 ( ) Acima de 8 mil reais

### **Informações em relação ao Facebook e suas interfaces:**

1. Nome Social no Facebook:
2. Tempo de uso do Facebook (em anos/meses):
3. O que mais te atrai no Facebook? O que você mais gosta?
4. O que você não gosta no Facebook?
5. Como você considera que se apresenta no Facebook?
6. O quanto de você mesmo (da vida real) está no Facebook?
7. Como você se sente quando sua postagem fotográfica é muito curtida, comentada e até compartilhada? E quando isso não acontece?
8. Ao longo desse tempo que você utiliza o Facebook, houve alguma mudança na sua forma de se apresentar nesta rede social digital?
9. Você utiliza suas fotografias no Facebook para uma publicidade pessoal ou profissional? Se sim, de quais maneiras? Como você faz isso?
10. O que você pensa sobre a importância do Facebook para você, para as pessoas e para a sociedade?
11. Se você ficasse sem Facebook, afetaria a sua vida de alguma maneira? como seria a sua vida?

## **Informações em relação às Representações Corporais e suas interfaces:**

1. Como você se descreveria e se definiria, a partir da pergunta Quem sou eu?
2. Para você, o que o que são representações corporais?
3. Existem estratégias que são usadas para a seleção/exibição das fotografias corporais?
4. O que você expõe corporalmente de si no Facebook? E o que você não gosta de expor ou não expõe?
5. E corpo, qual a sua representação sobre corpo?
6. A criação de sua representação corporal online no Facebook atende a uma concepção/visão de si?
7. Como você entende as representações corporais produzidas no Facebook?
8. Em sua percepção, (a aparência) a representação corporal de uma pessoa no Facebook diz algo sobre o sujeito? Você poderia dar exemplos?
9. Qual a relação você pode fazer entre corpo, Facebook e Educação Física?
10. Como se dá a relação entre as representações corporais e educação?



11. A partir de suas vivências na rede digital, você acha que o Facebook pode influenciar/interferir/modificar as representações corporais das pessoas? De quais maneiras? Quais elementos você poderia destacar?
  
12. Você acha que o Facebook, em nossa conjuntura atual, contribui para a manutenção de determinados padrões de beleza corporal? Se sim, como você acha que isso acontece?
  
13. Você gostaria de dizer algo mais? Alguma coisa que eu não tenha perguntado e que você queira dizer por lhe parecer importante?

**OBRIGADO POR RESPONDER A ESSE QUESTIONÁRIO,**

**ATENCIOSAMENTE, RAMON MISSIAS.**

## **APÊNDICE B – TEXTO CONVITE ENVIADO AOS DOCENTES PELO MESSENGER DO FACEBOOK\***

Bom dia, Professora XXXXX, espero que este convite lhe encontre bem e em paz.

Primeiramente, Fora Temer, sempre.

Depois, muito obrigado por ter me aceitado em sua rede do Facebook. Sou um jovem Professor Universitário, aspirante a Pesquisador e Doutorando em Educação pela UFBA, que está desenvolvendo uma Tese sobre Representações Corporais de Professores Universitários de cursos de Educação Física no Facebook, sob orientação do Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto. Gostaria de convidar-lhe a participar do estudo, contribuindo com algumas informações que serão produzidas através de três instrumentos: entrevista semiestruturada virtual pelo Skype ou Telefone celular, questionário simples (Técnica de evocação de palavras) pelo facebook e fotografias postadas no facebook. É válido ressaltar que as análises fotográficas não possuirão cunho depreciativo ou que venha contra a moral dos participantes. Esses três instrumentos serão utilizados com o objetivo de analisar as representações corporais de vocês no Facebook sob o prisma da Teoria das Representações Sociais e da Teoria do Núcleo Central, a partir da triangulação dos dados. Estou encaminhando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que você obtenha um pouco mais de informações, conhecimento e consentimento ou não da proposta.

Os próximos passos poderão ser orientados e compartilhados a partir de seu aceite. Eu estou contando muito com a sua ajuda e participação para que se torne viável e exequível essa proposta de investigação científica, além de lançar novos olhares sobre esse objeto de estudo que necessita ser bem lapidado, trabalhado, estudado e investigado.

Segue o link de meu currículo lattes para um maior conhecimento sobre minha trajetória acadêmica, profissional e humana: <http://lattes.cnpq.br/1083254734463215>

Em caso de aceite, você me manda três possibilidades de dias e horários que são melhores para você e aí eu te retorno com o “agendamento” da entrevista.

Agradeço desde já e aguardo retorno. Um cordial abraço e há braços na luta.

Atenciosamente, Ramon Missias.

\*Vale salientar que este foi o texto enviado aos professores pelo *Messenger* e, vale ressaltar, que a metodologia sofreu alterações e, portanto, modificamos a forma de conduzir a pesquisa como se pôde perceber na metodologia descrita no estudo. Além de não termos avançado no quesito de analisar o Núcleo Central das Representações Sociais docentes.

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE**

**Linha de Pesquisa: Currículo e (In)Formação**



**Pesquisador principal:** Ramon Missias Moreira

**Orientador:** Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO FACEBOOK. Esse projeto de pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações corporais de professores universitários de Educação Física por meio de fotografias digitais no *Facebook*. Assim, esclareço que a mesma não constituirá risco a(o) participante, conforme resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes. Para nós é muito importante conhecer as representações corporais digitais construídas pelos professores universitários de Educação Física porque, sobretudo, é a partir do corpo e para o corpo que novas relações de aprendizagens acontecem, em uma nova configuração de tempo e espaço. Sua participação não é obrigatória. Fica ainda garantido o livre acesso aos resultados desta pesquisa, podendo a qualquer momento desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento. Salientamos que sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a UFBA, inclusive de ordem financeira. Diante do exposto, gostaríamos de seu consentimento para que os resultados desta pesquisa possam ser divulgados em espaços científicos. Para maiores informações sobre as questões éticas da pesquisa pode-se entrar em contato com os pesquisadores responsáveis Ramon Missias, email: [ramonefisica@hotmail.com](mailto:ramonefisica@hotmail.com); ou com o Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto, email: [edvaldosouzacouto@gmail.com](mailto:edvaldosouzacouto@gmail.com).

Salvador, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do(a) Participante